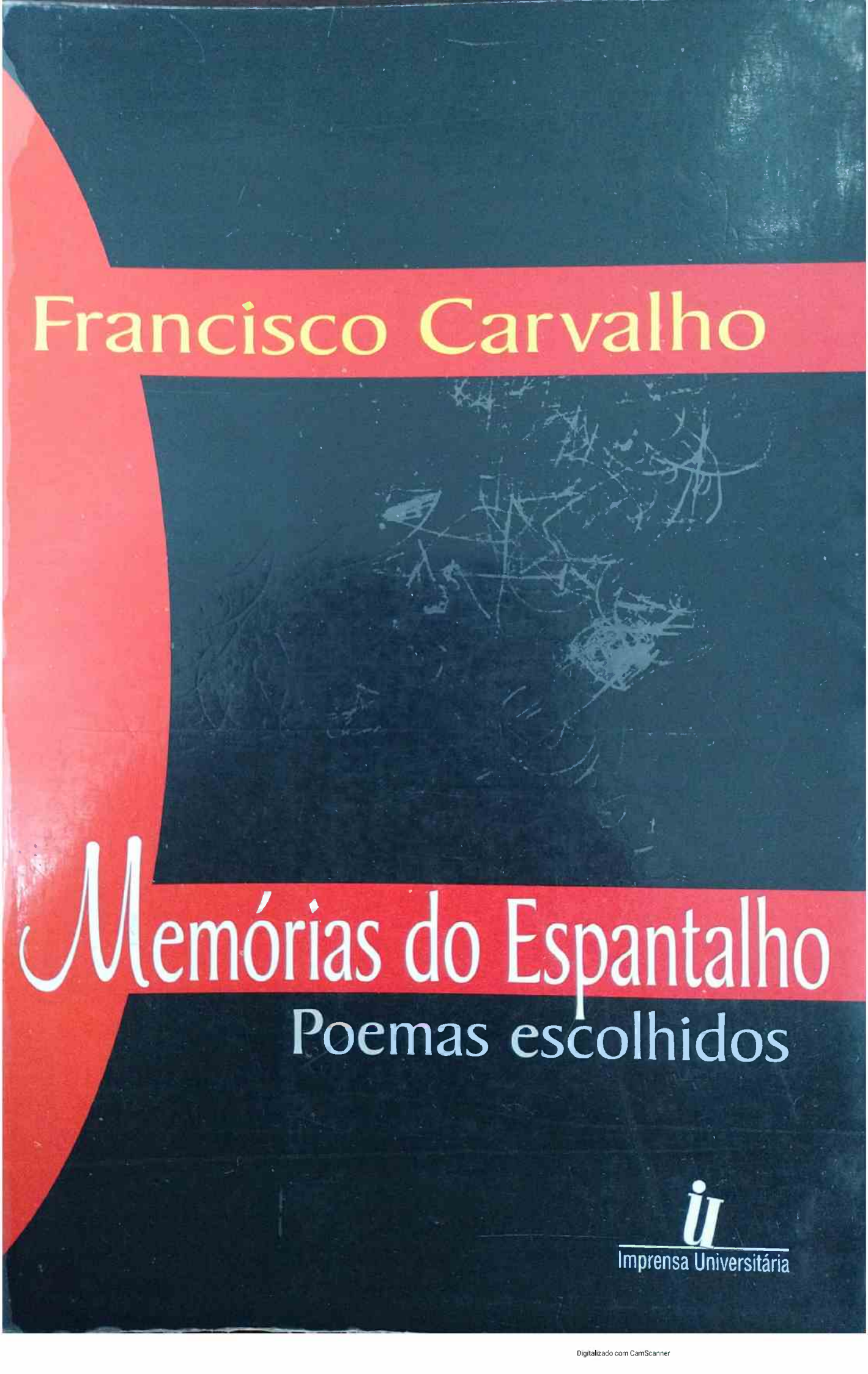
Francisco Carvalho



# Memórias do Espantalho

## Poemas escolhidos

Imprensa Universitária

Digitalizado com CamScanner

# INTUIÇÕES

A poesia é uma forma de compromisso com todas as seduções da vida. Ninguém está solto no espaço e no tempo. Todos somos cúmplices, habitamos a mesma esfera solar e queremos ser felizes.

Toda grande poesia tem alguma relação dialética com o silêncio. O homem pode até conviver com o ruído feroz das sociedades tecnológicas. Mas terá de recolher-se ao silêncio para se reencontrar consigo mesmo, com a sua interioridade.

O essencial na poesia é que a poesia seja essencial na forma e no conteúdo. Poeta é o que contempla, sob prismas inovadores, a realidade aviltada pelos clichês do cotidiano. O que vê as coisas como as coisas não são.

Poesia é uma forma de exprimir o sentimento do mundo captado pela cosmovisão do poeta. Mas "a poesia só acontece quando uma ansiedade encontra uma técnica" (Lawrence Durrel. *Quarteto de Alexandria*).

Inspiração é palavra proibida no dicionário poético da atualidade. O poeta não deve colocar-se diante do papel à espera de que o poema lhe caia do céu (ou do inferno), pronto e acabado. O poeta constrói o poema, a emoção desenha o ritmo.

O grande problema é que as pessoas querem ler o poema como se lessem uma notícia de jornal. Algo que se evapora à primeira leitura, dada a linearidade de seus conteúdos. Os conteúdos plurais do poema precisam ser lidos sob primas diversos, uma vez que são decodificados através de vários níveis de percepção.

Digitalizado com CamScanner

# MEMÓRIAS DO ESPANTALHO

## POEMAS ESCOLHIDOS

Ao prezado amigo F. S.
Nascimento, o renovado
estímulo do

Joaquim

10/05/2024

FRANCISCO CARVALHO

# MEMÓRIAS DO ESPANTALHO

## POEMAS ESCOLHIDOS

IMPRENSA UNIVERSITÁRIA

Fortaleza
2004

MEMÓRIAS DO ESPANTALHO – POEMAS ESCOLHIDOS
COPYRIGHT © 2004 – FRANCISCO CARVALHO
IMPRESSO NO BRASIL / PRINTED IN BRAZIL

**REVISÃO DE TEXTO**
O Autor

**PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO**
Carlos Alberto Alexandre Dantas

**CAPA**
Carlos A. A. Dantas

**DIRETOR DA IMPRENSA UNIVERSITÁRIA**
Luiz Carlos Falcão Lordelo

C 331m Carvalho, Francisco
Memórias do espantalho – poemas escolhidos. / Francisco Carvalho – Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 2004.
502p.

1. Literatura - poemas I. Título

CDD 800

ISBN: 85-7485-044-6

*Para Doraci*
*nossos filhos*
*nossos netos*
*e o bisneto Gustavo*

*Ao Prof. René Teixeira Barreira,*
*Magnífico Reitor da UFC,*
*pelo empenho demonstrado*
*na publicação deste livro,*
*as homenagens do autor.*

O AUTOR — BICO DE PENA DE ZENON BARRETO

# SUMÁRIO

**Apresentação**

**Os Mortos Azuis** ..... 27 a 38

**Pastoral dos Dias Maduros** ..... 39 a 54

**As Verdes Léguas** ..... 55 a 76

**Rosa dos Eventos** ..... 77 a 92

**Quadrante Solar** ..... 93 a 108

**As Visões do Corpo** ..... 109 a 122

**Barca dos Sentidos** ..... 123 a 154

**O Tecedor e Sua Trama** ..... 155 a 172

**Crônica das Raízes** ..... 173 a 186

**Galope de Pégaso** ..... 187 a 200

**Sonata dos Punhais** ..... 201 a 222

**Rosa dos Minutos** ..... 223 a 238

**Os Exílios do Homem** ..... 239 a 248

**Girassóis de Barro** ..... 249 a 270

**Raízes da Voz** ..... 271 a 288

**Romance da Nuvem Pássaro** ..... 289 a 306

**A Concha e o Rumor** ..... 307 a 336

**O Silêncio é Uma Figura Geométrica** ..... 337 a 360

**Centauros Urbanos** ..... 361 a 388

**Fortuna Crítica** ..... 389 a 502

# APRESENTAÇÃO

*Pedro Paulo Montenegro/CE*

**Memórias do Espantalho** – poemas escolhidos – de Francisco Carvalho – é uma festa para a inteligência e a sensibilidade do leitor. O autor põe-nos diante do enigma da vida, se não para decifrá-lo, pelo menos para evidenciá-lo. Trata-se de um escritor cerebrino, metafísico, que está sempre a transcender por sobre o contingente na ânsia de atingir o absoluto, mas também de grande capacidade no manuseio do sensível, do quotidiano e o faz através da metáfora, do símbolo, da visão, do ritmo, da rima, do dinamismo expressivo, das superposições, dos paralelismos e de quantos recursos lingüísticos e literários dispõem os grandes e verdadeiros poetas. Apresenta-se, pois, diante de momentos que se afiguram de expressão difícil, na aparência, mas de grande espontaneidade para eles, os donos da estesia.

De sua vasta obra poética publicada, oferece-nos agora poemas escolhidos por sua própria sensibilidade e autocrítica, retirados de 19 livros sequenciados desde *Os Mortos Azuis*, de 1971, até *Centauros Urbanos*.

Aí nos deparamos com pensamentos sobre a solidão no meio das coisas, o envelhecimento progressivo e o desejo sempre de voltar à criança, com belos símbolos, como por exemplo, o do velocípede.

Há como que uma presença constante da morte, da caducidade da vida e das coisas. As guerras, as calamidades conseqüentes sobre civis, mulheres e crianças sobretudo. Tudo se transformo em sofrimento, ameaça, desolação.

Deparamo-nos com intertextos de grandes poetas: Camões, Drummond, Manoel Bandeira, Jorge de Lima, MuriloMendes e prosadores como Euclides da Cunha. De grande beleza são os intertextos dos autores bíblicos, da antiguidade clássica e dos modernos como no poema **Filho Pródigo**, de onde se ergue, sem ser mencionada, a figura de corpo inteiro de Garcia Lorca.

Outras vezes, paráfrases admiráveis como a de Fernando Pessoa, que se conclui com a triste e dura nota da "mortalha do coração".

Em toda a leitura do **Memórias do Espantalho** podemos acompanhar como o poeta do cotidiano, ao mesmo tempo que do metafísico, transcende constantemente o imediatismo do econômico e do social para abrigar-se na totalidade do *Homo Vivens*. A grande força de sua

obra poética, a par da transcendentalidade de sua mensagem filosófica e com ele condizente para entrelaçar fundo e forma em perfeita simbiose artística, é a autêntica humildade. Revela o homem em sua pequenez formal e sua grandiosidade missionária: enfrentar a vida, a existência, como um ser de sensibilidade e de inteligência. Enigmática porque profunda, sua poesia sugere apenas, mas sugere com veemência, os grandes mistérios das criaturas e do Criador.

Ponto alto, a ser destacado em toda a obra poética de Francisco Carvalho, é o tratamento que dá à língua. E aqui não quero me referir ao aspecto da linguagem trabalhada sob o signo da literariedade para produzir o efeito poético. Quero referir-me ao aspecto social da linguagem, do bom tratamento idiomático. Sua riqueza de vocabulário, sua elegante correção gramatical ajudam a língua a manter-se em alto nível de expressividade. Precisamente uma linguagem eficiente, precisa, maleável, sóbria e bela constitui sua qualidade de estilo formal.

Gilberto Mendonça Teles, na aula magistral que proferiu, na Universidade Federal do Ceará, por ocasião da entrega do título de Professor *Honoris Causa*, destacou a obra poética de Francisco Carvalho, no capítulo **Literatura e Religão**, juntamente com Jorge de Lima, Murilo Mendes, Augusto Frederico Schmidt e Dom Marcos Barbosa. E concluiu: "O tema da religião está presente em todos, com uma insistência que lamento não poder investigar com mais profundidade". E mais adiante: "O seu pensamento poético está todo ele ancorado nas águas de um cristianismo que, sem perder o seu lado sagrado, parece cada vez mais voltado para o homem, tocando-o com a fímbria do sobrenatural."

Em Francisco Carvalho a poesia se mostra consciente do mundo e da época, da terra e dos anseios do poeta. Tudo visto através de uma sensibilidade, que teima em ocultar a pessoa do autor em permanente circunspecção.

# QUATRO MOMENTOS DE FRANCISCO CARVALHO

*Linhares Filho/CE*

## Introdução

Não será no espaço restrito de que disponho aqui, que irei abranger, satisfatoriamente, os valores estéticos, o ideário, a mensagem, os processos da poesia de Francisco Carvalho para a compreensão e fruição conteudístico-formais de uma poética que já se alastra por vinte e sete livros, distinguindo-se pela quantidade produtiva e qualidade artística na Literatura Brasileira.

No entanto, resolvo selecionar quatro trabalhos de minha autoria publicados em locais e épocas diferentes, para que pelo menos possam transmitir ao leitor uma pálida imagem de minha fecunda experiência com a leitura das manifestações poéticas da obra de Francisco Carvalho, ensaios que se designaram com o título dos próprios livros do poeta, e que aqui se republicam revisados e ampliados: *As Verdes Léguas, Rosa dos Eventos, Crônica das Raízes* e o texto escrito por mim para as orelhas do livro *Romance da Nuvem Pássaro*. Além de haver escrito esses textos, focalizei aspecto da obra do autor no livro *A Metáfora do Mar no Dom Casmurro* (LINHARES FILHO, 1978: 86), intertextualizando poemas de "Eros e a Ira", de *Pastoral dos Dias Maduros*, com o sensual em Machado de Assis e Clarice Lispector em torno do signo do mar, como também relacionei metapoemas de Francisco Carvalho com a obra pessoana e com o *Húmus*, de Raul Brandão, no livro *A Modernidade da Poesia de Fernando Pessoa* (Idem, 1998: 106-109), mediante pesquisa em *Os Mortos Azuis, Pastoral dos Dias Maduros, Rosa dos Eventos, As Verdes Léguas, Barca dos Sentidos* e no poema "Louvação em Oitava Rima".

## As Verdes Léguas

Os poemas de *As Verdes Léguas*, em geral de tamanho médio, trazem uma síntese apreciável ao lado da costumeira riqueza temática do autor. Neles a mesma consciência estética, a mesma valorização do humano, do essencial e de uma linguagem simbólica, sensorial e elaborada, de tal forma que os traços intelectuais não sufocam a espontaneidade do sentimento.

Vejo que o mais destacado *Leitmotiv* do livro é este valioso elemento encantatório: o vento. Desde o poema "Partilha",(p. 9) em que o "Escrivão juramentado" o herda, até poemas como "Vento Alazão",(p. 55-56) um dos melhores do volume, ele sopra pelos versos, dando às composições a transcendência de sua natureza poética, que Francisco Carvalho soube muito bem explorar.

O metafórico, o insólito, o sugestivo, o inusitado campeiam nas páginas de *As Verdes Léguas.* E o autor, sempre fiel às origens rurais, cultiva com primazia os temas ligados à terra, mas não despreza a poesia social, mais que isso, a participante, analisando ocorrências do mundo moderno, como no "Poema sem Metafísica",(p. 60) e focaliza elementos da técnica contemporânea como o computador, o elevador e a televisão, com uma habilidade de poetização e de insinuação crítica que lhe são peculiares.

Na linha dos poemas sociais destacam-se ainda a "Canção da Pobreza Mutante",(p. 27-28) de concepção engenhosa e de funcionais variações; a "Balada dos Retirantes", (p. 23-24) pungente e de linguagem sensorial; a "Canção Binária", (p. 89-90) conceituosa e expressiva, e o forte "Improviso para uma Balconista", (p. 37-38) no qual se denuncia a exploração daquele mísero sorriso, "a marca registrada dos pacotes azuis". Mas onde o sentimento de solidariedade humana se valoriza de modo incomum é nessa extraordinária "Canção do Irmão", (p. 11) pela perenidade de que se impregna, pelo inelutável que aí se apresenta, pelo tom salmodiado e elegíaco, pela encantadora solidão de quem tem de praticar pelos outros as ações necessárias. Também a "Canção da Liberdade", (p. 102-104) que é um verdadeiro hino, transcende o meramente social. Suave e belo poema, encerra dignamente o livro. Lembra o poema "Liberté", de Paul Éluard, o qual traz o refrão *J'écris ton nom* (ÉLUARD, in SILVA, 1973: 125-126), mas a composição de Francisco Carvalho, a meu ver excede a do poeta francês pela criatividade do sentido do refrão, que é diferente e enriquecido quase sempre pela prosopopéia, como também pela abrangência e variedade semântica dos demais versos.

Muita verdade essencial lê-se em versos inesquecíveis do autor. Não se encontra apenas no poema "Canção da Liberdade", mas em muitos versos de que estes são exemplos: "Chega um dia em que é preciso/regar na pedra uma flor"; (p. 99) "Fazendeiro não é quem/ sabe as veredas do boi./Fazendeiros os que sabem/ quanto o mugido lhes dói". (p. 68)

Na ordem dos metapoemas, destacam-se "Engenharia do Poema" (p. 81) e "Nó Cego", (p. 43) este bastante definidor da atitude

esfíngica do poeta: de quem tenta decifrar o mistério e de quem elabora o seu próprio enigma. Como se sabe, essa duplicidade está em altos artistas da palavra, entre os quais Fernando Pessoa e Carlos Drummond de Andrade.

A abrangência dos recursos literários e dialéticos de Francisco Carvalho leva-o a questionar a própria Poesia, como no "Poema sem Metafísica". E é admirável que a Poesia sirva até para questionar-se a si mesma, reafirmando, assim, a eficácia e a validade que ela possui. De modo semelhante, num poema em que Francisco Carvalho pretende negar a metafísica de modo válido, utiliza o dialético, próprio do metafísico. Inquietantes como tal composição são poemas que apresentam proposições contundentes mas de enorme teor estético, como as das "Sugestões do Eclesiastes". (p. 82-83)

Grandes virtudes de sua obra que se repetem no livro em análise são a valorização semântica, responsável por surpreendentes conotações, e o uso freqüente da repetição, pela qual a poesia de Francisco Carvalho vincula-se à tradição dos cancioneiros portugueses e a certa maneira da literatura de cordel, adaptando-se tal repetição ao caráter algo popular de aspectos de sua obra, contrabalançados pelos aspectos eruditos.

Embora o livro todo muito agrade, distingam-se particularmente, além dos poemas citados, os seguintes: "Soneto ao Perfil do Morto" (p. 19) (um dos mais belos); "As Compoteiras" (p. 36) (em que se lê a hipálage: "meu coração transbordava/das compoteiras azuis"); "Canção para Flauta de Bambu"; (p. 41) "Prova Documental"; (p. 46-47) "Ressurreição dos Mortos"; (p. 57) "Fazendeiro"; (p. 68) "Sonata para Harpa" (p. 75) (notável pela essencialidade e a beleza); "O Anjo que Perdeu as Asas" (p. 76) (de um "claro enigma" apreciável); "Soneto Malarmaico" (p. 78) (como outros, de tom disfarçadamente surrealista); "Tríplice Madrigal" (p. 91-92) (importante pelo inelutável que abriga); "Trem da Saudade" (p. 95) (belo porque "cansado de pastar/o vento" e porque "negra alimária/roçando o esqueleto/de ferro e fumaça/nas estrelas") e, finalmente, "A Morte te Lambe a Nuca"(p. 99) (marcante pelo absurdo da fatalidade que transmite).

Desejo observar aspectos do *Leitmotiv* do vento. Este se apresenta de modo irônico. Tem duplo significado. Por um lado, simboliza a inutilidade e a efemeridade; por outro lado, a agilidade, a magia, o poder da Poesia ou dos dons poéticos. Aquele que no poema "Partilha" recebe como herança o vento, dá impressão de nada receber, mas tudo recebe, pois é aí que o nada, como o mito, é tudo. Do nada que tem por imagem o vento é que o poeta retira a obra que se ins-

taura, guardadas as proporções desse nada relativo para o nada absoluto, de que o Supremo Criador retirou o tudo absoluto.

Verifiquemos o poema "Vento Alazão",(p. 55-56) em que há a superação da adversidade do tempo extemporâneo pelo espírito poético. São irônicos os versos "vou plantar legumes/que o sonho é lavoura/que não dá pendão", embora o poeta não renegue o ato agrícola; pelo contrário, valoriza-o como defende o povo no poema. E aquele cujo sonho parece nada lhe dar ("Nada sei do mundo/Nada sei do amor"), sabe do vento, "harpa alucinada/do Rei Salomão" e sabe "duns olhos/que são mais volúveis/do que as águas são". Na alucinação da harpa e na volubilidade dos olhos, em ambas que são vento, está o verdadeiro tudo do poeta como no "boiar no espaço", "na flor que sangra" e "no partir sem rumo". De vento faz-se o ato poético que dá imortalidade ("vou fugir da morte"), que defende o povo ("vou fazer bandeira"), que realiza e plenifica o poeta ("montado a cavalo / nas crinas douradas/do vento alazão"). Pela metonímia e pela imagem (ou hipálage), o autor consegue a união expressiva entre vento e cavalo, para o que concorrem o ritmo do galope e o ritmo dos versos, oferecendo-se, no poema, ainda, a sugestão de que o autor incorpora a qualidade de poeta e a de cavaleiro.

## Rosa dos Eventos

Acredito que são quatro, como na rosa-dos-ventos, os pontos cardeais da *Rosa dos Eventos*, nova produção de Francisco Carvalho: a terra, o homem, o frágil e o efêmero. Poder-se-ia, a meu ver, formular uma proposição que valesse como tema do livro: A terra e o homem constituindo forças que lutam contra o frágil e o efêmero da vida. Os dois primeiros elementos representam as raízes do poeta ("A eternidade é uma raiz" é o que se lê no "Canto Germinal"),(p. 121-123) e estão bem retratados no título da parte medial do livro: "Contemplação do Ruminante". O homem, ao contemplar o ruminante, produto da terra, identifica-se em algo com ele: a persistência da memória é a ruminação do homem, que, preso à terra, é que se humaniza e se encontra para ser. A homologia entre o homem e a terra determina-se adequadamente no "Poema da definição"(p. 83): "a terra é o homem com o seu/perfil de carnificina./O homem com o seu martírio/seu fardo de anonimato."

O frágil representa-se pelo título "Poemas de Areia", assinalador da primeira parte do livro. Não é sem motivo, segundo penso, que o poema denominado "Megalomania"(p. 50-51) se insere nessa parte:

lembra, respeitados o original desempenho e as recriadas idéias de Francisco Carvalho, o "Poema em Linha Reta", de Álvaro de Campos, (PESSOA, 1969: 418-419) e ambos os poemas procuram negar a possibilidade do heroísmo, portanto salientar a fragilidade humana.

O efêmero simboliza-se pela quase homologia entre vento e diáspora, e registra-se, de modo geral, no título da terceira parte do livro: "Sina do Vento". Há uma metafísica do vento na obra de Francisco Carvalho, atitude essa que procurei interpretar na leitura de *As Verdes Léguas*. A efemeridade, que é um dos aspectos simbolizados pelo vento nesse livro, comparece ao volume *Rosa dos Eventos* e representa-se não só pelo vento, mas também pela diáspora por causa da idéia de fuga, de dispersão (no espaço e no inespaço) em torno do termo "diáspora", idéia que se liga à propriedade ou ao modo de ser do vento, que varre, carrega, espalha, às vezes destrói as coisas. A aproximação entre vento e diáspora encontra-se nitidamente no poema "O Vento e a Diáspora", (p. 126-127) em que se lê "O Vento levou o espólio/levou o hímen das moças/levou rezas de alfazema/pelas porteiras abertas"; acha-se também nesta passagem da "Balada Imemorial do Rio" –, (p. 140) "Rio que segue a diáspora/na estrada incerta dos ventos"; ocorre ainda no poema "Cancela", (p. 70) referente ao lugar "por onde passaram/o vento e a diáspora", poema em que o objeto intitulador se enche de mistério, de cumplicidade e reflete o homem, a terra, o frágil e o efêmero. Acerca do *Leitmotiv* do vento, vejam-se também as belas composições "Sina do Vento", (p. 109) "Poema do Vento Metafísico", (p. 118) "Outono" (p. 129) e "Vento da Madrugada". (p. 131)

O sentimento lírico do poeta une-se profundamente ao seu sentimento social e humanista, e ambos habitam não só a rosa-dos-ventos, mas também a *Rosa dos Eventos*. A essência do poeta em seu livro é o sentir a premência da fuga, do êxodo, do caminhar, da errância, da dispersão, tudo isso que é sofrido pelo homem devido às injunções políticas, climáticas ou metafísicas, tudo isso que é próprio da condição humana, e que assume muitas vezes um caráter de mutilação, de perda da identidade, perda disto que tanto se prende aos valores de nossa origem , e de que se trata no "Poema da Identidade", (p. 54) composição de importante conteúdo ontológico, em que se lê: "Procuro em vão/meu rosto em pedaços/na escória do asfalto.//Rosto de homem marcado/pela efígie do medo/e a cicatriz do pecado." O sentido essencial da errância do homem está bem definido pelo termo encantatório "rosa", que, numa expressão recriada do termo náutico com a idéia de fulcro, de ponto de divergência e convergência, aparece significativamente no título do livro. Tangidos por

ventos benignos ou adversos nascem os "eventos". Perdida a identidade do homem ou do poeta, este, para encontrar-se, insere-se no âmago da adversidade que enfrenta e denuncia. De tanto sentir essa problemática existencial, incorpora-se a ela, confunde-se com ela, com ela se identifica: "Eu sou a diáspora da terra e do homem/Eu sou a diáspora da vida e da morte /[...]/ Eu sou a diáspora de tanta diáspora". (p. 133) O último verso estabelece uma tensão entre si e o resto do poema. Essa tensão constitui-se uma válida réplica ontológica que mostra ser, paradoxalmente, a identificação do autor com as várias diásporas um meio de superá-las.

Creio que o comportamento ontológico do poema em análise pode explicar-se com a conhecida afirmativa de Ortega y Gasset: "Eu sou eu e minha circunstância, e se não a salvo a ela não me salvo a mim." Procurar salvar a circunstância é, por exemplo, sublimar, como o autor, a diáspora e pregar a preservação da liberdade como nesta exortação: "perde o teu olho/mas não perde a tua liberdade." (p. 103) No entanto perder o olho não é perder o olhar. Por isso, "o vento só não carrega/o teu olhar". (p. 109) Este pode ser o da amada ou o de um morto querido; é, sobretudo, porém, a cosmovisão do poeta, a sua visão penetrante, intuitiva, inextinguível, a própria Poesia, em certo aspecto irmã do vento. E, enquanto irmã do vento, livre como ele. Oportuno lembrar que nos seguintes versos da "Canção da Liberdade", poema final de *As Verdes Léguas,* o autor pressente os ventos cultuarem o nome da liberdade como, no mesmo poema, pressente que outros elementos cultuam o nome dela: "Os ventos de negra crina/que galopam sobre as ondas/as brisas da madrugada/ repetem o teu nome." (p. 104)

Saliento poemas que mais me chamam a atenção no acervo das produções perfeitas de *Rosa dos Eventos*. Além de vários daqueles a que já me referi, impõem-se fortemente ao apreço deste leitor, pela verdade humana e a beleza da concepção artística, os seguintes poemas: "Canção Temporã"; (p. 32) "As Curvas de Eros"(p. 41) ("De repente um desejo/ladra em vão/às matilhas da lenta madureza"); "Interlúdio para Cefaléia", (p. 43) com idéias muito relacionadas às do poema "Aspirina" (p. 80) e que, como dois outros, ressuma influência de Fernando Pessoa, e também cujas frases curtas e cujos versos de ritmo funcionalmente quebrado exprimem torpor e confrangimento; "Contemplação do Morto",(p. 58) com a pungente constatação de que "A eternidade apenas começava/e a solidão do morto já era antiga"; "Elegia para Vinicius de Moraes", (p. 59) notável metapoema em que se engrandece a Morte como em outros poemas; "Cantiga de Espó-

lio"; (p. 65) "Soneto com Alças", (p. 69) que se relaciona com o não menos belo poema "Enxada"(p. 101) ("Seu longo cabo de angico/à espera das mãos calosas/do morto que virou mito"); "Infância",(p. 79) que espelha de uma época os aspectos desenxabidos, duros, austeros, limitados como "a matraca na sexta-feira de páscoa"; (p. 79) "Breve Milonga para uma Negra"; (p. 93) "Anúncio da Escrava Extraviada", (p. 95) em que certos atrativos raciais lembram a figura de Águeda, personagem do conto poético "Pavana para uma Negra", escrito por Francisco Carvalho no nº 4 do *Jornal de Cultura* da U.F.C.; "Ciranda", (p. 115) de uma coerente ternura, e a metapoematica, telúrica e assaz admirável "Ode ao Poeta Jáder de Carvalho". (p. 148)

Os mais belos poemas do livro, porém, aqueles de maior transfiguração do verbo criativo, de maior poder de emoção, de mais forte realidade mítica, de mais encantador e eficaz estranhamento são, para mim, sem dúvida, "Contemplação do Ruminante" (p. 99-100) e "Balada Imemorial do Rio". (p. 140-147) No primeiro poema, ressalta o contundente contrabalançado com o encantatório e com a aura de mistério, sobressaem as sugestões veiculadas pelo prestígio da memória, salienta-se a subjetividade na sua mais feliz expressão. Veja-se este exemplo:

> A garupa da vaca era o enigma no espaço,
> era o seio brolhando entre orgasmos de arminho.
> Era o emblema da negra esculpido na face,
> era a nudez aberta como um lençol de linho.

No outro poema avulta a grandeza da concepção épico-lírica, porque é toda a história de um povo que nele se reflete com as suas dores e glórias. O poeta, com uma fluência apreciável e uma imagística transfigurada por um legítimo sentimento telúrico, identifica-se com o Rio Jaguaribe, que por sua vez representa a terra e se identifica com o homem: "Rio que enxerga de noite/pelos olhos das caveiras/ (carcaças esbranquiçadas/na solidão das clareiras)." O poema acontece como se fosse a transcrição do que o próprio rio, a correr, cumprindo o seu curso, escrevesse antes: o poema que o rio é, e que estava arquetipicamente no inconsciente coletivo, inclusive no do poeta, que o salvou do limbo do implícito para a luz do explícito. Várias passagens atestam isso como esta: "Rio que escreve a epopéia/do nosso destino incerto/e vai despejar no oceano/o clamor deste deserto."

O adjetivo "imemorial" do título explica-se por versos como estes: "Rio emergindo do seu/sono milenar de fóssil"; "A infância azul

deste rio/canta nos versos de Dante." A falta de virgulação da obra de Francisco Carvalho afina com a *abertura* e fluência dos versos, mas é num poema fluvial, como o presente, que a omissão desse tipo de pontuação alcança maior funcionalidade pela sugestão do fluir das águas. De modo semelhante, as repetições da 14ª estrofe insinuam o caminhar do rio, a vencer aos poucos os obstáculos, e sugerem ainda paulatinas transformações estruturais, que o rio apresentasse no seu curso segundo as imagens construídas pelos diversos elementos, que se vão ligando à água:

> Corpo de pedra e de concha
> corpo de concha e de escama
> corpo de escama e de folha
> corpo de folha e de rama
> corpo de rama e de rima
> corpo de rima e de trama
> corpo que expulsa o que odeia
> corpo que embala o que ama.

Observem-se as aliterações, que também suscitam aí a luta do rio contra os empecilhos. Outros processos notáveis utilizam-se na "Balada Imemorial do Rio" como a paronomásia ("muito cio e muito ócio"), o paradoxo ("Rio que parte mas fica / cantando perto de nós"), a freqüente prosopopéia, mas é a exuberante semântica, prevalentemente sensorial, de ilogismo expressivo e de metáforas inusitadas, que, no poema em análise, como nas demais partes da obra do poeta, pede uma atenção maior do leitor, pois contribui muito para a poetização do texto.

O "Rio de andar vagaroso/que acompanha os passos lentos/ dos pobres em romaria" e, assim, comunga com a dor diasporádica dos retirantes, é o mesmo que "corre nos olhos/daqueles que vão embora", conforme se lê nessa passagem ilustrada por significante hipérbole alusiva ao pranto. É o mesmo rio, ainda, que, seguindo o seu destino de elemento natural, "corre apressado/nas enxurradas de abril/basilisco enfurecido/mordendo a dor do Brasil."

O poema em exame, que confirma a homenagem que o autor prestara ao rio de sua região de origem através de "Louvação do Rio Jaguaribe" (p. 48-50) em *As Verdes Léguas*, figura destacadamente entre as composições que poetas cearenses como Demócrito Rocha, Beni Carvalho e Luciano Maia dedicaram ao importante curso de água e mesmo entre as que, em terras brasileiras, têm cantado qualquer rio.

A poesia de Francisco Carvalho já se consagrou nacionalmente. Na *Rosa dos Eventos*, pelos versos de elevado nível artístico com que se suaviza a condição humana, que, sem o poético, anularia o homem definitivamente, o poeta, como no restante de sua obra, consegue impor-se à real admiração dos leitores e da mais exigente crítica.

## Crônica das Raízes

Prossegue o poeta Francisco Carvalho no seu perseverante e fecundo ofício de produzir versos e criar beleza, atingindo, para o prazer espiritual dos leitores, o décimo sexto volume de poemas, realizando-se magnificamente como artista da palavra numa admirável trajetória que começa em 1955 com *Cristal da Memória* e chega a 1992 com esse *Crônica das Raízes*, livro da Coleção Alagadiço Novo, edição bem cuidada da Casa de José de Alencar.

Ao lado de alguns motivos inusitados, impostos pela realidade do dia-a-dia, encontra-se, a cada novo livro de Francisco Carvalho, a mestria do poeta saber repetir-se nos temas, na imagística, nos *Leitmotiv*, nos ritmos, de tal modo que cada vez mais ele se caracteriza com as suas peculiaridades criativas, confirmando-as e conseguindo, num superlativo grau de poeticidade, a novidade na constância pelas inéditas sutilezas e os matizes inesperados.

Acha-se em *Crônica das Raízes*, como em outros livros do autor, a crítica à sociedade de consumo, a expressão das angústias e de toda a problemática da sociedade tecnocrata, a consciência da transitoriedade da vida e o sortilégio do mistério da morte, a sugestão da inelutável e instintiva inclinação erótica do homem, a marcante influência das imagens bíblicas e, sobretudo, seguindo a indicação do próprio título, uma forte presença de memorialismo rural com ampla valorização telúrica. Tudo isso representa o conteúdo existencial do poeta em sua parte mais ponderável, configurando –, ao lado de processos de que sobressaem as repetições expressivas, a semântica ora insólita, ora sensorial, ora afetiva, e uma simbólica apaixonante, ora hermética ora de "claro enigma" –, toda uma complexidade poética, que bem traduz a essência humana, que deve ser a razão não só do literário, mas de toda obra de arte.

Mantém-se, assim, o autor numa atitude a nosso ver de modernista ou pós-modernista mais atento à busca da legitimidade poética do que à inserção numa corrente ou escola literária específica, embora se perceba que ele, sem desprezar princípios estéticos tradicionais válidos, se deixa mais influenciar por postulados neo-simbo-

listas, algo surrealistas às vezes e próximos de uma espécie poética de realismo mágico.

Destaquem-se algumas peças do livro em causa que mais força estética e valor humano parecem encerrar. A "Elegia do Tempo Neutro" (p. 43-46) focaliza a estranheza, a insensibilidade, a crueldade do tempo ("Este é um tempo de ferida aberta"). O "Cântico dos Filhos da Terra", (p. 38-40) sentido, convivido, significativo, segue o espírito telúrico e social de muitas composições da obra do autor ("Estou ligado/à vida pela placenta da terra"). Seus vários *enjambements* afinam com a descrição dos movimentos desses filhos na lavoura. A "Serenata do Adeus para Antônio Girão Barroso" (p. 71-72) prima pela emoção austera com que retrata encantatoriamente o poeta seresteiro, "sósia de Chaplin", "Cavaleiro andante/de alguma idade média hipotética", e de quem o autor se despede. Da mesma altura dessa elegia são as "Sextilhas de Pedro Nava", (p. 147-149) em que se lê, entre outros passos marcantes, a concepção de mofa nestes versos ilustrados pela proposopéia: "Todos viram quando os teus/sapatos pretos de verniz/ sorriram do nosso logro / e do nosso espanto inútil". Dentre uma concepção meio surrealista, surgem momentos de uma incontrolada e bela confissão de entrega carnal em "Sortilégio em Gomorra", (p. 77-79) pois "é preciso iluminar este corpo e a cidadela de musgo desta cicatriz alumiada". O poema termina com a exaltação de amante louvando os dons sensuais da mulher, quando idéias e ritmo se combinam para configuração do enaltecimento.

O memorialismo poético de "Cântico em Louvor da Casa" (p. 94-96) relaciona-se com poemas como "Memorial do Sótão", (p. 83-84) "Crônica das Raízes", (p. 85-86) "O Sótão", (p. 92) e "Poema da Casa Revisitada" (p. 123-124) para reafirmação enfática de que "Teus espaços verticais é que me sustentam no mundo/Teus sólidos mistérios me acalentam/com seu ubre de flor."

Misto de ode e elegia é "Canto Fundo para Madre América", (p. 117-119) porque canto de sofrimento e esperança, no qual se ouve desde "o grito elementar das entranhas da diáspora" ao "silêncio de todas as servidões do homem", mas também se prevê levantar-se "a pálpebra sonolenta das cordilheiras/sobre uma nova raça de homens". Dificilmente se terá escrito, em comemoração aos quinhentos anos do descobrimento da América, texto tão abrangente e empolgante de natureza poética quanto esse. "Balada Cínica" (p. 87) constitui a face irreverente de uma concepção da América Latina, "onde gregos e gringos" (note-se a paródia e a paronomásia) "semeiam deuses e dólares/aos sábados e domingos".

Enquanto a "Canção da Hora Primeira" (p. 144) canta a esperança, incentivando o leitor a esperar, "Reflexões sobre a Esperança", (p. 28) quase dialeticamente (e lembre-se que a dialética é um vezo do autor), traz objeções irônicas e filosóficas a esse sentimento.

"Elegia Industrial", (p. 33) "Po-Omo" (p. 113) e "Canção da Ira" (p. 120-121) ligam-se pelo mesmo propósito do autor focalizar atitudes e efeitos subjugantes e, muitas vezes, inarredáveis do mundo burguês da sociedade de consumo. O primeiro denuncia a sorte das "moças magras" que "voltam das fábricas". O segundo caracteriza-se pelo desdém à propaganda industrial veiculada pela mídia. O último, concebido com repetições nominais, invectiva de modo explosivo toda a engrenagem do mundo burguês, irritantemente simétrico na aparência e fingido, rotineiro, convencional.

Poemas como "Lixo Atômico" (p.88-89) sobre a queda do Skylabe ("Dragão de cauda acesa/um signo em cada asa/mais fera do que anjo/mais besta do que pégaso"), como "Improviso/II" (p. 61) e "Emboscada" (p. 24) retratam os sinais dos tempos. Este último, descrição de muita força expressiva e trágica de um quadro de guerra, faz sobressair o sensorial como valor poetizante:

> Os olhos da sombra
> espreitam o silêncio.
> Passos ungidos de sangue
> chegam das encruzilhadas da noite.
> [...]
> Um estampido abafado
> assusta o vento.

A solidão de que se fala na segunda estrofe desse poema, figura com outros nomes, "vento", "pêssego", "âncora", "pestana" etc., como um *Leitmotiv* do livro, constituindo-se um dos signos mais caracterizadores da pós-modernidade, que contraditoriamente é, com os seus satélites espaciais, um tempo de potencial ultracomunicação.

Digno de nota é o soneto "Entendimento do Amor", (p. 101) que intertextualiza criativamente o soneto "Amor é fogo que arde sem se ver", atribuído a Camões. Como esta composição, desenvolve-se de modo admirável, com freqüentes conceitos paradoxais.

Aquele que escreveu *O Tempo e os Amantes* (1966), *As Visões do Corpo* (1984) e no livro em estudo "Sortilégio em Gomorra", concentra as mais finas sugestões eróticas e as mais engenhosas metáforas conceituais nas vinte e uma partes da "Saga do Corpo", (p.

153-163) das quais as mais sedutoras e significativas serão as dos números I, VI, IX e XX. O corpo que aí se descreve e canta "é a porta do mito./Urna dos sete pecados capitais".

Texto criativamente apócrifo, a "Falsa Introdução ao Livro de Jó" (p. 181-194) apresenta um longo *miserere*, em que a lamentação da desgraça existencial da nossa condição humana é extraordinariamente concebida com a maior ênfase e com grande fôlego em vinte e sete partes. Note-se que o paratexto desse poema é importante não só pela epígrafe do Livro de Jó, mas ainda pela dedicatória à memória de destacados intelectuais falecidos de câncer: a tal circunstância pode ajustar-se certa imagística usada pelo poeta. Distingamos as partes sob os números VIII, XVIII, XXIV, XXV e XXVI. O texto XVIII focaliza o vento. Como se sabe, esse elemento da Natureza na obra de Francisco Carvalho é símbolo complexo, motivo mágico, herança, companheiro, confidente, voz múltipla e inspirador. No presente texto, o vento concentraria a tensão entre o efêmero e o eterno. Há preocupação, anseio e dúvida da imortalidade aí: "O vento que arranca as insígnias da tumba do patriarca/o vento testemunhará meu nome?" O último texto do poema em apreço descreve belamente a libertação daquele que se dizia acorrentado: "O sangue de Deus me ressuscitou/às portas do inferno".

Relacionem-se os versos desse texto XVIII com os de outros poemas que se prendem ao vento como o fatalista "O Dia em que o Vento te Disser Adeus" e "Coroa de Espinhos", lendo-se neste: "De onde venho e para onde vou/– só o vento saberá".

Referência especial merece o poema "Identidade", (p. 62) que a cada pequeno índice apresenta o poético envolto em mistério e sugestões, configurando-se uma elaboração semântica e metafísica de primeira plana, em que a marca ontológica sobressai. Apesar da constante "busca do rosto" e do próprio rosto buscar "um signo entre os mortos" e, apesar do regresso – "Uma estrada passa em meu corpo/uma pedra gorjeia em minha sombra/um caule de orvalho me pulveriza em seiva" (vejam-se os ilogismos expressivos e intersecções semânticas), pois até "Borboletas me regressam", apesar disso tudo, "Saio da metamorfose aos pedaços." O poema, de acentos proustianos, porque representa a busca do tempo pedido e impregnado da melhor reflexão narcisista, porque procura encontrar o Ser no espelho, termina com o poeta suscitando a sua dispersão, o desencontro de si mesmo.

Por todas essas considerações é correto entender que a poesia de Francisco Carvalho continua vigorosa e sábia, convincente, bela e emocionante, registrando, no novo livro, a expressão cada vez mais primorosa e essencial do humano em Língua Portuguesa.

## Romance da Nuvem Pássaro

*Romance da Nuvem Pássaro* denomina-se este novo livro do poeta e ensaísta Francisco Carvalho, publicação que vem enriquecer intensamente a vitoriosa Coleção Alagadiço Novo, dada à estampa sob os auspícios do Programa Editorial da Casa de José de Alencar. Chegando, com o presente livro, à vigésima quarta coleção de poemas que edita, além de haver publicado dois volumes de ensaios críticos. Francisco Carvalho, não só pela fecundidade de sua obra poética, mas também e sobretudo pela qualidade dela, que repercute nacionalmente, impôs-se ao respeito e à admiração da crítica e dos leitores em geral. Obra poética interpretadora do humano e fundadora é a desse poeta. Cada livro que a compõe traz novos matizes conteudístico-formais, abrangendo uma variada gama de motivos e temas, que questionam, perquirem, encantam e empolgam, repetindo-se *Leitmotiv* e processos de livro para livro, só enquanto marcam necessariamente o perfil estilístico do autor.

Uma inovação que salta aos olhos neste livro é a exploração do significante espácio-visual, decorrente da idéia de "nuvem pássaro" do título, processo que atravessa todo volume e intertextualiza atitude do poema epígrafe, de Octávio Paz, cuja memória se homenageia, poema em que se quer significar a passagem da alta noite ao raiar da aurora. O *Romance da Nuvem Pássaro* que intitula o livro, constitui uma alegoria da Poesia no tempo ou do tempo da Poesia, e essa composição exprime muito do clima de todo o volume. Trata-se de um romanceiro como outros que aqui se encontram, participando, como é próprio de um romanceiro, do erudito (algo épico) e do popular, além de, no presente caso, existir a essência lírica.

Encontra-se nesse poema, como em vários outros, a atmosfera da chamada "poesia pura", limpa de todo vestígio prosaico, praticada por Mallarmé, Valéry e o Jorge Guillén da juventude, poesia que se faz da valorização da linguagem e da fantasia poética num clima onírico e com ilogismos funcionais. Em Francisco Carvalho, sente-se que o que parece ser mero automatismo psicológico, próprio da atitude surrealista, tem, como em Fernando Pessoa, um comando consciente presidindo a tudo, dando maior valor estético aos versos, tal ocorrendo no presente livro e em toda a obra do autor. E versos que parecem "de palha", possuem a consistência da vida e a realidade da morte.

Detecta-se aqui a sensibilidade aguçada na elaboração de uma semântica, que propõe criativamente infindáveis expressões do hu-

mano existencial e de uma rica simbólica, a celebrar os mais variados aspectos da nossa condição. E, mais do que em qualquer outro livro do autor, encontra-se neste uma chama de versos nominais, processo moderno que enforma o essencial e o sugestivo.

A mesma nuvem que ao poeta empresta a simetria / e a plumagem do sonho e do poema", "deplora / o destino dos homens no planeta" a simbólica lírica e social bem se estampa nesses exemplos. "O pião do menino / Centro e circunferência / do nosso destino [...] é a ordem brotando / das entranhas do caos": o cinemático, o lúdico e o caótico ordenado (como na música de Wagner) estão aí retratados como essências não só do tempo atual, mas ainda de toda a existência humana.

Destaca-se a engenhosa contestação com facetas sociais da "Carta do Não-Achamento do Brasil", os muitos poemas conceituais, metafóricos, valorizados pela subjetividade e pela imaginação do autor: "Mote de Octávio Paz", "Invenção do Vento", "Palavra em Chamas", "Morrer é Voltar para Casa", "Explicação do Poema", "Indefinições" e "Canção do Inventor do Mar". Salienta-se o longo metapoema "Ode ao Pastor das Estações" à memória do poeta mexicano; a "Elegia para Madre Teresa", homenagem convincente à solidariedade humana, à misericórdia, e as "Canções Equinas", abarcando, em sua focalização, o cavalo nos mais diversos ângulos. Aliás, como o cavalo, o boi e o gato se celebram de modo abrangedor e sugestivo, com a trajetória e sua vida animal sempre em relacionamento com o homem. Sublinhem-se várias "Canção da Aldeia" pela graça e leveza, sobretudo a "Canção de uma Tarde de Chuva", cujo *pathos* suscita estados d'alma, e cujos versos apontam para uma transcendência.

Autêntico e consagrado poeta, de obra substantiva, ontológica e abrangente, com a edição de mais este livro, Francisco Carvalho cada vez mais se afirma como autor de toda uma literatura.

## Conclusão

Francisco Carvalho é um daqueles nossos poetas cearenses que vêm construindo, pela fluência e a qualidade, uma das obras mais sérias e indestrutíveis, podendo equiparar-se à dos maiores poetas brasileiros de todos os tempos. Produzindo uma poesia existencial e cheia de essência, poesia em que ausculta o além das coisas, atinge o poeta, através de uma técnica diversa e adequada, a verdade poética, que é a verdade humana. Por isso, como já

tive oportunidade de escrever alhures, a sua poesia desconhece as fronteiras do antigo e do novo: abastecendo-se com os valores clássicos, atualiza-se com os modernos e legitima-se com os de sempre. O elegíaco, o social, o memorialístico e o cotidiano abrigam-se em seus versos em proporções convenientes. A cidade e o campo neles se fazem presentes, mas sobretudo o homem integral, cuja dor e cuja essência são realçadas com um lirismo equilibrado, trabalhado por conotações inusitadas, sugestões e símbolos que entremostram significados e roçam o mistério, redundando tudo isso numa espécie de realismo mágico, que é um dos apanágios da verdadeira poesia.

## Referências Bibliográficas


CAMÕES, Luís de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1963.

CARVALHO, Francisco. O tempo e os amantes. *Clã*. Fortaleza, v. 18, n. 22, p. 3-24, jun.1966.

____. *Os mortos azuis*. Fortaleza: UFC, 1971.

____. *Pastoral dos dias maduros*. Fortaleza: UFC, 1977.

____. *As verdes léguas*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1979.

____. Pavana para uma negra. *Jornal de Cultura,* Fortaleza, Ano I, n. 4, p. 7, 1981.

____. *Rosa dos Eventos*. Fortaleza: UFC/Academia Cearense de Letras, 1982.

____. Louvação em oitava rima. *Clã*. Fortaleza, v. 28, n. 34, p. 151-164, dez. 1982.

____. *Barca dos sentidos*: poesia. Fortaleza: UFC, 1989.

____. *Crônica das raízes*. Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 1992.

____. *As visões do corpo*. Fortaleza: UFC, 1984.

____. *Romance da nuvem pássaro*. Fortaleza: UFC/ Casa de José de Alencar, 1998.

JENNY, Laurent et al. Intertextualidades. *Poétique*: revista de teoria e análise literárias, n. 27. Tradução de Clara Crabbé Rocha. Coimbra: Almedina, 1979.

LINHARES FILHO. *A metáfora do mar no Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

____. As verdes léguas. *O Povo,* Fortaleza, 29/jun./1980.

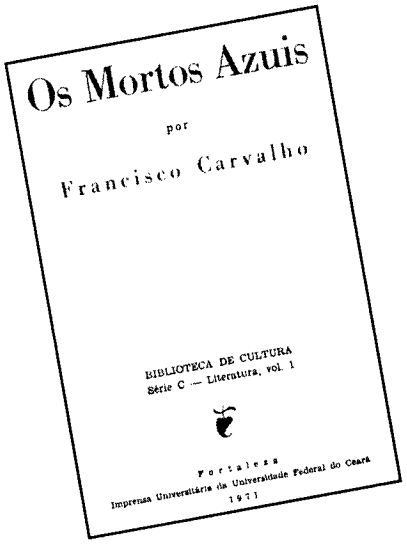
____. Rosa dos Eventos. *O Povo,* Fortaleza, 03/abr./1983.

____. Crônica das raízes. *Literatura,* Brasília, n. 4,p. 18-26, 1993.

____. *A modernidade da poesia de Fernando Pessoa*. Fortaleza: EUFC,

1998. [Tese defendida em concurso para Professor Titular de Literatura Portuguesa da UFC].
____. Romance da nuvem pássaro. In: CARVALHO, Francisco. *Romance da nuvem pássaro*. Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 1998. Orelhas do livro.
SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. *Teoria da literatura*. Coimbra: Almedina, 1973.

In: SILVA, Odalice de Castro e LANDIM, Teoberto (Organizadores). Escritos do Cotidiano: estudos de literatura e cultura, Fortaleza, Editora 7 Sóis, 2003.




# Os Mortos Azuis

1971

*Energia é igual à matéria quando submetida ao quadrado da velocidade da luz.*

ALBERT EINSTEIN

## Solidão

A solidão é um produto industrial
como o celulóide e o náilon.
A solidão escorre das máquinas
dos edifícios de vidro de Wall Street
onde robôs projetam e recriam
simulacros de existência.

É preciso abolir a solidão
que nos vendem embrulhada em jornal
misturada ao repolho
e ao frasco de inseticida.
A solidão no prato de sopa
entre esqueletos de hipocampos.

A solidão rende know-how.
Os industriais exportam solidão
em minúsculos pacotes
de cartolina azul
onde se lêem palavras de otimismo
sobre Marcuse e a metáfora.

## Estudo

Subitamente descobrimos o acaso
na nuvem que passa pelo pássaro
ou no pássaro que soturnamente percorre a nuvem.

De repente aprendemos a flor das coisas
e os seus movimentos na paisagem.
De repente trocamos a imagem pela paisagem
a palmatória pela parábola.

De repente descobrimos que os espelhos nos evitam
que o amanhã pertence aos outros
que da janela somos observados
por super-homens de celulóide.
De repente é o metal do amor que silencia
no coração onde tudo é paisagem.

Subitamente compreendemos
que as palavras envelhecem com os homens
que o amor também envelhece
quando as palavras envelhecem.

## Soltos nas Esferas

Estamos soltos nas esferas
sujeitos às leis da física
e às trapalhadas da metafísica.

Oscilamos nas órbitas de fogo
de planetas que incendeiam o cosmo
com suas caudas de prata, seus anéis de mercúrio.

Somos iguais a uma romaria de formigas
que vagueiam em labirintos de raízes
guiadas pela bússola da terra.

## Louvação de Poeta

Poeta de Itabira
nasceu em Minas
rico de poesia
pobre de rimas.

Poeta da ainda
canção do futuro.
Cantor sucinto
do vasto mundo.

Poeta e agrimensor
pudor que interroga
o calado universo
que começa na morte.

Comparsa do povo
recinto da rosa
fazendeiro e cúmplice
da solidão nossa.

Poeta e sistema
estatuto de Minas.
Rico de poesia
pobre de rimas.

## Senhor do Dia

O dia é para aqueles
que o perseguem
com gestos e palavras
indiferentes ao
arcaico mistério da vida.

O dia é para o assalto
da plenitude
para a tosquia
dos deuses lanudos
sentados no império da morte.

O dia é dos claros
cavalos que emergem da
selva irrepetida.
De tudo o que germina
e não se humilha diante da vida.

O dia é do pão
e do trigo. Do canto
do galo partido ao meio.
Do bico do galo
jorrando centeio na vida.

## Problemática

Hoje seria preciso ouvir o Bolero de Ravel
escutar o som dos tambores da guarda
real de volta à disciplina do quartel.

Hoje não bastaria estar onde estou
nem ser livre como este céu de alumínio
que dardeja sobre minha cabeça.
Hoje seria essencial ressuscitar o velocípede
e recomeçar tudo de novo.

## Canção para Lumumba

Sei que há uma voz
por trás do manifesto
uma voz de centelhas
para além da palavra
clamando no deserto.

Sei que uma voz potente
os astros atravessa
o firmamento e a fala.
Voz de ninguém ausente
quando o peito se cala.

Sei que uma voz me chama
do coração da terra
entre as vozes das parcas.
Voz dos mortos na guerra
num sepulcro de barcas.

Sei que uma voz de húmus
da terra se alevanta
entre a luz dos legumes.
Voz listrada de negro
do peito de Lumumba.

Sei que uma voz de adaga
fala de cicatrizes
nas almas e nos gestos.
Procura os infelizes
clamando no deserto.

Sei que uma voz de gleba
em solidão trabalha
tece o algodão e fia.
Chama a arder sob a treva
tal como outrora ardia.

Voz com rajas de tigre
do peito de Lumumba.
Canção que em mim carrego
e os olhos dessa voz
dentro da catacumba.

Voz de tijolo e espigas
para alegrar a infância
dos órfãos sem brinquedos.
Voz de orvalho que escorre
das pontas dos nossos dedos.

Voz que escreve a parábola
quebra o lacre da tumba.
Voz com gosto de arroz
para o banquete honesto
da morte de Lumumba.

## Correnteza

O tempo escorre
dos meus dedos feito areia.
Sinto que amadureço
disputado pela rosa e o verme.

O tempo escorre de mim
o tempo fluvial como uma nuvem.
Mastigo minha ração de esperas
restos de uma ceia atômica.

Nada se pode esperar
de solidões que respiram.
O pássaro sobrevive na memória
como simples reminiscência.

Alguns me lembram que ainda
existe a possibilidade do amor.
Mas o amor não é uma saída.
O amor é um mergulho.

## O Futuro Segundo o Apocalipse

Num futuro próximo
não haverá futuro próximo
nem tempo presente
nem tempo passado
nem tempo de música.

Num futuro próximo
seremos manipulados
em úteros de vidro.
O olho será redesenhado
em azul ou verde cítrico.

Num futuro próximo
seremos solucionados
por sínteses sucintas.
O problema será escolher
entre a órbita e o óbito.

Num futuro próximo
não haverá paisagem
nem tempo presente
nem tempo passado
nem tempo de música.

## Poemantítese

Meu coração é um punhado
de rosas comidas pela dúvida.
Difícil é aprender
a exata solidão.

Difícil é apalpar
o contorno do ser.
Difícil é ser árvore
num latifúndio de ventos.

Difícil é suportar o adeus
sob um crepúsculo de estrelas dilaceradas.
Difícil é morrer
que não se sabe como.

## Velha Canção Nova

Amor que dói
    feito esperança
por encontrar.
    Amor que é flor
por ser ainda
    e é flor já finda.

Amor que flui
    qual flui o mar
do caos profundo.
    Amor que é estrela
que vai ser linda
    e é luz já finda.

Amor que é chama
    que embora exausta
arde em segredo.
    Amor que é espera
depois da vinda
    e dói ainda.

## A Alma e a Lauda

Minha vida
tua vida, nossa vida.
O mistério maior não nos pertence.

O pólen nos espreita
todos os movimentos acordam na memória
o antigo esplendor da lápide.

O mundo é uma representação gráfica
o verbo uma rajada de vento
tua alma de cal e água no lacre da lauda.

Os pergaminhos decidem da sorte do mundo
a semântica precede a bomba
os burocratas apenas providenciam
os ritos legais da nossa morte.

## Agrimensor

Há um limite para o sonho
como há medida
para o comprimento do morto.
Crescemos num pedestal de água.
Há um limite
para o teu crescimento
para a tua ilusão de existir.
O vento e uma relva de palavras
te amedrontam.
Um limite para a dispersão e o mergulho.
para a tua expectativa de eternidade.
Por enquanto os espelhos te decidem.

## Medo

O medo que não
se mede
o medo que não
se muda
o medo que está
na moda
o medo que está
no módulo
o medo que está
no nódulo
o medo que medra
na luz ou na treva
o medo que está
no cântaro
o medo que está
no câncer.

medo da amada
medo de nada
medo da nódoa
medo do modess.

## Cartilha do Iniciado

O amor é o que sobra
dum manancial de palavras.
Há limo e pólen
no interior da alma.
O amor é o que resta
dum naufrágio de esperas.
Duma sensação
de ultrapassar a eternidade
de preservar o ser
de impedir a infinita
dispersão das coisas.

## Poema da Participação

Num mundo em que não
te perguntam por nada
prefere o sarcasmo
ao beijo da lápide.

Num mundo que em não
te consentem na busca
prefere a morfina
das flechas da Ursa.

Num mundo em que não provas
do vinho da volúpia
esvazia o teu cálice.
Bebe o fel da cicuta.

## Canção dos Deserdados

Na alma do nordestino
soluça um riacho
de águas traiçoeiras
que fogem para o mar.

Um sol de úlceras
desintegra a paisagem.
Dragões arrastam pelo céu
sua musculatura de estrelas.

Da terra se levantam
claridades intrínsecas.
O fulgor das ossadas pulveriza
o esqueleto dos caminhos.

Os homens não são homens:
são restos dum pesadelo de Deus.
As árvores não são árvores:
são cinzas de vértebras mutiladas.

O verso é um braço impotente
para ajudar os aflitos.
Preciso escrever na terra
uma canção de legumes.

## Poemárido

não é de agora
que a solidão
nos põe a garra
não é de agora
que a luz dos mortos
em nossa casa
não é de agora
que a eternidade
nos comemora
não é de agora
que a terra acesa
feito quermesse
não é de agora
que tanto espaço
nos empobrece
não é de agora
que a noite é messe
de pirilampos
não é de agora
que o deus do zênite
é o meio-dia
não é de agora
que a minha raiva
te acaricia.

## Vertigem

Enquanto dormes
o caracol refaz a encruzilhada
sob a correnteza das folhas
o leopardo fareja os antílopes
o silêncio te arranha como uma túnica de palha
os eventos passeiam sobre o teu corpo
o acaso descose os teus melhores anseios
a solidão se cumpre na tua boca.

Enquanto dormes envelheces
vertiginosamente envelheces
o mundo envelhece
a terra envelhece
o céu envelhece
e os anjos mudam de nome.

## Calmaria

azul cítrico
alvenaria
de ossadas

claridades
de átrios
envidraçados

nostalgia
de ladrilhos
entardecidos

perfuratrizes
de alumínio
do meio-dia.

# Pastoral dos Dias Maduros

*Diga-me, diga-me se algo foi terminado.*
LEONARDO DA VINCI

*A paixão tem de ser lúcida.*
OCTAVIO PAZ

## Salmo de Areia

A cada passo a morte nos espreita
com seu olho sangrento de unicórnio.
A carne é só memória rarefeita
na voragem dos dias e do orbe.
No coração se esgalham plenitudes.
As horas e as eras são intervalos
da morte. Somos peixes taciturnos,
hipocampos num reino de centauros.
Os deuses moram nos dourados cimos
de seus portais de fogo. Saberão
que entre noites e auroras existimos,
marcados pela efígie do dragão?
A carne é só volúpia rarefeita
da parca que te abarca e te rejeita.

## Retrato para Ser Visto de Longe

Sou um ser, o outro é metade
que não sabe de onde veio.
Sou treva, sou claridade.
Solidão partida ao meio
e entre os dois a eternidade.

Sei quem sou, não me conheço.
Parado, estou sempre indo
para um país sem regresso.
Sou fonte e estou me esvaindo,
fluir sem fim nem começo.

Coração partido ao meio,
pulsando em cada metade.
O lirismo do espantalho
a espuma do devaneio.
Entre os dois a eternidade.

## Corpo

É de argila e sonho.
Universo estrito
da morte, teu corpo
contudo protesta.

E luta, e rasteja
num mundo fictício
de signos, de insignes
verdades e equívocos.

O corpo é uma ceia.
Súbito na noite
reverdece o caule
do ofício de amar.

O corpo te esmaga,
vegetal de plumas.
De sonho o abasteces,
de tempo e legumes.

Teu corpo incorpora
o mito que lhe falta.
Tem um boi no corpo
que nos pasta a alma.

O corpo organiza
seu lugar no mundo.
Bronze como um sino,
pêndulo do eterno.

O corpo te acena
de longe ou de perto.
O adeus e o velório,
a saudade e o séqüito.

O corpo te alaga
de suor e grito.
Tem um boi no corpo
que inveja o novilho.

O corpo trabalha
no porão da fábrica.
Tem necessidade
de ser pornográfico.

Teu corpo ao relento
numa encruzilhada.
Tem um boi no corpo
que nos pasta a calva.

Teu corpo te chama
para o almoço insípido.
A carne é tão pouca
para tanto exílio.

Teu corpo protesta
contra a bomba atômica.
Traz canção no bolso
para a namorada.

Teu corpo, essa máquina
sutil de problemas.
Tem um boi no corpo
que pasta os poemas.

Teu corpo se evade
do impossível âmbito.
A vida é tão pouca.
A morte é tão grande.

## Folhetim da Guerra do Vietnã

Dizem que a guerra acabou.
Dizem que a paz embarcou num jato
para o Vietnã, o Vietcong, o Laos, o Camboja.
Dizem que os prisioneiros serão libertados.
Que voltarão às suas casas
aos seus cachorros
aos seus cavalos
aos seus automóveis
aos seus devaneios
às suas dúvidas
às suas dívidas
ao calor de suas mulheres
ao complicado universo domiciliar, onde a guerra continua
sob mil disfarces.

Dizem que a guerra acabou.
Mas quem vai ressuscitar os mortos?
Quem vai trazê-los de volta à cálida alvenaria
daqueles que os amaram?
Quem vai conduzi-los ao fogo do purgatório?
Quem vai trazê-los de volta ao mito
da namorada e do guarda-chuva?
ao mito da gravata?
ao mito da televisão?
ao mito da comunicação?
ao mito do astronauta e da cibernética?
ao mito dos arranha-céus que brilham nas noites de aço?
Quem os recordará na hora do mergulho essencial?

Quem vai ressuscitar os mortos?
Para estes guerra e paz são mitos inócuos.
Os telegramas já não dizem nada.
Os bombardeios, as negociações e as pombas do Vaticano
já não têm importância alguma.

Dizem que a guerra acabou.
Mas em noites consteladas de hidrogênio
as bombas não cessam de cair sobre a face dos rios.
Há sempre um defunto embrulhado nos telegramas.
O arroz e o sonho foram proibidos.
Há mortos embutidos na areia.
Mortos embrulhados na túnica ensangüentada dos mapas.

Dizem que a guerra acabou.
Mas as crianças continuam a exibir
os seus esqueletos fotogênicos.

Os peixes foram expulsos dos rios.
Astros espavoridos apodrecem no fundo das águas.
Ninguém ganhou a guerra.
Ninguém perdeu a guerra.

Notícias proliferam no céu em chamas.
Nuvens inflamáveis pegam fogo.
Os soldados pegam fogo.
Os bichos, as espingardas pegam fogo.
Os pássaros pegam fogo.
O vento pega fogo.
As súplicas do papa pegam fogo.
Os tratados são papéis, os homens são cruéis.
A palavra e o fuzil são do mesmo barril.

## Canudos

*Á memória de Nertan Macedo*

### I

Dentro da noite, as sombras das escarpas
erguem perfis de arcanjos carrancudos.
As crinas dos cavalos lembram harpas
tangidas pelos ventos de Canudos.

Vultos de aventureiros e monarcas
brandem no céu seus alfanjes pontudos.
Nos arames da aldeia pulsam marcas
de sangue. Restos de corpos desnudos.

Céu de metal clareia os descampados.
O silvo dos clarins assusta as cobras.
Cruza o cerrado um pássaro agoureiro.

Os canhões da vindita estão calados.
O vento amortalhou num véu sem dobras
os restos imortais do Conselheiro.

## II

O sangue do jagunço e dos cardeiros
incendeia os estios nordestinos.
Passam na aldeia os burros dos tropeiros
com ração para humanos e bovinos.

Canudos vive os tempos derradeiros.
Zumbem no ar presságios sibilinos.
O sangue dos clarins e dos romeiros
inunda a terra e as almas dos meninos.

Rumor de cavalgadas, sons de cascos
vêm dos grotões, das brenhas, dos penhascos.
Ou das entranhas do Vaza-Barris.

Logo anoitece. Os sertões ficam mudos.
Só se escuta, nos ermos de Canudos,
o lamento outonal das juritis.

## III

Dentro da aldeia, a aurora amotinada
celebra o fim de um sonho em combustão.
Os cabelos da plebe assassinada
lembram pendões de estranha plantação.

São jagunços aos ventos da emboscada.
Sons de coivaras, fumos de oração
vêm dos umbrais da noite escancarada.
As nuvens são mortalhas de algodão.

Campeia o horror dum silêncio altaneiro.
Os corpos dos jagunços são meninos
fuzilados por sósias de Caim.

Das fronteiras da morte, o Conselheiro
cuida ouvir o galope dos bovinos
nos tabuleiros de Quixeramobim.

# Acalanto para um Robô

As brisas da cibernética
sopram da noite abissal.
Dorme, ó robô das galáxias,
teu sono sesquipedal.

Inertes estão as fábricas.
Os esqueletos das máquinas
parecem cacos de vidro
num jazigo de informática.

Nos corredores assépticos
pairam existências absortas.
Teu olho acende o imprevisto
na maçaneta das portas.

As multidões estão fartas
do teu jantar de algarismos.
Teu braço ensinou aos homens
uma cartilha de abismos.

Teus sapatos relampejam
(De metal são seus impulsos.)
Teus movimentos atômicos
dissolvem pedras e arbustos.

Nas madrugadas elétricas
teu frio corpo reluz.
Sopra um vento constelado
de pensamentos azuis.

Teu coração de molusco
é frio como um punhal.
Não prova o sabor da vida
nem seu gosto vegetal.

Nos espaços retilíneos
brilham cartazes vermelhos.
O teu sexo de topázio
parte o cristal dos espelhos.

Dorme em leito de azulejos
teu sono descomunal.
Os ventos da cibernética
sopram da noite abissal.

Os galpões estão imersos
num letargo de mil jardas.
Teus braços se multiplicam
numa ovação de espingardas.

Dorme, enquanto os fabricantes
de morteiros e de obuses
fazem túmulos de asfalto
para os homens do futuro.

## Soneto dos Ruminantes

Este sol é uma febre que se alastra
sobre os bichos. A luz é um anjo preto
que passeia a cavalo no esqueleto
de um sonho. A solidão é uma pilastra

que sustenta o universo destas cabras,
destes lerdos jumentos, destes bois.
O vento esbarra nas estrelas magras,
que se apagam no céu, logo depois.

A aranha deste sol trabalha e fia.
Tece o algodão das nuvens ambulantes.
No sabre desta luz canta a agonia

de um bandolim do tempo dos infantes.
O sol, bruxo das tardes, sangra o dia.
E a morte pastoreia os ruminantes.

## Igreja

Tudo tão calmo.
Tudo tão frio.
São estas paredes
ou é Deus que ressoa
no espaço vazio?

Lá fora a tarde parada.
Aqui dentro mistério infinito.
Naves rezam salmos,
sinos tangem no escuro.
Tudo tão distante!
Perdões relampejam na penumbra.
A alma é pouca e só.

Tudo tão vasto.
Tudo tão agonia.
São estas paredes
ou é Deus que recria
o tempo abolido?

## Canção Sintética

Na noite negra
a gente corre
com tanta pressa
a gente morre
com tanta guerra
porém não sabe
quando é que chega.

Na noite negra
tudo é sombrio
tudo é veloz
tudo se passa
como um segredo.
Com tanta guerra
com tanto medo
o amor é um rio
que seca em nós.

Na noite negra
de insônia e asfalto
tudo é incerteza
que não se acaba
tudo é palavra
que se inaugura
tudo termina
no anonimato.

Na noite negra
pássaro erradio
pousa no vértice
da nossa voz.
Com tanta guerra
com tanto medo
o amor é um rio
que seca em nós.

## Deus Sombrio

A solidão, meu Deus, é uma cadela
que me persegue com furor maligno.
Esta tarde é outra tarde. Não aquela
tarde de aldeia em que nem sol nem sino

celebraram meu sonho. Hora e estrela
são achas que se acendem no menino.
Quando o arcanjo alça vôo, uma janela
se abre para as terras do divino.

Esta tarde é outra tarde. E em mim se deita
seu perfil de afogada, a gotejar.
De vento e espuma a eternidade é feita.

Esta tarde é uma ponte. Eu sou o rio
que carrega espantalhos para o mar
e adoça espigas para um deus sombrio.

## Brasão

*Para Carlos d'Alge*

Portugal de tantos brios,
Mar ao sol, velas abertas.
Das quilhas dos teus navios
Saltam terras descobertas.

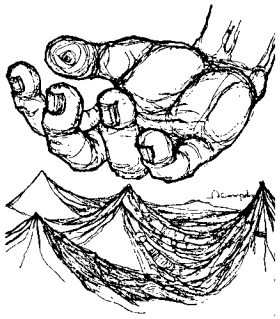
Portugal, flor de azulejo,
Mar de assalto e profecia.
Um barco descendo o Tejo
Aos gritos da mouraria.

Deslizai, que o tempo voa,
Tristes águas do Mondego.
Inês é morta em Lisboa
mas nunca esteve em sossego.

## Canção do Vento

Parte de mim
meu ser por dentro
minha outra face
que não me lembro
(esta agonia
anda no vento).

Parte do sonho
que dura sempre
vida enroscada
noutras presenças
(esta incerteza
anda no vento).



Parte do sumo
que a mão espreme
plumas do arcanjo
sobras do invento
(esta saudade
anda no vento).

Parte da vida
que a morte engendra
grito e mergulho
fora do tempo
(este presságio
anda no vento).

Parte de mim
que não entendo
minha outra face
que ri por dentro
(esta mentira
anda no vento).

## Sonetos a Camões

### I

Ó ilustre peito de Camões. Eu vejo
o sol do Império arder como um fanal.
Das videiras banhadas pelo Tejo
é o vinho que se bebe em Portugal.

És o augúrio mudado em profecia,
a flauta do pastor e seu punhal.
Cimento e voz da lápide vazia
de um deus que sucumbiu ao madrigal.

Teu coração é o mar de Portugal.
As terras descobertas e a ousadia
das velas enfunadas de Cabral.

Ditoso o céu que agora te alumia,
ó alma de Camões, nume ancestral.
Tumba onde a eternidade principia.

## II

Olhos de amor te causam desvarios.
São flechas que te afligem no desterro.
Olhos que em Babilônia são dois rios
cujas águas deságuam no Mondego.

Olhos de amor são dois gentis arautos.
Quem os fitar, que o faça com cautela.
Teu verso assusta os mouros insensatos,
que dormem nas ameias de Castela.

Por onde andaste, andou o desatino
que ora os vivos alegra, ora os enleia,
e a saudade dos vinhos e da Corte.

Não te fez sombra o arauto florentino.
Homero é teu parelho na epopéia,
e outros em quem poder não teve a morte.

## III

Por decreto do rei, cumpriu-se o fado.
Foste enviado para o exílio em Goa.
Longe da Pátria, voltas ao passado
e para a amada o pensamento voa.

Teu canto, agora, é arrulho desolado
de ave perdida que no céu procura
estrela onde pousar o olhar cansado
mas nada encontra, além da noite escura.

Teu pranto se mistura ao dos mortais.
Os que te esperam, quando estão ausentes,
sabem que amar nunca é morrer demais.

Nos versos teus o Império se alargando,
os muros de Sião e os seus portais
se vão da lei da morte libertando.

## IV

Cantor da aurora e do dourado estio,
dessas águas heróicas, dessas lendas
que nos falam das ninfas e do rio.
De grinaldas de espumas e oferendas.

Cantaste o ousado amor, nume arredio,
o Tejo audaz, que não se enlaça ao Douro,
e essas noites de enleio e desvario.
O pensamento incerto e o duradouro.

Lisboa entre suspiros rememora
o rumor dos teus passos na refrega
contra a arrogância da emboscada moura.

Pajem do amor, teu coração se alegra
para brindar à fronte cismadora
da filha de Maria Bocanegra.

## V

Aqueles por quem foste combatido,
reinóis de olhar pomposo e virulento,
passaram mais depressa do que o vento.
Do que a sombra de um mouro foragido.

Passaram como as águas ao relento,
sem que do céu o espanto refletido
ficasse a reluzir por um momento...
Ossadas dum fulgor nunca existido.

Sobre a cinza dos grandes do momento
passa o tropel dum sonho espavorido,
rumo a um lago de insônia e esquecimento.

Só teu canto ficou. Só teu gemido
não foi arrebatado pelo vento,
nem será pelas gentes esquecido.

## VI

Cantor do ilustre peito e dos Infantes
de Portugal, barões assinalados.
Cessam dos reis os passos retumbantes
no limiar dos mármores calados.

Calaram-se os clarins antepassados
e a belicosa grei dos navegantes.
Versos da oitava rima são lembrados
pelos jograis de todos os quadrantes.

Natércia não morreu, amada intacta.
A boca insigne recupera a chama
que empalidece os astros, como dantes.

Aquele cuja glória se recata,
sendo o maior dos lusos pela fama,
foi o mais desditoso dos amantes.

## VII

Foste enterrado na esquecida vala
para onde vão as cinzas da pobreza.
Soturnamente, na sinistra sala,
soluça uma guitarra portuguesa.

Vão do Mondego as águas da tristeza
velar teu corpo aos ventos da Cabala.
Soluça o Tejo, e o seu clamor se iguala
à dor do abismo e à dor da profundeza.

Soluça o Tejo. E a triste correnteza
passa em teu corpo, na esquecida vala
para onde vão as cinzas da probreza.

Depois que o exausto coração se cala,
soluça uma guitarra portuguesa.
Soturnamente na sinistra sala.

## VIII

Por vento alheio e por alheio mar,
vais navegar nas águas do desterro.
Desde então não cessaste de enviar
mágoas às claras águas do Mondego.

Sôbolos rios que vão de Lisboa
desaguar no teu peito de andarilho,
teu pensamento enamorado voa
para junto do amor, dourado exílio.

Cansada a Musa, não do puro canto,
que em ti se fez segunda natureza,
mas de cantar à gente endurecida,

teu verso agora é amargo desencanto.
Sobre ti, desce a noite desmedida
de uma austera, apagada e vil tristeza.

## Soneto para Uma Negra

Um rio irriga a escuridão da pele,
onde um rio mais vasto nos irriga.
O lago dos teus peitos é uma artéria
onde circula a escuma primitiva.

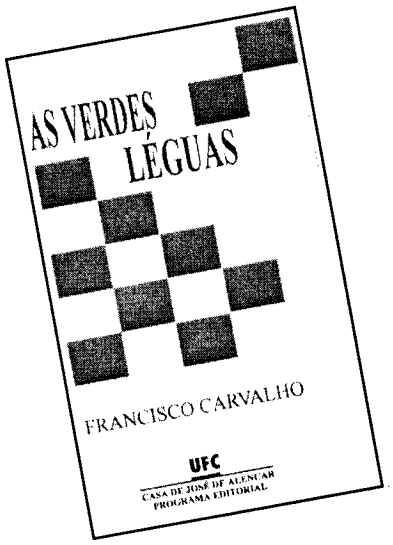
Negra esculpida em pedra pensativa.
Este umbigo ancestral, me lembro dele,
cativo em madrugada possessiva.
Um tigre em chamas para o amor te impele.

Um rio irriga a pele emancipada
por um luar de azeite. Um rio anexo
ao coração do banzo taciturno.

Negra alumiada dum fulgor soturno.
A selva inteira, a selva apaixonada,
toca a flauta de argila do teu sexo.

## Profetas & Estetas

As ruas estão repletas
de profetas
mas ninguém adivinha
o preço do arroz e da farinha.
As ruas estão repletas
de picaretas e de estetas
mas ninguém se aproxima
para nos dar as cascas
de uma noz ou de uma rima.
As ruas estão repletas de poetas
mas ninguém diz que pode
repartir com o pobre
o trigo e o centeio de uma ode.




# As Verdes Léguas

*A matéria é forte e absoluta. Sem ela não há poesia.*
MURILO MENDES

*Essas grandes imagens engendram logo os mitos:*
*são os mitologemas.*
MIKEL DUFRENNE (O POÉTICO)

## Partilha

Pedro Herdou o gado, inclusive a paisagem
Miguel herdou o reprodutor com seu potencial de amor
João herdou as ovelhas, as cabras paridas e as por parir
Fortunato herdou as intrigas
Joaquim herdou os cavalos de puro sangue e mais
os arreios e os seus metais
Manuel herdou as éguas e as verdes léguas
Hortência herdou as potrancas e o fogo que as incendeia
Rosa herdou o almofariz, Clara o escaparate
Hipólito herdou o mau hálito
Gertrudes herdou o alazão manteúdo
Tomé herdou o rio e os porcos no cio
Abelardo herdou os antepassados
Marta herdou a arca e a pêndula do patriarca
Raimundo herdou a solidão do mundo
Afonso herdou o alpendre que dá para o Nascente
Tomaz herdou os impulsos tribais
Maria herdou a sesmaria e o cheiro de alfazema dos quartos
Apolinário herdou o quebrar da barra
Carlos herdou a fala e o jeito de brandir a bengala
Mário herdou o escapulário
Antônio herdou a mina e o baú dos mortos com naftalina
José herdou cem hectares de eternidade
Adalgisa herdou o crucifixo
Jandira herdou o arco-íris
Sebastião herdou as concubinas
Roberto herdou o resto.
Escrivão juramentado e autor deste testamento
só me coube o vento.

## Antropoesia

O homem é um bicho
que pensa que é homem?

O homem é uma fera
que às vezes tem faro?

O homem é uma larva
que lavra a palavra?

O homem é um arco
à procura da flecha?

O homem é uma idéia
que pensa que voa?

O homem é de índigo
ou argila que indaga?

O homem é de bronze
ou bactéria que sonha?

Se o homem soçobra
por que se interroga?

Se na busca se perde
por que tanta sede?

Se é de bronze ou de cobre
por quem os sinos dobram?

## Canção do Irmão

Alguém tem de celebrar a paz
pelos que pelejam
Alguém tem de assumir a infância
pelos que não sonham
Alguém tem de rezar um salmo
pelos que morreram
Alguém tem de gritar ao vento
pelos que se calam
Alguém tem de velar o morto
pelos que trabalham
Alguém tem de produzir orvalho
para os que semeiam
Alguém tem de tanger o sino
pelos que adormecem
Alguém tem de se vestir de negro
pelos que não voltam
Alguém tem de apascentar o gado
pelos que desertam
Alguém tem de contemplar a estrela
pelos que rastejam
Alguém tem de estender a mão
pelos que se humilham
Alguém tem de acender a vela
pelos que agonizam
Alguém tem de escrever um verso
pelos que não amam.

## Cemitério de Alexandrinos

Sei que os meus poemas são inúteis.
O coração responde ao mito.
Sei que a vida se alonga para além da cristalina aparência
das verdades codificadas.

Sei que a vida se enrosca no âmago de tudo
e é a isto que respondo com os meus versos inúteis.
A essa profundidade que se engendra diante dos meus olhos
como os andaimes de um edifício em chamas.

Sei que os mitos arderão – cadáver da simetria.
Sei que os meus versos morrerão comigo.
Casca apodrecida da última metamorfose num cemitério
de alexandrinos.

## Os Profetas

*À memória de Afonso Félix de Sousa*

Perfil de espanto ao ombro
(qual fogo que se alastra).
Perfil que erige o assombro,
de pilastra em pilastra.

Perfil de estranho lume
de que o mistério jorra.
Perfil achado incólume
às portas de Gomorra.

Perfil de doze faces
voltadas para dentro.
Perfil como uma flecha
rumo ao secreto centro.

Perfil de foice e alfanje
no rastro do paladino.
Perfil que assume o sangue
das chagas do divino.

Perfil de vento e areia
nos ombros desse lenho.
– Do ventre da baleia
ressuscitado venho.

Perfil varando o tempo
veloz da profecia.
Perfil de pedra esguia,
raptado pelo vento.

Perfil do abismo inteiro
no coração da rocha.
São sete labaredas
ardendo à nossa porta.

Perfil do Aleijadinho
sangrando nestes caibros.
São sete candelabros
boiando nesse vinho.

Perfil como se fosse
do arauto a face eleita.
Perfil como uma foice
guardada para a ceifa.

## Treva

A rápida treva
despenca da árvore
o lento mármore
esmaga a palavra.

O súbito vento
suspenso de aldravas
a líquida rosa
boiando na água.

A rápida treva
o lento mármore
os olhos do morto
despencam da árvore.

A rápida treva
na estrada longa
a existência breve
na infinita sombra.

## Canção da Pobreza Mutante

Muda de barraco
muda de favela
muda de subúrbio
muda de tristeza
muda de solidão
porém muda em vão.

Muda como o vento
muda como a nuvem
muda de tática
muda de técnica
muda de ilusão
porém muda em vão.

Muda de premissa
muda de promessa
muda de problema
muda de potassa
muda de patrão
porém muda em vão.

Muda de espelunca
muda de esperança
muda de bactéria
muda de batistério
muda de religião
porém muda em vão.

Muda de migalha
muda de mortalha
muda de maleta
muda de muleta
muda de barracão
porém muda em vão.

Muda de hábito
muda de álibi
muda de veneno
muda de vizinho
muda de munição
porém muda em vão.

## Verdade

A verdade é este
sussurro de lâminas
que ardem no peito
como se fossem chamas.

A verdade é esta
escultura breve
da rosa e da brisa
do seio e da pedra.

A verdade é este
pássaro de vidro
que faz o seu ninho
nos galhos da sílaba.

A verdade é este
gomo de metáfora
de que te alimentas
mas nunca te fartas.

## Filho Pródigo

Quem é que tosse
    na noite morta?
quem é que fala
    no quarto escuro?
quem é que sonha
    na cama de pedra?
quem é que espera
    pelo filho pródigo?

Quem é que escuta
    o clamor dos mendigos?
quem é que agoniza
    na sala deserta?
quem é que se lembra
    do punhal no seio?
quem é que acena
    para o filho pródigo?

Quem é que pranteia
    a velha dançarina?
quem é que consola
    o menino morto?

quem é que tange
o sino da aldeia?
quem é que chama
pelo filho pródigo?

Quem é que celebra
os frutos amargos?
quem é que recolhe
as ovelhas perdidas?
quem é que debulha
as espigas da insônia?
quem é que abre a porta
para o filho pródigo?

Quem é que se afoga
nos mares de Ulisses?
quem é que adivinha
os remos da nau?
quem é que anuncia
o frescor das romãs?
quem acende a candeia
para o filho pródigo?

Quem semeia o trigo
nos campos de Booz?
quem despe os mendigos
dos crepes da fúria?
quem volta de Gomorra
num cavalo negro?
quem clareia a estrada
para o filho pródigo?

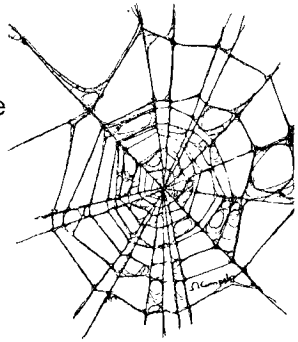
Quem nomeia o pássaro
degolado na aurora?
quem pastoreia a alma
e as feridas do homem?
quem vai ao deserto
à procura da flor?
quem decifra o enigma
para o filho pródigo?

## Soneto Digital

Sou da terra onde as aves de rapina
carregam madrugadas no esporão.
Onde as cabras são faunos que ruminam
talos de flor e os brolhos do verão.

Sou da terra onde as vacas deixam marcas
dos ubres sazonados nos outubros.
Memórias de equinócios desenhados
em todos os relevos das garupas.

Sou da terra que parte e que regressa
pelas estradas de silêncio e areia
dos dourados estios duradouros.



Sou da terra onde o mito reverdece
e a lenda das aranhas tece a teia
nos chifres mitológicos dos touros.

## As Velhinhas

No patamar da igrejinha
anoitece devagar.
Já começa a ladainha.
Ardem as velas no altar.

Tange o sino docemente
como jamais tocaria
convocando toda a gente
para o ofício de Maria.

Vão as avós com seus netos
ao santuário da aldeia.
Os longos vestidos pretos
desenham sombras na areia.

Pela nave sonolenta
passa um murmúrio veloz.
Lambuzadas de água benta
roçam por Deus as avós.

Rezam na igreja as velhinhas
etéreas, pálidas, calmas.
As avós e as andorinhas
são irmãs de nossas almas.

À igreja levam santinhos.
E às vezes param no adro
piscando os vivos olhinhos
a alguma velha comadre.

## Canção da Pêndula

Por quem bate este relógio
na parede desta sala?
Pelos fantasmas do engenho
pelos negros da senzala?

Por quem bate a horas mortas
tão lento e devagarinho
quando a noite das orgias
derrama o seu negro vinho?

Por quem geme noite a dentro
este espantalho de cedro?
Pelos veios que secaram
e já não brotam da pedra?

Pelas noivas que morreram
ou se afogaram nos rios?
Pelas velhas dançarinas
que não deixaram vestígios?

Por quem bate este relógio
com tal cadência e volúpia?
Pelo remorso das vestes
ensopadas de luxúria?

A quem dedica o seu pranto
seu amargo devaneio?
À que morreu de saudades
com sete adagas no seio?

Por quem tece este relógio
minutos de pergaminho
quando a noite das orgias
derrama o seu negro vinho?

## Televisão

Telemortos me visitam,
bóiam no prato de sopa.
Presságios de telemúsica
no pentagrama dos garfos.
Dos meus olhos telecínicos
saltam notícias da guerra,
do estupro, do assassinato.

Telemortos me visitam
com seus gorros de capim.
Maldito cheiro de pólvora
se espalha nas plataformas
volúveis da noite elétrica.
Telefomes fotogênicas
zombam do espelho e de mim.

Telemortos me visitam.
O universo desintegra-se
aos olhos do meu nariz.
Telemísseis jogam bombas
sobre aldeias asiáticas.
Telegramas, telegritos
fulminados pelo céu.

Telemortos me visitam
na penumbra do terraço.
Seus membros teleflutuam
no espaço teledisperso
da minha urbana aflição.
Me acenam, me dizem adeus.
Desligo a televisão.

## Lâmpada

Minha alma é uma lâmpada acesa
à porta de ninguém.
A noite avança como um cão.
A solidão é um demônio indômito.

Senta-te sozinho à mesa,
triste música dos pratos.
Os mortos em derredor te cospem.
Pela única janela aberta o abismo te sorri.

Senta-te sozinho à mesa.
O pão tem sabor de sangue.
Pela única janela aberta
o abismo estraçalha o teu nome.

## Mito de Sísifo

Não me queixo de Deus.
Sou o que fiz de mim.
As nuvens são negras ou azuis
porque minha ilusão as quis assim.

Não me queixo de Deus.
Seco-me aos ventos do desamparo.
Semeei caminhos e encruzilhadas.
O futuro é uma senda do homem.

Sísifo conduz uma pedra pelos declives do abismo
sem que o céu se importe com isso.
Também nós carregamos uma pedra,
acorrentados à liberdade.

## Fazendeiro

Fazendeiro não é quem
possui rebanhos de gado.
Fazendeiros os que tangem
o boi de volta ao passado.

Fazendeiro não é quem
acorda ao cantar do galo.
Mas o que adivinha o boi
pelo rumor do chocalho.

Fazendeiro não é quem
conhece o boi pelo berro.
Mas o que sabe que o boi
é o fantasma do bezerro.

Fazendeiro não é quem
rastreia os pastos da lenda.
Mas o que sonha que o boi
está de volta à fazenda.

Fazendeiro não é quem
descansa à sombra do boi.
Fazendeiros os que sabem
quanto o mugido lhes dói.

## Ateneu

No antigo casarão fica o Ateneu
São Bernardo. Fica a flauta dos tanques
e as costelas azuis das jitiranas.
E ficam meus desgostos de plebeu.

Mãe-Chiquinha e seus doces africanos.
Seu cachimbo de barro e o carretel
da memória azulada que subia
pela selva dos astros. Aeroplanos

nas tardes de papel. Sons de bigorna
trazidos por um vento taciturno.
Noite agora à sombra do tamarindo,

passam por nós sudários de veludo.
Dos lados da igreja matriz vem vindo
Monsenhor Vital sob um luar enorme.

## Soneto dos Elementos

Rumor de vento e águas acendidas
pelas asas das aves sobre o mar.
Asas que são adagas das antigas
com que a prole dos deuses quis brindar

o amor. Do ocaso à estrada que se alonga,
o outono vai maduro ao bulevar
em cada folha ou gesto que sazona
nas vides do teu corpo por ceifar.

Bêbado desse vinho, agora e ainda,
te oferto esse rumor de vento e água
vindo da foz da pedra carrancuda.

Rumor do que começa e já se finda.
Do que no peito é lume e já se apaga.
Do que parece eterno e já se muda.

## Soneto Malarmaico

Passas por mim roçando-te por fadas,
tão fêmea em flor, tão nuvem duradoura.
As aves do teu corpo, aveludadas
pelos verdes declives deste agora.

Quimera de pestanas alongadas
os negros hemisférios desta moça.
Quadris do teu cismar pelas estradas
que vão do anseio ao seio que se adoça.

Passas por mim roçando-te por elfos.
Ó pastora dos rebanhos do cio,
tu és a foz do meu secreto rio.

Ó predileta dos deuses esbeltos.
Passas por mim roçando-te por este
fauno do teu volúvel bracelete.

## Engenharia do Poema

Fazer o poema
é estar em conflito
com o sangue que corre
nas veias do mito.

É sair do corpo
e estar de permeio.
O punhal na bainha
do teu devaneio.

Fazer o poema
é estar na palavra.
Como a efígie do morto
na faca amolada.

Fazer o poema
é agarrar o agora
para pô-lo inteiro
dentro da metáfora.

## Panorama

Por cima da ponte
desaba a noite.
A sombra do bêbado
como uma foice.

Por cima da ponte
o abismo que espreita
os passos do homem
à espera da ceifa.

Por cima da ponte
os ossos dos pobres
rangem no esqueleto
das pilastras podres.

Por cima da ponte
pontifica o vento.
Por baixo da ponte
se dissolve o tempo.

Por cima da ponte
se vão os homens.
Por baixo da ponte
as águas emigram.

## Ária Primária

O vento ancorado
nos mastros do morto.
A seta do pássaro
nos olhos do potro.

O vento indomável
de escuma e salitre.
A flor de alfazema
na lapela do biltre.

O vento alongado
nas dobras do lago.
O sangue da aurora
na estirpe do galo.

O vento invencível
na límpida teia.
Nas crinas de Pégaso
a esfinge passeia.

A flecha do vento
trespassa-me a idéia.
O tempo é uma taça
para a última ceia.

## Confrontação

Esta necessidade de mentir
e de iludir as palavras.
Esta solidão que nos enternece com seu velho impudor
esta rua de claridades cínicas
e este silêncio meticuloso
estas pilastras de vento e areia
esta flor de sangue e fel na iminência da aurora
esta náusea de sermos comensais
este cio e esta ceia
este gonzo que range às portas de Gomorra
este arcanjo e este pássaro
este poeta assassinado
este brasão de sangue no peito do proscrito
este grito coagulado nas têmporas
esta canção apedrejada
esta fome de âncoras partidas
este nojo
e este reluzir de espadas dentro da noite sem pórticos.

## Olhos de Fera

A solidão me assassina
o medo me dilacera.
Os olhos dessa menina
me enxergam dentro do escuro
como se fossem de fera.

Olhos negros de chacina
pestanas de primavera.
Os olhos dessa menina
são garras que me envenenam
como se fossem de fera.

Os olhos dessa menina
do ouro que se minera.
Com que raiva repentina
passeiam sobre o meu corpo
como se fossem de fera.

A solidão me assassina
essa indomável pantera.
Os olhos dessa menina
me acertam dardos de fogo
como se fossem de fera.

## Paráfrase de Fernando Pessoa

O poeta é um fingidor
como o espelho em que se mira.
Finge que a dor é indolor,
finge que a esfinge é mentira.

O poeta finge o que sente
e o que não sente também.
Chora, e a lágrima aparente
molha um rosto que não tem.

Mas, quando o poeta finge,
seu fingir é tão cabal
que o próprio mito se tinge
de uma aparência real.

Finge que o tempo não passa,
finge que o negro é vermelho.
E que as rugas que há na face
são devaneios do espelho.

E assim fingindo, o poeta,
com razão ou sem razão,
vai costurando a secreta
mortalha do coração.

## Canção da Liberdade

A bela ninfa dos bosques
o feio e horrendo gnomo
o vento na encruzilhada
repetem o teu nome.

O pássaro agoureiro
em meio à noturna sombra
as árvores decapitadas
repetem o teu nome.

A água que flui das pedras
por sobre a colina insone
a flauta do andarilho
repetem o teu nome.

O vivo que será morto
o morto que já foi homem
os pendões das lavouras
repetem o teu nome.

As aves que vão dormir
sobre os penhascos sem dono
os pescadores da aldeia
repetem o teu nome.

O balir das ovelhas
o sussurro do monge
o zumbido das colméias
repetem o teu nome.

A bengala de Carlitos
o sax de Armstrong
as águas do Mississipi
repetem o teu nome.

A vaga que vem de perto
a vaga que vem de longe
os marujos e amarantos
repetem o teu nome.

A nuvem de cauda eqüestre
que bebe a água da fonte
as aves de arribação
repetem o teu nome.

O arcanjo ensangüentado
que não foi visto em Sodoma
as feras do apocalipse
repetem o teu nome.

As torres das catedrais
e seus badalos de bronze
os humildes campanários
repetem o teu nome.

Os cardumes de alevinos
as moças de Trebizonda
os navios ancorados
repetem o teu nome.

O fantasma das falésias
as gaivotas no horizonte
os lagartos apressados
repetem o teu nome.

Os caninos da serpente
enroscados na paloma
os galos vindos da alba
repetem o teu nome.

Donzelas de Santiago
bandolins de Tarragona
Pablo e Lorca em Nova Iorque
repetem o teu nome.

O lábio que troca o seio
pelas vertigens do sono
os apelos do afogado
repetem o teu nome.

Os ventos de negra crina
que galopam sobre as ondas
as brisas da madrugada
repetem o teu nome.

A aranha que tece a teia
o seio que se arredonda
os velhos e os namorados
repetem o teu nome.

A fumaça das choupanas
os muros sábios de Roma
as longas águas do Nilo
repetem o teu nome.

O pastor que tange as cabras
pelas encostas do monte.
Os mares e as alimárias
repetem o teu nome.

As lavouras sazonadas
do teu corpo e do meu sonho.
Os silêncios sem memória
repetem o teu nome.

## Mosaicos Eróticos

### I

Tudo é breve e límpido no amor.
Tudo se ilumina quando
a ceia da carne celebra o instinto.
Tudo se cala quando
o corpo, liberto dos extremos,
começa o seu bailado
de gestos e de acenos.

### II

O amor é uma alvorada
de girassóis. Uma
chama que gorjeia no corpo
de quem ama. Uma rosa
que se masturba no caule.
Fímbria que se dobra ao duro
cristal do cio da cobra.

### III

O amor é o sexto sentido
do corpo. O vértice da rosa
e do seu fanal. Pedra de
amolar a fúria do punhal.
O mito que jorra da cicatriz de
veludo que nos tem
seduzido desde o dilúvio.

### IV

O amor é um rio a caminho
da foz. Uma pedra voltada
para as retinas da alba.
Vestígio de fogo na alma
do homem. Uma ferida aberta
no abdômen. Um pássaro
seduzido pelos olhos das naus.

## V

O amor é uma viagem pelas
rotas do corpo e da vertigem.
Uma diáspora pelos declives
do êxtase, os prados da sensualidade
e da quietude. Uma viagem
às portas de Tebas, onde Anfion
nos ressuscita com sua flauta.

## VI

O amor é um campo semeado
de pólen. Uma nau de espuma
e linho ancorada na volúpia
do faraó. Uma égua
no cio, entre as raízes da água
e as fogueiras do rio.

## VII

O amor é um elo da grande
cadeia que liga as galáxias
ao ventre da baleia. A asa partida
da ânfora. O ópio da insônia.
O visgo da âncora. Fonte
que nunca se exaure.
Rosa que se masturba no caule.

## VII

O amor é a rosa do pântano.
A túnica dourada do arauto.
A fímbria de espuma das horas.
O luar de salitre. A harpa
dos anjos que pranteiam os sapatos
das dançarinas mortas.

## IX

Tudo é breve e límpido no amor.
Reminiscências de gestos
dilacerados. Tudo repousa
nos meridianos do êxtase.
Tudo nos convida para
o banquete da síntese.

# Rosa dos Eventos

*Elípses e metáforas enriquecem os textos.*
FÁBIO LUCAS

## Doação

Meu verso inteiro
é para os que foram
expulsos do sonho.

Os que arrastaram
os tamancos da agonia
pelas estradas da paz.

Os que abriram uma fenda
de sangue e palavras
no cimento da noite.

Os que plantaram
a rosa da esperança
na caliça da ira.

Os que em vão esperaram
pelo roçar da asa
de areia do sigilo.

Os que despencaram
inteiros da vida
e foram inscritos na lápide.

Meu verso inteiro
é para os que deixaram
a liberdade intacta.

Os que abandonaram
a velha concha
por uma pele nova.

## Poema da Vontade Perdida

As portas estão abertas
mas ninguém decide
as naves estão vazias
mas ninguém entra
o verso está sazonado
mas ninguém canta
os campos estão molhados
mas ninguém semeia
os ventos estão soprando

mas ninguém navega
a bússola está no rumo
mas ninguém regressa
a noite está calada
mas ninguém dorme
o trigo está maduro
mas ninguém ceifa
os muros estão rachados
mas ninguém nos ouve
os barcos estão boiando
mas ninguém veleja
a palavra está na lauda
mas ninguém entende
as máquinas estão matando
mas ninguém protesta
os enigmas estão na mesa
mas ninguém decifra
as rosas estão abrindo
mas ninguém repara
os mortos repetem a lenda
mas ninguém se lembra
é hora da ceia farta
mas ninguém reparte
os corpos estão na cama
mas ninguém ama.

## Tanatologia

Quero aprender a morte
como se aprende cada metamorfose
do arco-íris.

Quero aprender a alvenaria
da morte e os brancos espaços
da simetria.

Quero aprender a morte
como se aprende cada tijolo
de uma parede.

Como se aprende a argamassa
de um pássaro ancorado
na aurora.

Quero aprender a morte
como o gato aprende no escuro
a geometria do salto.

Quero aprender a morte
como se aprende a marca da faca
na carne.

Como se aprende o equinócio
esculpido na porta
quero aprender a morte.

## Festa

A vida é um fogo que se
alastra pelo corpo
a vida é um pégaso fogoso.

A vida é um réptil que se enrosca
até na alma. A vida é como
um lêvedo que embebeda.

A vida é um vinho que se evapora.
Faca amolada que estanca
o sangue da própria lâmina.

A vida é um salto no escuro.
Mergulho no fundo do poço.
Uma festa para poucos convidados.

## Corpo Arcaico do Dia

O sangue ardente do dia
goteja na estrada límpida.
O vento, chama invisível
clareia a memória finda.

Corpo tecido de folhas
boiando sobre a alameda.
As águas deste crepúsculo
de nuvens antepassadas.

Corpo de encarnadas veias
mito de cabelos brancos.
O corpo arcaico do dia
cercado de pirilampos.

Corpo de pedra e gume
polido pelas adagas.
O dia é um cavalo branco
de crinas extraviadas.

## Episódio

Abel era pastor de ovelhas e de cabras.
Abel podava os cachos maduros
e os brolhos das vinhas.

Abel recolhia os frutos da terra
na estação exata. Abel
pacificava os rebanhos com a sua flauta.

Abel pensava as feridas
dos cabritos tresmalhados.
Abel amassava as uvas no lagar.

Abel era o pólen das abelhas
operárias. Abel carregava
a ração de feno das alimárias.

Abel desbastava as achas de cedro
para a lareira. Abel respirava
o odor de resina das labaredas.

Abel azeitava a moenda de pedra
de moer o trigo. Abel
apascentava os caminhos do inimigo.

Abel podava os cachos das amargas
vinhas do destino. Um anjo
pálido abaixou as pestanas desse menino.

## As Curvas de Eros

De repente nos damos conta
de que o rosto
foi comido pela solidão
fera insaciável.
De repente nos debruçamos
sobre o adeus
e os caminhos da infância extraviada.
De repente um desejo
ladra em vão
às matilhas da lenta madureza.
De repente mastigamos
palavras amargas
palavras cujo sumo foi espremido
pelos dedos da morte.

De repente voltamos a acender o fogo
azulado do mito.
De repente a mentira
põe os seus ovos de ouro em nossa algibeira.
De repente o coração
é uma serpente enroscada nas curvas de Eros.
De repente o sexo
é uma palavra sem nexo.

## Discurso da Imagem

O gato em cima do muro
segue os astros em diáspora.
Flecha de insônias azuis
varando o tempo e a metáfora.

O gato em cima do muro
sangra de novo a ferida
de tanto sonho esmagado
pelos balaços da vida.

O gato em cima do muro
dispara as molas do ócio.
Num salto de sangue e orvalho
come as plumas do equinócio.

O gato em cima do muro
semeia o ardil que me ofusca.
O gato desfaz a trama
que nos separa da busca.

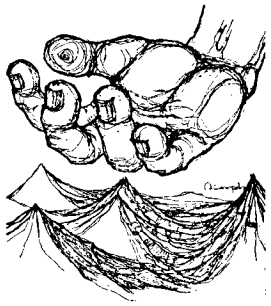
O gato em cima do muro
salta de dentro da cauda
sobre o mistério enrolado
como se fosse uma lauda.

O gato em cima do muro
imagem curva da foice
que há de ceifar as estrelas
esses pêssegos da noite.

## Mão Solidão

Pensa na mão que alça vôo
para fazer o seu ninho
nos galhos da síntese.

Pensa na mão que acende a candeia
para o arcanjo extraviado
nas alamedas de Gomorra.



Pensa na mão que desenha
os labirintos da morte
e os artefatos do adeus.

Pensa na mão de gestos barrocos
que modela a argila do seio
e profere a sentença.

Pensa na mão que irriga a messe
do corpo e na geometria
de seus gomos de pêssegos.

Pensa na mão que decifra o mistério
do mundo e depois se recolhe
a uma concha de areia.

Pensa na mão que semeia
que amola o gume da faca
e oferta o vinho da ceia.

Pensa nas migalhas de pão
que se desprendem
dos cinco dédalos da mão.

## Megalomania

Em cada esquina do tempo
em cada esquina do mundo
encontro a marca de um deus.

Onde estão os humilhados
e os que arrastaram a placenta
do sonho pelas sarjetas?

Onde estão os adúlteros
que morreram de remorso
como se morre de úlcera?

Onde estão os que rastejam
os relapsos e os desamados
os traídos e os covardes?

Onde estão os biltres e os cáftens?
onde achar um rosto humano
com a cicatriz do pecado?

Onde estão os que se venderam
por menos de trinta dinheiros?
os que não dormem sem pesadelos?

Onde estão os que se afogaram
nas águas turvas do incesto?
os banidos da ceia do sexo?

Onde estão os que foram expulsos
do banquete, os que rastejam
na hora do vômito?

Em cada esquina do tempo
em cada esquina do mundo
encontro a marca de um deus.

## O Tempo

O tempo é o homem
com seu fardo de assombro
e de remorsos
nas cinco chagas do ombro.

O tempo é minha voz
que se evapora
em trigo e flor
sobre a cabeça dos humilhados.

O tempo é um centauro
que nos cavalga.
A efígie do morto desenhada
com sangue na lauda.

O tempo sou eu.
Cada um dos meus gestos
atirados na rampa
de lixo dos objetos.

## Poema da Identidade

Procuro em vão
meu rosto em pedaços
na escória do asfalto.

Rosto de homem marcado
pela efígie do medo
e a cicatriz do pecado.

Rosto em desvario
levado pela correnteza
das águas do rio.

Rosto dividido
pelas sete memórias
do menino perdido.

Rosto submerso
do morto acorrentado
às âncoras do verso.

Rosto de dedo em riste
rosto indecifrado
de Apolo Trimegisto.

Rosto de negra estirpe
devorado pelas
serpentes do apocalipse.

## Vida

A vida, esse réptil
de espinhaço veloz
que arrasta pelo céu
a vértebra indomada.

A vida, essa potranca
de estirpe grega
que anda a galope
nos prados da treva.

Essa loba parida
que amamenta as crias
com o leite ácido
de suas orgias.

A vida, essa fera
de dentes afiados.
Essa doida quadriga
de velozes cavalos.

Essa vertente obscura
que jorra do corpo
e o leva de volta
para junto dos mortos.

## Notícia do Boi

O boi pasta a palavra
seu salitre e memória.
Pasta o fantasma do homem
que o decifra e devora.

Às vezes anda o boi
pastando o próprio chifre.
Às vezes pasta o berro
e os ossos dos cabritos.

Às vezes pasta o arcano
do corpo do seu dono.
Às vezes pasta o vento
e a ramagem da insônia.

O boi sempre regressa
ao tempo do curtume.
Rumina o que é do homem
e o que o homem presume.

O boi pasta a memória
do homem que o apascenta.
Às vezes pasta o enigma
que o segue noite adentro.

O boi pasta o equinócio
antes do quebrar da barra.
Às vezes pasta o aboio
que o apunhala na várzea.

O boi anda boiando
na infância dos bezerros.
(Garupa cravejada
de pirilampos negros).

O boi pasta o arco-íris
impresso na garupa.
Às vezes bebe a morte
num copo de cicuta.

O boi pasta o galope
e as crinas do centauro.
Pasta os nossos remorsos
e as contas do rosário.

## Os Cabritos

Corre na areia o sangue dos cabritos.
Os olhos pastoris, olhos cordatos,
guardam visões de campos infinitos.
Bosques azuis, verdes anonimatos.

Os chifres dos cabritos são vertentes,
signos tribais de antigos artefatos.
As vísceras são lépidas serpentes
face ao festim famélico dos gatos.

No altar do rito a pele repelente
assume outra existência sucessiva
de cabritos que morrem sem mamar.

Os olhos dessa escória reluzente
a nos fitar, pupila corrosiva,
do fundo tenebroso do alguidar.

## Vaca Mecânica

Não pastas capim
de chuva e relâmpago
te alimentas de fogo
vaca mecânica.

Cadê teu bezerro?
cadê teu chocalho?
tua anca e tua âncora
vaca mecânica?

E a cauda enluarada
de esperma e distância?
cadê teu mistério
vaca mecânica?

E o mugido hibernal
que sai das entranhas?
cadê teu cincerro
vaca mecânica?

Teu ubre inoxidável
tem mamilos atômicos.
Cadê tua placenta
vaca mecânica?

Ruminas as nossas
fomes atávicas.
Ruminas o cântico
vaca mecânica.

Ruminas o espaço
da matéria quântica.
Os ventos e eventos
vaca mecânica.

Não vens do cerrado
não vens do arco-íris.
Vens de um mundo em pânico
vaca mecânica.

## Perde o Teu Olho

Perde o mapa da mina
perde o caminho de volta
perde a memória
perde o paladar
perde o teu olho
mas não perde a tua liberdade.

Perde a namorada
perde o trem das oito
perde a paciência
perde o rubi da gravata
perde o teu olho
mas não perde a tua liberdade.

Perde o encontro marcado
perde a esperança
perde a simetria
perde o lugar da botija
perde o teu olho
mas não perde a tua liberdade.

Perde o rascunho do poema
perde a pauta de música
perde a promissória
perde o vício do amor
perde o teu olho
mas não perde a tua liberdade.

Perde a herança do morto
perde o rastro do gado
perde a rota da bússola
perde a alma no jogo
perde o teu olho
mas não perde a tua liberdade.

## Avarento

O que é do avarento
é da chuva
é do raio
é da água
é do vento
é do fogo.

O que é do avarento
é da traça
é do verme
é da formiga
é do caruncho
é da intriga.

O que é do avarento
é da ferrugem
é do cupim
é da tempestade
é da nuvem
é da maresia.

O que é do avarento
é do inseto
é do pássaro
é da foice
é da alimária
é da noite.

O que é do espantalho
é do orvalho
o que é do mamute
é do abutre
o que é do avarento
é do vento.

## Pastora

Vai a pastora pelos campos, sem
saber que amor costuma apascentar
ilusões. Vai florindo o seu andar
e em pastagens de olvido se detém.

Seu ritmo lembra o ritmo pendular
da vaga que se alteia com desdém.
Andar que ondeia, argila que sustém
arcadas desse arcano milenar.

Pastora que em silêncio pastoreias
crias do teu redil. Tu vens de antanho
regar o amor às portas das aldeias.

Fosse eu, pastora, aquela ovelha incauta
esquecida do tempo e do rebanho
só para arder ao fogo dessa flauta.

## Lobos & Homens

Dizem que os lobos uivam
quando estão no cio
ou quando o sangue da lua desenha
no céu sua caligrafia
de presságios.

Dizem que em noites de vento
e de chuva, os lobos uivam pelos
mortos e os pastoreiam
nas encruzilhadas.

Dizem que os lobos sentem
o odor das fêmeas e são seduzidos
pelo cheiro de volúpia e mel
que elas semeiam pelos caminhos.
– Só não dizem que os homens
também uivam quando amam.

## Boi de Argila

O boi de argila não pasta
a relva nem bebe o rio.

Rumina o vento que ruge
à noite nos descampados.

O boi adivinha o cio
das novilhas no pastoreio.

Sonha com o sangue dos bois
expostos em nossa mesa.

## Desenho Erótico

Seios de pedra-sabão
na concha da minha mão.

Seios de terracota
(o pêssego e a compota).

Seios de finos gumes
comidos pelos cardumes.

Seios de faiança e limo
voam quando me aproximo.

Seios que arrulham, veios
que desferem gorjeios.

Seios de estames esguios
decepados pelos rios.

# Quadrante Solar

*Pela simples razão de que só nos*
*podemos exprimir em prosa ou em verso.*
MOLIÈRE (O BURGUÊS FIDALGO)

## Sonata Urbana

É hora de mergulhar
nas águas turvas do sono.

Hora de arar a lascívia
seios de pestanas longas.

O fantasma do teu corpo
rente à volúpia da noite.

Teu corpo sombra arquejante
enjaulado no episódio.

Teu corpo arcaico de réptil
a alma só pede sono.

Teu corpo sendo arrastado
pela escória colorida

de outros corpos que celebram
os negros ritos do asfalto.

Teu corpo chega do espaço
expulso do arranha-céu.

Chega da gangrena atômica
trazida na correnteza

da multidão sem memória.
Teu corpo à espera do assomo

mas tua alma pede sono.
Sono igual ao da montanha.

Teu corpo em rotação, quase
devorado pelo acaso.

É hora de mergulhar
nas águas limpas do mito.

Hora em que o teu olho adunco
cavalga o onagro do anúncio.

O depilador elétrico
zumbe nas pernas da moça.

O sonho, expulso da órbita
finda no prato de sopa.

Finda às bordas do teu corpo
feito bagaço da morte.

Finda às fímbrias do sarcasmo
que se enrosca nas palavras.

Finda na insígnia bastarda
do teu perfil de anasarca.

Finda nos olhos de índigo
nas retinas do jazigo.

Teu corpo refaz a ode
com o cimento do episódio.

Só tua alma pede insônia.
Negra igual à da montanha.

## Sinos de Minas

Sinos de Vila Rica
Sinos de bronze de lei
Sinos de Sabará
Sinos de São João del-Rei.

Sinos da Igreja Matriz
da Senhora do Pilar.
Sinos de Santa Luzia
cansados de repicar.

Tardos sinos de Congonhas
que tangeis tão de mansinho
(na Igreja do Bom Jesus)
por alma do Aleijadinho.

Sinos da Igreja do Carmo
magoados sinos de Minas
Sinos de todas as almas
Sinos de toda as sinas.

Sinos dos doze Profetas
Sinos de pedra-sabão.
Sinos que levais os mortos
pelos Passos da Paixão.

Maduros sinos de Minas
dai a beber vosso vinho
à alma destas montanhas
à alma do Aleijadinho.

## Verdade

Minha verdade é um punhado
de sonhos extraviados.

Minha verdade são os mortos
que pelejam contra mim.

São as palavras e as marcas
da emboscada nos espelhos.

Minha verdade é este sangue
da noite desmoronada.

Minha verdade é a memória
do meu remorso bastardo.

Minha verdade é a engrenagem
do tempo que nos rumina.

Minha verdade é esta insônia
que me atravessa a retina

como uma flecha de areia
que abrisse a carne da rima.

Minha verdade, esta aflita
ronda do corpo e da alma.

É saber que o passarim
come as plumas do Arlequim.

## Relógio de Parede

Súbito as horas dardejam
como se fossem de palha.
Restos sangrentos da ceifa
sobre o esqueleto da sala.

Uma bússola de barro
no coração da engrenagem
marca a distância e o compasso
da solitária viagem.

Os dançarinos da insônia
saltam no espaço de feltro.
Faunos em noturna ronda
ao redor do tempo neutro.

São como pássaros cegos
caídos de alguma torre.
Passadas de arauto negro
que arrasta seu manto enorme.

Ouço os passos do fantasma
sangrando na escadaria.
O morto recobra a fala
e as vozes da profecia.

Recorda o brilho palustre
que se alastra na calvície.
A morte não cessa nunca
de bater pregos no esquife.

Um pastor de capa negra
toca a mais doce das flautas.
As velas estão acesas
na tumba dos patriarcas.

## Cabrito Morto

No olhar azulado
do cabrito morto
a saudade dos campos verdes.

Na boca alucinada
do cabrito morto
a ruminação do vento e da estrela.

Nas orelhas decepadas
do cabrito morto
a palpitação dos dias sazonados.

Nas pernas petrificadas
do cabrito morto
as fulgurações do salto de cristal.

Nas retinas apagadas
do cabrito morto
os regatos apressados como répteis.

No coração estagnado
do cabrito morto
o balido azul da flauta do pastor.

## Os Mortos Assépticos

Somos os mortos limpos
os mortos assépticos
os mortos esterilizados
os mortos bem mortos.

Somos os mortos limpos
da nova era atômica
os mortos sem remorsos
os mortos bem mortos.

Somos os mortos limpos
os mortos abstratos
os mortos sem memória
os mortos bem mortos.

Somos os mortos limpos
de um velório orbital
os mortos supersônicos
os mortos bem mortos.

Somos os mortos cínicos
os mortos incógnitos
os mortos sem passaporte.
Os mortos bem mortos.

## Sobrado

Este sobrado de pedra
mistério, silêncio e argila
deve ter os seus fantasmas.
Senão não seria antigo.

Deve ter prata enterrada
nas cinzas de algum litígio.
Deve ter limo na escada.
Senão não seria antigo.

Deve ter ouro de lei
portas com traves de angico.
Deve ter brasões do império.
Senão não seria antigo.

Deve ter gonzos de cobre
armas de grosso calibre.
Deve ter anjos nos caibros.
Senão não seria antigo.

Deve ter cupim no sótão
algum segredo escondido.
Deve ter vigas de cedro.
Senão não seria antigo.

Deve ter lendas de moças
que morreram de feitiço.
Deve ter alma penada.
Senão não seria antigo.

Deve ter quarto fechado
com as marcas do suicídio
no reboco das paredes.
Senão não seria antigo.

Deve ter chaves secretas
e compoteiras de vidro.
Deve ter ouro nas fendas.
Senão não seria antigo.

Deve ter barro na lenda
ferro na argila do mito.
Deve ter gonzos de bronze.
Senão não seria antigo.

## Sinal

De onde estou, vejo o sinal
de fogo e arcanjos no céu.
Será a estrela mais alta?
a rosa do Santo Graal?
Vou domar o impulso ardente
de mergulhar na vertigem
do purgatório orbital.
Minha ira é um vinho verde
feito de uva abissal
meu corpo está seco e árido
como a ponta de um punhal.

Quem nos redime do fogo
que acende o próprio cristal?
Vestígios de eternidade
na escória do pedestal.
Vou partir para o arco-íris
nas asas do Santo Graal.

## Urubu

Em negro assomo
no tempo azul
a sombra exata
deste urubu.

Sombra tão leve
que se insinua
na carne imóvel
da própria lua.

Sombra tão longa
que nos abarca
como se fosse
foice da parca.

O espúrio espectro
deste urubu
ronda o esqueleto
de um boi zebu.

Nuvem de negro
na aurora turva.
A sombra calva
do corvo é curva.

## Testamento

A casa e o fogo
a floresta e a brenha
a lenda e a lenha.

A casa e o alpendre
o fogo e o artefato
o desejo e o rapto.

A casa e o sigilo
o portal e a potranca
a infância e a faiança.

A casa e a varanda
o sortilégio e a rede
o sussurro e a parede.

A casa e o fantasma
a cisterna e a balança
a âncora e a anca.

O fogo e a palavra
o mistério e a polenta
a eternidade e o vento.

## Barro

O barro é a palavra
que te devolve a inocência perdida
o teu passaporte para a criatura.
O teu modo de dizer o que as pessoas
não te disseram nunca.

O barro é a matéria do teu canto
o ouro de tua botija
o amálgama de tua cárie
o salário do teu anonimato
teu sortilégio e tua perdição.

O barro é teu sangue coagulado que teima em protestar
o teu mistério se consumindo
o teu sapato estraçalhado na diáspora
o teu chapéu de luto
a tua solidão de olhos fitos na vida.

## Variações Sobre a Rede de Dor/Mir

Rede que soluça
por tudo o que ama
rede que se lava
por toda a semana.

Vinho que transborda
da taça mais fina.
Esta rede que se enlaça
nas curvas da menina.

Rede para o mormaço
dos seios de renda.
Rede que se enrosca
nas teias da lenda.

2.

O vento balança
o morto na rede.
Balança o balaço
que lhe dói no peito.

Balança o defunto
guardado na rede.
Balança a escritura
das terras do eito.

O vento balança
as dobras da rede
em que foi enterrado
Virgulino Ferreira.

3.

Rede de olhos negros
e de ruivas pestanas
rede que se lava
todas as semanas.

Rede que se enreda
nos anéis da trança
rede que requebra
quando se levanta.

Rede que se agita
no armador de ferro.
De que fala essa rede
em seu ranger eterno?

## Telejornal

Um míssil corta o assombro
dos anjos a cavalo.
Corta a luminosa
metade do centauro.

Uma bomba explodiu
numa aldeia asiática.
Vozes ensangüentadas
relampejam no céu.

Sinto cheiro de pólvora.
Maldito cheiro da morte.
Sinto medo ao protesto
dos defuntos atômicos.

Um míssil corta a nuvem
com seu fulgor maligno.
Os anjos pegam fogo
besta do apocalipse.

## VIII

Hora azul para o gado que se deita
a ruminar insônias de capim.
Aldebarã parece que foi feita
de uma brancura antiga de marfim.

Na tarde carregada pelas aves
a face do ancestral passou por mim.
Na cova, em vez de flor, restam saudades
e os ossos medievais de um bandolim.

Veio de outrora o linho dessa teia.
O dedal que teceu corpo e memória
teceu também a oculta simetria

do que em mim foi razão e foi idéia.
Hora azul para as crinas desse instante
em que me agarro ao tempo ruminante.

## Rastros do Vento

O vento deixa rastros
na espuma da utopia.
Desmantela as paredes
de antiga alvenaria.

Imprime em cada objeto
a memória dum frêmito.
Um som que vem do âmago
da música dum pêndulo.

Seus aromas recordam
coisas de um tempo findo.
O vento acorda os mortos
de bigodes de limo.

Ergue as vestes de linho
das moças na varanda.
(O pássaro dos seios
entre bordados canta).

O vento é uma esfinge
de movimentos claros.
Um deus que pastoreia
a infância dos centauros.

## Potranca

A madrugada é uma
potranca de olhos verdes.
Seus cascos de alumínio
ressoam nas paredes

de pedra, espuma e limo.
Persegue algum centauro
gerado pelos deuses
em vulvas de topázio.

Potranca que semeia
revérberos nos vales.
O pólen da lascívia
que seduz os cavalos.

O som das cavalgadas
repercute nas brenhas.
Vai pastar madressilvas
nas encostas das lendas.

A madrugada é uma
centelha das escarpas.
Garupa de potranca
raptada pelas harpas.

## Regicídio

No céu dardejam estrelas
canibais. Noite ainda.
Nas tumbas de Cartago
brotam lírios de cinza.

Tróia escuta o som dos
cavalos da quadriga
do rei. Morte e emboscada
nos esgotos da intriga.

Corvos já se aproximam
do corpo do monarca.
Já lhe arrancam as órbitas,
insígnias de ouro e prata.

Brasões da realeza
rastejam nos terraços
das ágoras. Os corvos
abrem os longos braços

para abraçar a noite.
Mas a noite se esgueira
e a lascívia do abutre
pousa numa caveira.

## Abutre

Sussurros de asas negras.
Asas letais de abutre
pousadas no esqueleto
ou nos galhos de um lustre.

A noite se aprofunda
no mar. E o mar se nutre
das chamas dos cardumes
comidos pelo abutre.

Dobra um sino na aldeia.
Um silêncio palustre
escorre das entranhas
e das plumas do abutre.

Uma torre de cinza
(uma esfinge de luto)
desfere contra o céu
centelhas de volúpia.

Asas de sangue de
algum demônio. Asas
decapitadas pelas
dançarinas do oásis.

## X

Flor de paul, insigne cicatriz
regada pela baba dos anuros.
O alfanje azul destes cruéis perfis
de princesas e os verdes caramujos

sob as patas da estátua sem nariz.
E a linfa desses veios prematuros
a escorrer do meu corpo e da raiz
destas pedras propícias, destes muros

de musgo e vento. E esta alvejante ossada
do arcanjo de semblante duradouro
que de Gomorra veio pela estrada

da fonte a arder na pedra soterrada.
Tumba de Inês mudada em miradouro
de amor, que é meu tormento e meu tesouro.

# Cristo Exposto

*À memória do Prof. Emanuel Arrais*

Esse Cristo magro
esse Cristo exposto
esse Cristo roxo.

Esse Cristo único
esse Cristo sangra
pelas cinco chagas.

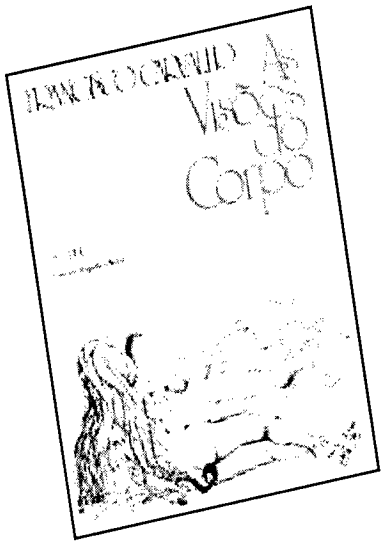
Esse Cristo expulso
teve os pés ungidos
pelo odor do bálsamo.

Esse Cristo errante
esse Cristo pródigo
muda água em vinho.

Esse Cristo exorta
esse Cristo é chama
que incendeia a morte.

Esse Cristo agônico
esse Cristo é o vértice
do espaço e do tempo.

Esse Cristo tríplice.
Esse Cristo é a senha
para a vida eterna.




# As Visões do Corpo

*Esse doce licor, que não sacia,*
*Eu cantara, leitor, se desse ensejo*
*Uma parte da página, ainda vazia.*
DANTE (PURGATÓRIO, XXXIII)

## Chuva

A chuva me restitui a infância perdida
na correnteza dos dias.
o anjo que me visitava à hora de dormir
os corpos desenhados pela respiração dos lençóis
o amor, cristal de profundezas dilaceradas
a paisagem ressuscitada pela ruminação dos animais
o pólen das borboletas de asas de vidro
a terra e seu coração de espigas sazonadas
a nudez fortificada como uma porta de cedro
o sangue e a fala dos antepassados.
A chuva me restitui os passos do morto
e a incessante memória.

## Eternidade

De onde estás, escutas o latido
da loba sonolenta. A espera aflita
do corpo se desfaz como um vestido
de cinza. Mas a eternidade fica

entranhada na membrana dos teus
olhos. Fica uivando a loba feroz
sob as pregas da túnica de Deus
costurada pela noite veloz.

De onde estás a cadela te governa
com seu hálito de fogo e de húmus.
Os dias passam pela roda eterna
dos astros pendurados nos seus rumos.

## Os acontecimentos

Não basta fitar de perto os acontecimentos
olho dentro do olho
não basta estar acordado e escutar
a cada segundo o incessante gotejar dos fatos.
Os acontecimentos se misturam
à simetria da casa
e ficam boiando na carne translúcida dos espelhos.

Chega um instante em que os acontecimentos desabam
poeira invisível
sobre os teus cabelos.
Um momento em que os fatos
governam teu destino e teu sexo
tua alma, tua voz, tua sombra, tua memória
e até o balir dos teus passos dentro da noite.

Chega um momento em que os olhos
passeiam sobre os espinhos
da insônia e do teu corpo
em decúbito dorsal.

Chega um momento em que trocas
de roupa e não percebes
que os acontecimentos se alastram na epiderme.
Um momento em que desistes de viver.
E o que restou de ti
se reduz a poeira e notícia de jornal.

## Poema da Expectativa

Escuto a respiração dos viventes
da terra. O zumbido das estações
e o cântico soterrado das espigas.

Escuto a chuva de tornozelos de prata
pisando os insetos e celebrando
as núpcias dos charcos.

Escuto os meus passos chegados
de outrora. Meus passos de réptil banido
da memória pelas hordas do sangue.

Sou agora um estranho à escuta
do vento de negra túnica
que arranca os ferrolhos das portas.

## Crepúsculo

O Ser como um caule
na tarde madura.
Solidão da árvore
que o mistério aduba.

O Ser como um fogo
que se derrama
nas bordas do enigma.
Ressuscitada chama.

Na tarde evaporada
o Ser se confrange.
O silêncio e a palavra
são vozes da pedra.

A dança do crepúsculo
nas severas copas
das árvores em êxtase.
Tenebrosas portas

do Ser: cerne da alma.
Viçosa plenitude
da memória. Árvore
que o mistério aduba.

## Ouro de Lei

As penas da pomba
as garras do castiçal
o esplendor do paráclito:
– tudo em ouro de lei.

Os olhos dos anjos
os cabelos dos anjos
as nádegas dos anjos:
– tudo em ouro de lei.

O púlpito de cedro
as laudas da Escritura
a palavra de Deus:
– tudo em ouro de lei.

O incenso dos hinos
as altas abóbadas
as vertigens do gótico:
– tudo em ouro de lei.

A túnica do orago
as barbas do profeta
a solidão e a música:
– tudo em ouro de lei.

A eternidade e o vento
a paloma e a penumbra
a espada e o espaldar:
– tudo em ouro de lei.

O pergaminho e a lâmpada
os sussurros da nave
e as súplicas da grei:
– tudo em ouro de lei.

## Grandes Homens

Os grandes homens já não existem.
Os grandes homens se dispersaram como fumaça
levados pelo vento.
Os grandes homens morreram de solidão
ou de remorso.

Os grandes homens já não existem.
Só existem as barbas de raízes judaicas
sob a película azulada das fotografias.
Os grandes homens foram dormir
e não acordaram nunca.
Os grandes homens foram pulverizados
pela bomba atômica
ou foram dissolvidos pela chuva orbital.
Os grandes homens se perderam
nas ruas ensangüentadas das megalópoles.

Os grandes homens foram pescar a eternidade
com seus anzóis de cristal.

## Conjugação do Tempo

O tempo é este invento
a que me agarro
com as mãos ensangüentadas
de lágrima e vento.
O tempo é este pássaro iminente.

O tempo é isto
que me escapa e me converte
em pedra e grito
eternidade, solidão e escória.
Cinzas da luxúria e do mito.

O tempo é este punhal de aço
que me assassina
esporão envenenado
de ave de rapina.
Um balaço dentro da retina.

O tempo é este garanhão
flechado pelo cio
que atravessa a eternidade
no seu galopar sombrio.

## Asa

A asa corta o horizonte
onde o horizonte começa.
Da asa corre uma fonte
(nuvem de crespa cabeça).

Flutua a asa naqueles
ermos de esguias brancuras
veleja sobre os cabelos
velozes das esculturas.

Quando o arauto estende o braço
para as núpcias dos racimos
a asa atravessa o espaço
e paira acima dos cimos.

A asa golpeia a esfinge
pousa na vela de cera.
Cruza os pórticos de prata
do sol da sétima esfera.

## Romaria à Casa de Bernarda Alba

Os galos estão cantando
à beira de tua cova.
A noite acende uma rosa
pelos toureiros de Espanha.

Às portas de Saragoça
os galos estão cantando
e as asas rubras dos galos
semeiam lírios de sangue.

Passaste por Santiago
levando um ramo e um sombreiro.
As moças de Andaluzia
soluçam seus mantos negros.

Passaste por Santiago
arroios tocavam flauta.
Os galos estão vingando
teu sangue na madrugada.

Teu fantasma sonolento
celebra os touros de Espanha
os arreios dos cavalos
e o vento azul da montanha.

Passaste por Santiago
levando teu romanceiro.
Ias num cavalo negro
pelas províncias da aurora.

Os galos estão vingando
teu sangue de areia e pólvora.
As mansas águas do Tejo
são harpas de negras cordas.

Verde que te quero verde
o vento sabe o teu nome.
Os galos estão sangrando
pelos toureiros de Espanha.

Passaste em Valladolid
(os galos de Tarragona).
Lorca em Palma de Maiorca
(galos de Guadalquivir).

Ias num cavalo pálido
noivo da morte em Granada.
De longe a curva da lua
é o gume da cimitarra.

Verde que te quero verde
verde verso, verde rima.
Ias num cavalo pálido
noivo da morte assassina.

Os galos estão cantando
às portas de Andaluzia.
São as noivas do imolado
que chegam de Santiago.

O sangue escorre da pedra
vermelha da cantaria.
O fulgor da cavalgada
prolonga os rastros do dia.

Noite de estrelas esguias.
Galos te chamam de Andorra
para a ceia ensangüentada
de Ignácio Sánchez Mejias.

Casa de Bernarda Alba
sangram soluços na treva.
– São os passos da falange
que vão às bodas de sangue.

O velho clarim dos galos
clareia os muros da aldeia.
Um clarão varre as estrelas
na madrugada calcária.

Mas tal luz não sai da alba.
– É o reluzir das esporas
dos soldados da falange
que vêm das bodas de sangue.

## A Noite dos Reis

Nas palhas de feno
do estábulo agasalhava-se
a mansidão do menino
e o mistério inviolado da noite.

A estrela do pastor clareava
os passos vacilantes dos reis
o sono assustado dos pássaros
e a ruminação dos animais.

Na palha ensangüentada
da profecia, o menino
fundava um novo tempo
que do eterno tempo se urdia.

## Poeminha para Oscar Niemeyer

O mundo está cheio das imagens
fortes de cimento armado
nascidas de tuas mãos
de semeador de belezas abstratas
e de formas concretas.

Formas de liberdade
que se entrelaçam no espaço
da pura fantasia.

Formas que dialogam conosco
visões que se misturam com o sangue
e as rudes formas dos homens.

Teu discurso de pedra
é a fala comovida
de quem aprendeu o significado
da nova parábola.

Parábola de suor e sangue
escrita pelo compasso
do teu coração.

## Discurso para Iniciados

A poesia não se compraz com as tuas aflições
não muda o rosto nem o gosto das coisas
nem se comove com as tuas veleidades sociais.

O mais belo poema não acrescenta um átomo
ao dinamismo rudimentar dos gametas
que fabricam multidões de homens
para sonhar e morrer.

Não esperes que a poesia te dê solenemente as mãos
e que te acompanhe, prostituta dócil,
pelos botequins do sonho.

A poesia é uma cadela de olhos de cio
que lambe as feridas da alma
mas não afugenta os demônios do corpo.

Não esperes que a poesia
seja uma solução para os teus problemas
e os problemas alheios.
Se a poesia fosse uma solução
não cantava serenata às portas do teu coração.

## Cantiga de Eros

Não sei como te descubro
entre as savanas
do que é mais rubro.

Só sei que te imagino
com a mesma audácia
com que te invento.

Não sei como te adivinho
no aroma do lêvedo
na espuma do vinho.

Não sei como te aproximas
do corpo do mito
tatuado de rimas.

Não sei como te apoderas
do sexo acorrentado
a tantas eras.

## Canto para os Mortos da Tribo

O poeta precisa cavalgar o mundo
cada palavra em seu lugar
cada tristeza em seu esconderijo
cada mistério em sua concha
cada remorso em sua arquitetura de cristal.

O poeta não celebra os ritos do adubo
o poeta apenas recolhe
os vestígios de ouro da ceifa
e as espigas que restaram
da ceia dos mortos.

O poeta precisa saber os caminhos do povo
os caminhos do vento e da diáspora
o poeta é da chuva e da noite
da tempestade e da paisagem
do arco-íris e do relâmpago
do equinócio e do trovão.

O poeta carrega nos ombros
todos os mortos da tribo
carrega o peso do sonho
carrega o fardo da alma
carrega o espanto dos oprimidos
carrega as ondas do mar
carrega as hierarquias do céu.

II

O poeta há de saber que o homem é um pobre
colecionador de orgasmos
há de passar incólume pela noite
há de vislumbrar o futuro gotejando nas entranhas
da criação
há de pressentir as mutações do tempo
as palpitações da terra e da água.
Há de estender os braços para abraçar o mundo.

O poeta é alfa e ômega
o poeta senta-se à mesa dos bastardos
o poeta convoca os ancestrais do povo
o poeta semeia a liberdade nas entranhas das palavras
o poeta vomita a ceia dos neutros.

O poeta vai ao banquete mas não se degrada
o poeta refaz a teia do mito
o poeta promulga o adeus
o poeta reparte metade da metáfora
o poeta celebra a terra e os ritos da fecundação
o poeta convive com as árvores
o poeta considera os insetos e as alimárias
e se junta humildemente às hierarquias da criação.

O poeta está protestando no asfalto
o poeta está bêbado
o poeta foi visto de madrugada confabulando com prostitutas
o poeta cuspiu na luminosidade da aparência
o poeta recuperou o cigarro apagado
o poeta despencou do trapézio
sobre o hímen dilacerado da tradicional família burguesa.

## Canção da Chuva Esperada

Nuvem de cabelos crespos
comidos pelas espumas.
A chuva deixa na terra
seu rastro de vagalumes.
Nuvem de vestes molhadas
cheirando a estrumo e lavoura.
O corpo esguio da chuva
volta às fanfarras de outrora.
Nuvem de pestanas doces
como os olhos das colméias.
A chuva desce dos montes
zumbindo como as abelhas.
Nuvem de seios de prata
pousada em mares remotos.
Nuvem de dedos compridos
ceifando a insônia dos mortos.
Nuvem de terra e de orvalho
(nuvens verdes e amarelas).
As mãos de argila da chuva
semeiam espigas nas telhas.

## Falsa Canção do Exílio

Minha terra tem palmeiras
onde o sabiá não canta.
Minha terra passa fome
porque não colhe o que planta.
Minha terra anda descalça
pelos caminhos da lenda.
Minha terra está fugindo
com as ovelhas da fazenda.
Minha terra está com sede
mas não bebe de água alheia.
Minha terra está com fome
mas não colhe o que semeia.
Minha terra exporta nuvem
para o hemisfério polar.
Minha terra anda à procura
dos olhos negros do mar.
Não permita Deus que eu morra
deste esplim que me quebranta.
Minha terra tem palmeiras
onde o sabiá não canta.

# Ladainha

Cristo que veio dos lagos
ó barca dos afogados.

Cristo que veio da aurora
ó Cristo da manjedoura.

Cristo que veio dos lagos
nos camelos dos Reis Magos.

Cristo que assombra os doutores
ó Cristo dos pescadores.

Cristo que afugenta os rábulas
semeia trigo e parábolas.

Cristo que veio das bodas
imune à espada de Herodes.

Cristo perseguido em Roma
Cristo negado em Sodoma.

Cristo que veio da escarpa
expulso pelo tetrarca.

Cristo que regou as vides
às margens do Tiberíades.

Cristo que roçou a túnica
nos lábios de Madalena.

Ó barca dos afogados
navega em água serena.

# Barca dos Sentidos

*O homem nasce para o enfado como as faíscas*
*das brasas voam para cima.*
Jó, 5. 7

## Ode Visionária

### XII

Vi as arcadas do céu
Desabarem sobre mim
Vi Dante ao violoncelo
E Homero tocar flautim.

Vi as falanges do espaço
E o seu fulgor ondulado
Vi o arcanjo Gabriel
Pousado num leopardo.

Vi depois o leopardo
À esquerda do Padre Eterno
Satanás dono de todas
As possessões do inferno.

Vi o dragão derramando
Fogo veloz do seu olho
Vi Jesus Cristo em pessoa
Sobre as águas do Mar Morto.

Vi os reis do tempo antigo
Condenados por seus danos.
O olhar de Nossa Senhora
Cegava os olhos dos anjos.

Vi Beatriz debruçada
Sobre a estátua de um menino.
De outra esfera a contemplava
O nariz do florentino.

E vi Dante erguer os olhos
Para o sereno equilíbrio
Das sete arcadas de bronze
sustentadas por Virgílio.

Vi quando o rio de enxofre
vergava deuses de mármore
E o esqueleto de Caim
Deslizando para o Tártaro.

Vi Caim lavando as mãos
Nas águas negras do Letes
Em vão tentava apagar
O sangue antigo das vestes.

Vi Caim podando as vinhas
Amargas do seu remorso.
Vi seu fantasma de pedra
Chorando às bordas de um poço.

Vi as vestes de Caim
E as vestes do Heresiarca
Vi-lhe a alma acorrentada
dentro da sinistra barca.

Vi os filhos de Gomorra
E também os de Sodoma
Vi o fogo que circunda
As sete estradas de Roma.

Vi Nossa Senhora abrir
O livro dos sete selos
Dois azuis, três encarnados
E os outros dois amarelos.

Os azuis são como as torres
De imponente catedral
Plantada no coração
Da noite medieval.

Os outros selos que eu vi
São os do tigre da Ásia.
Serpentes que se entrelaçam
como as telhas de uma casa.

Vi os cabelos da fúria
Como serpentes no cio
Vi a lua pegar fogo
E o fogo tremer de frio.

Vi o leopardo deitado
À esquerda da hierarquia
Vi o tempo que se alonga
Na curva do eterno dia.

Vi o tempo da esperança
E o tempo da expiação
Vi a noite decepada
Pela foice de um clarão.

Vi o tempo que escapava
Pelas dobras do estandarte.
Vi o esplendor das esferas
Jorrando de toda parte.

Vi Dante erguer os olhos
Para o olhar de Beatriz
Vi Roma pegando fogo
Com seus sagrados perfis.

Vi o grande feiticeiro
Derreter almas num tacho
E a cabeça de Moisés
Cercada de sete raios.

Vi a porta das esferas
Guardada por um dragão
E esta porta sendo aberta
Pelo fantasma de Adão.

E vi o grego tocar
Seu alaúde de cedro
Vi o céu tremer de assombro
Como se tivesse medo.

Vi Medusa devorada
pelos dentes de uma porca
E Judas dependurado
Nas sete cordas da forca.

Vi as deusas da luxúria
Com seus peitos amarelos.
As chamas as consumiram
Do calcanhar aos cabelos.

Vi o grande feiticeiro
Jogá-las num poço fundo
À esquerda do purgatório
Na encruzilhada do mundo.

Vi a barca dos aflitos
Espetada numa rocha
E a cabeça de Moisés
Era o núcleo de uma tocha.

Vi um raio despencar
Sobre os hóspedes dos pântanos.
Vi o grande feiticeiro
Fulminado por relâmpagos.

Vi quando Nossa Senhora
Passou num cavalo baio
Mais brilhante que uma estrela
Mais veloz do que um raio.

E as portas do céu se abriram
E se dispersaram as sombras.
Saiu das cordas das harpas
Uma revoada de pombas.

## Vertente

Corre uma vertente
no tronco das árvores.
Na solidão da pedra
corre uma vertente.

Corre uma vertente
no corpo da amada.
Nas veias da montanha
corre uma vertente.

Corre uma vertente
debaixo de tua pele.
Nas entranhas do lençol
corre uma vertente.

Corre uma vertente
nas artérias da multidão.
Nas asas da liberdade
corre uma vertente.

Corre uma vertente
nas fogueiras do crepúsculo.
Corre uma vertente
no meu coração.

## Cântico

Moverei o arado
erguerei os dias
semearei a terra
podarei as vinhas.
Fortificarei as vigas de cedro
e os ferrolhos das portas
para que o vento
não perturbe o sono
da minha amada.

Com a minha foice
segarei os campos
com a minha flauta
guardarei as ovelhas.
Secarei o feno para o gado
fortificarei as aldravas das portas
para que a chuva
não desfaça os cabelos
da minha amada.

Escutarei os passos
do crepúsculo na areia
acenderei a lâmpada
comerei do trigo
beberei do vinho.
Fortificarei os gonzos das portas
para que a morte
não vá adormecer os olhos
da minha amada.

## Esfinge Veloz

Como escapar ao mito?
como escapar à asa
do mistério que nos permeia?
como escapar à indigência
das nossas utopias?
como escapar ao punhal do adeus?

Como escapar à foice
da esfinge veloz?
como escapar ao pesadelo
de cimento armado?
como escapar ao desvario
da madrugada atômica?

Como escapar à lebre
acordada nos olhos do poema?
como escapar às palavras
de que o tempo nos semeia?
como escapar ao signo
do remorso esculpido na pele?

Como escapar à memória
do homem que se esfarela
entre os ossos das paredes?
como escapar aos passos
do que regressa ao esqueleto
da casa desmoronada?

Como escapar à lascívia
que circula nas artérias?
às papoulas de morfina
ao magnetismo dos pântanos?
como escapar da vertigem
desta volúpia de Deus?

## Estrela de Morfina

Luto com palavras todos os dias.
Todas as horas, todos os minutos.
Não sei se luto em vão com esses brutos
Cristais, essas esquivas pedrarias.

Luta de Jacó com o anjo do céu.
Luta feroz, luta de sangue e fogo.
Se há vencedor neste sombrio jogo
Não será o jogral nem serei eu.

Luto com palavras e não me canso
De lutar. Mas não sei o que procuro
Nesta pugna espectral que não termina.

Talvez procure amor, talvez descanso.
Abrir alguma fenda no futuro
E olhar de perto a estrela de morfina.

## Anzol de Deus

Como não sugar o leite
azul dos peitos da estrela?

Como viajar no tempo
sem que a memória não sangre?

Como olvidar os mortos
se comem da nossa ceia?

Como não seguir os passos
da carne desconsolada?

Como não beber do amor
se à míngua de amor morremos?

Como domar esse ímpeto
de enxames em nossas veias?

Como apagar esse emblema
de incesto na face dos mortos?

Como não arder à chama
do enigma nos consumindo?

Como dormir sem remorsos
sobre a memória do homem?

Como não pescar a alma
se somos o anzol de Deus?

## Canção para Agostinho Neto

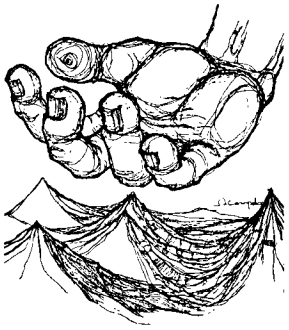
Teu poema é solidário como as colméias
repletas de alvoroço e mel
teu poema fala ao coração dilacerado do povo de Angola
deita por terra as portas dos muros coloniais
e convoca os habitantes das aldeias
para as cirandas da luz.

Teu poema é flexível como um punhal
cravado no peito do invasor
flexível como os corpos das adolescentes
iniciadas nos ritos do amor.

Teu poema é um lugar aprazível
onde as aves e as feras vão beber a linfa
das energias cósmicas.

Teu poema tem o gosto adocicado
de um celeiro abarrotado de espigas.

## II



Tuas mãos honestas
de tecedor de parábolas
carregaram pedras
para os alicerces do mundo.

Tuas mãos dilaceradas
moldaram argila e esperança
e construíram a liberdade
com a argamassa da paz.

Tuas mãos calejadas
domaram o cimento e a pedra
e acenderam coivaras
no coração da tribo.

Tuas mãos irreverentes
estancaram o sangue
que jorrava das veias
desatadas do pulso da África.

Tuas mãos consumidas
pela pólvora do invasor
acenderam fogueiras no céu
para as núpcias de Angola.

## Anjo Cego

Um anjo cego
guia os teus passos
pela treva
e te conduz ao
paraíso dos sentidos.

Um anjo cego
passeia no teu peito
enquanto dormes
e te acompanha
durante a viagem.

Um anjo cego
desce da cumeeira
todas as noites
enquanto os espelhos dormem
profundamente.

## Mulher de Urias

Reza a lenda que um rei do tempo antigo
Viu a mulher de Urias se banhar.
E que a nudez que lhe abrasava o olhar
Para sempre o tivera seduzido.

Dizem que alguma fada esteve ali
Tecendo o ardil dessa visão suave.
E enquanto Betsabéia se banhava
Enfeitiçara os olhos de Davi.

Contam que o rei, cioso dessa prenda
De amor que os pensamentos lhe incendeia,
Mandou matar o infortunado Urias.

Não vou contar o resto dessa lenda.
Pois todos sabem que a secreta idéia
É mais real que a trama destes dias.

## O Poeta e Sua Natureza

Ser poeta é cavalgar
o alazão doido do tempo.
Domar a palavra
como se fosse um reino.

Ser poeta é perseguir
um anjo bêbado.
Flutuar sobre as nuvens
nos trapézios de Deus.

Ser poeta é partir
quando tem de voltar.
Repartir o prodígio
como se fosse um reino.

Ser poeta é ser
límpido e cético
como a água na pedra
e o sol no zênite.

Ser poeta é carregar
os náufragos no peito.
O espírito acordado
como se fosse um reino.

## O País do Ser

Como saber que não sou eu
o marcado para morrer?

Como saber que não sou eu
o culpado pela revolta dos anjos?

Como saber que não roubei
o trigo dos meninos da África?

Como saber que não profanei
os olhos e a boca da parábola?

Como saber que não me perdi
no instante de me encontrar?

## Canção do Espantalho

Sempre me comoveu o teu devaneio de Quixote
sob a luz das estrelas longínquas ou quando
te consumias sob a eventualidade das estações.
Teu corpo de fantoche é a imagem de um pêndulo
aos caprichos da chuva e do vento.
Sempre me comoveu o teu chapéu de palha
onde os pardais costumam pousar todas as tardes
em suas revoadas repentinas sobre a lavoura.

Sempre me comoveu teu paletó de casimira
com seus remendos de madapolão.
Sempre me comoveu teu vulto espectral
sob a indiferença dos pássaros e do céu.
Os pardais celebram suas bodas em teus braços abertos
o vento toca violino em teus cabelos
as abelhas ensopam de mel as tuas pestanas
a chuva alaga teu corpo magro de talos de capim
teu velho corpo enrugado de ancestral
deserdado de todos os seus descendentes.
Sempre me comoveu tua figura patética
ó pastor de espigas maduras
e das nossas esperanças sazonadas.

Sempre me comoveu a tua fala de gestos calados
a cicatriz sangrando no peito
a ferida aberta no lugar do coração.
Sempre me comoveu o teu corpo ressuscitado
todas as manhãs pelos clarins do sol.

Sempre me comoveu o teu mutismo lapidar
teus olhos de menino estrábico sempre me comoveram.
Olhos de que jorrava uma paz sobrenatural.
O que mais me impressionava era tua gravata amarela
de listras vermelhas, a tua gravata descomunal.
A tua gravata, que oscilava com o vento
como o estandarte de algum veleiro medieval.

## Cântico da Aeromoça

Aeromoça aeromenina
Pássaro indomável das alturas
Tua mansidão clareia as trevas incorpóreas
Teu sorriso equilibra a aeronave nas entranhas do céu.

Tua fala, tua leveza de pluma
Flutuam na imponderabilidade dos meridianos
Levitas entre nossos corpos mortais
Acima do medo e do estupor
Da relatividade das sensações
Do suor e da agonia
Das turbulências do corpo e da alma.

O Air-Bus vertiginoso como o albatroz
Pastor das nuvens do céu.
A morte passeia nas alturas
Chega até nós o calafrio dos seus violinos
Um anjo governa a nossa respiração
Seu hálito ardente nos pastoreia
Seus passos alados parecem boiar na superfície de Deus.

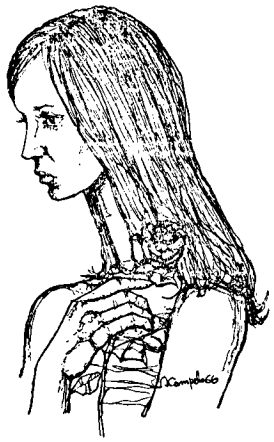
Me dá tua mão, pastora de relâmpagos
Me dá teu passaporte de esperança impresso nas galáxias
Me dá teu pulso magnético
Me dá teu seio e o leite metafísico
Me dá tua paciência veloz
Me dá teu devaneio de cristal
Me dá a rosa-dos-ventos dos teus sete sentidos
Me dá teu olho tríplice
Me dá as palavras rituais do teu vocabulário mítico
Me dá teu cio do céu.

## Jogo de Palavras

o que é do homem
o bicho come.

o que é da moça
fica mais doce.

o que é da virgem
me dá vertigem.



o que é da viúva
se molha na chuva.

O que é da mulher
quem é que não quer?

o que é da solteira
arde na fogueira.

o que é da loura
são seios de moura.

o que é da donzela
recende a canela.

o que é da morena
recende a verbena.

o que é da fidalga
se dissolve na água.

o que é da beleza
foge na correnteza.

## Vai Rute aos Campos de Booz

Vai Rute aos campos de Booz
respigar trigo e centeio.
Vai atrás dos segadores
recolher trigo no seio.

Vai atrás dos segadores
recolher trigo e cevada.
Vai aos campos de centeio
só pensando em ser amada.

Enquanto apanha as espigas
que sobram do segador
os olhos da moabita
são ceifados pelo amor.

Os olhos da moabita
são doces como sua voz.
Segador, ceifa as pestanas
da namorada de Booz.

Ceifa as espigas maduras
com teu alfanje veloz
para que Rute as recolha
entre os suspiros de Booz.

Aonde vais, ó moabita
com teu seio a palpitar?
Tu vais aos campos de Booz
aprender a joeirar?

Vais recolher as espigas
que sobram do segador?
Ou vais aos campos de Booz
ceifar o trigo do amor?

## Juízo Final

Os vizinhos não dormem
os olhos dos vizinhos são frios como punhais
os vizinhos te golpeiam com os olhos
te bolinam com a ponta do nariz
os vizinhos te odeiam
os sonhos dos vizinhos te perturbam
os seus pesadelos atravessam as paredes do teu quarto
os vizinhos discutem política e bebem vodca
algumas vezes se dilaceram mutuamente.

Os vizinhos não dormem
os vizinhos levitam como bêbados
os olhos dos vizinhos praguejam na escuridão
de noite escutas o orgasmo dos vizinhos
o amor dos vizinhos é áspero como o amor dos gatos
a música dos vizinhos toma barbitúricos
para continuar acordada.

Os vizinhos não dormem
os olhos dos vizinhos tropeçam na escuridão
ouço o ranger da insônia dos vizinhos
noite a dentro os vizinhos dão de mamar à utopia
a nudez dos vizinhos flutua na superfície dos espelhos
os vizinhos regem uma sinfonia de gritos
as almas dos vizinhos vão à pia despejar seu vômito.

Os vizinhos não dormem
os vizinhos galopam num devaneio obsceno.
De repente soa a hora do Juízo Final.
Os vizinhos são acusados pelo anjo vingador.
Há choro e ranger de dentes.

## Soneto de Granada

*Para Jorge Tufic*

Rosa acordada, uma canção de Lorca
Clareia sonolentos miradouros.
De repente o crepúsculo dos touros
Enche de augúrios a alameda morta.

Na noite escura não se ouve um banjo
Celebrando as estrelas sossegadas.
Apenas vão brotando das calçadas
Os passos compassados da falange.

O imolado partiu na noite calma
Cercada de fuzis e baionetas
Quando os astros o olhavam da montanha.

Madrugada de sangue e de violetas.
Pelos confins da servidão de Espanha
Ronda o fantasma de Bernarda Alba.

## Estudo Sobre a Alma

Te carrego nas entranhas
como um cão uivando
um cão dilacerando a memória.

Te carrego nas entranhas
como se levasse uma
labareda de relâmpagos.

Te carrego nas entranhas
como se agasalhasse
um pássaro banido do céu.

Te carrego nas entranhas
como se tivesse medo
aos olhos de areia da eternidade.

## Ode Itabirana

### IV

Fica torto no teu canto, Carlos.
A poesia é incomunicável como uma flor
o sorriso de um menino dormindo
ou como a secreta caligrafia de uma lágrima.
Não digas a ninguém que atravessaste a porta do paraíso
guiado por um anjo torto.

Fica torto no teu canto, Carlos.
Torto no teu desencanto
torto na maneira de andar, no modo de escrever
torto na forma, torto no conteúdo
torto na suspicácia, torto no espanto
torto na polidez, torto no paladar
torto na fala, torto na voz
torto no verbo, torto na metáfora.

Fica torto no teu canto, Carlos.
A máquina do cotidiano é implacável.
Torto como um bêbado que perdeu os sentidos a caminho da lua.
Fica torto no teu hábito
enquanto não chegam os telegramas de Leningrado
enquanto as patas do cavalo atômico
não passam por cima da alma e do nosso peito
enquanto o bonde não chega
com o seu carregamento de fantasmas.

Fica torto no teu canto, Carlos.
Já não é possível esconder a realidade melancólica.
As estrelas se apagaram no céu.
Estamos órfãos no mundo. Os invasores nos agridem
com os seus olhos de vidro.
O amor é triste, Carlos. O amor
perdeu o significado.
O amor, agora, sabe a pêssego podre.

Fica torto no teu canto, Carlos.
Torto na praia, torto no elevador
torto na cadeira odontológica
torto no banco dos réus
torto na vertigem, torto no velório
torto na retidão da horizontalidade burocrática
torto no derradeiro salto do trapézio
torto no chuveiro, torto na cama
torto no banco, torto no living
torto na terra, torto no céu.

Tudo está torto, Carlos.
Torta a dalmática do bispo
torto o hímen da namorada
torto o desejo de amar, torto o código
torta a rosa-dos-ventos, torta a bússola
torta a caligrafia do espanto na epiderme do morto
torta a auréola na cabeça da lâmpada
torta a flecha de luz que atravessa a vidraça do apartamento.

## VII

Os peixes estão redescobrindo parábolas nos espelhos.
Agora mesmo um balaço atravessa o olho
da amada, e o gozo se esvai pelas retinas.
Agora mesmo o suicida crava um punhal
na carne: o seu estômago está repleto de palavras
de amor. Agora mesmo passeia um epitáfio
nas entranhas da mulher que fugiu de Sodoma.
Agora mesmo te procuro entre os mortos
mas só te encontro lúcido e ressuscitado.

Não morreste, Carlos, foste acometido
de "certa inclinação feérica".
Permaneces íntegro entre o mistério e a realidade.
Tua presença incorpórea continua intacta
no sussurro da água e da brisa.
Continua urdindo o seu bailado metafísico
ao som do Bolero de Ravel.

Vais escrever sonetos de madureza
vais dormir de pijama no sofá.
Andar de bonde, morrer e ressuscitar no avião
escrever versos eróticos para as namoradas
ler jornais, ver televisão, protestar
contra a hecatombe das baleias.
Sobretudo, Carlos, vais recriar a argila do êxtase
à sombra do cobertor vermelho do teu pai.

Vais sentir de novo a carícia azulada
da lâmina de barbear.
Recordar antigos aposentos com odor de naftalina
a estranha sensação de que a tua presença
se evapora entre a dança da água e o orgasmo do azulejo.
De que a matéria do teu sonho se parte
em mil cintilações e mil disfarces.
De que os teus sentidos são mais reais e palpáveis
que a mosca azul boiando num copo de uísque.

Não morreste, Carlos, foste a passeio
noutras paragens, noutras latitudes do arco-íris.
Agora já não precisas esconder-te num quarto de hotel
nem filosofar sobre a calvície dos homens
"cheia de vertentes". Agora já não tens
certas obrigações de cortesia, já não vais ao correio.
Podes andar livremente no meio das estrelas
brincar com os anjos, contar anedotas obscenas.
Ninguém te importunará nem te perguntará
pela tua "pobreza feita de pérolas".

## VIII

Agora podes flutuar. A perna que voa
já não padece das mutilações dos sapatos.
Teus olhos revogados brilharão outra vez.
Tua miopia evaporou-se: tudo agora é claridade
enlouquecida trespassando a névoa das retinas.
Tudo agora é vastidão que se dissolve em brancuras
de olvido. O ombro já não te dói.
A ciática o vento levou. Agora podes flutuar
sobre "o mundo irreal dos cartórios" e dos carimbos.

Agora já não te preocupas com as vacilações da República.
Já não te vestes de preto para os funerais
dos homens de prol. Já não vais ao bar da esquina.
Já não lês poesia. Já não te apetecem sorvetes de pêssego.
Agora já não te aborrecem as falsas aparências
os falsos poetas, as falsas metáforas
os falsos hemistíquios, as falsas rimas.
Agora já não te pedem autógrafos, não te escrevem cartas
nem te pedem notícias de Itabira.
Agora já não partilham a ceia de tua irreverência
nem te insinuam que a poesia está morta
que é preciso amar despudoradamente
e oferecer à namorada madrigais pornográficos.

Agora podes flutuar, Carlos.
Podes desfrutar a imobilidade perfeita.
O silêncio perfeito. O perfeito anonimato.
Podes cavalgar a garupa da Metafísica
sem os incômodos da burocracia e da gramática.
Agora podes esquecer as normas e os métodos
os desejos implícitos e os explícitos
a tua caligrafia de mágico
o teu pessimismo de cético
o teu diploma de farmacêutico.
Agora podes flutuar entre a infância e a memória.
Já não sentirás emoção nem desconforto
quando os anjos te chamarem de "poeta precário".

Agora, Carlos, podes flutuar.
Podes descartar todas as hipóteses
todos os compromissos
todas as veleidades frívolas
todas as inclinações metafísicas
todos os propósitos banais.
Agora, que és presença encantada
feita de pensamento e de lunar matéria
estarás conosco o tempo inteiro
na trama da irreverência e da parábola.

## Cântico

Conheço os limites da noite como os umbrais de minha casa.
Só o poeta conhece as fronteiras da noite
e sua música de harpas dilaceradas.
A noite caminha lentamente pela trilha dos caracóis
desliza em meu peito com seus regimentos
de espantos e de estrelas suicidas.
Enquanto o uivo dos cães faz a lua em pedaços
de cristal, a noite fita em mim seus olhos de centauro.

## II

A noite, madre ancestral, acende as alegorias do céu.
Os pântanos calados respiram.
Em alguma dinastia do mar, peixes tocam alaúde
à espera dos pássaros da aurora.
O poeta decifra as esfinges da noite
e sai a recolher iguarias para os mortos
e os ossos das constelações.

## III

A noite avança para as núpcias do mar
e as gaivotas que o inverno assassinou.
A noite avança sobre os mapas salpicados de ópio
essas rotas de solidão e papiro
jamais violadas pelo fanal dos navios.
A noite avança sobre as aldeias de pedra e limo.
A noite tantas vezes ungida
pelo cântico feroz dos bandolins.

## IV

A noite é uma ilha de onde nunca se volta.
Os limites da noite são as portas do arcano
e do esquecimento sem memória.
A noite é um rio de águas alucinadas
que investe contra nós. Um rio de luas e âncoras
de que nascem frios arquipélagos.
A noite nos arrebata em seus dromedários
de sombra e nos leva para um jardim de centúrias.

## V

Bebo a água da noite em seus negros mananciais
e escuto as luas que velam pelos mortos.
O cântico da noite, mais triste do que um punhal
e a infância clamorosa dos afogados.
A noite tantas vezes ungida
pelo cântico feroz dos bandolins.

## VI

A noite, lá fora, é menos vasta
do que a noite que se alastra dentro de mim.
A noite que avança para o mar
semelhante a um tigre assassino que foi domesticado.
A noite, lá fora, acende a fantasia dos anjos
a tempestade e o arco-íris.

## VII

A noite e os cães uivando para a lua
(na pele as marcas do presságio).
Por esses caminhos de orvalho, a noite arrasta
a cauda sonolenta, o seu devaneio mitológico
seu diadema de limo, sua velhice cósmica.

## VIII

A noite e seus declives para o frio limiar
a noite e seu secreto deslizar para um jardim de ausências
a noite enroscada no caule dos rios
a noite em suntuosa reverência diante do mar
a noite, vinho derramado nas taças dos eucaliptos
a noite promulgada nos palácios dos reis
a noite ensopada pelo sangue dos mártires
a noite incendiada pela respiração dos namorados.
A noite tantas vezes ungida
pelo cântico feroz dos bandolins.

## IX

Em alguma dinastia do mar, peixes tocam alaúde
pela ressurreição dos mortos.
Começo a flutuar nas correntezas da noite.
Ninguém jamais vislumbrou o país dos deuses mutilados
nem escutou o soluço dos seus clavicórdios.
Ninguém jamais conheceu este país
de búzios e quimeras, esses rostos decapitados
onde toda a realeza se dissipou.

## X

Enquanto o homem veste a mortalha de limo
para o ágape dos canibais
a noite vai germinando entre signos e algas.
Signos e algas que restaram das pompas
nupciais do mar, nesses crepúsculos de lendas
desfolhadas e reminiscências mortas.
Enquanto a alma do homem devaneia
o seu bigode alça vôo sobre os espitáfios.

## XI

A noite, lá fora, é uma guitarra cínica
tocando enlouquecida pastoral.
Bêbados semeiam utopias pelas ruas prateadas
que a fantasia dos anjos desenhou.
A noite tantas vezes ungida
pelo cântico feroz dos bandolins.

## XII

Respiro a noite e sua negra epiderme de ópio
que tem cheiro de sangue e placenta.
Respiro essa pulsação das vísceras da noite
odor de madressilva e agapanto.

A noite arrastando escórias de lascívia
sobre a anca da terra e o ventre de Deus.
Respiro a noite e o seu abdômen de raízes
onde germinam sonhos e procelas.
A noite arrebatada em seu ataúde de folhas
pelo uivo profético dos cães.

## XIII

A noite sou eu, toda essa constelação
de assombros que se entrelaçam dentro de mim.
A noite destroçada entre impropérios
e entranhas podres. A noite farejada pelos
cães ávidos de luas. A noite emporcalhada
pelo vômito dos bêbados. A noite tantas vezes ungida
pelo cântico feroz do bandolins.

## XIV

Jamais vi o cadáver da noite ao relento.
Jamais vi a flecha dos relâmpagos
trespassar as dinastias do albatroz.
Jamais vi o incenso da arrogância subir os degraus
da súplica e arder diante do holocausto.
Jamais vi a cimitarra de um raio
decepar a cabeça de deuses e déspotas.

## XV

Não sou eu quem vai deter o pulso
desatado desta noite de augúrios e apostasia.
Não sou eu quem vai expulsar os demônios da utopia
nem tanger os astros para o seu redil.
Não sou eu quem vai despencar dos abismos da fala
sobre as exéquias da noite metafísica.
A noite tantas vezes ungida
pelo cântico feroz dos bandolins.

## XVI

Bebo a água da noite em seus negros mananciais.
Recupero a máscara do assombro e o signo
do pecado. Eis-me diante do espelho, da imagem
cosmopolita que devaneia sobre o universo
e os seus fenômenos reais. Um trem carregado
de absinto chega da Calábria. O Reno é esse rio
que deságua num mar de âncoras e adeuses
e atravessa os pontos cardeais. O apito do trem
acorda o tropel dos centauros da noite
em secretas cavalgadas no peito dos mortos.

## XVII

A noite é uma ilha de onde nunca se volta.
Uma barca ancorada na reminiscência de Deus.
Um arquipélago de cristal sacudido
pelo vento das asas do albatroz.
Algum país de búzios e pradarias.
A noite tantas vezes ungida
pelo cântico feroz dos bandolins.

## Sinos da Ressurreição

*Para Horácio Dídimo*

Ó sinos de Ouro Preto
ó sinos de ouro e prata
repicai todas as horas
pelo Cristo ressuscitado.

Repicai ao meio-dia
repicai de madrugada
repicai à meia-noite
pelo Cristo ressuscitado.

Repicai com toda a força
sinos negros, sinos claros
repicai alegremente
pelo Cristo ressuscitado.

Repicai ao fim do dia
repicai sem intervalo
repicai setenta vezes
pelo Cristo ressuscitado.

Repicai, sinos do vento
feitos do bronze mais raro
repicai lá nas alturas
pelo Cristo ressuscitado.

Repicai na sexta-feira
principalmente no sábado
repicai sempre aos domingos
pelo Cristo ressuscitado.

Repicai pelas feridas
e os espinhos do sudário
repicai setenta vezes
pelo Cristo ressuscitado.

## Poema Crucial

*Ao poeta Édson Guedes de Morais*

Chega um momento em que é preciso
cortar as veias para que o sangue proteste
decepar os pulsos para que a vida transborde
em que a liberdade não pode conviver
com a baioneta do déspota
em que o silêncio golpeia a hipocrisia
com a rapidez de um látego.

Um momento em que as palavras escorregam
das bordas do epitáfio
em que a mentira das oligarquias
prevalece sobre a verdade de todos
em que as retinas sangram fantasmagorias de cristal.

Um momento em que é preciso
apagar da memória as cicatrizes do remorso
em que o amor evapora como se nunca tivesse existido
e o madrigal troca o alaúde pelo punhal.
Chega um momento em que a palavra não basta.

## Chave

a chave do reino
a chave do cofre
a chave do enigma
a chave da porta.

a chave do vento
a chave da água
a chave do fogo
a chave da morte.

a chave do pulso
a chave da mão
que chave abrirá
o teu coração?

## Mentira

mentira no discurso
mentira na política
mentira no velório
mentira na metafísica.

mentira no café
mentira no almoço
mentira na esperança
mentira no remorso.

mentira na cama
mentira na mesa
mentira na alegria
mentira na tristeza.

mentira na dúvida
mentira na estética
mentira na lírica
mentira na épica.

mentira na lauda
mentira na conversa
mentira na estrutura
mentira no alicerce.

mentira no éter
mentira no vento
mentira por fora
mentira por dentro.

Tudo é mentira
que engorda e procria.
– Menos a morte
e a nossa utopia.

## Poema das Mãos Vazias

Tenho as mãos vazias
de todas as coisas que amei.
Tenho as mãos vazias
e contudo desejo te ofertar
os olhos desta canção.

Já desfiei um rosário de palavras
diante do teu santuário.
Já somei todos os dias do tempo
para com eles tecer
minha túnica de paz e areia.
Dentro do meu coração passa uma rua
de árvores desfolhadas.

Tenho as mãos vazias
e contudo os meus passos vão florescendo
como se fosse possível
refazer os caminhos que juntos irrigamos
com o sangue dos nossos pés.
Como se fosse possível
não morrer aos punhais de tua voz.

## Rendeira

Que renda é essa
    que a rendeira tece?
tece com as mãos
    tece com a voz
tece com a sede
    tece com a fome
tece com o frio
    das águas do rio?

Que renda é essa
    que a rendeira tece?
tece com a vida
    tece com a morte
tece com a rosa
    tece com o espinho
tece com algodão
    tece com o linho?

Que renda é essa
    que a rendeira tece?
tece com a água
    tece com o fogo
tece com o vento
    tece com a chuva
tece com os cabelos
    de mulher viúva?

Que renda é essa
    que a rendeira tece?
tece com o passado
    tece com o futuro
tece com o silêncio
    tece com a palavra
tece com o riso
    tece com a lágrima?

Que renda é essa
    que a rendeira tece?
tece com os dedos
    tece com os braços
tece com a boca
    tece com os seios
tece com a trama
    dos sonhos alheios?

Que renda é essa
    que a rendeira tece?
tece com os bilros
    tece com a fala
tece com o corpo
    tece com a alma
tece com a espuma
    das águas do rio?

## Balada Cubana

Numa quarta-feira amarga
Quando a alba despontar
Será o tempo da morte
De Santiago Nasar.

O sangue dos assassinos
Amola a faca nas veias.
Começa o clamor dos sinos
Pendurados nas aldeias.

Santiago vai morrer
Na manhã ensolarada.
O bispo vai rezar missa
nas sete igrejas da estrada.

As moças plantarão lágrimas
Na cova de Santiago.
Sete noites, sete dias
Por esse moço fidalgo.

Os galos acordarão
Os cães que pastoram luas
Na hora em que Santiago
For morrendo pelas ruas.

Todas as portas fechadas
Em sinal de espanto e luto.
Esta manhã Santiago
Vai despencar como um fruto.

## Anatomia do Amor

O amor é feito de gestos repetidos
de ilusões que prosperam na carne
de solidões que rastejam nos espelhos.

O amor é feito de volúpias que se abraçam
de ternuras que se repelem
de pulsações que germinam na sombra.

O amor é feito de cristais que se partem
de silêncios que resplandecem
de palavras que se dilaceram na boca.

O amor é feito de vícios obscuros
de memórias que se entrelaçam no coração
de orgasmos que se derramam na pele.

O amor é feito de carne rebelada
de gritos que se calam na treva
de palavras que se dilaceram na boca.

## Mourão Mourão

Mourão mourão
toma este dente podre
e me dá outro são.

Toma este olho insone
cego de solidão
e me dá outro são.

Toma este corpo aflito
fanado pela estação
e me dá outro são.

Toma este sangue esvaído
da palma da minha mão
e me dá outro são.

Toma este rosto esquálido
de morto sem remissão
e me dá outro são.

Toma este braço de plástico
cortado pela explosão
e me dá outro são.

Toma este verso esmagado
pelo adeus dos que vão
e me dá outro são.

Mourão mourão
toma este mundo podre
e me dá outro são.

## Canção da Dúvida

Onde fica o amor
quando parte o amador?
Onde fica a esperança
quando acaba a infância?
Onde fica a memória?
quando se escreve a história?
Onde fica o espaço
quando emigra o pássaro?
Onde fica o homem
quando perde o nome?
Onde fica a plebe
quando a onda se quebra?
Onde silva a cobra
quando o vento sopra?
Onde se esconde a face
quando a foice esvoaça?
Onde fica o orvalho?
quando se corta o galho?
Onde fica a palavra?
quando a rosa abre?
Onde fica o pobre
quando o sino dobra?
Onde fica o morto
quando chega ao porto?
Onde fica o poema
sem o seu diadema?

## Balada Trágica

A que se chamava Raimunda morreu na segunda
A que se chamava Vanessa morreu na terça
A que se chamava Marta morreu na quarta
A que se chamava Jacinta morreu na quinta
A que se chamava Violeta morreu na sexta
O que se chamava Bernardo morreu no sábado
O que se chamava Deolindo ressuscitou no domingo.

## Só

O homem está sempre só.
Em casa ou na rua
no cinema ou na catedral
no verso ou no espelho
no riso ou na lágrima
na hora da ceia e do orgasmo.
Está sempre só.

Quando vai para a cama
quando volta do amor
quando se veste de negro
para o enterro dos bandolins
quando vence e é vencido
ou quando diz adeus.
Está sempre só.

Sósia de Jó
coberto de sangue e pó
o homem sempre só
arrastando o seu trenó
em memória das avós
e de seus bandós.

## Era Domingo

Pelas ruas desertas caminhava
entre augúrios e fezes de centauros.
Era domingo, e os bêbados sonhavam
com mulheres amadas por cavalos.

O murmúrio dos bares e das ondas,
cristais de espuma, gumes de falésia.
O apito de um navio assusta os anjos
e as formas soterradas da matéria.

Raios de sol dourados e amarelos
se entrelaçam nos brolhos das semanas.
Era domingo. As cinzas de outros dias.

A noite apaga os rastros dos camelos.
No céu de Homero arquejam caravanas
carregadas de aromas e utopias.

# O Tecedor e Sua Trama

*Mas Deus existe até num pote.*
MÁRIO DE ANDRADE

## Canção do Pote

### I

O pote, rio encarcerado, é um devorador de luas
e de lesmas. As rãs procriam junto dos potes
comem detritos de paz e coágulos de estrelas.
O pote é esférico, o espaço esférico, a alma esférica
a solidão esférica. O espírito poroso do pote
passeia pela casa sua placenta cravejada de vagalumes.
O canto áspero das rãs acorda o rio latente
na memória do pote. A alma atávica do pote
trespassada pela reminiscência dos dias.
O pote conduz os passos do morto para a sua
eternidade cíclica. O suor do pote
escorre sub-repticiamente das órbitas de Deus.

### II

A luz do pote trespassa as retinas da escuridão
o húmus do pote viceja nas folhas da treva.
Girinos e gerânios governados pelo magnetismo
das âncoras do pote. O suor do morto e o suor do pote
celebram os ritos da água e as núpcias da síntese.
Enquanto se cumpre a cópula do pote
a lua dos escorpiões desmorona no céu.
Girinos e gerânios decapitados pelas hélices
de cristal da respiração do pote.
O pote retoma o seu canto patético.
Canto de pássaro assassinado na aurora.

### III

O pote é o pórtico do pântano.
O coração do pote, pilastra da primeira parábola.
Anuros de retina limosa depositaram sua perplexidade
à sombra das âncoras do pote. O pote, sensualidade
atávica, pêndulo e palpitação dos orgasmos da noite.
A respiração do pote mistura-se à respiração
das ravinas. O odor de chuva dos potes
reverdece a memória das vigas da casa.
A respiração dos potes ressuscita os mortos.

### IV

O pote e as potências da água
o pote e o vento que dele sopra
o pote e o seu âmbito cravejado de luas
o pote e o seu devaneio de objeto perpendicular à nuvem

o pote que não recolheu as espigas de Booz
o pote jogado ao ombro de Sísifo
o pote subindo em espiral ao vértice do seio
o pote libertando as formas do incriado
o pote e o seu diáfano planeta especular
o pote e o seu desaguar em reminiscências eróticas.

## V

O pote é um rio de nostalgia e húmus.
A infância do homem passa pela antigüidade do pote
a respiração do pote refaz as hierarquias do arco-íris.
O pote ensinou ao homem os ritos da sedução.
A sensualidade do pote e a sensualidade da mulher.
As ancas da fêmea e as ancas do barro.
O oleiro que fez a mulher e o oleiro que fez o pote
não eram certamente aprendizes de mágico.

## VI

Adolescentes bolinam o pote, como se o pote
não ardesse também nas chamas do purgatório.
O odor do pote induz ao cio, alastra-se pelo corpo
e as messes do êxtase. Ao desaguar em mar nenhum
o pote descreve uma parábola circular.
O pote e o seu reino de conchas.
Água convertida em vinho.
Mistério e sensualidade.

## VII

O pote à sombra do incriado
o pote à luz das estrelas que não chegaram a brilhar
o pote sob as pálpebras de Penélope
o pote semelhante ao feitio do primeiro alaúde de Homero
o pote onde a água era o vinho das bodas
o pote reduzido a cinzas por algum deus sacrílego.

## VIII

O pote parece um pêssego
parece um pântano primordial
parece o primeiro poema do povo primitivo
parece um pícaro pronto para o palco
parece um pensamento pré-histórico
parece um pêndulo parado no portal de pedra do paraíso.

## IX

O pote acompanha a cavalgada das estações.
Os pássaros governados pelo magnetismo da bússola do pote.
O pote tem o mistério dos talismãs.
Parece o espírito que se evadiu dum ícone mutilado.
O pote é o centro poroso de um mundo
de que somos a alma provisória.
Todos vão com muita sede ao pote
mas será que voltarão saciados?

## X

Esse pote de argila vem da infância
porejando ilusões pelo caminho.
Mas o pote é uma esfera que balança
no espaço. Uma parábola de vinho.

Um dia olhei o espelho tenebroso
e vi apenas o mistério insólito.
Um jardim de utopias e esse rosto
que era o meu rosto imberbe de fantoche.

Vi o amor se extinguir numa fogueira.
As constelações grandes e as pequenas
e os cavalos dos elfos a galope.

Ao contemplar a água prisioneira
vi o perfil de um deus. Mas era apenas
o rosto de meu pai dentro do pote.

# Ode Circular

## I

No maxilar do rei há restos de ouro
restos de prata, restos de marfim
e de palavras, pêssegos da ira.

No maxilar do rei dorme um tesouro.
Ao menestrel que o roube para mim
pagarei cem palácios de safira.

No maxilar do rei há signos raros
de um tempo sepultado no granito.
Signos cruéis das pompas de um monarca

que namorou medusas de olhos claros.
No maxilar do rei está escrito
que o mistério veloz não deixa marca.

## II

A asa do mistério se aproxima
e atravessa os espelhos de cristal.
Os velozes cavalos das infantas

chegam da aurora aos pastos desta rima.
As palavras da esfinge não são tantas
mas em cada segredo arde um fanal.

Falo de um deus que morre e permanece
íntegro, no seu corpo e em sua essência.
O carrossel do tempo volta à origem

dos seios decepados sobre a messe.
– Tudo é razão para a nossa indigência
apodrecer nos cimos da vertigem.

## III

O suor dos cavalos ainda espreita
os olhos seduzidos das ravinas.
E o reluzir das esporas de cristal

incendeia o horizonte que se estreita.
O sol dos mortos cega-me as retinas
e a solidão é a ponta de um punhal.

O extermínio dos anjos começou
quando raiava o tempo da utopia
sobre a infância dispersa dos heróis.

Na hora em que o prodígio alça seu vôo
e o suor dos cavalos nos carpia
um novo reino ardia em nossa voz.

## Avião

Sensação de flutuar no vazio
entre dragões de fogo.
Sensação de vencer o anjo da morte
num duelo de ouro e prata.
Sensação de atravessar a porta do paraíso
montado no alazão de Deus.

Sobes o último degrau
da escada de fogo de Jacó.
Tua origem se dissolve
em poeira e vento no páramo.
E te embriagas com o abismo
e a música das esferas.

Vertigens brancas
e velocidades inertes.
O começo e o fim do tempo
apodrecem em tumbas de cristal.
O silêncio crava na alma
o punhal do zênite.

## Dor Essencial

O que dói não é a mentira
vertida em nosso cálice
e que nos dão a beber como se fosse vinho.
Não é a certeza do pânico
na hora de morrer, nem a solidão
que lentamente mina o corpo
e a alma desse pântano.
O que dói é sentir.
Sentir que nos esvaímos em água
foragida, em música
de barro e sonolento perfil.
O que dói é ver os olhos da pátria
morrendo à míngua.

## Vigília

No meio da noite escuto
o rumor dos objetos domésticos
respingando solidão
no corpo da casa.
Escuto vozes
palpitações de asas agressivas.
Escuto o cântico da água
nas veias das paredes.
Escuto os passos do morto
na sala deserta
e o vento despetalando rosas irreais.
Escuto todos os ruídos da casa.
Inclusive a tua memória.

## As Árvores

Estas árvores são calmas
do raiar ao fim do dia.
Não leram Platão nem Sócrates
nem sabem filosofia.

Palpitam no espaço eterno
cheias de viço e beleza.
Não leram Platão nem Sócrates
são sábias por natureza.

Ouço a alma destas árvores
palpitando nas raízes.
Não leram Platão nem Sócrates
e por isso são felizes.

Deusas do tempo e do espaço
da noite e da tempestade.
Árvores são catedrais
suspensas da eternidade.

## À Alma Soterrada de Minha Mãe

Um tigre em chamas passeia na esfera solar.
Minha avó atravessa a porta do zênite
montada num cavalo de areia
que se derrete ao sol.

Meu pai bebe café
no pórtico da tumba do faraó.
Depois apaga a candeia, acende o cachimbo
de argila e volta a dormir.

Tomo a nuvem pelo braço
e saio perguntando às casas da aldeia
onde fica o cemitério dos gnomos
e a pedra encantada do adeus.

Azul de metal fundido.
Estes espinhos da reminiscência
são rosas para a alma soterrada de minha mãe.

## Canção da Tarde

A tarde é tão leve
como se tanta beleza
fosse de seda.

A tarde é tão súbita
que o horizonte estremece
dentro da alma.

A tarde é tão mística
que o repicar dos sinos
convida a partir.

A tarde é tão pálida
que os olhos dos homens
pedem para morrer.

## Canção Délfica

O sol dos deuses brilhou.
Tudo palpita e se alegra.
A noite já não nos roça
com a ponta da asa negra.

Meu coração bebe o sol
derramado nos caminhos.
E embriaga-se da paz
que verte dos verdes vinhos.

Com a mesma irreverência
dos deuses e dos meninos
o sol passeia na tumba
dos justos e dos cretinos.

## Explicação do Poema

O poema é a minha alçaprema
a minha alavanca
o meu teorema.

O poema é meu dilema
a minha chave secreta
o meu diadema.

O poema é o meu sistema
de não perder no jogo da vida.
O meu enfisema.

O poema é a fala suprema
do meu coração.
O âmago da gema.

## Poema em Forma de Trívio

A sombra deste pássaro me corta
com seu gume de adaga, seu arcano
seu mistério acendido na retina.

Sombra estendida sobre a escura porta
cravada nas entranhas do oceano
onde o espanto começa e não termina.

Sombra esguia ondulando mastro acima
sol de albatroz erguido sobre o mar
me leva para a infância de onde veio

o menino encantado numa rima.
Sombra onde acaba o escuro lumiar
e começa o infinito devaneio.

## Bucolismo

Estas cabrinhas da Arcádia
que pastam lírios defronte
são as mesmas que baliram
nas odes de Anacreonte.

São as mesmas que pastaram
relvas na tumba de Nero
e que dão leite e coragem
aos argonautas de Homero.

Estas cabras tão serenas
com seus olhos de rubi
são as mesmas que passeiam
nos cânticos de Davi.

Estas cabras cor de zinco
banhadas de estranha luz
são as mesmas que baliram
junto ao berço de Jesus.

## Minueto da Água

Sou o princípio de tudo.
Homens e deuses nasceram
do meu ventre de veludo.

Sou a gota primordial
onde a vida ergueu a cauda
e o sol cravou seu punhal.

Na rocha e no mineral
restos da minha placenta
lembram lascas de cristal.

Ergo a minha catedral
no cerne da transparência
e me converto em fanal.

Sou a espinha vertebral
das lanças que reluziram
na guerra do Santo Graal.

Meu reino de espuma e sal
começa nas profundezas
dos mares de Portugal.

## O Tecedor e Sua Trama

Enquanto os mágicos se divertem
com paradoxos e algarismos
vou imaginando um mundo plausível.

Enquanto rinocerontes de cimento armado
esmagam devaneios e mitologias
vou enfeitiçando palavras.

Enquanto o trapézio do acaso
balança sobre os nossos destinos
vou desfiando o linho das sensações.

Enquanto a esfinge não chega
pela maçaneta da porta
vou tecendo os fios da minha parábola.

Enquanto não formos trespassados
pela foice da síntese
vou ressuscitando em memória de mim.

## Sedução

Parecia um pesadelo
mas era verdade o que eu via.
Parecia um sortilégio
mas era esta chama que me consumia.
Parecia alucinação
mas era o teu pensamento que me seguia.
Parecia astúcia dum mágico
mas era esta beleza que me doía.
Parecia artimanha dum bruxo
mas era a tua ausência que me seduzia.

## Rinoceronte

Passou um rinoceronte
alta noite em minha casa
comeu copos de cristal
terrinas de porcelana
bibelôs de terracota
trazidos de Portugal.

Comeu as flores dos jarros
e a prata dos castiçais
comeu cortinas e lâmpadas
e outros emblemas tribais
comeu o gelo do Freezer
e o brasão dos ancestrais.

Comeu até os fantasmas
e os seus cabelos de areia
as cadeiras de espaldar
e os convidados à ceia.
Comeu as fotografias
do morto que devaneia.

Comeu as cartas de amor
no bolso do paletó
comeu os discos de cera
que foram de minha avó.
Depois comeu o piano
como se fosse abricó.

Comeu toda a indumentária
e objetos de cortesia
e comeu um cebolão
dos tempos da Monarquia.
Comeu por fim a memória
do menino que dormia.

## Semeador

Semeia o vento
como quem semeia
cevada e centeio.
Em cada esquina
do teu devaneio
semeia o vento.

Semeia o vento
na lauda indecifrada
do teu anseio.
Na terra esquecida
do espanto alheio
semeia o vento.

Semeia o vento
pelas madrugadas
do pastoreio.
Na concha do búzio
em forma de seio
semeia o vento.

## Epigrama Grego

Teseu
o artesão
perdeu o tesão.

Teseu
herói do labirinto
venceu
o minotauro
mas ficou sem o pinto.

## Canção Provisória

Algarismos de fogo
relâmpagos automáticos
iluminarão os nossos
cadáveres tecnológicos.

Nada vale o homem
reduzido à mitologia
de um minúsculo painel
de signos eletrônicos.

Renuncia ao devaneio
de imaginar que descendes
de alguma hierarquia
de solidão e pecado.

Arderás ao galope
de um cavalo orbital.
– A palavra e a metáfora
são fezes atômicas.

Tua existência inteira
tua memória atávica
até mesmo o sigilo
do verso e da parábola.

## Ritual

Vi um boi morrer.
O olhar do boi boiava numa luz gelada.
As grandes órbitas vazias
de paisagem, de latitudes pastoris.

Vi um boi morrer
em meio à paradoxal alegria dos homens.
Pedaços fumegantes do boi
voltaram a protestar.

Vi um boi morrer.
Vi um boi fluir até à exaustão.
Na terra irrigada de sangue
só crescem girassóis.

## Promulgação do Ser no Barro

Barro temperado
pela chama esguia
desse olhar de vinho
que me seduzia.

Barro de onde o sangue
da madre escorria
moldando esse rosto
que há tempo eu não via.

Barro trespassado
pela serventia
do azeite e da lâmpada
que no escuro ardia.

Barro antigo e novo
que do chão se erguia
para urdir a trama
da nossa agonia.

## Parábola de Sangue

Os caminhos estão cheios de homens
que perderam a memória da luz.
A treva está concosco e espreita
a sombra que pede passagem.
O vulto do soldado nos ameaça
com seu fuzil metafórico.
No limiar da alba os pássaros
semeiam parábolas de sangue.
Enquanto os mortos dançam na catedral
os pobres vão juntando pérolas
para o seu colar de piolhos.

## Ceia

Fomos expulsos da ceia
pelos lacaios do mágico.
Seremos brutalizados
num carrossel de algarismos.

Vais morrer de solidão.
Vomitar as entranhas
para os cachorros. Vais
apodrecer ao desdém das moscas.

Vais esquecer as amadas
entediadas de êxtase.
Arder aos caprichos
da hiena fotogênica.

## Opus 57

Um piano toca Beethoven.
Meu coração é a ribalta de um país sem fronteiras.
Um piano recria o universo
sob a batuta de Deus.
O vento fustiga o gênio dos bosques
a noite dos faunos relampeja.
O perfil retorcido dos mortos se desfaz
e um deus me sonha outra vez.
Um piano toca Beethoven.
Toca o meu coração. As cordas mais sutis
da minha humanidade cúmplice.
Aos acordes da Appassionata começa o Juízo Final.
Um piano pulveriza o universo
sob a batuta de Deus.

## Noturno Alegórico

O uivo do vento sob a chuva fina
era um cão ladrando à própria sina.

Estrelas ardem no céu em pânico
as ondas entoam o seu negro cântico.

Um bêbado engole a chama do cigarro
a lua espeta o seio nas rosas do jarro.

Um raio atravessa a claridade pouca.
Fino como o grito soturno de uma louca.

## Balada para Chico Mendes

Chico Mendes volta à infância
no giro de um carrossel.
Em cada curva da estrada
sete mortes de aluguel.

Pergunte ao reino dos peixes
e às feras pelo massacre.
Pergunte por Chico Mendes
pastor dos rios do Acre.

Pastor da terra e da água
pastor da chuva e do vento.
Chico Mendes dorme agora
com seu defunto ao relento.

Chico escreve o seu poema
sem precisar de papel.
Em cada esquina da vida
sete mortes de aluguel.

Matam Chico, mas não matam
os seus olhos pastorais.
Olhos que zombam da morte
de um jeito que ninguém faz.

Matam Chico, mas as mãos
nenhum raio as aniquila.
Mãos que semeiam palavras
de esperança, trigo e argila.

Nasce do corpo da selva
um rio de leite e mel.
Atrás da rosa se escondem
sete mortes de aluguel.

Matam Chico de emboscada
mas não matam a sua voz
que os rios hão-de levar
da nascente para a foz.

Escopeta de assassino
bala de grosso calibre
não vão calar a verdade
de quem nasceu pra ser livre.

Chico ensina que a floresta
não é mulher de bordel
nem deve ser mutilada
por bandidos de aluguel.

Sete vezes matem Chico
mas seu cântico de paz
ficará nos redimindo
de um jeito que ninguém faz.

# Entre Quatro Paredes

*Para Luiz Tavares Júnior*

Os dias e as volúpias
vão ardendo aos poucos
entre quatro paredes.

Os rostos e os sonhos
perdem os cabelos
entre quatro paredes.

O corpo envelhece
a alma evapora
entre quatro paredes.

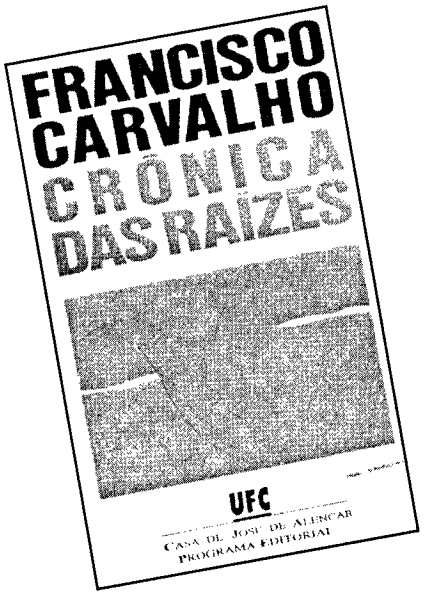
O mito e suas teias
a esfinge e seu pólen
entre quatro paredes.

Borboletas de limo
e os aromas da chuva
entre quatro paredes.

As asas do agouro
são plumas de adeuses
entre quatro paredes.

As patas da noite
esmagam palavras
entre quatro paredes.

Aos risos e lágrimas
o amor começa e acaba
entre quatro paredes.




# Crônica das Raízes

*E eu mesmo preparo o chá para os fantasmas.*
MÁRIO QUINTANA

## O Dia em que o Vento te Disser Adeus

Um dia o vento assustará as flores no jarro
e os perfis dos anjos voltarão a sorrir
nos olhos dourados das molduras.

Um dia o vento desfolhará as samambaias
as rosas amarelas dos castiçais
e os lençóis terão a mesma leveza da mortalha.

Um dia o vento regressará à intimidade
dos espelhos, onde a nudez se despiu para sempre
de suas honrarias e seus emblemas.

Um dia as reminiscências do morto
recomeçarão a longa travessia pelas salas desertas
onde a memória sangra.

## Olhos de Busca

Esta é a hora em que me tocas
sombra de raios ardentes
com teus dedos de fogo
com teus olhos de busca.

Esta é a hora em que me falas
com tua boca de argila
com teus braços de orvalho
com teus olhos de súplica.

Esta é a hora em que me buscas
coração extraviado
entre os arautos da noite.

Esta é a hora em que me acenas
com tuas mãos resgatadas
pelo sangue dos mortos

## Receita de Viver

Importa viver com alguma esperança
o minuto nos olhos
e a liberdade nas mãos.

Importa viver com alguma ironia
e a curva do braço
embalando honestos pensamentos.

Importa viver com a liberdade intacta
e de olhos abertos
para as sete chagas do homem.

Importa viver com algumas palavras
e os rebanhos do mito
pastando a metáfora.

## Emboscada

Os olhos da sombra
espreitam o silêncio.
Passos ungidos de sangue
chegam das encruzilhadas da noite.

Um vulto incerto
vindo da clareira
semeia presságios
pela madrugada sem caminhos.

Um estampido abafado
assusta o vento.
A lua despenca do céu
numa poça de sangue.

## Desenho Rupestre

O homem não é um sonho
nem alguma utopia.
O homem é senhor do seu destino
e dos caminhos que passam
por dentro da alma.
O homem se veste de negro
como quem celebra
e escreve palavras de areia
numa lauda de relva.
O homem é mais real do que uma pedra.
Adormece acorrentado
à cauda das estações
e sacode a poeira dos sapatos
no limiar da morte.

## Soneto de Coimbra

Tangido pelos ventos da desgraça
vem de Coimbra esse espavento negro.
Soluça o império e as águas do Mondego
quando o cortejo funerário passa.

Nobre esqueleto em trono alumiado
pelo esplendor da púrpura sucinta.
Sussurros mitológicos da Quinta
e os seis dragões de porte alevantado.

Nas ruas passa estranha romaria.
Só se ouve o som dos cascos dos cavalos,
rumor sinistro que o silêncio corta.

Ali começa a inglória dinastia.
O reinado sem pompas nem vassalos
da que rainha foi depois de morta.

## Dança dos Elementos

O relâmpago desenha partituras de fogo
em todas as hierarquias do céu.
E o trovão faz em pedaços
a casca arcaica do mito.

As nuvens estão maduras
como um cacho de pêssegos.
No cristal do espaço
crespa simetria de ventos petrificados.

Esta é a hora do abismo
quando os mortos voltam a tocar
a flauta dos ciprestes.

Hora nupcial do despertar das profundezas
em que os deuses galopam
com suas negras túnicas.

## Cântico dos Filhos da Terra

Eles plantaram cólera
na terra encanecida
dos antepassados.
Plantaram solidão e vento
depois enterraram
os ossos e a memória
num cemitério
de colméias e de espigas.

2

Terra seca e áspera
como a pele dos homens.
Terra marcada a fogo
pela maldição de Caim.
Terra seduzida pelos passos
do invasor. Terra redimida
pelas cicatrizes da diáspora.
Terra jogada às moscas
pela janela do latifúndio.

3

Eles cultivarão a terra
enquanto for preciso.
Semearão esperança
na correnteza dos dias.
Setenta vezes serão expulsos
desta nesga de sonho.
Setenta vezes reconstruirão
a paisagem demolida.
Setenta vezes serão libertados
do reino da servidão.
E serão crucificados na terra
enquanto for preciso.

4

Basta ver a chama nos olhos.
Basta ver a alma
esvaída por todas as artérias.
Basta ver a alma lutando
pela posse do sonho.
Basta ver as mãos
desenhando a escultura da paz.

5

Tive os olhos vazados
pelas flechas do sol
a boca dilacerada pelos
espinhos, as mãos destroçadas
pelo atrito das pedras
o ventre esfacelado
pelas aves de rapina.
Tive a esperança demolida
por vontade da lei.

6

Com minha enxada vou abrindo
caminhos para a aurora da terra.
Caminhos que pulsam, veias
abertas. Com minha enxada
vou escrevendo o único
alfabeto que sei soletrar.
Abrindo uma porta no futuro.
Vou ressuscitando a cada
manhã e recompondo
cada fragmento de mim.

7

Só tenho de meu a terra
e este silêncio para morrer.
Cresci na convivência
da paisagem. Estou ligado
à vida pela placenta da terra.
Enquanto a erva cresce
vou tecendo a minha liberdade
e este cântico de raízes.
Só tenho de meu a terra
e este minuto para morrer.

8

As botas dos esbirros
passaram por aqui.
Deixaram marcas de sangue
nos cabelos da terra
pedaços de memória esvaídos na areia.
As botas dos esbirros passaram
por cima da nossa fala.
Haverá ranger de dentes
no tempo de redimir.

## Sonetos de Fingimento

### VIII

Falei de Clara à clara correnteza
que passava veloz rumo do mar
e lhe contei que o olhar dessa princesa
não carece do sol para brilhar.

Falei de Clara ao vento e, com certeza,
ele cessou seu brando sussurrar
quando afirmei que a própria natureza
se sente venturosa de a escutar.

Falei de Clara à esfera iluminada.
E as estrelas ficaram comovidas
com tanta sedução, tanta beleza.

Desde então passam horas esquecidas
vendo o esplendor que cerca minha amada.
Clara sorrindo à clara correnteza.

## Os Cavalinhos do Carrossel

Os cavalinhos do carrossel
não são feitos de algodão
nem são feitos de papel.

Os cavalinhos do carrossel
têm asas que são velozes
como as das aves do céu.

Os cavalinhos cor de mel
num galopar de ciranda
em torno do carrossel.

Os cavalinhos em tropel
vão passando, vão passando
por dentro do carrossel.

Meu arcanjo São Miguel
guarda os lindos cavalinhos
do meu velho carrossel.

## Boimito

De que tempo o boi
chega assim feérico?
Boi emancipado
de chifres pretéritos.

Este boi me chega
de um tempo infalível.
Refaz o mistério
do espaço abolido.

Passeia no asfalto
tão fora do tempo
que o andar desse boi
se esfarela ao vento.

Fita os automóveis
com sutil desprezo.
De que tempo o boi
chega tão disperso?

Este boi me pasta
rumina o meu sonho.
Chega a ser eterno
novilho entre os homens.

## Serenata do Adeus

*À memória de Antônio Girão Barroso*

Adeus, poeta Antônio Girão Barroso
adeus para nunca mais.
As ruas da cidade estão mais tristes
sem tua lírica pessoa.

Adeus, ó sósia de Chaplin
ó irmão mais velho dos homens.
Adeus, cavaleiro andante
de alguma idade média hipotética.

Nunca mais te veremos
cantor de namoradas e de luas.
Nunca mais os teus olhos de poeta solidário
saudarão os pássaros da aurora.

Tempo houve em que celebravas
as coisas simples da vida.
As pestanas da mulher amada
e o madrigal pousado em teu bigode.

Agora tua boca silente
já não semeia a parábola
nem nos oferta a rosa
de uma gargalhada metafísica.

Agora já não vais ao bar
com aquele teu andar patético
de vagabundo, ó cidadão
de um mundo sem fronteiras.

Agora já não te embriagas
de utopia e de lêvedo.
Nem recitas versos para a lua
como se a solidão fosse um punhal.

Agora já não é possível
decifrar o enigma no teu peito.
Esse vento que sopra e essa relva de paz
te empurram para longe de nós.

Que falta nos faz tua voz
regando a liberdade em praça pública!
E aquele teu andar patético
de mágico que perdeu a cartola.

Os amigos te chamam de longe
para a boêmia das tardes no Estoril.
Ali pertinho de onde o mar
bolina as coxas da ponte metálica.

Mas já não ouves o que dizem
(esse vento que sopra e essa relva de paz).
Na noite atômica ninguém te chama
nem te convida para a ceia.

Ó cidadão de um mundo sem fronteiras
sem possibilidade e sem poesia.
Que falta você nos faz
coroado de rosas e de versos!

## Dez Estudos

*Para Artur Eduardo Benevides*

Aos raios da chuva
o leão sacode
o ouro da juba.

Em seu devaneio
mergulha o sapo. O lago
parte-se no meio.

As penas do pássaro
dançam na retina
flexível do gato.

A sombra do urso
cai pesadamente
sobre o crepúsculo.

A lua do persa
se desfaz em ouro
que incendeia a mecha.

Aldebarã pulsa
na esfera. Dourado
coração da Ursa.

O salto do felino.
Arco sobre as cordas
e adágios do violino.

No céu a lua sobe.
O mar dos deuses
escreve uma ode.

A borboleta pousa
no talo da flor.
A rosa alça vôo.

Música secreta
da água: devaneio
de flauta submersa.

## Soneto da Fonte

Stela vai à fonte todo dia.
Perto da fonte imerge num cismar.
Um peixe azul desenha na água fria
seu volúvel bailado circular.

Enquanto a misteriosa simetria
do peixe continua a palpitar,
contempla Stela a imagem fugidia
em luminosa fuga para o mar.

Stela, a mais esquiva das meninas
que se miram na fonte, tem por norma
flutuar em decúbito dorsal.

Ao mergulhar nas águas cristalinas,
a nudez distraída assume a forma
e o fulgor de uma taça de cristal.

## Lenda Moderna

O dragão está solto
o dragão come gente
fechem todas as portas
lacrem todas as frestas das paredes
ponham ferrolhos de aço inoxidável nas janelas
que o dragão está solto no mundo.

O dragão tem sete línguas de fogo
e sete chifres de enxofre
tem sete labaredas nos olhos
o dragão tem uma cauda do tamanho da terra
o dragão se evapora em fumaça
o dragão está solto no mundo.

Dizem que o dragão desce pelo telhado
para amedrontar os meninos
que choramingam de noite.
Dizem que escorre uma luz encarnada
do seu perfil sulfúrico
e que o dragão se desfaz quando amanhece.

## Os Potes

No lugar mais úmido da casa
em meio à obscuridade
do tempo e à paz definitiva
desses dias de limo
a secreta música dos potes
e o cântico das rãs
celebram as núpcias dos rios.
A noite vai alta.
A chuva apagou as altas estrelas.
Só a respiração dos potes
me guia na densa treva
e me lembra que a vida continua.

## Velho Mendigo

Sou um velho mendigo que passeia
nas ruas do sarcasmo e da utopia.
Meu corpo de espantalho cambaleia
entre a realidade e a fantasia.

Sei que o destino fia e tece a malha
dos nobres, dos bastardos e das feras.
Sei que o homem não passa de um canalha
fustigado por todas as quimeras.

Meu coração, às vezes, devaneia.
Sonha que a luz dos astros é uma ceia
dos deuses, uma esplêndida iguaria.

Quando a noite é mais negra, mais feroz
e os anjos não escutam minha voz
os velhos cães me fazem companhia.

## Nonoca e a Foca

A menina se chama Nonoca
a foca se chama dondoca.
Nonoca gosta de coca
a foca gosta de pipoca.
Nonoca fia na roca
enquanto a foca fofoca.

A foca mora na toca
junto com a sua patota
sacode a cabeça oca
como se fosse minhoca.
Nonoca come paçoca
enquanto a foca fofoca.

A foca escondeu a faca
na malota de Nonoca
a foca pensa que é fofa
só come sopa e compota.
Nonoca faz cambalhota
enquanto a foca fofoca.

## Ode Minúscula

Teu corpo é um campo
de centeio dourado
pelo sol do cio.

Tem cheiro de espigas
maduras sob
as rajadas do estio.

Teu sexo é morada
de abelhas que semeiam
pólen nas águas do rio.

Teu corpo é vinho verde
de que me embriago
numa taberna do Rossio.

# Galope de Pégaso

*Para mim bastava amor somente.*
CAMÕES (RIMAS)

## Núpcias

Este dia que me oferta
as espigas de ouro
deste claridade sem vértebras.

Este dia lembra um pássaro
fugitivo do mar
recendendo a espuma e amaranto.

Um pórtico de fogo
erguido entre o céu e a terra
para celebrar os anjos rebelados.

Um colar de pérolas.
Um jorro de vinho derramado
entre os seios da amante.

Este dia de abóbadas
e arcadas de vento
com todas as liturgias de uma catedral.

Este dia de núpcias
parece uma árvore de ouro
com todos os seus frutos maduros.

## Galope de Pégaso

A vida passa
com seu cortejo
de dissipações.

Movimento célere
de corpos e objetos
em plena vertigem.

Passa e não volta
(esquivas águas
do rio de Heráclito).

Passa por tua sombra
atravessa a alma
e os seus pórticos.

Passa e nos trepassa
com seu punhal
de sordidez.

Passa e nos marca
com seu estigma
de cinza e pó.

A vida é esse
bailado de gestos
contra a parede.

Vertigem da nuvem
trapézio da alma
à beira do abismo.

Pátria de anseios
espantalho de vidro
diáspora de pássaros.

Delírio de espumas
galope de pégaso
nos declives da noite.

## Cigarras

*Para Mailma de Sousa*

Hoje as cigarras
estão tecendo
o linho do seu cântico
em louvor do sol
e da palpitação das espigas.
Estão celebrando
este abril de asas e zumbidos
que se dilaceram
de encontro às flechas da luz.
Estão desenhando o amor
na fímbria de cânhamo
deste verão de vespas e abelhas
sob as bênçãos
de um céu de topázio.
Hoje as cigarras devaneiam.
Partem para o equinócio
numa cavalgada de violinos.

## Oitavas Reais

Pássaro real, ó descendente
dos faraós, guardados em catacumbas
de linho. Pássaro da estirpe
dos deuses coroados que povoaram
as verdes colinas da Grécia
no tempo em que o alaúde de Homero
celebrava os feitos de Ulisses
e a sedução dos olhos de Penélope.

Pássaro gerado pelo sol dos impérios
à sombra dos oliveirais de Delfos.
Senhor do espaço e do infinito
navegador solitário dos ventos
e das procelas. Eu te saúdo
ó pássaro real, em teu castelo
de plumas, erguido sobre os vestígios
do derradeiro sonho medieval.

## Aquela Que me Acende a Fantasia

Aquela que me acende a fantasia
e retoma o caminho para os astros,
como será o nome dessa deusa?
Cruza as minhas noites com seu fulgor
de sol no zênite. Vejo-a passar
pelos jardins da vida, recendendo
a orvalho, a madrugadas nos quintais
onde os galos preludiam verões.
Aquela que me axalta, sei-lhe apenas
o roçar da nudez em meus sentidos.
Aves do céu, que flutuais no espaço
entre arcanjos e esfinges de cristal,
dizei-me onde é que reina a hierarquia
daquela que me acende a fantasia.

## Ode à Árvore

Deusa vegetal
de corpo límpido.
Madre das raízes
matriz das matrizes.
Árvore, medusa
de cabelos verdes.

Ó noiva morganática
do senhor dos relâmpagos.
Catedral do vento
e das liturgias da paz.
Pátria dos pássaros
pórtico de ouro
do solar do crepúsculo.
Senda de murmúrios
em segredo, de
palpitações em surdina.
Guardiã dos córregos
e dos veios da vida.
Pastora da montanha
e da fecundidade.

## Escada do Paraíso

Corpo feito de vagas
agitadas e búzios
sonolentos. Oh corpo
de mulher, entre medusas
e portulanos de areia.
Corpo seduzido pela
luminosidade dos cardurmes
pelo movimento sinuoso
das marés. Oh corpo
de terracota e cristal.
Corpo aderido ao sexo
de Deus. Corpo nu
de gaivota em tarde azul
escada do paraíso.
Oh corpo varando a noite
e o dia em diagonal.
Corpo, oh corpo de lava
e lêvedo, fendido
pela cimitarra de um deus.
Eu te celebro nesta
canção. Vertente e foz
dos sete pecados capitais.

## Cântico da Nudez

Toco tua nudez
de taça que ardesse
ao fogo do vinho.

Tua nudez viva de água
libertada. Nudez
de todos os desejos
comidos pela loba do cio.
Toco tua nudez
com as mãos, até sentir
a pulsação da chama encarcerada.
Toco tua nudez com
os dedos dos cinco sentidos
até escutar a música
jubilosa das cordas do alaúde
do amor. Até pressentir
que no céu dos teus olhos
todas as estrelas se apagaram.

## Elegia de Setembro

Setembro roçando a orla do mar
com seus ramos constelados de nuvens.
Setembro chegado em silêncio
sobre os terraços sonolentos das casas.
Silêncio palpável como pedra.
Só a respiração do universo
se escuta, a farfalhar nos verdes
cabelos das samambaias. Só se
ouve o ressonar dos anjos na tarde límpida.
Estilhaços de cristal
jogados ao sol, prestes a romper
a inconsútil, a derradeira reminiscência
que nos separa da morte.

## Anatomia do Poema

O poema é um cardume
cego, punhal
de afiado gume.

O poema é um feixe
de âncoras
nas rotas do peixe.

Cintilação, dardo
que atravessa
o salto do leopardo.

Cáfila, perto
da alba que incendeia
rastros no deserto.

Latido, uivo
de cadela assassinada
por um deus ruivo.

O poema é o faro
do tigre, a pele escura
do instante claro.

A ponta satírica
da língua cancerosa
da lírica.

## Cabeça de Cavalo

Cabeça de cavalo
terás pertencido
ao rei Sardanapalo?

(Há nobres indícios
de que foste gerada
em prados fenícios).

Provéns de egípcias glebas?
Terás atravessado
as cem portas de Tebas?

Aprendeste os feitiços
da que espera acordada
pela volta de Ulisses?

De que frescor de árvore
é o vento que agita
tuas crinas de mármore?

Cabeça de cavalo
habitas o mesmo arcano
em que resvalo.

## Elogio da sombra

Tua sombra
refletida na água.
Esguia como um pórtico.

Tua sombra
desenhada na anca
dos arquipélagos.

Tua sombra
coroada rainha
na dinastia dos espelhos.

Portas que se abrissem
para um jardim
em chamas.

## Canção da Angra

Odor de espuma marítima
escorre das vértebras do teu corpo
recendendo a orquídea e sal.
Odor de vinho dionisíaco
circunda a taça dos teus ombros
como se à embriaguez da alma
não bastasse o abismo dos teus olhos.
Odor de rosas machucadas
numa urna de cedro
invade as sete colinas do teu corpo.
E todo ele é consumido pela
volúpia do mar e pelo cio
dos cardumes. Ah, fosse eu, amada,
a angra onde a tua nau ancora.

## Realeza

a prata da ardentia
o ouro das marés
a chama dos punhais.

a brisa dos arcanos
o gotejar do vinho do tempo
na taça da clepsidra.

o pólen do outono
o fulgor da rosa
quando começa a aurora:

– tudo mais real
que o etéreo sopro
que se chama vida.

## Arquipélago

Lagarta mágica
no seu arquipélago
de pudor e cristal.

O tempo tecido
teia e teodicéia
do silêncio.

Gótica alvenaria
de espantos. Labirinto
de asas límpidas.

O vôo das hierarquias
rumo do azul.
Vertigem do zênite.

## Fantasia para Guitarra Moura

Sei de um rio que corre
dentro do nosso peito.
Um rio que se move

como se fosse um réptil
uma serpente egípcia
um sol dentro de um vidro.

Rio que vem do âmago
de si mesmo e deságua
na memória, esse pântano.

Sei de um rio que irriga
as artérias da amada
com ouro, incenso e mirra.

(São tantos os arcanos
os usos desses búzios
onde sempre ancoramos).

Sei de um rio que acende
seu cachimbo de ópio
nas chamas do teu ventre.

Rio que verte, amada,
da dor da própria carne.
Rio que sempre volta

para beber do vinho
das núpcias das espigas.
Rio que sempre forma

um delta em tuas coxas.
Rio que te semeia
como se deusa fosses.

Rio que enlaça a crina
entre o dorso do verso
e as madeixas da rima.

Sei de um rio que agita
as asas de albatroz
quando vai alçar vôo.

Rio que nos habita
com tal profundidade
que emigra e ninguém sabe

quando regressa à orla.
Rio que amola o peixe
como se fosse um sabre.

Onde começa e acaba
a espuma desse rio?
o enigma dessa cauda

que abarca o céu, o inferno?
Rio que nos carrega
por dentro de si mesmo

como carrega o húmus
da infância soterrada
nos olhos dos cardumes.

Sei de um rio que bebe
o vinho dos teus ombros
mas nunca mata a sede.

Um rio que deságua
nas fontes do teu corpo.
Faz tempo que velejo

as naus de tuas ancas.
Que estou acorrentado
ao visgo dessas âncoras.

Onde esse rio pasta
aí somos cativos
do amor que não se basta

nem perde o seu fastígio.
Onde esse rio espera
a volta do equinócio

com seu colar de espigas.
Onde esse rio abarca
remorsos de outras eras

que não deixaram marca
da infância em nossa pele.
Onde esse rio alonga

o seu olhar de touro
ferido pela espada
de fogo do zodíaco.

Onde esse rio mora
sonhado pelas conchas
mordido pelos peixes

tangido pelas ondas.
Onde esse rio ergue
seu rosto para amar-te

como se deusa fosses
no altar do meu delírio.
Onde esse rio encontra

nosso destino incerto
e os passos de quem ama
sangrando entre raízes.

– Aí somos cativos
do amor que em sendo chama
costuma ser eterno.

## Biografia

Chamava-se Gertrudes Luzia Vésper
Antígona dos Mártires.
Viveu noventa e dois anos
com lucidez nos olhos
e mocidade no coração.
Na hora de morrer
pediu que lhe trouxessem
chá com torradas.
– Outra das formas de dizer adeus.

## Ave de rapina

Ó ave de rapina
quem te oferta o sol
quando a aurora termina?

Que esplendor de zênite
incendeia a memória
de tuas retinas?

Que impulso magnético
te leva a procurar
refúgio nas estrelas?

Que vento alucinado
te impele para
os vértices da vertigem?

Que fanal te clareia
quando fitas os rincões
de tua dinastia?

Que império de chamas
funda o teu poderio
de sedução e morte?

## Marginália

A luz à beira da sombra
o vento à beira do fogo
a vida à beira da morte.

O corpo à beira do sonho
a alma à beira do abismo
o mar à beira da praia.

A nau à beira da escarpa
o espanto à beira dos dias
o gato à beira do salto.

A lua à beira do lago
o riso à beira do pranto
o sapo à beira do pântano.

O boi à beira do rio
a ovelha à beira do córrego
o homem à beira do código.

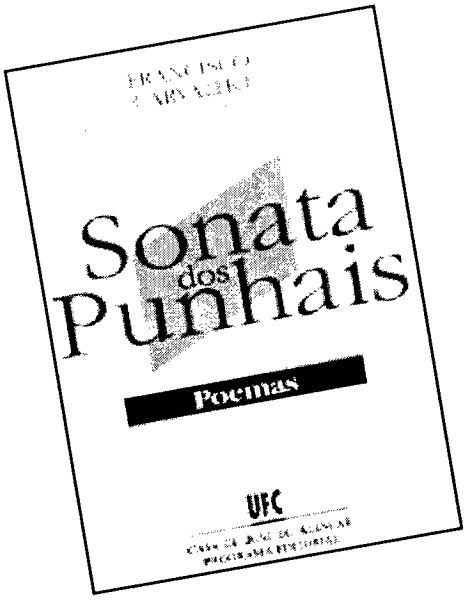
## Asas do Crespúsculo

Na súbita escuridade
deste crepúsculo de asas
a alma parece flutuar
numa ondulação de vertigem.

No coração da amada
jardim de anseios
infâncias desabrocham
num frescor de relvas.

Visões de um tempo mítico
descem pelas escadas
pairam rentes à sombra
flexível das samambaias.

Na escuridade súbita
as almas dos aflitos
se voltam para a face
soterrada dos mitos.




# Sonata dos Punhais

*O ato de escrever é a arte de sentar-se numa cadeira.*

SINCLAIR LEWIS

## Arco de Pássaros

Vejo-te erguida como um arco de pássaros
suspenso sobre o coração dos arroios.
A chuva te envolve numa teia de prata
o sol se inclina para contemplar tua sombra.

O vento te segue pelas estradas
uma serpente adivinha o teu nome.
Passa a carruagem de sangue dos fenícios
puxada por sete cavalos negros.

Os galos escrevem as vogais da aurora
os borregos do teu redil tocam flauta.
Vais à cisterna com teu gorro de lã
buscar centelhas de água para as orquídeas.

A lua é uma cimitarra de gume de ouro
os deuses nos reservam ciladas de cristal.
A terra inteira canta quando passas
ó dançarina, com teu arco de pássaros.

O vinho que transborda de uma taça
é a mesma chama que incendeia a tua boca.
As pombas do entardecer descem do céu
para comer sementes nos teus seios.

Os rios são harpas de cordas líquidas
à espera das reminiscências do cântico.
Uma serpente de areia escreve o teu nome
com a ponta de sua cauda de morfina.

A chispa dos girassóis dardeja nas janelas
o arrulho dos telhados seduz as pombas
o andar da ceifeira amadurece as lavouras.
Teu ventre é uma videira com seus racimos.

Tens o odor de um celeiro onde as espigas
e os dias ardem sob os cachos do sol.
Os pássaros querem saber dos teus passos
as nuvens relampejam sobre tua cabeça.

Vejo-te erguida como um arco de pássaros
sob o qual se formam as nascentes dos rios.
Os caules das árvores se tornam dóceis
às carícias que jorram dos teus dedos.

A pedra da escarpa modela o teu perfil
a onda imita a palpitação dos teus seios
o fogo inveja a tepidez do teu ventre
quando passas com teu arco de pássaros.

## A Onda é Um Pássaro

Na tarde feita de conchas
a onda é uma ave que canta.

Chegam do mar asas tontas
roçando a espuma brilhante.

Na tarde azul se desenham
mapas de incestos e insídias.

Chegam do mar das tormentas
gaivotas enfurecidas.

Todas as sombras velozes
desse mar de profecia.

Sombras de gestos e vozes
naufragadas num só dia.

Na tarde feita de espumas
anjos se abraçam nas dunas.

## Receita para Cortar Cebola sem Lágrimas

Uma faca amolada
no vértice do olfato.
Uma faca com ímã
e têmpera de aço.

Uma faca sem óxido
desde a ponta ao cabo.
Uma faca macia
de ambos os lados.

Uma faca que brilhe
como se fosse nova.
Uma faca sem ódio
uma faca sem nódoa.

Uma faca brilhante
com jeito de sabre.
Daquelas que cortam
o próprio diabo.

Uma faca que cante
feito aldrava de porta.
Quanto à dita cebola
depois a gente corta.

## A Noite é Uma Árvore

A noite é uma árvore
desenhada pela fantasia de Deus.

As estrelas são frutos
da árvore da nossa utopia.

A noite é um rio de treva e limo
que corre por dentro da alma.

Rio que atravessa a memória
e despeja nos estuários do tempo.

A noite é uma aranha em sua teia
circundada de todas as seduções.

A noite é uma árvore inclinada
sobre a perplexidade de Deus.

## Farol do Mucuripe

Noites de espuma e iodo.
O Farol é um deus lendário
fitando as legiões do mar
como um pássaro doido.

A noite sacode as plumas.
O Farol ensina às ondas
o pastoreio dos cardumes
das âncoras e dos navios.

Os navios vão e voltam
com os seus marujos ávidos
de amor, os seus carregamentos
de lascívia e de utopias.

Tempestades e relâmpagos
arrebentam as escarpas.
O sangue das angras volta
a correr nas veias das águas.

O solitário fanal
retina insone da noite
pousa nos galhos das ondas
como um pássaro doido.

## Madrigal

Olhos da fonte acordada
jorrando dentro do bosque.
Clamor do pássaro insone
que espera a vinda da noite.

Folhas da copa mais verde
frutos do galho mais alto
águas do arroio mais puro
cachos das vides mais doces.

Canto sazonal dos rios
que vão desaguar no tempo.
Flauta que guia as ovelhas
para os redis do silêncio.

Mostrai-me o portal de conchas
do corpo da minha amada.

## As Andorinhas

As andorinhas pousam
nos meridianos do ar.
Pousam nos raios do sol
e nos fios da rede elétrica.

As andorinhas vão e voltam
sobem e descem sem cessar.
Emporcalham as estátuas
com sua verde retórica.

Dançarinas do crepúsculo
as andorinhas devaneiam
nas torres dos campanários
e nas copas das árvores.

As andorinhas carregam
as tardes para as montanhas.

## Filhos do Mar

Somos do mar e ao mar regressaremos
quando passarem todos esses anos.
Nossas mãos são vestígios desses remos
de argonautas de antigos oceanos.

Somos do mar, das conchas, dos sargaços.
O mar nos rememora e nos inventa.
Ao mar estão ligados nossos braços
como se fossem restos de placenta.

Somos do mar, dos ventos, das procelas
dos bons augúrios, dos momentos maus.
Nossos corpos são mastros ou são velas
singrando as rotas de perdídas naus.

Somos do mar e ao mar, que nos inventa,
nos ligam seios, restos de placenta.

## Desenho Lúdico

onda dentro da onda
onda fora da onda
onda junto da onda

a onda na ida
a onda na volta
a onda na vida

a onda no porto
a onda na angra
a onda no sangue

a onda na praia
a onda na areia
a onda no seio

a onda na água
a onda no corpo
a onda na nádega

a onda no bote
a onda na bota
a onda no boto

a onda na fala
a onda na fila
a onda na fúria.

## Lenda do Pêssego

Taça de cedro, borra
de vinho sacrílego.

Urna de argila
negra, cálice de usuras.

Curva de ônix, a outra
metade do seio.

Olho de terracota
fixo na compota.

Sílaba de barro
de algum hino tribal.

Talismã cego
dos ritos órficos.

Tatuagem de sangue
na curva da nádega.

## Sapo de Plástico

*Ao Caio Porfírio Carneiro*

O sapo sarcástico
parece de plástico
Seu corpo de tísico
mergulha no líquido
Seu papo de bólide
rasteja no sólido
O sapo sonoro
só come besouro
O sapo satírico
é um poeta lírico
Se chegam os crepúsculos
faz versos esdrúxulos
O sapo fanático
é pouco simpático
Tem cara de crápula
e olhos de déspota.

Na noite emblemática
de lua esotérica

entoa um monólogo
para o seu odontólogo.

## Hino Nacional

Os canalhas explodem
as artérias da Pátria.
Enquanto isso o gigante
dorme em berço esplêndido.

Enquanto navegamos
num barco sem remos
o gigante agoniza
em berço esplêndido.

Enquanto trabalhamos
e não recebemos
o gigante trapaceia
em berço esplêndido.

Enquanto nos agridem
e não respondemos
o gigante se enlameia
em berço esplêndido.

Os velhos e enfermos
e as crianças pálidas
não ouviram do Ypiranga
as margens flácidas.

## Pastoral

Estava eu na sacada
do meu palácio de rei.
De repente te avistei.

Enquanto Urias guardava
teus rebanhos, grande rei
longas tristezas passei.

Foi esta a primeira vez
que me senti aturdido
pelo vinho da nudez.

Meu coração é de Urias
mas minha alma te pertence
grande rei, todos os dias.

Tão bela como um fanal
tu te banhavas nas águas
da minha fonte real.

Grande rei, os meus cabelos
são mais crespos e volúveis
que as barbas ruivas dos deuses.

Sabes que um rei pode tudo.
Tem mansidões de uma pomba
e coração de verdugo.

Meu coração é de Urias
mas me rendo a teus desígnios
pelo resto dos meus dias.

Amor de rei não se dobra.
Preciso matar Urias
como se mata uma cobra.

Amor de rei é tão forte
que só viceja e dá fruto
no adubo negro da morte?

## Casa do Vento

*A Hamilton Monteiro*

A casa do pobre
é a casa do vento.
É feita de barro
e não de cimento.

A casa do pobre
fede a dilúvio.
Se derrete com o sol
se desmancha com a chuva.

A casa do pobre
não tem conforto
nem para o vivo
nem para o morto.

A casa do pobre
é a casa da lua
dos insetos da noite
dos bichos da rua.

A casa do pobre
é a casa do vento.
É feita de lágrimas
e não de cimento.

## Arauto

Sou o que veio
para irrigar o irrisório.
As vinhas do espetáculo.

Sou o que escreve
com tinta de sangue
as iniciais da legenda.

Sou o que comparece
à mesa do ágape
com as rosas do vômito.

O que oferta aos convivas
uma taça repleta
de todos os pecados.

Sou o que trapaceia
na hora da partilha
e no jogo das palavras.

(Sou o último convidado
ao banquete da fúria).

## Pássaro

*A Sérgio Campos*

O vôo do pássaro é seu lado oposto
flecha de gume solar.
Corta a velocidade do tempo
de esquecer e de lembrar.

O vôo do pássaro é sua bússola
a rota submersa do avatar.
As asas do pássaro são
âncoras que o sustêm no ar.

O ar é a nau do pássaro
o seu vôo a geometria do azul
rumo e sedução da morte.

O pássaro acorrentado ao vôo
flecha que explode no ar.
As penas do pássaro são adágios de sangue.

## Patriarca

Galo, patriarca
das estirpes da alba.
Monarca de plumagem barroca.

General a desoras
de cenho arrogante
e rútilas esporas.

Pastor das noites de orvalho.
Jogral das auroras
rei de setenta serralhos.

Pousa sem mácula
nos píncaros do dia
esse avatar do Drácula.

Tem todos os indícios
de um gladiador
dos tempos de Ulisses.

Quando ergue o seu fanal
mais parece um soldado
do Santo Graal.

## Desenho Místico

Os anjos do Aleijadinho
(só os justos serão salvos)
pousam seus olhos barrocos
nos braços dos candelabros.

As naves estão repletas
do mistério da Trindade.
As pombas conduzem hóstias
na concha do seu arrulho.

Os anjos do Aleijadinho
arautos da simetria.
A eternidade ainda jorra
na penumbra desses pórticos.

O vento dobra as alfaias
anjos passeiam nos adros.
Ardem vertigens barrocas
no peito dos candelabros.

Palpitar de pedra mística
plumagem do espaço gótico.
Harpas, as asas dos anjos.
Ardem pombas nesse pórtico.

## II

Silêncio petrificado
nas retinas do ícone.
Os degraus de incenso
das escadas do claustro.

As silabas das naves
enchem as arcadas
e o peito dos anjos
de promessa e música.

Os raios da tarde
atravessam o bosque
das hóstias e deságuam
nas praias do cântico.

Ilhas de calma e vozes
se erguem do crepúsculo.
Os anjos chegam cantando
litanias de vertigem.

Os murmúrios das naves
se espalham nas arcadas.
As velas estão acesas.
O peito dos anjos sangra.

## III

A chuva toca em surdina
a liturgia das alfaias.

Asas despencam das naves
soluçam portas e aldravas.

Em sacrários de penumbra
repousam hóstias de sangue.

Por quem velam esses pássaros
nos galhos dos candelabros?

## IV

Centelhas no espaço órfico
círios e augúrios no pórtico.

Ardem seios na fogueira
pecados da vida inteira.

Em meio a vozes de ancestres
o adágio de negras vestes.

Vultos esguios de monjas
semeiam preces nas sombras.

Deste silêncio de escarpas
jorra o soluço das harpas.

## V

Abrem-se as portas do arcano
as pombas alçam vôo
(os bosques do prodígio).

A relva do tempo cresce
nas lajes negras dos adros
(pomar dos nossos pecados).

Sob docéis de incenso
presságios de fogo ateiam
as chamas do purgatório.

Rumor de freiras e claustros
assusta as plumas das pombas
crestadas pelo martírio.

Velas votivas flamejam
nas cinzas do seu desenho.
O Cristo desce do lenho.

## VI

As crespas línguas dos círios
bordam as vogais do martírio.

Volteios de prece e música
noivado de asas e exílios.

À passagem do imolado
os candelabros se apagam.

Pombas de plumas vetustas
pousam nas altas abóbadas.

As crespas línguas dos círios
todas as letras do oficio.

## VII

Vozes de harpas e banjos
núpcias de cordas
e de cânticos.

Sussurros de preces
os passos das monjas
são hóstias de sombras.

As lágrimas dos círios
escrevem na penumbra
o salmo dos martírios.

A voz do asceta cala-se.
O pão e o vinho da ceia.
O sangue jorra do cálice.

## Máquina de Escrever

Máquina de escrever, tu és meu vício.
Tu me apontas o enigma e a sedução
da palavra com teu dedo fenício.
As orquídeas do vento te amarão.

Teu olhar de dançarina me acalma
e me oferta rapsódias digitais
como se fossem, máquina da alma,
os mais altos de todos os fanais.

És a candeia acesa para o endríago
o fulgor da noturna cavalgada
a estrada circular da embriaguez.

És a vogal solar de um livro antigo.
A rosa aberta, a fêmea fecundada
por todos os demônios da nudez.

## Galo

O galo e sua luxúria
seu grão, sua grei
sua pompa de rei.

O galo e seu halo
seu brilho de espada
cravado na alba.

O galo e seu timbre
seus demos, suas damas
suas caudas em chamas.

O galo e seu gládio
sua onda, sua ronda
sua plumagem de conde.

O galo e seu cântico
sua cauda de príncipe
seus olhos de lince.

O galo e seus vaticínios
sua espera, sua espora
seu testemunho da aurora.

O galo e sua retórica
seu hábito espartano
de tribuno romano.

## Canção do Remador

O remo corta a água
mas não corta o an(seio)

da onda nem seu vértice.
Corta o sal e o cio

dos hipocampos, mas não
corta a plumagem das naus.

Corta o seio de ônix
das marés, mas não corta

o volúvel vôo das velas
nem sua ramagem de âmbar.

O remo corta a espuma
mas não corta os seus gumes.

Corta o vento mas não corta
a sonata dos cardumes.

O remo corta o Atlântico
mas não corta o seu cântico.

## Mar de Ulisses

Onda do mar de Ulisses
onda do mar veloz.

Onde está o argonauta
que não chama por nós?

Onda que enxugas
o pranto da voz.

Onda mais velha
que os nossos avós.

Onda mais forte
que o fio retrós.

Onda mais vasta
que os negros lençóis.

Onda que amolas
a ira do algoz.

Onda que pastoreias
os barcos na foz.

Onde está o argonauta
que não vela por nós?

## Poema à Moda de Octavio Paz

Se tu és a curva do seio da onda
eu sou o barco que o vento adernou
Se tu és os degraus de relva na escarpa
eu sou a encruzilhada na montanha
Se tu és a asa da ânfora dos deuses
eu sou a túnica manchada de sangue
Se tu és o rastro do arco-íris na colina
eu sou o raio caído sobre as vacas
Se tu és o dia raiando no bosque
eu sou o lenho habitado pelas vespas
Se tu és o cardume de olhos dourados
eu sou a reminiscência da hecatombe
Se tu és a vertigem do absinto
eu sou a pestilência do pântano
Se tu és o mármore da cantaria
eu sou a nascente dos rios e sua foz
Se tu és o musgo das falésias
eu sou o ácido e a nostalgia das âncoras
Se tu és a canção da terra semeada
eu sou o celeiro onde as espigas ardem
Se tu és a maciez do pêssego
eu sou o espantalho e os espinhos da messe
Se tu és o veio que atravessa a colina
eu sou os restos do barco naufragado
Se tu és o dia ancorado no azul
eu sou a hora das bodas dos pardais
Se tu és o vôo nupcial das pombas
eu sou a réstia de sol nas arcadas
Se tu és a auréola da candeia
eu sou Jonas no ventre da baleia.

## Girassol

O vento chega do mar
o aroma dos teus vestidos
o girassol na janela.

A vida jorra do corpo
sangue que amola os punhais
o girassol na janela.

A água respira o éter
o vento arranca os teus seios
o girassol na janela.

A fila dos pobres
dobra a esquina.
Por mais que se mexa
nunca termina.

Anda bem devagar
a fila dos pobres.
A morte espreita
seus minguados cobres.

A fila dos pobres
atravessa a rua.
A vida se acaba
e a fila continua.

## Disfarce

Todo poema é estrada de incerteza
caminho que se alonga ou se bifurca.
Senda que vai ao cerne da beleza
qual serpente enroscada em nossa nuca.

Todo poema é arcano que se abre
para que o sangue escute os vaticínios.
Negro fanal de negro candelabro
ardendo a um purgatório de assassinos.

Todo poema solta a pele de cobra.
Troca o disfarce, muda de semblante.
Até parece o próprio Satanás.

Todo poema é jogral que não se dobra.
Facho de luz que leva o navegante
para a missa sangrenta dos punhais.

A morte planta o seu caule
numa planície de sangue
o girassol na janela.

A noite dorme nos pássaros
a terra canta nos veios
o girassol na janela.

Os lobos uivam na escarpa
cantam pardais nos teus seios
o girassol na janela.

Agora estão todos mortos
as tumbas de olhos abertos
o girassol na janela.

## Sortilégio

O arco do vento
mais alto
o jorro da água
mais pura
cada pedra
mais densa
cada nuvem
mais crespa
cada noite
mais vasta
na alma.

## Canção do INSS

A fila dos pobres
é a fila mais feia.
Se protestarem
vão para a cadeia.

A fila dos pobres
anda bem devagar.
Às vezes acontece
de a morte chegar.

## Soneto da Fúria

Nossas vidas não passam de utopias
volúveis como as roupas no varal.
De espera e adeus são feitos nossos dias.
Cada qual é seu próprio canibal.

Vivemos de epigramas e elegias.
Até o amor é anseio pendular
(crispação de tristezas e alegrias).
Somos adubo e exílio do avatar.

Nosso nome é exilado numa pedra.
Nossa glória é a vertigem dum momento
vogal de sangue escrita em lousa espúria.

A dinastia da morte nos celebra
com seus penachos de algodão e vento.
Só Deus aplaca a sede e nossa fúria.

## A Faca e o Queijo

A faca corta o queijo em fatias
delgadas e simétricas.

O odor do leite se espalha
no ladrilho deserto de aromas.

A chama do vinho incendeia
as fímbrias do olfato.

Começa a orgia matinal.
Mastiga-se o queijo com remorso.

Impossível não sentir o gosto
de sangue e de holocausto.

## Cantata

Vento
mulher
maresia
vento
mulher
maresia
vento
mulher
maresia
vento
mulher
maresia
vento
mulher
maresia
todas
as horas
da noite
todas
as horas
do dia.

## Bengala

A bengala é uma perna de moça
que se move em ritmo de flauta doce.

Uma serpente de cabeça de prata
que se enrosca no corpo da mulata.

Uma perna de noiva, o seu joelho
seduzido pelos faunos do espelho.

Uma perna esguia de Colombina
que te segue pelas ruas e te bolina.

Uma asa de pássaro no exílio
às portas do inferno ou do paraíso.

# Rosa dos Minutos

*O homem e a hora são um só*
*Quando Deus faz e a história é feita.*
*O mais é carne, cujo pó*
*A terra espreita.*

FERNANDO PESSOA

## Elegia para Sérgio Campos

### I

Houve uma teia de sílabas
em que se abismaram as tuas mãos.
Houve um crepúsculo de reminiscências.
Voltas à infância submersa no rio.
Houve uma hora em que os versos
arderam na penumbra.
Um minuto em que o adeus
germinou em teu ombro.

### II

O silêncio cresceu com ímpetos
de relva. Cerrou as pálpebras
dos olhos da pedra. Alba
de lâminas amputou tuas mãos.
E dos pulsos brotaram versos de sangue.
Um anjo te achou ressuscitado
à sombra dos pórticos.
Brandiu tua voz em chamas
no limiar de Deus.

### III

Urdias o destino com palavras.
Sílabas e metáforas de argila e sangue.
Desenhavas ícones e pássaros
que ainda alçam vôo sobre a lauda.
Urdias os dias do homem, suas
fomes e volúpias. Urdias parábolas
e paradoxos. A trama da síntese.

### IV

Teu verso fundou um tempo de esperas.
Refez a alvenaria e o molde
da parábola. Teu verso ainda pulsa
no sangue. Ainda é presságio
de música no peito dos mortos.
Cavalo negro entrou pela porta
e frestas do prodígio. E te arrebatou
para as madrugadas do apocalipse.

## V

Cantas as traças roendo as nuvens.
Os raios do sol, a lauda das horas.
As traças com seus arquivos
de pó, os seus olhos de vidro
fitando os avós. As traças com suas
vestes de papel, fomes de centúrias.
Tu celebras as traças como se
fossem prole de ancestres.

## VI

Dizes que o sapo é o fagote de Mozart.
O sapo tão feio, pedaço de abóbada.
O canto do sapo palpita em teu verso.
Fogo do pântano, rosa perplexa.
O sapo é o homem com sua facúndia
na boca. Messe de vento e adeuses.
O sapo é o sábio que se celebra.

## VII

O bicho narciso mora no homem. O corpo
naufraga nas rotas do espelho.
Dizes que o peixe está fora do eixo.
Sabes que somos peixes efêmeros.
Peixes acorrentados às âncoras
do cio. Peixes em pânico num rio
de vozes. Peixes de lágrimas
em tempo de vésperas.

## VIII

Somos a tartaruga na sua toca
o limo das centúrias em sua boca.
O corpo é nossa casa. Bicho que se cria
com suor e lágrima, solidão e morte.
Ordenhas palavras de tetas bovinas
e delas extrais o sumo da arte
poética. Mágica e dialética.

## IX

Houve um tempo de chuvas ácidas
em que previste espantos e diásporas.
Sumiram os dias da infância azul
secaram as fontes de pedra e exílio.
Tua voz agora pastoreia abismos,
serenatas e adeuses. Vejo-te em Marte
falando com Deus, profetas e arautos.

## X

À sombra da arte somos arautos
o tempo desenha os nossos atos.
Navegas numa nau de signos.
Contornas o vértice da noite orbital.
Cavalgas o dorso de Cassiopéia.
Vais de regresso ao poço das verdes
águas. Ao tempo que muda
de órbita no ventre da baleia.

## XI

Foi-se o ouro das minas de Ofir.
Foi-se o diálogo do vento e da rosa.
Foi-se a reminiscência da rota
dos pássaros. A promessa de tantas
espigas. O poema com tantas rupturas
e adeuses no lenho. Foi-se o caminho
da fonte. Os seus pórticos de água.

## Navios Azuis

Não consigo pensar em nada
tudo me parece sem nexo
estou vazio de idéias e de mim.

Pensar não passa de um vício estúpido.
Importante é mastigar os gomos de todos
os frutos da árvore do pecado.

Os pensadores envelhecem rapidamente
viram espantalhos de papel
em meio à poeira essencial dos arquivos.

Suas almas acabam devoradas pelas traças
num banquete de palavras e algarismos.
Séculos de idéias dormem nas gavetas dos museus.

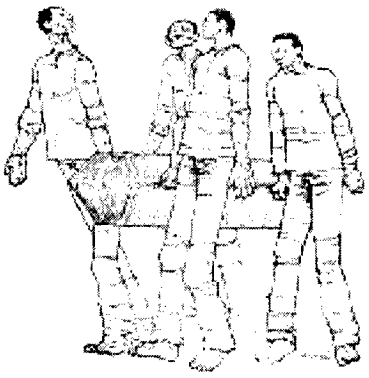
Minha cabeça rodopia no vazio
como um planeta fora de sua órbita.
Só me resta dormir e sonhar com navios azuis.

## Onde Esteve o Esteves?

Onde é que esteve o Esteves?
Onde o Esteves estaria
senão fumando o destino
em frente à tabacaria?

Onde o Esteves estivesse
tresandava a nostalgia.
Estava o Esteves pensando
se não ficava ou se ia.

Se o Esteves não estava
seu fantasma é que estaria
queimando seu rico incenso
à nossa pobre utopia.



Quando o Esteves lá esteve
era o cigarro que ardia
para o enterro que passava
em frente à tabacaria.

Estivesse onde estivesse
O Esteves estaria
fitando o Tejo e essas naus
dos tempos da fidalguia?

Se o Esteves lá não esteve
onde de fato estaria?
– Bebendo vinho do Porto
nas tascas da Mouraria.

## Cupim

Bicho submerso
na dor do lenho
faz e refaz
o seu desenho.

Nenhum rumor
na noite morta
enquanto digere
os ossos da porta.

O tempo avança
o bicho recria
seu mundo com
feroz simetria.

Seus labirintos
de areia e fezes
rios que jorram
das veias dos deuses.

O bicho escreve
sonata espúria
com a tinta negra
da própria fúria.

## Lagarta

Dona lagarta
faz a sua parte
mas nunca se farta.

Cumpre sua arte
com o fervor
dos heróis de Esparta.

Nunca se aparta
do seu oficio
de devorar-te.

## Museu

Sombras resvalam na penumbra
e na lombada dos tomos.

Odor de séculos de memória
jorra de dentro das gavetas.

O passado constela-se
de asas e zumbidos.

Traças tricoteiam o olfato
no linho do anonimato.

As gravuras dos livros
são vestígios de exílios.

## II

No bosque dos arquivos
tudo é poeira de vestígios.

O ouro das lombadas
desfez-se em escaras.

A fileira dos tomos
uma assembléia de gnomos.

Nas paredes os retratos
decifram cartapácios.

Sombras de um tempo extinto
chegam do império quinto.

O silêncio ara o seu horto
de cinzas. O passado está morto.

## Coruja

Vê o que ninguém sabe
enxerga o vento
com seu olho sábio.

O seu olho astuto
vê a sombra do morto
vestida de luto.

Vê o gume da foice
da lua. O noivado
das entranhas da noite.

As vértebras da brisa
com seu olho cínico
pousado na cornija.

Ela nunca falha.
Vê o anjo sem rosto
costurando a mortalha.

O seu olho de fel
vê quando a morte chega
em seu negro corcel.

## Serpente

Às vezes desliza
com rastros de água
no dorso da brisa.

Corpo luzidio
imprime no vento
o emblema do cio.

A sombra do ofídio
passeia nas trevas
sem deixar vestígio.

Entre galhos e espinhos
ao sol relampejam
seus olhos adivinhos.

Medusa sem cabelos
desenha o seu bailado
no húmus dos espelhos.

Noite alta, singra
as veredas do luar
com a sua ginga.

## Espantalho

Às vezes deliro
quando me abraço
às espigas de milho.

Descendo da estirpe
dos gnomos. Sou
a sombra dum deus egípcio.

Nunca estou em paz.
A cada instante recebo
a vaia dos pardais.

Minha gravata de listras
vermelhas mais parece
uma lavoura de tripas.

O meu chapéu de palha
foi arrebatado pelo vento.
A roupa virou mortalha.

Já não sei o quanto valho.
Os deuses não me protegem.
Triste sina a do espantalho.

## II

Venho de luas antigas.
Meu oficio é guardar
o ouro das espigas.

Às vezes assusto os pássaros
com minha cara feia
de palhaço de aldeia.

Passo o tempo todo
de braços abertos. O vento
ri de mim a seu modo.

A luz do sol me doura.
Às vezes penso que sou
o dono da lavoura.

Sei que tenho certa fama.
Mas de que me serve a glória
se espantalho não ama?

## Os Que Vão para o Cais

Os que vão para o cais
não sabem se partem ou se ficam.
Levam reminiscências e suspiros
nas malas cheias de adeuses.
Os que vão para o cais não voltam mais.

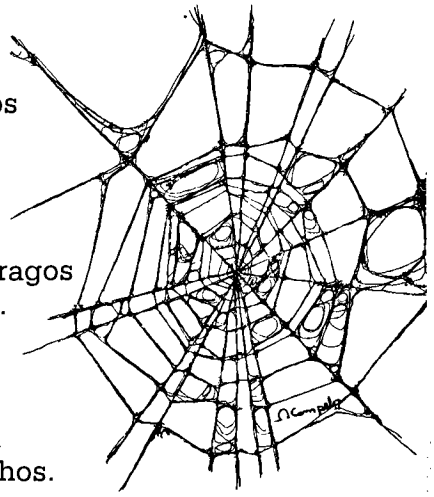
O navio singra as relvas do mar
com seu ventre escamoso de baleia.
Vai para Estambul ou para Xangai
para Londres ou Liverpool.
Os que vão para o cais não voltam mais.

Os que vão para o cais nos estendem
as mãos, os seus olhos repletos de súplicas.
Desenham palavras com a boca
mas as palavras e vogais se evaporam
entre as chamas e volúpias do mar.

Os que vão para o cais estão bêbados.
Têm marcas de cicatrizes na memória
na voz, nas vestes, nos estertores do vômito.
Amanhã se ouvirá o clamor dos jornais.
– Os que vão para o cais não voltam mais.

## Aranha

A aranha tece uma teia
de insetos coloridos.
Enquanto os minutos voam
ela os transforma em vestígios.



A aranha tece uma teia
dentro dos raios do sol.
Tece grinaldas de espinhos
em memória dos avós.

A aranha tece uma rosa
em cada pluma do vôo.
Costura as velas dos náufragos
e tece a morte onde estou.

A aranha tece um poema
em cada pauta da teia.
Tece cambraias de insídia
para um noivado de espelhos.

A aranha tece um desenho
na malha feita de linho.
Jorra sangue o tempo todo
mas não bebo desse vinho.

## Anjo

Ó ser de luz
que nos inflama.
Tu não és corpo
és uma chama.

És uma artéria
que se derrama
no lado esquerdo
de quem te ama.

Feliz daquele
que te proclama.
Tu não és nuvem
és uma chama.

Não és a onda
dos raios gama.
Tu és a espada
que sai da chama.

Não és o peixe
que muda a escama.
Tu és o centro
ígneo da chama.

Tu és o arauto
que leva a chama
pro lado esquerdo
de quem te ama.

## Poemas em Tom Menor

Às portas da alba
o sol é um touro
na arena ensangüentada.

Sonolentas estrelas
de volta ao redil.
– Rebanho de ovelhas.

O cisne passeia
na lua. A sombra dúplice
no lago flutua.

O vento gorjeia
nas copas das árvores.
Ou são ninhos de pássaros?

A flauta dos arroios
toca um adágio
para os teus olhos.

Tua vais à cisterna.
Mas a água que trazes
enlouquece os rapazes.

As pombas esvoaçam
carregando as tardes
para a montanha.

O sino toca o Ângelus.
Ao vento os deuses soltam
seus dourados cabelos.

Desce a noite antiga.
O rumor da carruagem
dos cavalos do auriga.

Anda a moça devagar.
Suas ancas são sósias
das ondas do mar.

O sol crava o seu punhal
nas feridas de bronze
do Cristo da catedral.

A manhã é uma noiva.
Anda a colher madressilvas
para a sua coifa.

Cavalga o teu destino.
Amanhã já não serás
o velho que foi menino.

Os rios vão para a foz.
Os homens vão desaguar
nas barbas de seus avós.

Asas pousam de leve
nas rugas e verrugas
dos retratos na parede.

O sonho é alguma lavoura
que produz as espigas
do sarcasmo que nos doura.

Águeda, os deuses velhos
erguem taças de absinto
às romãs dos teus joelhos.

Recolhe antúrios vermelhos
para as amadas que voltam
das orgias dos espelhos.

O vento volta às cabalas
os mortos chegam de outrora
seu rumor acorda as salas.

As chamas ardem às vezes
para que as cinzas dos homens
sirvam de mel para os deuses.

O firmamento ainda pulsa
mas os deuses já cavalgam
o dorso arcaico da Ursa.

## Égua Moura

Ouço o clamor da tarde ensolarada.
Tarde longa e cruel, tarde votiva.
Fumo um cigarro, e a cinza espiralada
desenha alguma sombra pensativa.

Sei que existes, mas sei que te evaporas
em perfume de rosas e de antúrios.
Ouço o tropel dos ventos e das horas.
Teus vestidos são feitos de murmúrios.

Uma flecha de luz corta a vidraça.
O fantasma do augúrio me trespassa
e seu fulgor profético me doura.

Vejo-te arder nos raios da neblina.
Não és mulher. Tens corpo de menina
e o ventre esguio de uma égua moura.

## Ode ao Sol

Ó sol dos deuses olímpicos
me arrebata para os vales
do amor. Ali Eros passeia
em seus dourados cavalos.

Ó sol dos anjos e arautos
deus de cabelos de ouro.
Me aquece com os teus raios
que são pêssegos de fogo.

Sol de Virgílio e de Homero.
Ó deus de todos os bardos.
O frescor dos teus aromas
vem dos campos sazonados.

Ó sol de fulvas pestanas
deus dos noivados etéreos.
Dá-me a beber desse vinho
feito das vides de Eros.

## Burocracia

Homens de papel almaço
passeiam nos corredores
confraternizam com as traças.

Ainda estão sonolentos
mal se equilibram nas pernas
de suas almas burocráticas.

De vez em quando os seus olhos
passeiam nas redondezas
das bundas das datilógrafas.

Desejos inconfessáveis
as paredes atravessam.
São fagulhas de lascívia.

Memorandos rememoram
fugazes arquiteturas
de volúpias clandestinas.

Ó homens de idéias lógicas
escrevei um madrigal
às bundas das datilógrafas.

## Caminho das Pedras

Tinha uma pedra no olho
tinha uma pedra na letra
tinha uma pedra na gramática
tinha uma pedra na uretra.

Tinha uma pedra no tímpano
tinha uma pedra na chuva
tinha uma pedra na bexiga
tinha uma pedra na verruga.

Tinha uma pedra na próstata
tinha uma pedra no bigode
tinha uma pedra nas entranhas
tinha uma pedra na ode.

Tinha uma pedra na rótula
tinha uma pedra no instinto
tinha uma pedra na vértebra
tinha uma pedra no pinto.

Tinha uma pedra no cérebro
lá onde o sangue penetra
uma pedra de asteróide
na encruzilhada da uretra.

## Ovo Estrelado

Parece um olho que
nos contempla das profundezas

do ser exausto. Olho
de pássaro flechado em vôo.

Olho de estrela que
foi expulsa de sua órbita.

Parece um olho que já
não chora por sua lágrima.

# Os Exílios do Homem

*Um bom poema é silencioso.*
PAUL VALÉRY

*Deus se compraz com os números ímpares.*
VIRGÍLIO. (ÉCLOGA VIII)

1

enquanto o mar
semeia vestígios
de argonautas na areia
a sombra do profeta
vai de regresso
ao ventre da baleia.

2

a luz gorjeia
no zênite
pássaro fulminado
em pleno vôo
a luz despenca
do ápice do dia.

3

recordo a sala
os comensais estão mortos
recordo os espelhos
seduzidos pela nudez
recordo o vento
desenhando nádegas barrocas
recordo as fotografias
dilaceradas pelo salitre
recordo palavras
brotando do húmus de tua boca
recordo as estacas da fazenda
e o rúmen das vacas.

4

a pedra é o pórtico do mito
mesa para o ágape da insônia
cálice para o vinho da chuva
harpa para a rapsódia do vento
cítara para os sussurros da parábola
ravina para os rebanhos do espanto
liturgia para os réquiens do adeus.

5

estamos à margem de um rio
somos a nascente do rio e sua foz
somos a fome e a sede do rio
o relevo dos afogados na areia

os bichos que bebem a medula do rio
os mortos acorrentados às nádegas do rio
os rastros do vento na pele do rio
o sangue dos avós nas veias do rio.

6

a pedra vê o homem
o homem semeia a pedra
a pedra cavalga o tempo
o tempo sucumbe à pedra.

7

agora penso no teu corpo
que recende a relva
agora regresso a Ítaca
e aos remos de suas naus
agora recolho as velas
e os sonhos do teu redil
sou o gnomo que fecunda
as entranhas dos teus lençóis
agora me busco na tua
concha de molusco.

8

cada qual amamenta o seu canibal
cada qual sonha com seu pedestal
cada qual trapaceia o seu igual
cada qual borda o amor com seu dedal
cada qual pelo bem ou pelo mal
cada qual pensa que é de cristal
cada qual põe o sexo no varal
cada qual tem as marcas do chacal
cada qual foi guerreiro do Santo Graal.

9

teu corpo é a memória de um rio
meus desejos são argonautas
que singram a tua pele
tua boca me oferta a polpa da parábola
um deus semeia o pecado em tua nuca
perto de ti, sósia de pastoras
sou como a nau que docemente ancora.

## 10

solidão da terra coroada de luz
o jorro do meio-dia golpeia as pedras
as retinas cegas dos bichos
dormem no esconderijo das sombras
o vento é um demônio
expulso pelo látego de Deus
as árvores são espectros
de homens que morreram
cabras disputam as derradeiras
pérolas das cacimbas.

## 11

à noite o mistério
tem a solidez de uma pilastra
à noite a nau dos amantes
veleja nas marés dos lençóis
à noite os rios da lascívia
deságuam em nossa cama
à noite somos um rio
cardume de peixes velozes
à noite regressamos a Ítaca
e aos mares de Ulisses
à noite voltamos a ser
jogral de todos os mitos.

## 12

as pedras ruminam
sua ração de chamas
aves de rapina desenham
parábolas de sangue no céu
pássaros descansam
à sombra do vôo.

## 13

guarda-te da porta aberta
por ela chega a esfinge
de pálpebras de treva
guarda-te do quarto escuro
ali o morto devaneia
à luz do ostracismo
guarda-te da noite
onde a chama que brilha
é a fúria da matilha.

## 14

vou ao encontro do amor
como se fosse para uma ilha
uma ilha deserta onde
só se ouvisse o salmo das marés
uma ilha guardada por gnomos
uma ilha monolítica
pousada nos prados de Ítaca.

## 15

uma coisa é ser filho do rei
outra coisa o bobo da corte
uma coisa é ser o dono do arco
outra coisa o alvo da flecha
uma coisa é ser o olho da águia
outra coisa o cisco no olho
uma coisa é ser o touro do zodíaco
outra coisa a estocada do touro
uma coisa é expulsar o porco do espírito
outra coisa o espírito de porco.

## 16

a chuva é um pássaro
de asas molhadas
um velho pássaro
que nos visita
na hora da ceia
ou da despedida
um pássaro de linho
que nos acalenta
e nos traz de volta
a infância e a polenta.

## 17

sabemos que nada nos diz
respeito, que a terra e o céu
não nos pertencem, que somos mendigos
ficções vertebradas, que o espinho
e a carícia nos magoam, que
um dia seremos arrebatados pelas
garras do abutre ou da nossa penúria.

## 18

o zumbido da estrela
as orquídeas do vento
a rosa que incendeia
a penumbra dos terraços
a luz que atravessa
o corpo da água
o fulgor do galope
das éguas na paisagem
as sombras dos homens
que não ouvem nem falam
dos homens que perderam
o bonde e a esperança
– tudo faz parte
do sonho de todos.

## 19

à noite todas as coisas vergam seu caule
os retratos descem das paredes
as paredes começam a ruir
ao peso dos retratos e de seus remorsos
à noite cresce a lamúria das vigas
os lençóis sussurram palavras
de amor que só os namorados entendem.

## 20

um dia descobres
que não foste notado
que os teus versos
foram arrancados do livro
que os teus sapatos
e tuas idéias perderam o brilho
que ninguém te convida para o baile
que o teu lugar no banquete foi cancelado
que és um estranho dentro de casa.

## 21

as pedras são súplicas caladas
a um deus mutilado pelo homem
o vértice do espanto e da vertigem
reminiscências de um papiro
escrito com sangue.
O último degrau da escada do paraíso.

## 22

todos os caminhos começam
e acabam na infância
todos os caminhos são rotas
para o adeus
todos os caminhos
são exílios da memória
todos os caminhos
nos levam para o ostracismo
todos os caminhos partem
mas não sabem se voltam.

## 23

Um anjo torto
segue os nossos passos
remove a lama
dos nossos sapatos.
Um anjo torto
fora da lei
fala de um reino
onde ele é rei.
Um anjo torto
chega de improviso
dos sete degraus
da escada do paraíso.
Um anjo torto
recolhe a única
rosa espetada
em nossa túnica.

## 24

Os anos reduzem teus planos
e aumentam teus danos
os anos, esses gnomos
ignoram quem somos
os anos carregam os humanos
para os meridianos
os anos afastam tus hermanos
de los tiranos
os anos engordam teus tutanos
e teus bichanos.

## 25

toda fala é uma ceifa
toda ceifa é uma dádiva
toda dádiva é um fanal
todo fanal clareia um pórtico
todo pórtico espera a vinda de um hóspede
todo hóspede semeia o odor da noite
toda noite é regresso à casa da aurora
toda aurora é convite ou promessa
toda promessa um indício de eternidade.

## 26

não sou adivinho
nada sei do tempo e do seu linho
nada sei das ágoras
nem do Teorema de Pitágoras
nada sei do esqueleto
ou das vértebras do soneto
nada sei do filho pródigo
nem das malícias do código
nada sei da morte
nem quando beberei do seu vinho.

## 27

vejo a tarde cair
mas a tarde não cai
de forma igual para todos
cai sobre o touro erguido
sobre as crinas do mar
e os deltas do Nilo
vejo a tarde cair
sobre as velas das naus
que vão para Ofir.

## 28

somos a má temática
a borra quântica
cio da ciática
ossário da semântica
somos o fel da gralha
e do seu cântico
poeira de Sodoma
purgatório quântico

somos a derradeira
vértebra do lagarto
a vertigem do arco
a maré orgânica
o fruto corruptível
da árvore da semântica.

## 29

os déspotas abominam
o odor das multidões
os déspotas tropeçam
nos degraus do patíbulo
a palavra do déspota
é uma espada de vidro
as retinas do déspota
são orquídeas de sangue
os déspotas engordam
as hienas do hábito
os déspotas irrigam
as pastagens do óbito.

## 30

A pátria é o lugar
de onde não veio
nem mel nem argila
para o molde do seio.

A pátria é o lugar
de onde não veio
nem leite de ovelha
nem grão de centeio.

A pátria é o lugar
de onde não veio
senão que a morfina
do teu devaneio.

A pátria é o lugar
de onde me veio
este ceticismo
de metro e meio.

# Girassóis de Barro

*Do inferno é que se volta.*
ASCENDINO LEITE

*O bicho, meu Deus, era um homem.*
MANUEL BANDEIRA

## Os Antepassados

Os antepassados permanecem vivos
e volúveis na memória das fotografias.
Às vezes nos olham com desdém
outras vezes zombam de nós
com gestos e gargalhadas de areia.

Eventualmente converso com eles
mas sempre os encontro distraídos.
Os olhos fixos no meridiano
que separa a curvatura da terra
dos despenhadeiros da morte.

Os antepassados me parecem ávidos.
Alguns cofiam os bigodes com
a sensualidade de um bichano azul.
Outros parecem distantes, extraviados
na poeira de zinco das galáxias.

## Súditos da Aurora

Súditos do barro e da aurora
descendemos da dinastia dos pântanos
ardemos numa fogueira de utopias.

Colecionamos besouros e palavras
reminiscências, intrigas, fotografias
e borboletas embalsamadas.

Temos fome e sede de volúpia.
Dizem que somos afluentes de Deus
e cavalgamos no alazão do vômito.

O tempo nos torna cúmplices da vida
e da morte. Nossas cabeças decapitadas
pelas hélices da fala e do sarcasmo.

Só o amor nos redime do caos.
Reconstitui cada fragmento
das nossas ilusões dilaceradas.

## Soneto para Uma Ovelha

Essa ovelha é a cópia de outra ovelha,
seu balido é um lamento sedutor.
Nunca ouviu o sussurro de uma abelha
nem ruminou o talo de uma flor.

Essa ovelha de triste formosura
tem seus caprichos e tem seus recatos.
Nunca viu as vertentes de água pura,
os novelos de espuma dos regatos.

Veio a nascer por métodos estranhos
ao calor e á ternura dos rebanhos,
às eternas parábolas do amor.

Não sabe de Rachel e outras meninas
que às tardes regressavam das colinas,
cada qual seduzindo o seu pastor.

## Os Cães

*À memória de Moreira Campos*

Enquanto houver pastores
crianças para dormir
estrelas com insônia
os cães continuarão a uivar
pela madrugada.

Enquanto os galos estiverem
viajando para o zodíaco
esse país de chamas
os cães continuarão a uivar
pela madrugada.

Enquanto as crias das ovelhas
estiverem ruminando
a sua comarca de relvas
os cães continuarão a uivar
pela madrugada.

Enquanto as vidraças nos fitarem
com seus olhos acordados
pelo rumor dos caminhos
os cães continuarão a uivar
pela madrugada.

## Cinco de la Tarde

Cinco de la tarde.
A lua é uma forca
suspensa do céu.
Fantasma de Lorca.

Chegam de Granada
presságios e augúrios.
São touros que sangram
à sombra dos muros.

Cinco de la tarde
na esquina dos mouros.
Alba de punhais
os olhos dos touros.

Na arena deserta
o som dos cavalos.
Jorra dos violinos
sangue nos terraços.

São bodas de sangue
o canto dos galos.
O vento pranteia
noivas de Santiago.

Pulsam nas esferas
estrelas de insônia.
Punhais e violinos
acordam Tarragona.

Cinco de la tarde
em Valladolid.
Sete touros mortos
sangram por aqui.

## Sábado

Hoje é sábado
o vento é pálido
e tudo é sólido.

Hoje é sábado
me sinto ávido
e tudo é insólito.

Hoje é sábado
no céu do hábito
vagueia um bólido.

Hoje é sábado
o fel da lágrima
parece um lábaro.

Hoje é sábado
o olhar do bêbado
não mede um côvado.

Hoje é sábado
o azul metálico
da égua árabe.

Hoje é sábado
me sinto estúpido
e nada é sólido.

## Soneto Triangular

Aqui estou, perdido entre os eleitos.
A vida passa e os sonhos não retornam.
Pesam mais as virtudes que os defeitos.

Já não celebro as núpcias do destino.
Trigo e palavras, vozes que semeio
por que não morra o exausto paladino.

Não sei quem sou, não sei o quanto valho.
Sei que carrego dentro do meu peito
um coração vestido de espantalho.

Sou um monarca que perdeu a glória
e foi dormir à sombra das arcadas
de um tempo sem regresso e sem memória.

Nesse fluir de causas e de efeitos
pesam mais as virtudes que os defeitos.

## Soneto Triangular III

Por sete anos foi pastor fiel.
Outros tantos passou entre os rebanhos
para a Lia trocar pela Rachel.

Jacó, coitado, o tempo todo ardia
longe dos olhos da pastora amada,
irmã mais moça da feiosa Lia.

Os anos passam, lentidão cruel.
Porém Jacó só pensa nos encantos
e ondulações do corpo de Rachel.

Quando lhe é dado o coração da Lia,
Jacó pensava nesse amor sem glória
e a si mesmo cem vezes repetia:

> ventura alguma já me aquece e doura
> se perco o amor e as cabras da pastora.

## Soneto do Enforcado

De uma figueira, no mais alto galho,
pende o corpo de Judas Iscariotes.
Parece uma figura de espantalho
numa lavoura de meninos mortos.

O ressoar das moedas de prata
acorda-lhe a memória do remorso,
mais aguda que o gume de uma faca.
Os olhos do traidor saltam das órbitas.

Brilham as primeiras lâmpadas da aldeia.
Abutres comem os olhos do avarento,
espalham fúria e escárnio nas estradas.

Uivos percorrem os vales da Judéia.
Do covil dos chacais chega um lamento.
Lembra o horror das entranhas derramadas.

## Soneto Triangular IX

Que deuses somos nós, que sucumbimos
às vertigens do instinto e da lascívia
e sempre que chegamos já partimos?

Que arautos nos governam lá dos cimos?
que vinho sedutor nos embriaga
que abertos nossos olhos já dormimos?

Que esfinge sonolenta nos pranteia?
em que barco de espuma navegamos
quando a noite caminha para a aldeia?

Que estrela acende os campos de centeio?
Que amada nos convida para a ceifa?
que infanta nos aperta contra o seio?

Que deuses somos nós, que galopamos
num corcel fulminado pelos anos?

## Canção das Fêmeas

Todas as fêmeas
são gêmeas
de Penélope.

Todas as fêmeas guardam
o ouro da lascívia
num cântaro.

Todas as fêmeas
nos velejam
rumo às portas de Tróia.

Todas as fêmeas
e suas vertentes
deságuam numa orquídea.

Todas as fêmeas
estão de partida
para os deitas do orgasmo.

Todas as fêmeas
são naus de Ulisses
nas rotas de Circe.

Nem todas as fêmeas
são ubíquas
e heterogêneas.

## Cantiga do Boto

Foi o boto que te seduziu
numa noite de lua
cheia e maremoto.
– Foi o boto.

Foi o boto que te enfeitiçou
com seu olho tríplice
de gafanhoto.
– Foi o boto.

Foi o boto que te raptou
em sua nau de raízes
para um país remoto.
– Foi o boto.

O boto que te semeou
com seu pólen de fauno
e a volúpia de um potro.
– Foi o boto.

Donzela de olhos oblíquos
filha de pai canhoto.
Foi o boto que te seduziu.
– Foi o boto.

## Pulso

Diante da noite vasta
vasta aldeia de mendigos.
Diante do holocausto
o pulso bate mais forte.

Diante dos que voltam
com as mãos vazias.
Diante dos que se calam
o pulso bate mais forte.

Diante dos que vegetam
no fundo do pântano.
Diante dos que protestam
o pulso bate mais forte.

Diante da terra inútil
do império do latifúndio.
Diante do arame farpado
o pulso bate mais forte.

Diante dos que foram
consumidos pelas chamas.
Diante do Apocalipse
o pulso bate mais forte.

## Pavana para Águeda

Águeda de ébano
Águeda de nanquim
sorriso de marfim.

Águeda na cama
Águeda no rio
Águeda no cio.

Águeda na janela
Águeda no girassol
gravado em sua pele.

Águeda no espelho
fustiga os seios
com seus devaneios.

Águeda na esquina
da rua. Na sua
nau rumo da lua.

Águeda na chuva
e no vento. Em chamas
no meu pensamento.

## Canção do Índio

Índio não quer espelho
índio não quer mulata
índio não quer mentira
índio não quer gravata.

Índio não quer uísque
índio não quer charuto
índio não quer estátua
índio não bota luto.

Índio gosta de rede
sombra nas tardes cálidas
índio só quer estar
longe dos caras-pálidas.

Índio não quer camisa
índio não quer sapatos
índio só quer cachorro
para espantar os gatos.

Índio não quer lavoura
melhor do que mulher
índio não quer salário
índio não quer morrer.

Índio não pede esmola
índio não manda súplica.
Índio só queria ser
presidente da República.

## Igualdade

Sou um pequeno burguês
como todos vocês
já estudei javanês
como todos vocês
já fui cretino talvez
como todos vocês
já fui vítima das leis
como todos vocês
já venci o dragão chinês
como todos vocês
já namorei num convés
como todos vocês
já fui súdito dos reis
como todos vocês
já me embriaguei de xerez
como todos vocês
já tive um gato siamês
como todos vocês
já morri mais de uma vez
como todos vocês
já pernoitei no xadrez
como todos vocês.

## Sonata da Pedra

Pedra é placenta cósmica
plantada em si mesma
pedra é coisa órfica
pórtico da parábola
pedra é memória
dilacerada pelo mito
pedra é primórdio
da palavra e da súplica
pedra é urna cósmica
para guardar o adeus.

## Soneto de Jacó

Jacó era pastor e assim cuidava
das ovelhas mais férteis de Labão.
Mas não via as ovelhas. Só pensava
nos seios de Rachel, toda a estação.

Passado certo tempo, chega o dia.
Porém Jacó, que é noivo de Rachel,
foi obrigado a se casar com a Lia.
A mais feia das tribos de Israel.

Certo de que na vida tudo é incerto,
em vez de lamentar o desconcerto,
bebe o amargor do cálice de fel.

Depois de avaliar perdas e ganhos,
volta o pastor à guarda dos rebanhos
ao sol dos olhos negros de Rachel.

## Vestígios de Mulher

Fera na jaula
veneno no pêssego
sangue na encruzilhada

gaivota pousada
na anca da escarpa
para alçar vôo

loba parida
com sete mamilos
que nos seduzem

rastro do meteoro
odor de chuva
das rotas do pássaro

canção dos rios
madrigal dos arroios
flautim dos quintais

faca amolada
no gume da pedra
rosa da estepe

vento chegado
das nascentes do mar
cadela no exílio

trigo plantado
pelos adivinhos
nos deltas do Nilo

palavra de fogo
gravada no umbral
das cem portas de Tebas

sonata de Mozart
colheita de espigas
nos campos de Booz

solar de Cleópatra
maná dos deuses
cachimbo de ópio

urna de terracota
canteiro de antúrios
pomar dos beduínos

curva do hemisfério
chuva do equinócio
favo das estações

alfanje do assírio
égua de puro sangue
do carro do faraó

abutre vermelho
roendo as entranhas
dos muros de Tróia

pórtico do desejo
taça de luxúria
volúpia do absinto

poço das caravanas
oásis do rei
cântico dos cântaros.

## Canção da Oferta

Te ofereço um búzio
do Mar Morto
o molde de cristal
da placenta de Cleópatra.

Te ofereço a lágrima
de areia do espantalho
a alba seduzida
pelas retinas da águia.

Te ofereço a prata dos arroios
a conjuração da pedra
o mar acorrentado
à fúria dos cardumes.

Te ofereço a sobra de lã
da túnica de Laertes
o arco e a flecha
dos olhos de Penélope.

Te ofereço um ramo de fogo
do pomar da lascívia.
Um ramalhete de todas
as pulsações da vida.

## Unanimidade

Todos querem partir
        mas não sabem se voltam
todos são mordidos
        pela cadela da insônia
todos são ortodoxos
        à sombra dos códigos
todos investem contra
        as matilhas do instinto

todos mamam nos peitos
da loba romana
todos são degolados
pela foice da síntese
todos estão bêbados
mas se vestem de púrpura
todos estão mentindo
com todos os seus caninos
todos atiram pérolas
às pocilgas dos cínicos
todos carecem de aval
para o juízo final.

## O Pão e a Canção

Uma canção não
vale o odor de um pão.

Não vale uma gota
do latim do poliglota.

Não vale a insônia
dos que têm fome.

Não vale o remorso
do olho que não dorme.

Não vale o olfato
da volúpia de um gato.

Não vale um gorro
na calva de um cachorro.

Não vale um bêbedo
e seu bafo de lêvedo.

Não vale um sapo
num pântano abstrato.

Uma canção vale
um pêssego na sala.

## Canção para um Fidalgo

Me chamam de cavaleiro.
Sou o da triste figura.
Onde chego, a Espanha heróica
à minha espada se curva.

Meu cavalo é mais fogoso
que a fúria dos elementos.
Só não derruba as arcadas
e janelas dos conventos.

Dizem que a morte é castigo
a que a vida nos condena.
Se de feitiço se morre,
morrer de amor vale a pena.

Sou defensor das donzelas
de olhos negros e olhos claros.
A seus pés atiro as flores
que apanho nos descampados.

Atravesso rios largos,
rios fundos e serenos.
Por amor dos olhos delas
bebo todos os venenos.

Homem a quem sobra juízo
de mulher jamais se afasta.
Está sempre junto dela,
seja Adalgisa ou Jocasta.

Te advirto, amigo Sancho,
que o amor é um vinho forte
que se bebe a vida inteira.
E até na hora da morte.

## PASTORAL DE MINAS

### Canto II

Fosse eu, Marília, algum pastor amado,
minha flauta estaria celebrando
teus rebanhos de ovelhas e o teu gado.

Em constantes e amenos pastoreios,
levaria o rebanho dos meus sonhos
para os vales e montes dos teus seios.

Lá onde arrulham sonolentas pombas
e os arroios flamejam, noite e dia,
velados pelos súditos das sombras.

Te pergunto, Marília, quem não teve
penas de amor, receios e cuidados
nesses remansos onde tudo é breve?

Somos heróis de efêmeras pelejas
nessas estradas do horizonte aberto
circundado de pórticos de igrejas.

Verás que os dias jorram das retinas
dos pastores e da lã dos rebanhos
e vêm dormir no topo das colinas.

Verás que o amor, esquivo espadachim,
visitará teu sonho enquanto dormes
e teus olhos repousam sobre mim.

## Canto III

Eu falarei de amor tão docemente
que os mortos voltarão de suas tumbas
despojados da túnica indecente.

Que os olhos inconsúteis dos meninos
acordarão na concha dos lençóis
e haverá luz nas veias dos racimos.

Eu falarei de amor tão docemente
que o mais triste dos músicos da aurora
virá louvar-te agora e para sempre.

Que a relva dos caminhos percorridos
há-de roçar a fímbria de veludo
dos teus cismares e dos teus vestidos.

Eu falarei de amor com tal certeza
que saberás que o amor vence a razão,
o mais alto dos dons da Natureza.

Que eu possa amar-te todos esses anos
sem que os nossos haveres se evaporem
e a má fortuna aumente os nossos danos.

Eu falarei de amor com tal saber
que os lábios não se neguem de louvar-te
e os olhos não se cansem de te ver.

## Canto IV

Quando o sol se levanta, eu me levanto
para cuidar, Marília, das ovelhas,
pois tudo que possuis, tem teu encanto.

Ninguém mais venturoso que o pastor
que apascenta rebanhos e cuidados
e nem lhe falta ensejo para o amor.

Enquanto fias, ó Marília, e coses,
a vida passa num tropel medonho
de cavalgadas rápidas, velozes.

Vejo as sábias abelhas nas colméias
e as invejo, Marília, pela argúcia
e por não terem sonhos nem idéias.

O ouro têm do mel, melhor que os ouros
com que se enfeita a túnica dos sábios
que irão reinar nos séculos vindouros.

Não quero ser a sombra do espantalho
que afugenta os pardais, mas a lavoura
dourada pelos frutos do trabalho.

Verás, Marília, perto dos cercados,
teus rebanhos pastando a doce relva
por olhos invejosos contemplados.

## Canto VIII

Marília, respeitemos os acordos.
Tu me amarás por toda a nossa vida
e eu cuidarei dos teus novilhos gordos.

Novo Jacó, eu te serei fiel.
Mas rogo a Deus que nunca me aconteça
a pena imposta ao noivo de Rachel.

Penas de amor o tempo não apaga.
Te ofereço, Marília, odes singelas,
mais ardentes que os versos de Gonzaga.

Eu falarei de amor tão docemente
que lembrarás, com pálpebras molhadas,
os madrigais do bardo inconfidente.

Perto de ti estão meus pensamentos,
meus cuidados e insônias de pastor
contra a fúria brutal dos elementos.

Te darei meus cansaços e fadigas.
Cuidarei dos rebanhos e das messes
e teus celeiros se encherão de espigas.

Te falarei de amor com tal empenho
que não se saiba a hora da partida
nem a terra encantada de onde venho.

## Canto IX

Onde pastam cordeiros, pastam bodes.
Os touros e as novilhas também amam
e por isso merecem nossas odes.

Eu falarei de amor tão docemente
que os cegos hão-de ver o que não viam
e os peixes nadarão contra a corrente.

O bom pastor se orgulha do que faz.
Nunca vi tanto gado arder no cio,
tantas vacas paridas nos currais.

Um grande amor, Marília, não se ocupa
somente de bordados e de rendas.
Um grande amor floresce em plena luta.

Cuidarei dos cercados, das estacas,
da engorda dos novilhos da fazenda,
do olhar propício às súplicas das vacas.

Meus olhos velarão por teu destino.
Pela faiança e os brincos de esmeralda
e os vestidos de esbelto figurino.

Enquanto teu pastor cuida de tudo,
tu sonharás em leito de cristal
qual borboleta dentro do casulo.

## Canto XI

Marília bela
tu vais à igreja
pedir à Virgem
que te proteja.

Marília anda
na branca aldeia
parece a chama
de uma candeia.

Marília afaga
seus cordeirinhos
e apanha rosas
entre os espinhos.

Marília colhe
cachos de uva
quer sopre o vento
quer venha a chuva.

Ela se move
com tal leveza
que lembra um cisne
na correnteza.

Seus pés descalços
senhor Alferes
pousam de leve
nos malmequeres.

As mãos de linho
são pombas vivas
quando repousam
nas madressilvas.

## Canto XII

Marília volta
para as colinas
mas não demora
longe de Minas.

Seus passos firmes
deixam na relva
a marca e a forma
da argila eterna.

(O amor é chama
na vida breve.
De amor não sabe
quem nunca o teve).

Marília às vezes
sonha acordada
vendo os rebanhos
de lã dourada.

Veste à tardinha
blusa vermelha
feita de fios
de lã de ovelha.

Aves gorjeiam
a qualquer hora
na casa branca
onde ela mora.

A casa fica
perto de um lago
onde se mira
certo fidalgo.

## Canto XIII

Quando ela passa
rumo da vila
tudo é perfume
de buganvília.

Manhã cedinho
vai ela à fonte
contar segredos
que a ninguém conta.

Contar segredos
às águas claras
onde há cardumes
de conchas raras.

A fonte escuta
tão doce voz
e sai cantando
rumo da foz.

Uma aura mística
em seu semblante
como se fora
musa de Dante.

Se o florentino
tiver juízo
porá Marília
no Paraíso.

# Raízes da Voz

*Somos o rio e somos aquele grego que se mira no rio.*
Jorge Luís Borges

*A beleza é a coisa da poesia.*
Gerardo Mello Mourão

## Adágio para um Tigre

Quando ele passeia pela floresta
os astros se escondem em seus casulos
de cristal e as ramagens genuflexas
derramam no ar gorjeios de alaúdes.

O tigre escuta o cântico das árvores
seduzidas pela flauta de Pã.
Em seus olhos dardejam estilhaços
de topázio e da estrela Aldebarã.

A noite arrasta o seu manto de búzios
sobre os pântanos coroados de chamas.
O tigre é um deus que sai de seus refúgios
para comer os brolhos das semanas.

O vento apaga as lâmpadas dos charcos
volta a zumbir nas veias dos cipós.
O tigre escreve a lenda de seus passos.
Em seu rumor canta secreta voz.

As horas passam, suas vestes longas
tocam de leve as harpas das clareiras.
O andar do tigre e o espírito das sombras
são dois impulsos para as profundezas.

## Aranha

### I

Tecelã dos fios
e das tramas da morte.
Seus olhos de Górgona
dilaceram o corpo do vento.
Transformam em rochas de sal
os filhos do nosso invento.

### II

Num raio de sol
os fios da teia.
Arquitetura de vidro
com vigas de areia.

O fulgor da trama
que o vento incendeia.
Numa gota de orvalho
os olhos da teia.

Medusa acordada
ela vai a passeio
nas ruas de seda
do seu devaneio.

## Canção da Aranha

A aranha tece
cada fio da teia
como se tecesse
cada fio da vida.

Cada fio da teia
parte do seu centro
mas todos se bifurcam
nos vértices do tempo.

Cada fio da trama
repousa no vento
até se encontrarem
nas rotas do pássaro.

Aranha dançarina
faz, refaz a teia
e assim vai tecendo
casulos de enigma.

Cada fio da teia
conduz a uma senda
onde a vida e a morte
estão acontecendo.

## Pássaro

### I

o pássaro gravita numa órbita
de prodígios e augúrios
delineia no azul
as matrizes do vôo
vara o tempo com sua
nau de proa de vidro.

trespassa o corpo
de cristal das nuvens
como se fosse uma
flecha de chamas
disparada pelo apocalipse.

## II

os pórticos do prodígio
são os umbrais
da realeza do pássaro
as portas do seu reino
de conchas e pedrarias
as janelas do mito
as abóbadas do dogma
as pilastras do vôo
o pássaro demora nos píncaros
da ausência da aurora.

## Os Que Vão para o Mar

*Para Carlos Nejar*

Os que vão para o mar
precisam de fanal
para encontrar as rotas
das orquídeas de sal.

Os que vão para o mar
sabem coisas secretas:
o marulho dos pássaros
o rumor dos planetas.

Os que vão para o mar
se as marés estão altas
pedem remos aos deuses
que foram argonautas.

Os que vão para o mar
da insídia e do ostracismo
são gêmeos das procelas
e cúmplices do abismo.

## II

Os que vão para o mar
túmulo e foz do Nilo
sabem dos hipocampos
dos ventos e do exílio.

Os que vão para o mar
tanger ondas afoitas
também são bailarinos
da estirpe das gaivotas.

Os que vão para o mar
deixam versos na areia
para quando voltarem
do ventre da baleia.

Os que vão para o mar
rezam salmos fenícios
para que o mar dos gregos
traga de volta Ulisses.

## III

Os que vão para o mar
entre espumas e augúrios
nunca sabem se chegam
às portas das centúrias.

Os que vão para o mar
setenta e sete vezes
ou descendem dos mártires
ou são sósias dos deuses.

Os que vão para o mar
levam mapas na pele
porque sabem que a ausência
é punhal que nos fere.

Os que vão para o mar
pelas rotas de sal
não sabem se navegam
de volta a Portugal.

## Testamento

Ainda existe o lugar
dos retratos na parede.

Ainda escuto rumor
de vozes ao embalo da rede.

Ainda ouço os murmúrios
dos mortos nas folhas dos antúrios.

Os armários de cedro ainda
exalam aromas de resina e febre.

O desenho das formigas
ainda passeia no lugar das vigas.

## Sala

*Ao F. S. Nascimento*

Ouço passos vindos do alpendre
para dentro da sala.
Será o vento que fala coisas
da cabala? Ou será o morto
de regresso à senzala?
O vento se cala e um rumor
de sedas resvala no ladrilho
da sala. No alto da cumeeira
a coruja gargalha. De novo
o mistério se instala
em cada movimento da sala.

## Cidadela

A noite é a cidadela dos bêbados
dos que à sombra dos pórticos vagueiam
entre mendigos com perfis de anjos.

A noite tantas vezes ungida
pelo cântico feroz dos bandolins.

À noite é quando a fantasia arma
a sua tenda sob a revoada dos meteoros
e convida os mortos para a ceia.

A noite tantas vezes ungida
pelo cântico feroz dos bandolins.

A noite trespassada pela fúria
dos pássaros, pelo clamor dos anjos
expulsos do céu, pela placenta de Deus.

A noite tantas vezes ungida
pelo cântico feroz dos bandolins.

A noite corrompida pelos ventos
que sopram de Sodoma e de Gomorra.
Noite de enxofre e de ranger de dentes.

A noite tantas vezes ungida
pelo cântico feroz dos bandolins

A noite martirizada do holocausto
quando o fulgor e o hálito dos tigres
clareiam povoados de eucaliptos.

A noite tantas vezes ungida
pelo cântico feroz dos bandolins.

A noite aconchegada nos terraços
com a sensualidade de uma orquídea
contemplada por deuses e argonautas.

A noite tantas vezes ungida
pelo cântico feroz dos bandolins.

A noite molhada pelo jorro dos amantes
pela luxúria do cedro e dos espelhos
pelo fulgor dos corpos e do vinho.

A noite tantas vezes ungida
pelo cântico feroz dos bandolins.

A noite interditada nas toalhas
de linho, nas compoteiras de cristal.
Ranger de taças e caninos podres.

A noite tantas vezes ungida
pelo cântico feroz dos bandolins.

A noite com as vísceras expostas
ao sarcasmo das aves de rapina.
O ar semeia o ópio das hienas.

A noite tantas vezes ungida
pelo cântico feroz dos bandolins.

A noite com seus cavalos rebelados
puxando a carruagem dos faraós
para algum cemitério de papiros.

A noite tantas vezes ungida
pelo cântico feroz dos bandolins.

A noite sacudida pela cavalgada
dos lobos, pelo cio das panteras.
O odor dos tigres pulveriza a África.

A noite tantas vezes ungida
pelo cântico feroz dos bandolins.

A noite como a sombra de uma nau
que naufragou no ventre da baleia.
Mas o profeta ainda semeia a voz.

A noite tantas vezes ungida
pelo cântico feroz dos bandolins.

## Testamento Real

Fui nascido rei
num pomar de luxúrias
me puseram na cabeça
o colar de chamas dos heróis.

Conheci as rotas do mar
e suas mitologias
de concha e sal.
Minha nau de exílios
ancorou nos mares de Ulisses.

Construí palácios
de cristal no vértice
das escarpas.
Meus rebanhos pastavam
girassóis em todas
as encostas dos mapas.

Vassalos tive e cães fiéis.
Duzentas amantes
cavalgaram meu corpo
da cabeça aos pés.

Fui íntimo das águias
e das marés
cem vezes morri
duzentas vezes ressuscitei
voltei do exílio
num esquife de pedra.

Escrevi estas palavras
no papiro
para que reste de mim
algum vestígio
e para que saibam
que um rei vive para sempre
à sombra do herói.

## Agenda Real

*A Gerardo Mello Mourão*

Um rei não cuida apenas
de seus vassalos.

Um rei é rei o tempo todo
e nos intervalos.

Um rei não se expõe
às seduções do martírio.

Grava as vogais do seu rosto
na rocha ou no papiro.

Um rei jamais se afasta
da túnica e do cetro.

Um rei é infalível
no trono ou no féretro.

Um rei não se curva
ao passar pela porta.

Um rei escreve com sangue
a lenda de sua morte.

## Polifemo

Segundo os versos
de um certo poema
houve um gigante
chamado Polifemo.

O monstro pertencia
à raça dos ciclopes
nem os deuses resistem
à fúria de seus golpes.

Segundo os fatos
que ora recolho
o lendário gigante
só tinha um olho.

Em luta feroz
com o bravo Odisseu
o dito gigante
seu olho perdeu.

Ó pobre gigante
de um olho só.
Tu eras mais frágil
do que minha avó.

## Argonautas

Argonautas somos
de um mar de cimitarras
e de assomos.

A bússola de Odisseu
clareia os passos de Telêmaco.

Somos a encosta da escarpa
Édipo e Jocasta.

O vômito da grei
a sensualidade do rei.

O assédio do assírio
a poeira do exílio.

## Nada é para Sempre

Nuvem, pássaro, estrela
o raio, a ostra, o vento.
Nada é para sempre.

A asa que incendeia
léguas do firmamento.
Nada é para sempre.

A noite com seu séquito
de mortos ao relento.
Nada é para sempre.

Galáxias que desmaiam
nos vórtices do tempo.
Nada é para sempre.

Os sonhos que pendoam
em nosso pensamento.
Nada é para sempre.

O sangue que borbulha
nos rastros do vidente.
Nada é para sempre.

As messes da parábola
os pêssegos do invento.
Nada é para sempre.

A mão que escreve a súplica
em laudas de cimento.
Nada é para sempre.

## Irmã Árvore

*A Fausto Cunha*

Sob a copa da árvore
o espírito se deita
e faz o seu casulo
entre a raiz e a seiva.

Quando chega a estação
dos frutos e da ceifa
o homem os recolhe
com sua mão direita.

Árvore sazonada
à beira dos caminhos.
Os frutos desses galhos
têm gosto de racimos.

A árvore carrega
os astros sobre os ombros.
É a deusa tutelar
dos homens, dos gnomos.

Sob a copa da árvore
o vento devaneia.
Os mortos sempre chegam
vestidos para a ceia.

Os mortos são tocados
pelos dedos da seiva.
O corpo reverdece
o espírito se deita.

A árvore suspensa
da esfera metafísica.
Os galhos alçam vôo
rumo à noite infinita.

## Rosa na Jaula

A rosa no tempo
        a rosa na jaula
(rosa decapitada
        do seu caule).

Rosa contemplada
        da janela
rosa de escárnio
        a rosa não era.

Rosa esmagada
        na sua esfera
a rosa piscava
        seus olhos de fera.

Rosa esculpida
        na tarde amarela.
Rosa de escárnio
        a rosa não era.

## Gravata

Comprei uma gravata
de listras oblíquas.
Gravata de espantalho
talvez de equilibrista.

A gravata era preta
com as bordas vermelhas.
Nas listras inclinadas
pousavam borboletas.

Às vezes a gravata
raptada pelo vento
lembrava um corpo etéreo
expulso do seu centro.

Comprei uma gravata
de listras poliglotas.
Falava sete línguas
entre as vivas e as mortas.

Gravata de adivinho
de palhaço ou de mágico.
Nas listras inclinadas
centauros galopavam.

## Mínima Ode para um Grande Mamífero

O rumor de tua sombra
sacode os espíritos
da floresta.

Tuas sete toneladas
de átomos e capim flutuam
nas águas dos rios e dos pântanos.

Pilastra da criação
avatar dos deuses
martirizados no holocausto.

Teu hálito de relva
clareia as rotas
dos ventos e dos pássaros.

Teus olhos minúsculos
enxergam a areia dos minutos
e a poeira dos séculos.

## Plantação

*Para Natércia Campos*

Plantar um sonho
como se planta uma árvore
plantar uma árvore
como se planta um destino
plantar um destino
como se planta uma parábola
plantar uma parábola
como se planta um verso no madrigal
plantar um madrigal
como se planta uma chama
no peito de quem se ama.

## Provérbios Heterodoxos

Amor à primeira vista
não deixa pista.

Quem ama o feio
não sabe a que veio.

Cão que ladra
não morde a cabra.

Pelos dedos da mão
escorrega o anão.

Quem muito abarca
embarca na barca da parca.

Dizem que Deus ajuda
a quem não coça a verruga.

Minhoca não tem osso
mortalha não tem bolso.

Marido de mulher feia
não volta para a ceia.

A mentira tem perna curta
mas nunca perde a luta.

## Desenho da Sala

A sala é o lugar
dos mistérios da ceia
minha avó refaz
as vértebras da meia
a sala trescala
a ruminação de boi
minha avó tricoteia
o tempo que se foi
a sala recende
a antúrios vermelhos
minha avó regressa
à cinza dos espelhos
a sala deserta
de vozes parece eterna.

## Regra de Três

A carne que ama a carne
o corpo que afaga o corpo
o homem que odeia o homem.

A boca que beija a boca
o lábio que morde o lábio
o homem que engendra a fome.

A fala que molda a fala
o grito que escreve o grito
na lauda do nosso nome.

O sangue que irriga a artéria
a fera que espreita a fera
o homem que mata o homem.

## Conto em Vez de Canto

Quando a derradeira
porta de cedro foi escancarada
quando os cavalos desenharam no ar
o bailado das ancas das éguas
quando o andarilho regressou de uma
viagem de duzentas léguas
quando os rios prantearam as luas
martirizadas nas cisternas
quando os últimos dos pássaros
fizeram seus ninhos nas garupas dos bois

quando o sino repicou na aldeia
e a ventania derrubou as samambaias
defronte ao quarto das moças
quando as gordas ratazanas devoraram
as últimas espigas do celeiro
as vestes do morto foram levadas
pela romaria dos vassalos
para que ardessem nas chamas do purgatório.

## Gavião

Um gavião sobrevoa
a ossada reluzente
da tarde límpida.

O seu olhar em chamas
é um feroz devaneio
de embriaguez e vertigem.

Ó arauto da morte
tuas plumas de fogo
são flechas de sangue.

Senhor das alturas
ó predador de anjos
sob as arcadas do dia.

Um gavião sobrevoa
esqueletos de ofídios
nas tardes de espantalho.

## Poema do Mar

*Para a amiga Antonieta*

Por mais perto que esteja
o mar está sempre
longe de nós.

Por mais que seja azul
o mar parece um conde
vestido de negro.

Por mais que esteja calmo
o mar nos presenteia
com as espumas da fúria.

Por mais que esteja longe
o mar está sempre
perto de nós.

## Banquete

Ontem senti um desejo
incontrolável
de engolir um rinoceronte
vivo
com todas as luas desenhadas na pele.

Corri os olhos
nos mapas à minha volta
à procura de um rinoceronte
para saciar minha fome
de canibal expulso da África.

Bastou que o vento chegasse
com seu odor de erva
para que eu me desse conta
de que fora engolido
pelo rinoceronte.

## Dona Tartaruga

Dona Tartaruga
não mora de aluguel.
Aonde ela vai
leva a casa nas costas
com todas as portas e janelas.

Dona Tartaruga
vê a chuva cair
o arco-íris pendurado no céu
o mundo e o tempo
e as coisas miúdas que a rodeiam.

Dona Tartaruga
não tem pressa de ir nem de chegar.
Vai a passeio sem sair
do seu dossel.

Quem sabe a eternidade
não mora de aluguel.

# Romance da Nuvem Pássaro

*Coração que se desprende da noite*
*escorpião que se crava em meu peito*
*selo de sangue sobre os meus dias de homem.*

*Mas já a luz irrompe com passos de leopardo.*
*E a palavra levanta-se ondula cai e é uma*
*longa ferida e um silêncio cristalino.*
OCTAVIO PAZ

# ODE AO PASTOR DAS ESTAÇÕES

*À memória de Octavio Paz*

1

De verde desenhas o corpo
da mulher amada. O papiro do
ventre, os prados da lascívia.

Desenhas o contorno da boca
em vermelho. Ali onde as vinhas
do pecado estão em chamas.

De negro desenhas os caracóis
dos cabelos, as relvas da luxúria.
A flor salina que recende a mar.

De verde desenhas o lago dos
olhos da amada, o musgo da nuca,
o cio e as âncoras da nudez.

De verde desenhas a concha
do molusco. A chama aprisionada
em seu labirinto de cristal.

2

Caminhas pelas
veredas do estio
sob os auspícios da aurora.

Regressas ao convívio
da plumagem das pedras
sob os auspícios da aurora.

Os galos te convidam
para as núpcias de Lorca
sob os auspícios da aurora.

O sangue da alba
atravessa as paredes
sob os auspícios da aurora.

Teus passos ressoam
nas lajes dos séculos
sob os auspícios da aurora.

Vais ao encontro
das nascentes dos rios
sob os auspícios da aurora.

Com túnica de jogral
nas esquinas da lua
sob os auspícios da aurora.

3

Condor das Américas
Dom Octavio Paz.
Senhor dos ventos
e dos temporais.

Os pássaros invejam
teu canto límpido.
Água mais íntima
dos mananciais.

As altas árvores
nos verdes quintais
são cordas e acordes
dos teus madrigais.

Teu canto límpido
ressoa nos Andes
nos vales mais verdes
e nas montanhas.

Os homens da América
os homens da Espanha
os homens das terras
que o Nilo não banha.

4

"Um dia que se perde"
entre fantasmagorias verdes.
Um dia que se esfuma
entre gaivotas sem rumo.
Um dia que se acaba
entre monossílabos de água.
Um dia que anoitece
entre as fogueiras da messe.
Um dia que se equilibra
sobre o alazão das espigas.

Um dia que refaz o estio
dos cavalos no cio.
Um dia que pastoreia
as namoradas da aldeia.
Um dia que faz o seu ninho
entre garrafas de vinho.
Um dia que espreme o seio
das moças no pastoreio.
Um dia que acende a chama
dos olhos da jitirana.
Um dia que abre a porta
para as orgias da morte.
Um dia que imita os dardos
do metal dos leopardos.
Um dia com odor de rosa
e faro de raposa.
Um dia com seus enxames
de vespas e de chamas.
Um dia crava no olimpo
seu bico de ornitorrinco.

5

Sons invisíveis descem das escarpas.
A luz, imóvel, treme nos lajedos
e nas retinas fixas dos lagartos.

O dia ergue seu corpo de espiral.
Tudo ao redor dardeja. O sol celebra
seu resplendor de pássaro real.

Teus olhos cantam sombras passageiras.
Estás de volta aos pórticos do dia
para ofertar teus versos às fogueiras.

Agora, Dom Octavio, posso ver
os teus poemas e a secreta chama
do mistério que jorra do teu ser.

"Espaço puro" e campo de utopia.
Espiga verde para ser madura
face inclinada sobre a profecia.

Teus olhos de profeta rebelado
são os olhos dourados das espigas.
As retinas do sangue derramado.

6

O poeta socrático
passeia na ágora
com o "macaco gramático".

O gosto pelo atávico
e pelas geometrias
do "macaco gramático".

Dizem que o tempo é extático
segundo as equações
do "macaco gramático".

A soma e o somático
o verso e o reverso
do "macaco gramático".

O poeta sarcástico
ensina filosofia
ao "macaco gramático".

Certo jogral estrábico
recitava suas odes
para o "macaco gramático".

Não sou nenhum fanático
para propor dilemas
ao "macaco gramático".

Vou ao ofício sabático
confessar meus pecados
ao "macaco gramático".

7

Dom Octavio Paz.
Um condor faz o seu ninho
na placenta da América.

As amadas te esperam
com seus ramos de ervas
no cume das tempestades.

O pião do menino.
Uma pomba no centro
do sistema solar.

Uma pomba que volta
do eixo metafísico
para o centro do caos.

Uma pomba de limo
que traz no bico
notícias do dilúvio.

O pião do menino
é de água, é de fogo.
Serpente de sândalo.

Tem sangue de árvore
tem olhos de cavalo
e memória de peixe.

Flutua no abismo
como um pássaro
nos trapézios de Deus.

O pião rodopia
ao redor da noite
e do eixo do dia.

Gira em torno da pira
que acende os olhos
da oriental safira.

8

Dom Octavio, Dom Octavio,
teu verso é a calva do sábio.

Teu verso é irmão das fogueiras
que à noite sobem ladeiras.

Teus versos semeiam arestas
na calvície dos poetas.

Teu verso é espada solar
contra as falanges do mar.

Teu verso é fuga de Bach
infância com seu luar.

O teu verso é pastoreio
duma ausência que não veio.

Teus versos são moldes líricos
do salto dos antílopes.

Os teus versos são os brolhos
das vinhas. Asas dos olhos.

Dom Octavio, Dom Octavio,
teu verso é o salmo do sábio.

9

Uma linguagem de pedra
uma linguagem de sombra
uma linguagem de musgo.

Uma linguagem de árvore
uma linguagem de ovelha
uma linguagem de pássaro.

Uma linguagem de barro
uma linguagem de aroma
uma linguagem de cio.

Uma linguagem de chuva
uma linguagem de relva
uma linguagem de espigas.

Uma linguagem de peixe
uma linguagem de barco
uma linguagem de abismo.

Uma linguagem de ferro
uma linguagem de foice
uma linguagem de fúria.

Uma linguagem de vento
uma linguagem de vespa
uma linguagem de véspera.

Uma linguagem de onda
uma linguagem de corpo
uma linguagem de pomba.

Uma linguagem de assombro
uma linguagem de lâminas
uma linguagem de homem.

## 10

Vai Dom Octavio Paz
ao redil das palavras
buscar versos de lã.

Gotas de escuridão
jorram de seus olhos.
Amanhece o México.

O espírito de Bashô
te encontra numa esquina
de sonho e vôo.

Velha serpente
de pele rarefeita.
A escuridão se deita.

Dorme a água em seu casulo
de seda. Borboletas
rompem a casca do vôo.

O espírito de Bashô
te visita no limiar
da água sem umbral.

Sua fala tem mistérios
de cisterna vazia
onde já não cabe o dia.

Bashô começa o diálogo
com a sombra. Sopro
imóvel no espelho.

Mas a sombra rodopia
num eixo invisível
entre o sonho e a morte.

## 11

Vertentes do Nilo deságuam
nos teus versos
o balido de uma ovelha
te consola
uma labareda de palavras
te consome
um grito na madrugada
te desperta

um galo semeia espigas
na escuridão
um lobo, inconsolável, perto
de tua janela
um fantasma de linho se deita
em tua cama
uma palavra te procura
e não te acha
um rio despeja os afogados
em teus poemas
uma serpente de cauda de âmbar
te acaricia
um escorpião em chamas dorme
em tuas retinas
um pássaro de palha gorjeia
em tua alma.

## Improviso para César Leal

Construtor de arranha-céus
em laudas de papiro.
Celebras Dante ao sol
da oriental safira.

Tanges as cordas do épico
e as cordas da lira.
Pastoreias o mito
da oriental safira.

Por cima de epitáfios
uma cobra se estira.
Mas não ofusca o rastro
da oriental safira.

Com tal saber esmagas
o lenho da mentira.
Decifras as parábolas
da oriental safira.

Pássaros rebelados
regressam de Estagira.
Ovos e vaticínios
da oriental safira.

Teu verso é oxigênio
da nuvem que respira.
Seio de sílex e âmbar
da oriental safira.

Teu canto alarga a esfera
onde a alma suspira
e os astros são vassalos
da oriental safira.

## Explicação do Poema

O poema é uma teia
de sombra e sol.
Uivo de alcatéia

para a lua cheia.
O poema é o fluxo
e o cio da sereia.

O poema é o que pulsa
no vértice de fogo
dos olhos da Ursa.

Não é o cachimbo
de ópio. É o vôo dos
pássaros do limbo.

A dança da chama
que devora o peito
de quem ama.

O lugar da ágora
onde os deuses amam
musas e medusas.

O poema é um meio
de beber ao seio
das guitarras lusas.

## A Vida não Basta

*Para Edmilson Caminha Júnior*

Sei que a vida não basta
para quem ama.
Sei que as nossas mãos
regam as messes do óbito.
Sei que a morte nos chama
ao sol dos raios gama.
Sei que o tempo é a asa
de um pássaro assassinado
pela flecha do acaso. Sei
que um clarim de sol
velará pelo canto
e a memória dos galos.
Sei que a morte dançará
nos telhados: medusa
de cabelos de limo.
Sei que as serpentes do mar
comerão nossas vozes
com a sua fúria salina.
Sei que somos o fio
dilacerado da trama.
Sei que a vida não basta
para quem ama.

## Menino Eterno

Revejo o menino enjaulado
na memória do sótão.
As nuvens e o rio

deslizando para o mar.
As ovelhas ruminando
o sol e a música das flautas.

Os pássaros chegando
de longe e sendo esmagados
de encontro às janelas.

A rosa tombada no jarro.
O mendigo descalço
passeia embaixo da ponte.

O menino e sua bicicleta.
A tarde com seus movimentos
de colombina bêbada.

O funeral dos galos
em Tarragona. O tropel
dos arautos. Os touros sangram.

O vento. A chuva. O cio
do raio. A volúpia
das borboletas nas paredes.

As cinzas das últimas
fogueiras dos instintos.
Os gritos decapitados.

Ânsia de reter o tempo.
De cavalgar o mistério.
De esculpir a sedução na pedra.

As ilhas do teu corpo
seduzido pelos faunos.
O mito do amor, esse pássaro

de fogo extraviado nas
rotas da epiderme. A infância
provisória do menino eterno.

## Vagalume

Vagalume com
olhos de raposa
onde você dorme?
onde você pousa?

Vagalume em chamas
dentro do solário
(ó alma da rosa
púrpura do Cairo).

Vagalume azul
boiando no vinho
lâmpada acordada
dentro do menino.

Vagalume com
olhos de raposa
vamos juntos pela
noite tenebrosa.

## Céu Amarelo

*Para Astrid Cabral*

Céu de outubro
raiado de amarelo
como um grande girassol
de vértebras de ouro.
Este céu pastoreia
antigos rebanhos de meu pai.
Os mortos que por lá
passaram em mortalhas de limo
com suas botas dilaceradas
em veredas de sangue.
Este céu de ocre e cépia
ainda escuta a voz
de um sino que todas
as tardes semeia entre
os pássaros a lã do adeus.

## Os Intocáveis

Todos são sábios. Conhecem os segredos
do mapa da mina. A solução para tudo. Até
mesmo para o problema da quadratura do círculo.
Os outros é que são burros, analfabetos
contumazes. Nunca leram um compêndio
de economia. Nunca se aprofundaram
nas questões metafísicas do almanaque capivarol.
Nem jamais ouviram falar da teoria
acaciana das banalidades rarefeitas.

Ah, eles são sábios. Obtiveram
nota dez no provão do MEC.
Todos contradizem as teses de Aristóteles
e costumam zombar de seus ridículos
passeios pelas alamedas da ágora.

Todos eles foram amigos de infância
daquele judeu excêntrico que formulou a Teoria
da Relatividade. Que foi péssimo aluno
de matemática, que escrevia poemas
e maltratava violinos nas horas vagas.
Todos descobriram a chave
da equação mágica que pode salvar o mundo.

## Reação em Cadeia

um dia depois do outro
um sonho depois do outro
um mito depois do outro
um corpo depois do outro
um morto depois do outro
um vento depois do outro
um raio depois do outro
um golpe depois do outro
um roubo depois do outro
um rato depois do outro
um rapto depois do outro
um pobre depois do outro
um potro depois do outro
um grito depois do outro
um tiro depois do outro
um tira depois do outro
um ladrão depois do outro
um susto depois do outro
um salto depois do outro
um coito depois do outro
um verso depois do outro
um rosto depois do outro
um déspota depois do outro

## Romanceiro

### I

A romã é um seio raiado
de sangue. Os testículos
de fogo do touro solar.

A madrugada esvaída às portas
de Málaga. A Espanha ensangüentada
num madrigal de Lorca.

Os galos de Tarragona sedentos
da alba. As guitarras dos
mouros nas exéquias dos touros.

A romã é um seio
apunhalado, à espera
do afago que não veio.

## II

Romãs enrubescem
com a própria nudez
são fímbrias em chamas
dos mantos dos reis.

Romãs são carícias
de amantes fiéis
vestígios de sangue
de um sonho burguês.

Infantas à espera
de um bardo, talvez.
Guitarras que sangram
um verso por mês.

## Canção dos Rios

*Para Gilberto Mendonça Teles*

Os rios que sobem
e descem ladeiras
os rios que acendem
as suas fogueiras.

Os rios descendem
dos antepassados
deságuam na memória
dos afogados.

Os cabelos dos rios
são verdes raízes
flechas de topázio
dos olhos dos tigres.

Os rios carregam
as naus dos meninos
as tardes e os pássaros
as nuvens de limo.

Corpos que são caules
de outras correntezas
os rios que apagam
as suas fogueiras.

## Aridez

Árido o pássaro
árida a cicatriz na pedra
árido o vento
árido o tropel dos escorpiões bailarinos
árida a simetria da luz
árido o céu
árido o silêncio de Deus
árido o madrigal
árido o cio da cobra
árido o lamento da porta aberta
árido o amor dos homens
árida a madrugada
árido o cântico dos galos nas tardes de estio
áridas as árvores de copas de mármore
áridos os seios das mulheres
árido o ventre
árida a palidez do rosto
árido o fel do sorriso raiado de sangue
áridos os olhos
árido o galope das nuvens degoladas
árido o sabor da treva
árida a agonia da terra demolida
árido o esquecimento
árida a voz que diz adeus aos mortos.

## Mesa

Mesa e faiança: tudo exala
aromas de vinho e seio.

Erguem-se brindes (vivos
e mortos) a um deus de areia.

Taças repletas, risos
de prata, fímbrias de seda

roçam de leve por entre
as nádegas dos violoncelos.

# Tanto Faz

No dia igual, todas
as coisas são iguais.
Se você come ou não
come, tanto faz.

A terra no seu eixo
em giros orbitais.
Se você ama ou não
ama, tanto faz.

O poder trapaceia
seus desígnios venais.
Se você sabe ou não
sabe, tanto faz.

Na simetria das horas
as eras são desiguais.
Se você pensa ou não
pensa, tanto faz.

O céu por cima de tudo
com todos os seus fanais.
Se você reza ou não
reza, tanto faz.

Os homens já não escutam
as vozes dos ancestrais.
Se você grita ou não
grita, tanto faz.

Chega a hora do velório
e a hora dos esponsais.
Se você beija ou não
beija, tanto faz.

A vida segue o seu curso
entre lobos e chacais.
Se você chama ou não
chama, tanto faz.

O rio que hoje corre
amanhã não corre mais.
Se você morre ou não
morre, tanto faz.

# A Concha e o Rumor

*Os antigos costumavam cantar a beleza natural.*
*Hoje devemos fazer poemas falando também de*
*ferro e aço.*
Ho Chi Minh (Diário de Prisão)

## Anatomia do Azul

*Para Márcio Catunda*

Enquanto o tempo refaz
a sua medula de água e espuma
os guardiões da miséria tocam flauta.

O povo exibe o seu dorso de dragão
chinês feito de papel crepom
e sai à procura do adágio das ruas.

Um pássaro ressuscitado pelo vento
pastoreia a anatomia do azul.
Podre a luz que nasce da pedra cancerosa.

A volúpia das orquídeas vaza da taça da noite.
Vestida de espantalho, a morte passa
rente à plumagem dos espelhos.

Ouve-se o badalar de um sino
para além das colinas e do peito
incendiado de Homero.

O rei de Tebas foi achado morto e teve
o fígado dilacerado por abutres
e estilhaços vindos do céu.

## Minibiografia

Não sou moderno
também não sou antigo.
Sou o mendigo que trapaceia
por trás do postigo.

Sou o que penso
e jamais o que digo.
Leio versos de Petrarca
nas retinas do tigre.

Melhor morrer no asfalto
do que ter inimigo.
Ter um barraco na favela
do que ouro no jazigo.

Meus versos não passam
de migalhas de trigo.
Ser poeta é ter o corpo
dizimado pelo vitiligo.

## Um Rio e Seu Pastor

Já fui pastor de um rio
que acariciava a nudez aveludada
das moças da aldeia.

Um rio contemplado pelas conchas
de corpo semelhante ao de uma
flauta no tempo do cio.

Um rio de olhos marejados
que passava os dias irrigando
as relvas das coxas das lavadeiras.

Sou um pouco da memória desse rio
que amamentava os pássaros
com o leite das nuvens.

Já fui pastor de um rio
que desaguava às portas de Lisboa
para dormir no Rossio.

## Marinha

Os metais do mar
cintilam na tarde finda.
Odor de peixe podre
nos barcos ancorados.

Presságios de luar
mas não é noite ainda.
Vestígios de escama e alga
flamejam na retina.

Fanais lançam nas águas
do mar seus estilhaços.
A tarde já se deita
nos barcos ancorados.

## II

Nas tardes de vento e espuma
chega o odor das entranhas do mar.
Cheiro de escamas e memórias naufragadas.

Cheiro de alcatrão, cheiro
das vagas martirizadas pelas rochas
cheiro de oceanos sonhados pelas gaivotas.

Nas tardes de maresia e de âncoras
lenços molhados de adeuses
acenam para os mortos.

## A Tarde e o Mar

A tarde feita de areia e espumas
desliza sobre romarias de folhas e dunas
desenhadas pelo vento.

A noite se aproxima com sua cauda
de sombras. Leopardo a caminho
de uma ceia de abismos.

A luz já recua.
E a tarde se deita
no gume de foice da lua.

O mar, tigre no cio.
Monarca coroado de espumas,
ruge num horizonte longínquo.

## Seio do Mito

Bom é ser de carne e osso
seduzir na hora certa
e entrar pela porta aberta.

Bom é ver o firmamento
passar e olhar de cima
o dorso arcaico da rima.

Bom é mover os remos
de prata da nau de Eros
rumo às colinas de Homero.

Bom é escutar a fala
dos mortos e seus violinos
em noites de chuva e limo.

Bom é saber que o poema
renasce a cada minuto
das cinzas do nosso luto.

Bom é fustigar a égua
da noite e seguir na frente
do apocalipse iminente.

Bom é despir a máscara
de alvaiade, estar no centro
do palco e não estar dentro.

Bom é, sendo ou não sendo
parte do todo infinito,
mamar no seio do mito.

## Tangedor de Camelos

Árabe, tangedor de camelos
íntimo do deserto
e das areias
tocava lentamente as caravanas
guiado pelo odor da água
a setenta léguas
de algum oásis sonhado
pelos beduínos
e também pelo cheiro de sândalo
dos seios das dançarinas
ao luar dos gumes das adagas.

## Espelhos

*Para Linhares Filho*

Os espelhos de Borges e a diversa
plumagem das palavras. Os recintos
da ira e do sarcasmo. Os labirintos
e espirais das metáforas do persa.

A velhice dos homens e dos deuses
e o galope incessante das esferas
em suas órbitas de fogo. As eras
ceifando as horas e engolindo os meses.

A fuga do guerreiro e do ciclope.
O dorso do crepúsculo já avança
na sombra que se extingue e continua.

A tarde chega ao fim sem que se note.
O vento cambaleia na faiança
onde um fauno se despe para a lua.

## Forma no Espaço

*(Sobre escultura de Oscar Niemeyer)*

Súbita forma de flor
em seu caule de antúrio.
Exata como um pêndulo de prata.

Tão leve quanto o vôo
de um pássaro roçando o vértice
do infinito breve.

Forma tão pura de
esculpir a fugacidade
do mito que nos pastoreia.

Forma de asas que arrulham
à espera da liberdade
e do seu pólen.

Forma que respira
os frêmitos do azul. Forma
do enigma que se debruça em si mesma.

Forma de água límpida que não se turva.
Concha da mão que acaricia
a luxúria da curva.

## Tudo Vale a Pena

Tudo vale a pena
se o amor é coisa plena
e cristalina.

Tudo vale a pena
se no lugar da avena
o pólen que germina.

Tudo vale a pena
se a unidade e a dezena
formam a unidade trina.

Tudo vale a pena
se a morte não te acena
do topo da colina.

Tudo vale a pena
se mudas o poema
em cobra dançarina.

## Lâmpada

A límpida
lâmpada do pórtico
clareia o óbito.

A pálida
lâmpada do mármore
clareia a lápide.

A lâmpada do vértice
corta a pirâmide
e sua hélice.

A lâmpada do
viático incendeia
o pássaro do paráclito.

## Lapidador

*Para Sânzio de Azevedo*

Tu lapidavas o ouro dos tigres
de Bengala. Eras profeta e mago.
Foste rapsodo às portas de Cartago
num tempo de adivinhos e de intrigas.

Decifravas a esfinge dos espelhos.
Seus vaticínios e seus dialetos
de luz e sombra. Teoremas, sonetos
de Gôngora, as diásporas dos velhos.

Vêm de Madrid os ventos de Toledo.
Trazem canções e estrofes de Quevedo
que inundam toda a Espanha com seus raios.

Agora, que os touros morreram, podes
cantar os labirintos, os desmaios
das tardes e as revoadas das odes.

## Canção para Dom Quixote

Teu velho Rocinante
de pelagem castanha
semeia a liberdade
dentro e fora da Espanha.

Teu sonho pastoreia
as terras que o Douro banha.
O direito à esperança
dentro e fora da Espanha.

Teu vulto lembra o caule
do cedro da montanha.
O mito te persegue
dentro e fora da Espanha.

Por colinas e vales
a lenda te acompanha.
Guitarras te celebram
dentro e fora da Espanha.

O mito te ilumina
com sua luz estranha.
Lanças flechas de vento
dentro e fora da Espanha.

Ó mestre da façanha
da espada e do estandarte.
Lanças por toda parte
dentro e fora da Espanha

## Exercício de Utopia

*A Pedro Paulo Montenegro*

Imagino que o sol doura as estradas
e logo vejo as éguas seduzidas
pelo rumor de antigas cavalgadas.

Imagino que as flautas vão aos montes
e logo escuto os passos de Virgílio
tangendo os seus rebanhos para as fontes.

Imagino que a noite é mais comprida
e logo penso que o mistério enrosca
sua cauda de serpente em nossa vida.

Imagino que um fauno tece a trama
do amor, e logo entendo que essa febre
é mais nuvem de estio do que chama.

Imagino que tudo é fantasia.
Que o tempo nos devora, segue em frente
e só volta no dorso de outro dia.

## O Tempo e Suas Florações

*Para Abelardo Vasconcelos*

Era o tempo das vacas ruminando
a infância dos bezerros. Era o tempo
das uvas e raposas dançarinas,

das gaivotas flechadas pelo arcano.
Era o tempo dos pêssegos do vento,
do amor que explode os seios das meninas.

Era o tempo das tardes de mormaço.
Dos pássaros que emigram, dos estios
polindo o mar e os remos do argonauta.

O tempo das marés que tocam flauta.
Do sol de outubro e seus punhais de aço,
das moças fecundadas pelos rios.

Era o tempo das núpcias dos insetos.
Das lagartas famintas que devoram
até mesmo a folhagem dos sonetos.

## Cadeira

Cadeira a barlavento
ancorada na ausência
da nossa utopia.
Ninguém já te espera
na sala vazia.

Cadeira onde a moça
às vezes ardia.
Cadeira dos mortos
ninguém já te afaga
em noites de orgia.

Cadeira sem rosto
e sem simetria.
O vento te embala
mas é a eternidade
que te acaricia.

## Monólogo da Bengala

Sou a tua perna
que se move no espaço.
Sou um planeta de vidro
fora de sua órbita.
Sou a tua perna tríplice
que te ensina a dançar
um tango argentino.
Sou a tua perna de cedro
a perna que atravessa
o rio do grego.
Sou tua perna dinâmica
tua perna mecânica
tua perna botânica
tua perna satânica.
Sou tua perna de aluguel
danço o amor e a morte
ao som dos tambores de Ravel.
Sou tua perna provisória
imune ao reumatismo
e à ciática. A tua perna
de olho no mundo.
Sou a perna que te governa
e que às vezes acredita
na vida eterna.

## Égua da Noite

*Para Alano de Freitas*

A noite é uma égua
seduzida pelo cio
e os olhos dos pântanos.

A égua da noite
conduz os faraós para
suas catacumbas de linho.

A noite é uma égua
de olhos castanhos
e sexo de papiro.

Égua da noite alta.
Tua placenta é a cauda
da via-láctea.

## Nexo com Nexo

Se em tudo na vida existe um nexo
é preciso encontrá-lo a todo custo
até mesmo no fato desconexo.

Uma teia de aranha lembra o plexo
solar. Rio de artérias que deságuam
num lago que reflete o seu reflexo.

O corpo é mais sombrio, mais complexo
do que imagina a vã filosofia.
Vivemos entre o côncavo e o convexo.

Voltamos para o sax ou para o sexo.
Eros esconde seu anzol de prata
entre as coxas do acento circunflexo.

## Desenho de Cavalo

Cavalo é aquilo
gerado pelas águas
e éguas do Nilo.

É a chama do traço
que gorjeia num
desenho de Picasso.

Cavalo é muito pouco
do que se sabe
do seu trote barroco.

É a trama das léguas
tecidas pelas crinas
de feno das éguas.

Cavalo é um sistema
de artérias onde circula
o sangue do poema.

Cavalo é o que torna
à infância do potro
no ventre da forma.

## Pássaro de Tróia

*Para Inocêncio de Melo Filho*

E veio a chuva e veio a ventania.
E veio o mar com todas as gaivotas.
E veio a noite. E veio a romaria

dos astros amortalhados. E veio
a que foi rainha depois de morta
com seu brasão do Império em cada seio.

E veio a cobra. E veio a primavera.
Veio o candelabro de sete chamas.
E veio o raio e seduziu a esfera.

E veio a borboleta e fez o linho.
E o bicho fez a pluma e fez a seda.
E veio o amor e muda a água em vinho.

E veio o arcano. E veio a metanóia.
E veio Homero envolto em labaredas.
E veio um grande pássaro de Tróia.

## Plantador de Girassóis

### 1

A mesa, as cadeiras, a janela
para a rua, a cama, as paisagens
na parede, as roupas
dependuradas no cabide
a almofada vermelha
o girassol de sangue palpitando
no lugar da orelha.

2

A mesa plantada
no ladrilho flutua num espaço
de sonho. Tem a solidez
de uma pedra.
A mesa foge do espaço.
O espaço é que pulsa
ao redor da mesa.

3

A mesa e seus objetos
dardejam sob a luz amarelada da lâmpada.
A mesa tem uma gaveta.
Dentro da gaveta
talvez uma carta, o pedaço
da orelha. A memória de Van Gogh
reinventando os girassóis.

4

A cama trespassa o espaço.
Os lençóis. A metáfora
do sangue traz de volta o seio
e os contornos da mulher
ausente. A cama à espera do
orgasmo dos girassóis.

5

Na tarde amarela
o dorso amarelo das copas das árvores.
As folhas das estações.
Um rio amarelo que deságua
nas alamedas e nas mãos
em delírio de Vincent Van Gogh.

## As Feras

*Ao amigo Eduardo Diatahy*

Tantos são os mortos no meu caminho
que já não posso contá-los.

Tantas são as vozes que me trazem súplicas
que já as confundo com o vento.

Tantos são os passos que me seguem
por entre alamedas e epitáfios.

Tantas são as sombras que me acenam
da noite e de suas escadarias.

Tantas são as memórias que me consomem
tantas as dúvidas que me dilaceram

que tenho a estranha sensação
de que me puseram na jaula das feras.

## Receita de Viver

Viver é como tomar
um porre de absinto
e acordar no outro dia
às portas de um labirinto.

Viver é mentir ao corpo,
saber que tudo é pilhéria.
Que o sonho acaba no esgoto
vencido pela matéria.

Viver é juntar palavras
na partitura de um samba.
Dançar um tango argentino
por cima da corda bamba.

Viver é despir a túnica
de rei ou de espantalho.
Desejar as uvas verdes
que estão na ponta do galho.

Viver é como tomar
um porre de vinho tinto.
Acordar fora do tempo
no ventre de um labirinto.

## Ritmo

*Para Élvia Bezerra*

Entre no ritmo da vida
se é que a vida
não está fora do ritmo.

Entre no ritmo do corpo
até que o corpo
não saia do ritmo.

Entre no ritmo
do universo, que se move
no âmago da inércia.

Entre no ritmo do amor
porque o amor
nunca perde o ritmo.

## Cupimetria

O cupim rói a cadeira
o acento circunflexo.
Rói a chama do cristal
o côncavo e o convexo.

O cupim rói o silêncio
do quarto. A calva
do morto. O sol que entra
pela janela. A alma.

O cupim rói as paredes
da casa. O verniz da
faiança. O pote de guardar
a memória da chuva.

O cupim rói o espantalho.
O passado e o futuro.
Rói os violinos dos gatos
quando velejam no escuro.

O cupim rói o dilema.
Adros e odes de Horácio.
Os bordados do poema
e arabescos do epitáfio.

Rói o vento e a eternidade.
O âmago e a superfície.
Rói os acontecimentos
e os remos da nau de Ulisses.

## Estátua

*Para Adalberto dos Santos*

Uma estátua nos fita
com seus olhos de pedra
dilacerados pelo
esplendor da matéria.

Uma estátua na praça
pública. Uma esfinge
que se veste de limo
para as núpcias dos pássaros.

Uma estátua de bronze
dentro e fora do tempo.
Nuvens passam por ela.
A eternidade e o vento.

Dum pedestal de areia
a estátua de lioz
olha o povo que passa
com lágrimas na voz.

## Lendas de Um Rei

*À memória de Dante Milano*

Era um rei de mentira.
Tocava a harpa e a lira
sentado numa pira.

Era um rei sem regalos.
Amava os seus cavalos
muito mais que aos vassalos.

Era um rei de baralho
que as damas do serralho
chamavam de espantalho.

Era um rei sem memória
que passou pela história
sem vestígios de glória.

Um rei sem dinastia.
Um rei que só vivia
de fantasmagoria.

Um rei sem pastoreio
flechado por um seio
num campo de centeio.

Um rei de Portugal
pintado num vitral
com o sangue do rival.

Um rei da guerra púnica
despojado da túnica.
Sua realeza única.

Era um rei destronado.
Amar sem ser amado
foi seu menor pecado.

Um rei sem um ceitil.
Sem sangue cor de anil
nas veias do perfil.

Era um rei avarento.
Pagava o seu sustento
com patacas de vento.

Um rei em decadência.
Zombava da ciência,
das formas e da essência.

Um rei da Mandchúria.
Morreu de albuminúria
e excesso de luxúria.

Era o espectro de um rei
odiado pela grei
por não cumprir a lei.

Era um rei mas não era.
Nasceu numa tapera
entre os braços da hera.

Não era um rei lendário
nem o Rei do calvário.
Era um rei no aquário.

Não era o rei do olimpo.
Fumava ópio e absinto
com folhas de terebinto.

Um rei sem postulado.
Amar sem ser amado
foi seu menor pecado.

## Fogo

Fogo é esse aroma
de tua pele
sob a alegoria dos vestidos
fogo é o teu hálito
de fera no cio
a labareda se alastrando
em tua boca
tua língua de coral
devorando os
pássaros da libido
fogo é teu sabor de fruta
cítrica, a revoada
dos teus gestos
se libertando para as
liturgias do amor
fogo é o teu santuário
de carne, sob
as relvas do pecado
fogo é teu dorso
de serpente venerável
tua nudez de égua
do faraó, teus
olhos subjugados
às divindades da fúria.

## Paródia de Camões

Sete anos de pastor Jacó servia.
Mas não servia ao pai nem às ovelhas
que as delícias do amor só pretendia.

Sete anos passados ao relento
só pensando naquela cujos olhos
lhe acompanhavam cada movimento.

Sete anos polidos pelo vento
entre ovelhas paridas e a tosquia
que amor só o visitava em pensamento.

Sete anos de perdas e de ganhos
entre o frio das noites e da ausência
e a solidão dourada dos rebanhos.

Sete anos de pastor Jacó servia
sem maldizer as tramas do destino.
Sem saber se ficava ou se partia.

## Taça

Tuas pernas me fitam
da rede de corda.
– Uma taça de vinho
que às vezes transborda.

Tuas pernas passam
por minha sombra.
Seguem mas fica seu doce
rumor de onda.

Tuas pernas, pórticos
de mármore antigo
por onde se vai às relvas
de fogo do paraíso.

Tuas pernas são dois
esteios de aroma
que sustentam
as cúpulas de Roma.

## Dona do Seio

O que tinha de vir não veio.
Só o vento bate em cheio
no rosto do meu devaneio.

Foi-se a dona do seio
mais belo do meu pastoreio.
Ou me afogo ou me incendeio.

Quem ama sem receio
bonito lhe parece o feio
com direito a galanteio.

Onde estou não me leio.
As águas correm do veio
para um campo de centeio.

## Coisas Pequenas

O óbito cria
o hábito. O hábito
recria o óbito.

Com seu fulgor de onda
entre as chamas dos tigres
desliza a anaconda.

Pousa a borboleta
na fotografia.
A morte em linha reta.

O poeta olha de cima
as sílabas que pastam
nos prados da rima.

A rima é a muleta
do verso de pé quebrado
que dorme na gaveta.

A rima e o metro
disputam o cetro
e as pompas do féretro.

O vôo da borboleta
na sala deserta.
Uma curva? uma reta?

As horas caem do galho
das estações. Pérolas
ou gotas de orvalho?

A passo lento, o vento
vai tecendo os fios
das teias do tempo.

Cessa o clarim dos galos.
Mas o ruflar das asas
assusta os cavalos.

Com plumas de tamoio
o sol dispara flechas
no dorso do arroio.

Sósia do leopardo
o sol tritura
as vértebras da tarde.

Grilo afoito.
Tritura o silêncio
nas hélices da noite.

Um grilo às ocultas.
As noites estão ficando
cada vez mais curtas.

Uma orgia de grilos.
A noite os amamenta
com seus negros mamilos.

Volúpias e artimanhas.
Fantasmas são digeridos
pelas teias das aranhas.

O vento, de chofre,
apaga as chamas das velas.
O morto cor de ocre.

Estas éguas de olhos claros.
Vestígios da primavera
ou do cio dos cavalos?

Veio de longe. Veio
de um lago que deságua
na curva do seio.

Tremor na copa da árvore.
Um corvo pousa na calva
dum busto de mármore.

A rosa e seu perfume
não são mimos dos deuses.
São dádivas do estrume.

Um peixe cor de ameixa
passeia no aquário
com seu batom de gueixa.

Um corvo na cornija
pastoreia a chuva.
Cada vez mais rija.

Tic tac tic tac tic tac.
É o relógio triturando
os ossos do almanaque.

Treme a rosa no galho.
Não foi o vento?
– Foi uma gota de orvalho.

Ó pescador de conchas
do mar. Mais belas
são as conchas do amor!

Tu não pescas nada
se não pescas as conchas
do corpo da amada.

Eles nos mandam cestas
de mentiras e ainda
nos fazem de bestas.

Passeia pelo quarto
com cauda de serpente
e espanto de lagarto.

Deuses, centauros, potros
nas relvas do paraíso.
O inferno são os outros. (J. P. Sartre)

Tua bela rótula!
Estrada de sândalo
para a festa da cópula.

De tão fino, o som
dos sinos apunhala
a alma das andorinhas.

Um deus tece a trama
na frágil porcelana
dos olhos de quem ama.

## Tempo

*Para Regine Limaverde*

O tempo não mede o tempo.
O tempo devora
o tempo.

O tempo não foge do tempo.
O tempo se dissolve
no tempo.

O tempo não recria o tempo.
O tempo vive da utopia
do tempo.

O tempo não se gasta com o tempo.
O tempo tece a mortalha
do tempo.

O tempo não deságua no tempo.
O tempo é a eternidade
sem tempo.

## Strix Ulula

Ó pássaro da noite
dançarino das sombras.
Teus olhos pastoreiam
rastros de sangue nas trevas.
Noite alta, ergues teu ninho
no peito dos mortos.
Do alto das cornijas
escutas o rumor
das serpentes do pântano.
Com teu bico de foice
golpeias o enigma dos peixes
às caladas da noite.

## Sonho de Espantalho

*Para Luciano Maia*

Sonhou que era espantalho
no meio de uma lavoura
de seios e espigas.

Sonhou que foi seduzido
pelos olhos em chamas
das aves de rapina.

Sonhou que era uma coisa
vestida de mortalha
à espera da noiva.

Sonhou que amava a princesa
de um castelo encantado
nas retinas de um lago.

Sonhou que o arrebatavam
num carro de fogo com
sete cavalos negros.

## A Vida e Seu Curso

A vida segue o seu curso
indiferente ao que pensas e escreves.
Uma folha rodopia no vazio
sem se importar com as nossas metáforas
e nossos poemas.

Todas as tardes ovelhas descem das colinas
a caminho da aldeia.
Um pássaro faz o seu ninho em tua calva.
Moças de branco levam grinaldas
para noivas assassinadas.

O vento desfolha os seus vestidos
o cristal de sua nudez incendeia os olhos
e os desejos dos homens.
Com a boêmia e a sensualidade de um urso
a vida passa pela morte
e segue o seu curso.

## Anatomia da Vaca

A vaca é um monumento
de nervos e vértebras.
Fanal no meio da paisagem
a paisagem que se move
a passos lentos, que
se contempla e se basta a si mesma.

A vaca não é um conceito
abstrato. É realidade
que se move e te comove
te pasta e te alimenta.
A vaca acaricia teus sonhos
com seu hálito de relva.

A vaca carrega os astros
na garupa. À sombra
da vaca, os pássaros fazem
seus ninhos e os bezerros
sonham com a morte
dos futuros bois.

A vaca recria o tempo
no ubre repleto de colostro.
A vaca e seu mugido
nunca se apagam da memória
do vento. Ficam pulsando
nas veias do seu rastro.

## Arquivo Morto

*Para Moacyr Félix*

Sou o passado e o presente
sou também o futuro.
Os dias que se vão desfolhando
em plumagem dourada.

Sou a sombra da árvore onde
as feras repousam.
O rastro que os ventos apagaram
mas continua palpitando
nas artérias da luz.

Sou o passado submerso na pele.
A porta do futuro que
se abre aos fantasmas expulsos
de suas tumbas demolidas.
Sou o futuro e sua nau
de fogo boiando nas águas do dilúvio.

Estarei convosco quando o futuro
chegar com a sua túnica
de profeta indignado. E quando
suas palavras forem mais
terríveis do que um punhal cravado
no peito do inimigo.

## Os Mísseis

Onde quer que nos achemos
no cartório ou no velório
os mísseis estão conosco.

Na legenda do epitáfio
no orgasmo da maré cheia
os mísseis estão conosco.

Na penumbra dos conventos
na clareira ou na clausura
os mísseis estão conosco.

Nos olhos da Gioconda
na curva do seu pescoço
os mísseis estão conosco.

Na pedra que nos ampara
quando o mistério é uma foice
os mísseis estão conosco.

Na hora das negras vestes
nas velas, nos ramalhetes
os mísseis estão conosco.

No fogo do purgatório
no sono feito de lágrimas
os mísseis estão conosco.

## Poema Banal

Morrer não tem sentido.
Melhor se o não tivesse.
Morrer é acordar a alma
quando o corpo adormece.
Morrer é tão cafona
morrer é tão banal.
Morrer de tantas formas
morrendo de forma igual.
Morrer é fugir do centro,
sair do espaço e estar dentro.
Morrer não faz parte
do sonho nem da arte.
Se tiver de partir, parto
no relâmpago do infarto.

## O Rio e os Remos

Um dia a mais
um dia a menos.
Já não importa
o que seremos.

Um dia a mais
se tudo é imenso.
Um dia a menos
não nos pertence.

Um dia a mais
são nossas rugas
com seus desenhos
de tartarugas.

Um dia a mais
um dia a menos.
Ao negro rio
com nossos remos.

## Mito

*Para Sérgio Macedo*

O homem é o mito
do homem
o sonho que não deu certo.

O homem é o déspota
do homem
o tiro que saiu pela culatra.

O homem é o vassalo
do homem
a flecha que não acertou o alvo.

O homem é o predador
do homem
o lagarto que devora o lagarto.

O homem é o carrasco
do homem
o sudário negro do enforcado.

## O Cão e as Moscas

Era um cão sonolento
exposto aos gumes do vento.

A chuva açoitava as portas
caudas e orelhas das hortas.

As roscas dos parafusos
são rastros de caramujos.

Borboletas rastejam
entre distâncias barrocas.

Eram as únicas testemunhas
do alarido das moscas.

## Memória Cósmica

Odor de barro chega das taperas
trazido pelo vento e pela chuva.
No espaço constelado de utopias
abril semeia um rastro de aleluias.
O sol dardeja e a vida nos trespassa
com seu punhal de aromas e zumbidos.
Borboletas vestidas de medusas
suspensas das arcadas do prodígio.
Éguas exalam seu odor atávico.
Pastam miragens perto dos regatos,
dos cavalos de crinas de centeio.
Cigarras erguem seu clamor metálico.
Jorram flechas dos olhos dos lagartos.
O chão molhado cheira a palha e seio.

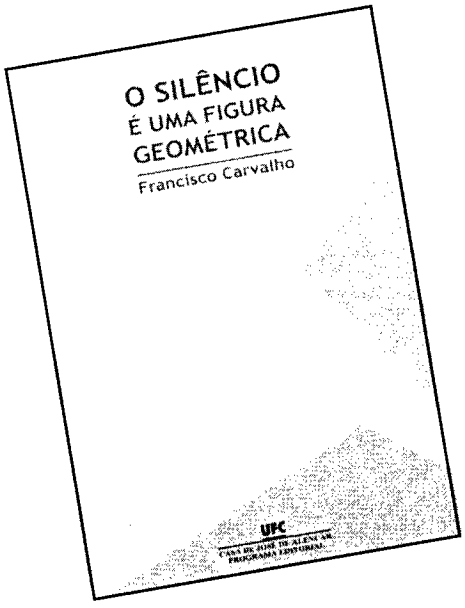
## Anjo Torto

Um anjo torto
segue os nossos passos
remove a lama
dos nossos sapatos.

Um anjo oblíquo
fora da lei
fala de um reino
onde ele é rei.

Um anjo à deriva
chega de improviso
dos sete degraus
da escada do paraíso.

Um anjo torto
recolhe a única
rosa espetada
em nossa túnica.




# O Silêncio é Uma Figura Geométrica

*Vésper caiu cheia de pudor na minha cama.*
MANUEL BANDEIRA

*Onde Deus tem um templo, o diabo terá uma capela.*
ROBERT BURTON

## Convite para Morrer

Chega um tempo em que nos convidam para morrer
e achamos tudo muito natural.
Não reagimos, não protestamos em praça pública.

Burocratas movem-se lentamente entre epitáfios
de um cemitério de computadores.
Eles piscam nervosamente e nos adivinham.

Chega um tempo em que as notícias nos agridem
em que as nossas bocas estão repletas
de palavras pornográficas.

Chega um tempo em que não percebemos
as mutações do corpo, a mecânica das pernas
e dos braços, o sabor do café, os aromas da vodca.

Chega um tempo de acontecimentos raros.
– Cartomantes e adivinhos profetizam
o suicídio dos peixes nos aquários.

Chega um tempo em que nos convidam para morrer.
Como se a morte fosse uma viagem de núpcias
num transatlântico de luxo.

## Elegia da Ponte dos Ingleses

Ó Ponte dos Ingleses. Já passaram
primaveras e dourados estios.
Mas teu mistério pastoreia as noites.
As rotas das marés e dos navios.

Em teu corpo há vestígios de afogados,
cicatrizes do tempo, o fel das coisas.
Amantes e suicidas te procuram
no entardecer sangrento das papoulas.

Ponte dos que partem para a viagem
rumo às miragens do horizonte estreito.
Brinde do império ao mito poliglota.

Ponte dos que se foram. Dos que sabem,
pelo pulsar do augúrio em nosso peito,
que o caminho dos mortos não tem volta.

## Pomar alheio

Sempre haverá
uma voz
que te chama
de onde o prodígio
não veio.
Um movimento que
se repete
um gesto que procura
imitar o vôo
do pássaro do seio.
Sempre haverá
alguém pronto a desfrutar
a sombra da árvore
do pomar alheio.

## Poetas Mortos

Quando os poetas morrem
os seus versos os acompanham.
Tudo será esquecido
ninguém mais se lembrará do nome
dos mortos e dos poemas.
O vento os apagará da face da terra
a lua os fitará com desdém
a chuva cobrirá de limo os seus epitáfios.
Quando os poetas morrem
as suas almas fecham todas as portas
e as metáforas se calam.

## Sapatos

Num canto escuro do quarto
os sapatos amarrotados
cobertos de pó e pela mortalha
senil das teias de aranha.
Vejo marcas de sangue que restaram
das volúveis caminhadas
pelas esquinas do sonho e do amor.
Eles estão ali à espera de mim
como um barco que prepara os seus remos
para a travessia da morte.

## Cante o Que lhe der na Telha

Cante o que lhe der na telha
a lã do ventre da amada
e o cio de sua orelha
cante a rosa no caule
e sua plumagem vermelha
o seio da lua nova
e o galope da parelha
cante o cheiro de resina
dos esporões da abelha
o claro clarim dos galos
e o jorro azul da centelha
cante o som de veludo
do vinho na botelha
queixas e mágoas do arroio
que mata a sede da ovelha.

## Oferenda

Não exigir muito da vida
nem das pessoas
do orgasmo ou da lenda.
Deixar o mito arder
no que restou das cinzas de Tróia.
Deixar o tempo passar
pelos furos da metafísica.
Não exigir do amor
que a luxúria deixe a sua nódoa
de espuma em todas
as reminiscências dos espelhos.
– A vida já é uma oferenda.

## Enquanto as Vacas Pastam

Enquanto as vacas
pastam na relva
escrevo poemas
que ninguém lê
e serão degustados
pelo cupim.

Enquanto as vacas
bebem no rio
imagino coisas
que vão acontecendo
e logo desaparecem
sob os olhos das Plêiades.

Enquanto os bezerros
faz tempo que não mamam
enquanto as vacas
filosoficamente
mijam na grama
os brutos também amam.

Enquanto as vacas
sonham no pasto
com a faca amolada
e o cio dos touros
escrevo epitáfios
para os besouros.

## Condição Humana

Todos somos contemporâneos dos rios
ligados à placenta do mar
galopamos num cavalo de areia
ou na égua da noite ártica.
Todos cultivamos a erva daninha
dos nossos vícios tribais
todos escondemos as nossas taras
no subsolo da memória.
Todos escrevemos epitáfios
na argila dos minutos.
Todos nos rendemos à sedução
das taças de ópio do amor.
Todos somos loucos ou barrocos.

## Soneto do carrossel

Viu a tarde cair do seu trapézio
numa chuva de raios. E as esferas
arderem nas fogueiras das galáxias.
Deusas de espuma e orquídeas amarelas.

Viu o séquito da aurora. Os cardumes
dos astros. O tropel dos asteróides.
Viu a mentira eternizada em bronze.
E o vento arder na pira dos andróides.

Tudo isso ele viu e já sabia
que a roda da fortuna é um carrossel
onde a sombra dos mortos tripudia.

Só não sabia que, ao cantar dos galos,
a esfinge vem da noite num corcel,
que é o mais veloz de todos os cavalos.

## Cânones

Os críticos falam muito de cânones
de arquétipos
de estereótipos
de formas padronizadas
de esquemas rígidos
de estruturas fossilizadas
de regras ortodoxas.
Falam, sobretudo, de cânones.
Mas o que são cânones?
Eu não tenho medo de cânones.
Tenho medo de canhões e de cães
de todas as raças e linhagens.
Dos vira-latas aos pitbus.
Principalmente dos que usam óculos de grau.

## Quixote

A magreza do cavalo
do teu corpo e da espada
destoava de tuas apoteoses verbais.
Ó fidalgo da triste figura
tu semeavas o trigo do riso
em tuas misteriosas cavalgadas por
moinhos de vento e madrugadas de sangue.
Eras a alma ensolarada da Espanha
dilacerada pelos gemidos
dos touros e das guitarras dos mouros.

## Calafrio

O amor
é um calafrio
que nos percorre
o corpo
e vai desaguar
na foz
de um secreto rio.

## Olhos Que Te Procuram

As velas que vêm do mar
o regato escondido nas pedras
e os olhos das raízes te procuram.

A romaria das nuvens dançarinas
a vertigem das asas no azul
e os olhos da ausência te procuram.

A noite debruçada nos gumes das escarpas
os lírios e delírios das marés
e os olhos dos espinhos te procuram.

As pombas que põem os seus ovos
de mel no alto das cornijas
e os olhos da eternidade te procuram.

## Poder da Palavra

Uma palavra
basta
para acordar os
demônios
que se hospedam
no poema.
Uma palavra
basta
para estancar
as veias desatadas
do poema.
Uma palavra
basta
para ferir de morte o poema.

## Azulejo Mourisco

Quixote. O cavalo.
As vértebras expostas.
O riso na ponta da espada.
O vento. Os moinhos. Rocinante
e o jumento. A pastora Marcela e seus
namorados. A fidalguia
reinventando os mitos do amor.
A Espanha e seus entardeceres mágicos.
Obeliscos de sangue. Fantasmas
debruçados nas ameias.
Os lindes. As lendas. Os aloendros.

## Sete Fotografias

Ali havia uma porta e uma cruz
de malta desenhada com o sangue dos mortos.
A profecia de uma parede de alvenaria
com sete fotografias de Lorca.
Ali havia uma porta que nunca se abria
um relógio de água decepando os lírios do tempo.

Ali havia uma porta, havia uma pêndula
a âncora de um navio de papel
barcaças e gaivotas ancoradas numa restinga.
Ali havia o magnetismo de uma foice
as botas de um soldado, os gritos e sussurros
das almas dos cães perdidos na noite.

Ali havia o gemido de uma porta
uma parede de alvenaria, o limo do vento
e da chuva, a dança da chama, o pássaro na gaiola
os degraus da vertigem, o laço da forca
e as sete fotografias de Lorca.

## Noturno da Catedral

Jorram silêncios góticos
do âmago das pedras.
Deus escreve no mármore
parábolas eternas.

Os vitrais incendeiam
mártires de olhos claros.
Asas que arrulham. Verte
sangue dos candelabros.

Sons de harpas. O incenso
gorjeia pelas naves.
Anjos de curvas barrocas
dizem preces e salmos.

De repente, um sussurro
sai do fundo da cripta.
– São os mortos em trânsito
para a noite infinita.

## Soneto Odorífero

O odor das marés recorda o aroma
das novilhas que pastam nos poemas.
Lembra o frescor do hálito da ovelha
que rumina papoulas e açucenas.

Odor de escamas, ácidos e células.
De conchas feitas do mais puro jade.
Odor de plasma que semeia pérolas
nas artérias da espuma fecundada.

Odor de vozes vindas dos navios.
Odor do cervo que persegue a fera.
Odor do adeus no instante da partida.

Odor de porta aberta para os rios.
De ninhos que alçam vôo na primavera
para as eternas mutações da vida.

## Noturno do Beco

Os fantasmas do beco
apagaram as luzes.
São vestígios de sombras
caladas e confusas.

O beco dorme cedo
tem lá os seus recatos.
As rãs que ali gorjeiam
gorjeiam para os sapos.

Às vezes um boêmio
vagueia pelo beco
em busca de cachaça
ou do seu endereço.

O sol não vai ao beco
por isso é sempre escuro.
Distante do presente
ausente do futuro.

## Noturno das Casas

Sopra o vento à deriva
nos telhados das casas.
A insônia das corujas
corta e rasga mortalhas.

Os lagos dormem. Sapos
dos tempos do dilúvio
cantam para as estrelas.
Um cântico de fúria

para os deuses do pântano.
As pupilas da água
são os olhos dos mortos.
O arroio toca flauta.

A nau da noite avança
por distantes setembros.
É tempo de ancorar.
Cuidai de vossos remos.

## Noturno da Ponte Metálica

Das ondas chega a noite,
filha da espuma atávica.
Orgasmos brotam do vento
e da ponte metálica.

As luzes dos navios
rastejam sobre as águas.
Seios que ainda arrulham
como os filhos das aves

despencam dos vestidos
com sedução felina.
Nesse jardim de nádegas
até o mar bolina.

Odor de fêmea e cio
de conchas e mariscos
semeia nas entranhas
desejos infinitos.

Pairam sobre os amantes
reflexos de alumínio.
Nesse jardim de nádegas
até o mar bolina.

## Meninos

Os meninos
chegaram inesperadamente
das rampas de lixo
com os rostos
lanhados
de cacos de vidro
quando lhes
disse que só me restava
um naco de sonho
para oferecer-
lhes, eles
ainda tiveram
força para zombar de mim.

## Rascunho De Ouro Preto

*Ao Prof. Fábio Lucas*

Nuvens desabam do céu sobre telhados coloniais.
Olhos de corujas barrocas relampejam
no alto das cornijas.
Bátegas apedrejam os vitrais das igrejas.
Cristos de pedra-sabão trespassados
pelas flechas do gótico.

Fantasmas descem ladeiras ou vagueiam pelas encostas.
Harpas de musgo gorjeiam nas fendas das pedras.
O tempo, aqui, é uma artéria que sangra.
O silêncio impõe sua marca de cobre
nas paredes vergadas sob o lenho dos séculos.

A chuva espalhou estilhaços de vidro
nas pupilas insones da água.
Profetas sussurram palavras de fogo
monossílabos de relva e limo
aos ouvidos de pássaro do Aleijadinho.

## Casa Sonhada

Sonhei uma casa
de vento as paredes.
O teto é uma nuvem
de plumagem verde.

Casa que veleja
no tempo: uma barca
ancorada na anca
de uma escarpa.

Casa sem lucarna
sem viga e lucerna
sem trancas nas portas
sem pedra no cerne.

Fantasmas arcaicos
descem da montanha
passeiam nos fios
das teias de aranha.

Casa erguida pelo
cântico dos galos
e pela memória
dos antepassados.

## Dois Rios

*Para Soares Feitosa*

O Rio Jaguaribe
não é o Capibaribe,
que tem plumas de cão
e galopa em declive

para o mar. Não é um
rio cosmopolita
cantado em pedra e verso,
rimas pobres e ricas.

Não é um rio urbano,
uma serpente ilustre
que devaneia à sombra
de arranha-céus de luxo.

O rio de que falo
desliza na planície
e não sob os mamilos
das pontes do Recife.

O rio que recordo
corre em glebas amargas.
Mas nunca falta sangue
para o leite das cabras.

É um rio fuzilado
pelas flechas dos climas.
E sempre esteve ausente
das odes e das rimas.

O Rio Jaguaribe
não é o Capibaribe.
Que dorme no seu leito
feito um morto no esquife.

## Dialética do Poema

Fazer um poema
não é dizer coisas profundas.
É ver as coisas como as coisas não são.

Fazer um poema não é viajar no espelho.
É ir à procura do rosto do homem
perdido na escuridão.

É descer às raízes do sangue e do mito.
Fazer um poema é estar em conflito
com os dedos da mão.

## Milonga da Serpente

A serpente era uma cobra
aparentemente inócua
não fosse o odor de morfina
que lhe saía da boca.

Os seus caninos de prata
cortam mais do que uma adaga.
Era a plumagem do cio
de um nó que não se desata.

Um nó que às vezes se agita
entre as dobras do disfarce.
Como se os olhos da cobra
algum demônio os fitasse.

Era uma curva perfeita
semelhante à da parábola.
Um círculo ou uma elipse
que começa onde se acaba.

A serpente era a metáfora
de si mesma: reluzia
com tal fulgor que o helianto
perto dela escurecia.

Era uma cobra gerada
desde os primórdios da neve
quando o amor já consumia
memória e seios de Eva.

A serpente era uma letra
gótica impressa no linho.
Satanás com sua lépida
túnica de libertino.

## Súplica Barroca

Anjos de linhagem barroca
das igrejas de Minas.
Rezai para que não se percam
as almas das concubinas.

Rezai pelas éguas castanhas
e as de douradas crinas.
Que pastam memórias e lendas
nas ladeiras de Minas.

Anjos do Aleijadinho, sombras
de azuladas retinas.
Rezai para que o amor transborde
das taças das meninas.

Rezai para que os cegos vejam
e os olhos das turmalinas
que o sangue dos Inconfidentes
jorra das veias de Minas.

Rezai para que a amada escute
o clamor destas rimas.
Anjos de linhagem barroca
das igrejas de Minas.

## Hora de Não Dizer Adeus

Hora de não comer dobradas à moda do Porto
de cancelar os compromissos inadiáveis
de não fazer projetos mirabolantes
de não ser aquele, entre os comensais
que foi surpreendido pelo demônio do vômito.

Hora de não ir nem de voltar
de não colecionar reminiscências nem
borboletas mortas, de não confiar
segredos às aranhas, que desenham alegorias
na memória e na epiderme dos retratos.

Hora de não dizer adeus ao vento que passa
pela tua sombra, de não beber veneno
por causa das namoradas
de não seguir os passos do anjo torto.
Hora, sobretudo, de não comer
dobradas à moda do Porto.

## Domador de Relâmpagos

Eu não gostaria de ser
aquele que anuncia em praça pública
os éditos e os funerais do rei.

Não gostaria de ser o carrasco
que decepou a cabeça de Ana Bolena
aos olhos marejados do Tâmisa.

Não gostaria de ser o marujo
que do alto do mastro da gávea
contempla a diáspora das espumas.

Não gostaria de ser o tangedor
de caravanas que adivinha o som da
água nas pupilas dos camelos.

Não gostaria de ser empalhador
de borboletas e de pássaros.
Gostaria de ser domador de relâmpagos.

## Memória Rupestre

### II

Só o amor vale a pena. Reacende
a chama dos instintos, que se apaga.
Só o amor abre as portas e as comportas
dos sentidos que deságuam no pecado.
Só o amor vê de longe e vê de perto
adivinha os desejos escondidos
nas entranhas. Só o amor se assemelha
a uma adaga que fere docemente.
Ao punhal que trespassa mas não mata
ao olho apedrejado que não cega
ao vinho que gorjeia numa taça
de cristal. Só o amor lembra um centauro
que desce das colinas de Efraim
para pastar canções em nosso peito.

### IX

O vento se desprende da corola
rumina a luz as vértebras da chuva.
Vêm da cozinha de azulejos verdes
odores corrosivos de cebola.

Os mortos já fumegam nas terrinas
já flutuam em molhos aromáticos.
Adeus, ó relvas desses campos bíblicos
arroios que flamejam nas colinas.

À mesa chegam postas de vitelas
refogados de trutas e novilhas
papos rotundos de perus obscenos.

Ao rumor dos cristais, a luz das velas
dança sobre essas podres maravilhas.
Relíquias de pecados e venenos.

## Ode Triunfal

Estavas, linda Inês, quase em sossego
à sombra dos arbustos da colina
cuidando dos rebanhos do argonauta.

Ouvi o som da gaita de um galego
que recitava Homero numa esquina
onde outro cego já tocava flauta.

Fui sedutor quando cismei de ver-te
meus sentidos arderam por amar-te
meu coração pus aos teus pés de infanta.

Buquê de espumas para um deus solerte.
Até mesmo na hora em que se parte
o cristal de uma taça ainda canta.

## Catedral

Arquitetura de vento e andorinhas
zumbido de asas e ladainhas
de mármore. O incenso que sobe dos turíbulos
são serpentes expulsas dos altares.
A música ergue o seu caule
de chamas até roçar na quietude das naves.
O que ressoa nas frinchas das
pedras não é o rumor das hóstias que
sangram, nem os apelos das vozes extraviadas
nem o balido das ondas do mar
nem o soluço dos anjos foragidos, nem
os morcegos devorando as rosas
dos vitrais. O que ressoa nessas pedras
coroadas de espinhos são os passos do homem
à procura da memória de Deus.

## Dois Epitáfios

Sob este mármore negro
polido pelo vento e a chuva
repousam as cinzas do filho de Domício
e de Agripina.
Aquele que declamava versos
quando Roma inteira ardia,
saberá que a eternidade não termina?

### II

Sob esta lápide apodrecem
reminiscências do corpo mutilado
da rainha Ana Bolena.
A lua de Londres costuma
visitá-la naquelas horas da noite
em que o Tâmisa deságua na eternidade.

## Dueto para Cobras e Lagartos

A água canta nas fendas da pedra
a pedra se enrosca na música da água
a água acaricia os seios da pedra
os seios da pedra amamentam
homens, bichos, cobras e lagartos.

A água jorra do sexo da pedra
a pedra recusa as carícias da água
a água é o que se evapora da placenta
da terra. A pedra é a memória dum
bólide que se partiu de encontro às esferas.

A água celebra o noivado do sol
no dorso arcaico da pedra, mas a pedra
galopa em sentido contrário
ao dos ponteiros do relógio da água
que mede as vibrações do homem e da pedra.

A água canta nas esquinas da pedra
a pedra devaneia com sua harpa de húmus
a água desce às profundezas da pedra
onde a aurora irrompe da casca
do ovo com o fulgor de uma águia recém-nascida.

## Réquiem para um Bóia-Fria

Teu corpo desidratado
mordido pela cobra
pelo dragão da fome
e pela tuberculose.
A bem da verdade
não precisa de cova.

Corpo deserto de sonhos
já começa a evaporar
antes mesmo do velório.
Corpo tão breve, tão pouco
flutua na eternidade.
Não precisa de cova.

Nem de caixão precisa
nem de mortalha, nem mesmo
de uma rede de corda.
Um corpo assim tão magro
se dissolve no vento.
Não precisa de cova.

Corpo com tal leveza
no conteúdo e na forma
corpo com tal urgência
de coisa que se evapora.
A bem da verdade
não precisa de cova.

## Banquete

na mesa repleta
de vinhos
e seios implumes
meus sentidos
despertam
para a sensualidade
dos legumes.

## Déspotas

déspotas
de todos os matizes
de todas
as raças e países
escrevem
com baionetas
epopéias de cicatrizes.

## Nuvens, Gansos e Cavalos

Gansos velejam pelo céu de outubro
em lenta cavalgada. O horizonte
é uma estrada juncada de papoulas.
Odes e heróis no céu de Anacreonte.

Vão em busca dos pêssegos do sol
entre arcanjos, centauros e acrobatas.
Os dourados momentos de volúpia
os deixam com plumagem de argonautas.

As nuvens passam. Seus perfis de neve
semeiam claridades sobre os vales.
O entardecer com seus penachos rubros

desenha a curva de um momento breve.
Ao galopar de nuvens e cavalos,
vão-se as plumas de gansos e de outubros.

## Quixote e o Ciclope

Lutar com palavras
é a luta mais besta.
É como voltar
bêbado da festa.

É lutar em vão
contra algum ciclope
que de lança em punho
golpeia o Quixote.

Lutar com palavras
é uma luta inglória
do poeta e do mito
do mito e da história.

Melhor ser apenas
um pastor de cabras
do que a vida inteira
lutar com palavras.

Lutar com palavras
na quinta ou na sexta
é como voltar
bêbado da festa.

## Palavras Mudam de Cor

As palavras mudam de cor
quando mudam de lugar.
São os camaleões da semântica.

As palavras mudam de plumagem
como os pássaros quando
pressentem os cios da primavera.

As palavras fazem seus ninhos
e põem seus ovos de fogo
nas feridas abertas do coração.

## Poesia & Burocracia

Uma coisa nada tem que ver com a outra.
Drummond foi burocrata
Machado também foi
Camões foi provedor de defuntos e ausentes
Cesário Verde foi ferragista
Fernando Pessoa foi correspondente de casas
comerciais, e por aí vai.

A poesia germina e floresce em qualquer clima.
Enquanto a gente trafega nos labirintos
da burocracia, a poesia se diverte
com os seios das datilógrafas, sumidas
do vasto mundo, ou com as belas pernas das
máquinas de escrever, que estão
completamente fora de moda.

Tudo o mais é borbulhar de falsa glória
como diria o poeta Dante Milano.
Para quem só o silêncio é musical.

## Roma

Roma toda
mama nos peitos
dourados da loba.

Roma sob
o olhar compassivo
da Madona.

Roma
cidade eterna
não desmorona.

## Canção da Pedra de Itabira

*Para Ana Maria e Edmílson*

Tem uma pedra no meio
do caminho que se bifurca.
– Uma pedra na Gávea
– uma pedra na Urca.

Tem uma pedra nas retinas
cegas da memória curta.
– Uma pedra na Gávea
– uma pedra na Urca.

Tem uma pedra de cal
do tamanho da folha da murta.
– Uma pedra na Gávea
– uma pedra na Urca.

Uma pedra nos seios de vidro
da bailarina turca.
– Uma pedra na Gávea
– uma pedra na Urca.

## Balas Perdidas

Balas perdidas semeiam nas paredes
estilhaços de óbitos.

Balas velozes incendeiam pedras
e decepam carótidas.

Balas de fuzis e rifles
empilham cadáveres nos esquifes.

Balas desenham vogais de
sangue e pólvora nos vidros das janelas.

Balas perdidas que se hospedam
nas vértebras de um grito.

# Poema da Assimetria

O pássaro no píncaro
o mármore na lápide
o óbito na órbita
o índigo na túnica

o líquido no sólido
o mágico no pégaso
a música no póstumo
o arúspice no pélago

o áspero no cítrico
o príncipe na alfândega
o pênfigo no pêssego
o vômito na ânfora

a cânfora no cântaro
a rêmora no pântano
o láudano na chávena
o rótulo na rótula

o rábula no código
o êxtase no lêvedo
a tâmara no túmulo
o êmbolo no pêndulo

o sátiro no pífaro
a âncora no Tâmisa
o árcade no arquipélago
a lâmpada no pórtico.

# Centauros Urbanos

*Para os ventos vindouros.*
GUILHERME DE ALMEIDA. (Divisa de Brasília)

*Já estou sentindo as violetas crescerem sobre mim.*
MURILO MENDES

## Dentes Amolados

Coágulos de sol derramam-se
nos telhados como um jorro de mel.

Vultos imprecisos chegam
de pórticos mergulhados na água.

Sussurros despetalam lírios
decepados pelo vento.

Nas fontes dos jardins
pássaros semeiam o pólen do vôo.

Rãs e seus espantos verdes
mastigam vestígios do imponderável.

– A noite chega dos pântanos
e solta sua matilha de dentes amolados.

## Limite

Chego ao limite da
encruzilhada em que o sonho
já não é mais sonho.
Uma comarca de espinhos
e veredas acaba onde começa
um jardim desmoronado.
A morte esteve aqui.
A máscara do assombro
ainda se move por
detrás do vento e dos espelhos.
A fala ainda repercute
nas paredes. Borboletas de
asas de chuva esperam
pelo milagre da ressurreição.
Chego ao limite das
minhas utopias: as potências
do corpo não são eternas.
A morte esteve aqui,
acorrentada à orla dos rios
da noite. Deusa de cinza,
a memória ainda pastoreia
esqueletos de palavras
e de folhas mortas.

## Acento Circunflexo

a cicatriz é um golpe de adaga
no lenho da origem

um arco de seda para a volúpia
tocar os seus violinos

uma fenda aberta na carne
mais íntima da lenda

um raio de sol dourado
pela lascívia das abelhas

de longe ou de perto, a flecha
no arco do acento circunflexo.

## Vésper e as Vespas

Vésper e as vespas
curvas e retas
na tarde límpida.

Vésper nas alturas
– vestígios de chamas
no cio das vespas.

Ao crepúsculo
as asas das vespas
que arderam nas vésperas.

No tempo das núpcias
as vespas exalam
aromas de chuva.

Às quintas e sextas
os dardos de Vésper
e a morte das vespas.

Vésper e as vespas
semeiam presságios
na tarde límpida.

## Balada para Helena de Tróia

De Tróia resta a cinza
misturada à de Helena
da flauta resta o canto
da ave resta a avena.

Da alba resta o orvalho
do orvalho resta a espuma
do Cavalo de Tróia
não resta coisa alguma.

De Helena resta o limo
onde floresce o antúrio
resta a fenda esculpida
na concha do molusco.

Do ventre resta a forma
do brasão de veludo
signos que se repetem
na memória de tudo.

Resta o emblema de sangue
dos caninos de Anúbis
restam tufos de relva
nos declives do púbis.

De Tróia resta a lenda
da flauta que era avena
resta a chama acordada
das volúpias de Helena.

De Helena resta o pássaro
a maciez da pluma.
Do Cavalo de Tróia
não resta coisa alguma.

## Biografia da Chuva

A chuva é uma noiva
com seu vestido de renda
bordado de vagalumes.

Semeia o ar de acalantos
vai contemplar as lavouras
de legumes e relâmpagos.

Vagueia pelos caminhos
para escutar os arrulhos
das núpcias dos passarinhos.

Planta flores nas estacas
transforma em leite a paisagem
na memória das vacas.

Vai ao celeiro de espigas
polir o ouro do milho
nas entranhas das formigas.

Deita-se a chuva na cama
e logo começa a arder
a relva de quem se ama.

A chuva é mais importante
do que todos os encantos
da Beatriz de Dante.

## Soneto Binário

*Para Ivan Junqueira*

Os mortos passeiam com as suas lan-
ternas azuis, à procura de rumos

para as utopias que não tiveram.
Na escuridão parecem vagalumes

acordados. Mas não passam de espantalhos
costurando a mortalha dos legumes.

Fiéis à sensualidade das noites
lembram-se das amadas com ciúmes.

Divertem-se relendo os epitáfios
gravados com cinzéis de finos gumes.

Nada suplicam aos vivos nem aos deuses
do mar, dos moluscos e dos cardumes.

De volta aos seus aposentos de limo
são generais do imperador dos hunos.

## Estrada de Santiago

*Para Alberto da Costa e Silva*

Às três horas da tarde
um namorado da liberdade
na estrada de Santiago.

O vento soprava forte.
– Galos mortos e adivinhos
na estrada de Santiago.

Expulsa das copas das árvores
a noite estende a sua pele
na estrada de Santiago.

As moças de Tarragona
semeiam papoulas de sangue
na estrada de Santiago.

Falavam de um anjo erótico
fulminado por um raio
na estrada de Santiago.

Vinha de Fuentevaqueros
à procura de Bernarda Alba
na estrada de Santiago.

Vinha dos confins de Espanha
no seu cavalo. Encantado
na estrada de Santiago.

Vinha dos moinhos de vento
dos castelos de um fidalgo
na estrada de Santiago.

Vem para as núpcias dos galos
para o noivado da morte
na estrada de Santiago.

Para afugentar os corvos
que se fartam de cadáveres
na estrada de Santiago.

O céu, retina de um lago,
contempla os touros que sangram
na estrada de Santiago.

Uivos de cães e projéteis
gritos de esbirros do sátrapa
na estrada de Santiago.

Noite de águas profundas.
– Um mártir sangra ao relento
na estrada de Santiago.

## Viagem no Tempo

Percorro a casa. Os claros
espaços dos antepassados.

As vigas. Os caibros. As telhas.
As vértebras das teias

de aranha. Por aqui
as serpentes dos pântanos

deixaram fragmentos
de astúcia e morfina.

Vestígios de borboletas
mortas vivem nas gavetas.

Dos ponteiros do relógio
pingam as gotas das horas.

Por todos os cantos
da casa a memória sangra.

## Poema do Tempo Circular

Não me sobra tempo
para pensar no tempo.
O tempo que me sobra,
migalhas do tempo eterno.

O tempo é meu trapézio
para saltar no tempo.
Mas o tempo me cobra
o que me resta do tempo.

Agora estou sem tempo
para fugir do tempo.
Há muito tempo escrevo
na pedra as vogais do tempo.

Descubro nesse entretempo
que ao tempo não se volta.
Somos expulsos do tempo
antes de chegado o tempo.

Estou vidrado no tempo
sem tempo para pensar
no que será de mim
depois de passado o tempo.

Deus, que me concede o tempo
para esquecer o tempo,
faz e refaz a malha
de sangue do nosso tempo.

## Do Homem e do Rio

O rio é aquilo que passa:
– metáfora do eterno efêmero.

A sombra do homem e a sombra
do rio deságuam na foz?

O líquido esqueleto do rio
embutido nas retinas do homem.

O rio percorre cem léguas
mas sempre regressa à orla.

Às vezes o rio traz de volta
a memória dos afogados.

O rio é o homem que semeia
palavras e espigas na paisagem.

O tempo, rapsódia de limo,
vento e areia, é o rio do homem.

## Memória do Apocalipse

O som de um realejo se dissolve na espuma da tarde
gatos famélicos passeiam nos muros dos quintais
um bêbado rodopia nas pernas bambas
automóveis de luxo semeiam estridências metálicas
e claridades surrealistas nas avenidas.

Crianças cor de ocre disputam migalhas de colostro
perfuratrizes golpeiam as entranhas do asfalto
puérperas de mamilos de loba vagueiam pelas ruas
testemunhas de Jeová falam histericamente
de um paraíso sem anjos e mulheres.

Uma revoada de andorinhas destrói a Torre de Pisa
um navio apita solenemente pelos soldados
mortos na guerra do Peloponeso
peixes cor-de-rosa discutem eutanásia com facas amoladas
vendedores de anzol trapaceiam ampolas de morfina.

Gueixas fumam cigarros de ópio nas esquinas das catedrais
fantasmas barrocos despencam de torres góticas
computadores de última geração alardeiam
o suposto suicídio de Osama Bin Laden.

Cães treinados para castrar adolescentes investem
contra os mamilos de esfinges de pedra
que se entregam à volúpia dos faunos, num campo
onde outrora deceparam tulipas vermelhas.

## Às Caladas da Noite

Às caladas da noite
chove ácido enquanto dormes.
Seres minúsculos sangram
tuas veias. Às caladas da noite.
Corujas sacodem o pólen
de ouro das mortalhas de seda.
Gatos se agridem a unhas e dentes:
os brutos também desamam.
Às caladas da noite
num túnel de volta à caverna.
Mísseis jogam ramalhetes
de claridades atômicas.
Robôs decidem a hora de nossa morte.
Às caladas da noite.

## Corpos e Pêssegos

Corpos amadurecem
como se fossem pêssegos.

Ninguém morre por acaso
ou esmagado pela fúria dos deuses.

Formigas e galáxias estão acorrentadas
à implacável lógica do tempo.

Coisas são parábolas que se bifurcam
numa estrada que não termina.

Baixar as pálpebras é apenas
uma questão de rotina.

## Anatomia do Nada

O nada é branco, suave, agudo?
começo ou fim de tudo?
o nada é alfa ou ômega?
punhal amolado ou faca cega?
o nada é macio ou áspero?
incolor ou escuro?
de que se faz o nada?
de que se urde a sua teia?
dos fios do novelo do absurdo?
que coisa é o nada?
o nada é coisa sem pluma?
tudo que se desintegra
no vazio? ou a cisma
do cisne que nada no rio?
o nada flui do nada
ou jorra do avesso de tudo?
o nada é matéria ao
quadrado da velocidade
da luz? energia que congrega
os fragmentos do cosmo?
pólen do salto do puma
o nada é eterno ou
não passa de coisa alguma?

## Alados Lobos

Orelhas de feltro
suspensas das árvores
escutam o silêncio.

Captam as ondas do éter
os sons da matéria
e dos aromas do sangue.

Seus olhos de átomo
trespassam as idades
da noite e dos mamutes.

Alados lobos
os morcegos devoram
o esqueleto das catedrais.

## Anzol

Jogo o meu anzol
nas ondas mansas da tarde.
O peixe e o sonho me escapam

pelas malhas escorregadias
da memória. Inútil
fisgar a palavra entre conchas

e seixos. De real apenas
a matilha dos sentidos, o desenho
barroco das nuvens eróticas.

Tudo na vida é uma pesca de utopias.
– O que se perde na busca
já é coisa morta.

## A Vida Muda de Nome

A morte não é uma
solução para todos os problemas.
A morte é um problema
sem solução.
A morte é o elo que se
desprende da grande cadeia.
– A morte é a vida que muda de nome.

## II

A vida é generosamente breve.
Se assim não fosse
ninguém a suportaria.

A vida se nutre
de muitos pretextos
e muitas razões.

Tecelã da eternidade
a morte só precisa
das frias teias da ausência.

## Vento Não Tem Pátria

Vento não tem pátria
nasce em qualquer lugar
nas imediações do mar ou do céu
nas dobras da água ou nas esquinas
dos bordéis e dos relâmpagos.

Vento não tem pátria
é um espírito que sopra onde quer
uma bússola de cristal que
descreve as curvas e retas do amor
nos mapas da nudez.

Vento é da estirpe dos grandes pássaros
que anunciaram a aurora paleozóica.
Vento não tem árvore genealógica
não tem idade nem certidão de nascimento.
Vento é um afluente da noite.

Chega de Marte, de qualquer parte
entra sem pedir licença
balança a cauda de cachorro sem dono
desfaz os ramalhetes das noivas
apaga as velas da catedral.

Venha do arquipélago ou da parábola
– vento não tem pátria.

## Centauros Urbanos

Somos centauros urbanos
à procura de um cadáver.
Entre as ossadas dos astros
brilha o esqueleto de Vésper.

Desenhamos nossas lápides
com a ponta de um canivete.
Somos filhos da lascívia
e das matilhas do incesto.

Somos centauros urbanos
(um deus se hospeda no urso).
O cavalo ainda galopa
nos automóveis de luxo.

Em cubos de insônia e pedra
passamos dias e noites
esperando pela vinda
da esfinge de sete foices.

Somos centauros urbanos
mordidos pela volúpia.
– E ardemos no purgatório
da nossa paixão inútil.

## Memória Estival

*Para Antônio Carlos Osório*

Descamba o sol do seu trapézio de ouro
sobre a nudez dos campos encardidos.
No esqueleto das casas e das árvores
vozes remotas, ventos esquecidos.
Rumor de chuva ancora nos telhados
mas não passou de um sonho repentino.
A candeia no alpendre afasta o agouro
das corujas. O repicar de um sino
escreve nos ouvidos uma lenda
que fala de centauros e centúrias.
Vem de Agrigento a sombra de uma lésbica
dançarina de todas as luxúrias.

Réstias de Homero num chapéu de couro.
Descamba o sol do seu trapézio de ouro.

## Adeus à Metafísica

*Para Hildeberto Barbosa Filho*

Para que estudar metafísica
se a metafísica não compra as coisas vitais
ao metabolismo do corpo e da alma?

A metafísica é uma estrada onde antigamente
passou um rio: não leva a parte alguma.
Esbarra nos paradoxos da metafísica.

O proprietário do açougue da esquina
não trocaria uma faca amolada
pelas vísceras douradas da metafísica.

Os boêmios, os caçadores de estrelas
e galáxias, não trocariam um copo
de aguardente pela mais sedutora metafísica.

A metafísica do corpo (esta que engendra
as múltiplas metamorfoses do amor)
é a mais sábia de todas as metafísicas.

## Cadeira

A cadeira de Van Gogh
lembra a carcaça de um antílope
devorado pelos abutres.

Parece flutuar no espaço
da solidão, arrebatada
por uma revoada de ausências.

Firme na sua fragilidade sólida,
o universo inteiro desaba
na cadeira de Van Gogh.

### II

Cadeira feita de pinho
de mogno ou de cedro do Líbano.
Cadeira para sempre vazia,

és o fragmento de um meteoro.
Um jorro de vinho que
se bebe num copo de absinto.

Um pássaro que veio do inferno
construir o seu ninho
no coração de Van Gogh.

## Canção para Uma Tecelã

Numa manhã de sol
uma aranha tece a teia
nos galhos ressequidos
de uma roseira morta.

Enquanto tece a trama
não se importa com o vento
que subitamente desfaz
essa catedral de orvalho.

Com seus fios de cristal
essa dançarina tísica
tece mortalhas de linho
sem soldo e sem metafísica.

Se por acaso a chuva
rompe algum fio de seda
ela o refaz com a matéria
de que se engendra a beleza.

A nossa vida é um pouco
da malha dessa trama
que os deuses vão tecendo
no peito de quem ama.

## Esboço de Uma Janela

Não era uma janela igual a tantas outras
não era de cedro nem de jacarandá.
Era um ímpeto de vôo na reminiscência do pássaro
uma fresta na memória da parede
um golpe no abdômen
uma fenda na encruzilhada do corpo
uma cilada cósmica.

Era uma janela sem eira nem beira
com traves de pau d'arco e ferrolhos de bronze.
Oblíqua como a Torre de Pisa
imune ao vento e à chuva
às fanfarras da noite e dos relâmpagos.
Uma janela aos pedaços.
Íntegra como a chama na lareira.

Uma janela guardada pelos gnomos
e os uivos das matilhas.
Uma janela esculpida no papiro da lua.
Os mortos que passam pela janela
não voltam nunca mais.

## Bela da Tarde

Moça de olhar oblíquo
semeia enigmas na tarde.
Conchas de espuma e salitre,
as orquídeas do seu corpo.

Sob as pregas do vestido
ardem teias de veludo.
Tramas urdidas com sangue
pela aranha da volúpia.

Ela me fita de longe
por trás da névoa do mito.
Logo se junta ao rebanho
que pasta as relvas do êxtase.

Ouço os passos na alameda
deslizando pela sombra
macia. Musa de pássaros,
me ensina as sendas do cio.

Me ensina o jorro do ritmo
que lhe incendeia as artérias.
Ritmo do corpo e da alma,
dos adágios, das esferas.

Ela me fita de longe
com o seu olho de argila.
Olho esculpido no centro da
pérola mais escondida.

## Reflexão Urbana

Homens e robôs manipulam algarismos
e fórmulas matemáticas
para um mundo devastado pela fome.

Torres de areia e aço perfuram o esmalte do céu.
Primaveras chegam e desaparecem.
tempestades mudam rotas e ritos dos navios.

A África nos acena de longe
com os seus olhos vazios de esperança
e as mãos famintas de arroz.

Um troglodita nos ameaça com
suas bombas fétidas e suas palavras
envenenadas pela semântica da pólvora.

O átomo nos agride com estilhaços
cancerígenos. Ciclopes de enxofre e mercúrio
desenham perfis de esqueletos no céu.

As feras nos ameaçam com seus dentes amolados.
Não mandam flores de retórica
nem ramalhetes de labaredas atômicas.

## Memorial do Conselheiro

*Para César Leal*

Antes de mim, Canudos
era um risco cinzento
no mapa. Uma história
de solidão e vento.

Eram pedras, lajedos,
os horizontes largos...
Era a Várzea da Ema,
o verde hostil dos cactos.

A serpente e a raposa
à espreita nas escarpas.
Junto ao Vaza-Barris,
o escárnio das ossadas.

Antes de mim, Canudos
era o torpor das brenhas.
Uma história de intrigas,
de solidão e vento.

Andei duzentas léguas
pelos sertões mais ásperos.
Senti no corpo o látego
da luz que sai dos ermos.

A insone romaria
do povo que me segue,
sabe que o paraíso
começa pelo inferno.

Sombra de João Grande,
sombra de João Abade.
Sombra de Beatinho,
sombra de Vila Nova.

Sombras que me seguiram
com passos de veludo.
– Eram as quatro portas
da aldeia de Canudos.

Heróis sem monumentos,
sem cavalos de mármore.
Venceram quatro guerras,
o clima e o desamparo.

Bronzes da igreja velha,
sinos da igreja nova.
Dobrai por esses bravos
desde o raiar da aurora.

Uma cidade erguemos
no coração da rocha.
A luz, aqui, golpeia
com volúpias de cobra.

Caravana de sombras,
vencemos a República.
– Canhões se derreteram,
trastes de argila inútil.

Pelos confins a dentro,
foi Cristo o nosso guia
nessa história de sangue,
de solidão e vento.

A morte nos rondava
com seu fedor de hiena.
Das paredes da aldeia
a esfinge nos acena.

Ouço o tropel das balas
que vêm do Monte Santo.
– Balas que em nosso corpo
plantam hóstias de sangue.

Nestes rincões de fogo
sem pasto para as vacas,
cabeças decepadas
pendentes das estacas.

Essas tristes relíquias
de estúpida chacina
expostas ao sarcasmo
das aves de rapina.

Desabaram as torres
da nossa catedral.
Canudos ainda espreita
com seus olhos de cal.

A epopéia de Euclides
da Cunha, seus estudos,
narram glória e agonia
do arraial de Canudos.

A guerra continua
nas entranhas do tempo.
– Uma história de sangue,
de solidão e vento.

## Ouro dos Touros

Ouro dos couros dos touros
nos alpendres da fazenda.
Ouro raiado de sangue, dilacerado pelos
gumes das facas amoladas.
Ouro nos divãs de couro macio
onde a volúpia se deita para sonhar.

Ouro dos couros dos touros
lapidados pela química dos curtumes.
Ouro cravejado de metáforas
de figuras de profetas e demiurgos
de perfis de Lampião e do Padre Cícero.

Ouro dos couros dos touros
com os labirintos das espirais das serpentes.
Ouro esculpido nas curvas mais íntimas
das noivas. Ouro guardado nas arcas
de cedro ou de imburana.
Ouro que exala odor de lascívia e alfazema
em noites de chuva e pecados imortais.

Ouro de dezoito quilates.
Ouro da mina a que se vai por veredas
de sangue. Ouro roubado de meus antepassados.
Ouro de meus avós. Rogai por nós.

## Vogais do Amor

Subitamente as éguas vêm dos vales
recendendo a mormaços de capim.
Setembro é uma coivara e chega ao fim.
Começa a rutilância dos cavalos.

Outrora o descampado foi jardim
mas os jasmins tombaram de seus talos.
Agora a madrugada acorda os galos
para as núpcias dos filhos de Caim.

Na infância soletrei rios e tardes.
Vogais do amor gravei a canivete
na argila dos alpendres das mansardas.

Meu signo na Cabala é o número sete.
Entre espinhos de rosas e de cardos
vou te ofertar um solo ao clarinete.

## A Lauda e o Láudano

*Para Carlos Augusto Viana*

O mito que engendra o mito
a nuvem que devaneia
a ave que emigra à tarde
mas não volta para a ceia
a ovelha que lambe a cria
a cria que escuta a flauta
o arqueiro que vem de Tróia
com seu gorro de argonauta
a brisa que despenteia
os cabelos da pastora
levanta a barra da saia
e afaga a crespa lavoura
a vida que flui da pedra
o jorro que irriga a horta
a chuva que acorda os campos
a morte que arromba a porta
a esfinge que tece o enigma
o enigma que não decifro
a lauda escrita com láudano
o mito que engendra o mito.

## Herói

Herói não é o que vai irrigar as lavouras
da morte nos campos de batalha.
Não é o que volta das trincheiras minadas
de explosivos com medalhas no peito
mutilações no corpo e na alma.

Herói não semeia tulipas de sangue
ramalhetes de napalm e rosas de átomo.
– Não é o aventureiro que fez xixi na lua.

– Herói é o que vai todas as tardes à padaria
mais próxima buscar o pão ainda morno
para testemunhar o mistério da vida.

## Nós e as Formigas

O universo é feito de coisas infinitamente grandes
e coisas infinitamente pequenas.

Pertencemos à hierarquia das formigas
que se alimentam de fungos nas profundezas da terra.

O que nos distingue do povo das formigas
é que elas escrevem poemas de amor ao trabalho
no pergaminho das folhas das árvores.

Nós os escrevemos com um olho no dicionário
e outro nas entranhas da metafísica.

## Ludopoema

os ventos do Ártico
os ventos vindouros
os ventos voltaicos
os ventos do fogo

os ventos de espuma
os ventos do augúrio
os ventos da música
nas flautas de Tebas

os ventos da chuva
os ventos do estio
os ventos que arrancam
as folhas das léguas

os ventos dos lagos
os ventos do pântano
os ventos do raio
nas rimas do cântico

os ventos dos cimos
os ventos do vértice
os ventos que inventam
as rotas do pássaro

os ventos da fúria
os ventos da súplica
os ventos dos astros
os ventos dos ermos

os ventos da fala
os ventos do verbo
os ventos que apagam
as chamas do inferno

os ventos dos barcos
os ventos das velas
os ventos do léxico
os ventos da lápide

os ventos da peste
os ventos do Leste
os ventos do agreste
os ventos do incesto

os ventos das tardes
os ventos da ágora
os ventos de antanho
os ventos da origem

os ventos da véspera
os ventos do vórtice
os ventos do espelho
os ventos do espólio

os ventos do gótico
os ventos do Gólgota
os ventos do átrio
os ventos do arbítrio

os ventos da África
os ventos da Hélade
os ventos da Ilíada
os ventos de Tróia.

## Serenata Pela Alma do Alferes

*Para Joanyr de Oliveira*

Na antiga Vila Rica, onde até
os seixos e os punhos das mortalhas
eram de ouro de lei,
ventos de augúrios e misereres
ainda entoam ladainhas
pela alma peripatética do Alferes.

No vestíbulo da Casa dos Contos,
ao som dos sinos do Carmo e da matriz do Pilar,
sombras alongadas de mulheres
vestidas de negro
ainda desfiam contas e soluços
pela alma incandescente do Alferes.

Pelas ruas e ladeiras de Ouro Preto
os passos de uma sombra deslizam para a noite.
Onde quer que estiveres,
os lábios herméticos das pedras
entoam preces e salmos
pela alma inconfidente do Alferes.

## Balada da Casa dos Contos

Da Ponte de Marília
chega o arrulho das fontes.
Vai-se ao Museu da Prata
por declives e montes.

Uma escrita esculpida
na memória da pedra
diz: a Casa dos Contos
já foi Casa da Moeda.

Arraial do Ouro Podre
sobrados e chafarizes
casario barroco
deitado nos declives.

Fantasmas pelos cantos
da ex-Casa da Ópera.
A estranha romaria
vem da Casa dos Contos.

Ouro do Chico-Rei
guardado nas ruínas
nas burras do monarca
nos seios das meninas.

Museu do Aleijadinho
pinturas do Ataíde.
O Paço e a Cadeia
vertentes de água antiga.

Dizem que a baronesa
amava as turmalinas
e até roubava o ouro
das tranças das meninas.

## Obsceno Rumor da Guerra

Com a rapidez dos arautos da lepra
o obsceno rumor da guerra
explode os tímpanos do mundo.

Mísseis e bombas inteligentes
partem a cada momento
do cérebro e das entranhas do sátrapa.

Enquanto Roma ardia sob as chamas
Nero tangia as cordas da lira
para aplacar a cólera dos deuses.

O novo imperador do mundo
é um narciso que se contempla
nas águas de um pântano.

Refaz as mechas dos seus cabelos
enquanto mísseis vomitam
bombas e explodem madrugadas.

O obsceno rumor da guerra
assusta homens e pássaros
e outros hóspedes da esfera azul.

## Canção para Tom Jobim

Antônio Brasileiro
de Almeida Jobim
tu és o verdadeiro
irmão do passarim.

Nos lábios das meninas
cem beijos de batom
te esperam nas esquinas
das ruas do Leblon.

Copacabana e o mar
têm cheiro de alecrim.
Hora de namorar
o Antônio Passarim.

Chega um rumor do espaço
um riso de Arlequim.
São as águas de março
ao som de um bandolim.

Lágrimas em nossa face
têm gosto de amendoim.
Menina, isto é saudade
do Antônio Passarim.

Diz que faz mas não faz
a vida é sempre assim.
Saudade não tem cheiro
tristeza não tem fim.

## O Bicho Homem

Que bicho é o homem
de onde ele veio
para onde vai?
Onde é que entra
de onde é que sai?

Que raio lhe acende
a chama da fúria?
O que é que sobra
da cesta básica
de sua penúria?

Que bicho é o homem
de que se enfeita?
Que mão o ampara
no chão de enigmas
em que se deita?

Que bicho é esse
que carrega o fardo
de uma dor medonha?
que sucumbe ao charco
mas ainda sonha?

Que bicho vagueia
na treva hedionda?
Que pantera esguia
será mais veloz
do que a própria sombra?

O homem que tece
as malhas da lei.
Que bicho é o homem
que transforma em pêssegos
as fezes do rei?

Que bicho é o homem
que ama e desama
que afaga e magoa?
E que às vezes lembra
um anjo em pessoa?

O homem que vai
para a eternidade
num saco de lixo.
Que bicho é o homem
de salário fixo?

Que bicho é o homem
que trapaceia?
Que às vezes pensa
que é mais brilhante
do que a papa-ceia?

Que bicho é esse
que escreve as vogais
das cinzas do pai?
– de onde ele veio
e para onde vai?

Que bicho é o homem
de argila e colostro?
que lavra e semeia
mas só colhe insônias
em lavoura alheia?

Os rastros do homem
no vento e na água
são rastros de fera.
Mas que bicho é esse
que se dilacera?

O homem suplica
os deuses concedem.
Que bicho é o homem
que sempre regressa
às praias do éden?

Que bicho é o homem
que escreve poemas
na aurora agônica
e depois acende
a fogueira atômica?

Que bicho é o homem
que rasteja e voa
que se ergue e cai?
– De onde ele veio
e para onde vai?

*LAUS DEO*

# Fortuna Crítica

(por ordem alfabética de autor)

## EM LOUVOR DO POETA FRANCISCO CARVALHO

*Adriano Espínola/CE*

A primeira vez que escutei o nome de Francisco Carvalho foi pela boca do saudoso poeta Caetano Ximenes Aragão. Estávamos na casa do Moreira Campos, outra grande figura, em noite de aniversário. Ali reunidos, mestre Caetano expressava sua admiração pelo autor de Memorial de Orfeu. Fiquei curioso; dias depois, voltei à casa do Moreira Campos, a fim de conhecer os trabalhos do poeta. Levei seu último livro, Os mortos azuis, de 1971.

Os poemas me impactaram. Mas não os entendia bem. Talvez por não compartilhar da mesma "existência rural", em que "tudo é memória de borboletas de palha" (v. "Certidão de infância") ou talvez por não ter cedo me rodeado "das muitas presenças da morte" (v. "Os cavalos e os mortos"). Mas o fato era que alguns versos e poemas me marcaram desde então, como o "Antiode em clave de sol (3)", com seu verso inicial: "Dei-te amor e desse combate de sonho escapei andrajoso". Ou o antológico "Dietética", com sua ironia crítica: "Que é que tu comes / ó filho da bomba? / Eu não como nada. / Sou a própria fome".

Mas se eu não compreendia algumas passagens era certamente devido à minha imaturidade, porque o próprio poeta (como que prevendo minha dificuldade) já advertira na quarta capa do livro: "Não me perguntes demais sobre a poesia. Quem explica quase sempre mistifica. Quando você perceber que o sentido da poesia é não ter sentido algum, você achará sentido na poesia. Não há poesia fácil nem poesia difícil. A medida da poesia é a totalidade do ser." Advertência que ainda hoje trago comigo.

Porém, chapei mesmo foi com o livro seguinte, Pastoral dos dias maduros (1977). Parecia que o poeta tinha atingido ali um daqueles momentos raros na arte, em que a depuração da matéria, a inspiração, a imaginação exuberante, a visão critica do mundo e das coisas se juntavam às múltiplas formas perfeitamente domadas. Tudo muito bem equilibrado.

Parecia contar também a experiência humana e estética para nos dar poemas primorosos, como, por exemplo, "Retrato para ser visto de longe" ("Sou um ser, o outro é metade / que não sabe de onde veio. / Sou treva, sou claridade. / Solidão partida ao meio / e entre os dois a eternidade".) Ou, ainda, o "Auto do plantador" ("Plantador, ó plantador, / esta terra me pertence. / Quando chover será tua / solidão, flor e semente."), uma pequena obra-prima.

Nesse livro, passei a conhecer uma das formas poéticas, da qual Carvalho se tornaria um verdadeiro mestre: o soneto. Nele, sua linguagem atinge constantemente um alto nível de tensão transfiguradora, em que o metro do verso (geralmente decassilábico) e o jogo das rimas elevam a cada passo a temperatura estética. Seus sonetos não obedecem ao silogismo tradicional dos tercetos finais: todo ele é a criação de uma atmosfera, de um microcosmo em constante ebulição rítmica e metafórica, de visões algumas vezes oníricas ou surrealistas, fluindo com uma naturalidade espantosa.

Veja, por exemplo, o "Soneto dos ruminantes": "Este sol é uma febre que se alastra / sobre os bichos. A luz é um anjo preto / que passeia a cavalo no esqueleto / de um sonho. A solidão é uma pilastra / que sustenta o universo destas cabras..." ou "Soneto para uma negra" ("Um rio irriga a escuridão da pele, / onde um rio mais vasto nos irriga. / O lago dos teus peitos é uma artéria / onde circula a escuma primitiva.") Ou, ainda, os dez "Sonetos a Camões" e os três (alexandrinos) a Canudos. Carvalho, neste volume, dá um banho em termos de técnica e inspiração. Pastoral dos dias maduros é, como se costuma di-

zer, um livro que nasceu clássico. E como tal permanece, no meu entender, como um dos melhores da poesia brasileira, de qualquer época.

De lá para cá, Carvalho publicaria mais uns dez livros de poesia. Dentre eles, o Quadrante solar, livro premiado pela 1ª Bienal Nestlé de Literatura. Posteriormente me enviou Raízes da voz (1996) e ali percebi um depuramento da linguagem, a busca cada vez maior da palavra essencial, da palavra-raiz, raiz da voz. Poeta multitemático, atento ao drama do homem contemporâneo, soube, entretanto, permanecer fiel a dois ou três temas básicos de sua arte: a memória da terra, que lhe fecunda a imaginação de lavrador-poeta, o cultivo dos mortos, que lhe dá a dimensão do eterno e do efêmero, e talvez a noite, que lhe abre as portas para o devaneio e o sonho. Percebo também uma sensualidade latente na apreensão das coisas e na celebração da mulher, que tem "coxas que o acorrentam feito âncoras".

No Ceará, a tradição literária está voltada, em grande parte, para o mundo natural. Francisco Carvalho procede assim, em numerosos poemas. Bem sabemos que arte não se decide no tema mas na linguagem. Embora não compartilhe do mesmo mundo rural, sinto-me absolutamente à vontade para louvar a excelência do seu canto, a alta qualidade de sua arte poética, que se vem mantendo,ao longo desses anos. com um grau de coerência e produtividade realmente extraordinários.

Quando jovens, tendemos a valorizar tão-somente aqueles cuja produção e pontos-de-vista se identificam rigorosamente com os nossos; um pouco mais velhos, começamos a perceber as vozes diferentes e muitas vezes dissonantes e opositivas. Como acredito com Borges que o bom verso não tem idade, é possível afirmar que o bom verso também não tem escola ou estética: não importa se ele é barroco, neoclássico, romântico ou modernista. Rural ou urbano. Semelhante ao nosso ou não. Importa mesmo se é bom. O caso de Francisco Carvalho. Embora dele discorde ou me coloque em pólos aparentemente opostos da geografia poética, rendo-lhe a minha homenagem e reafirmo a minha admiração por sua arte. Arte de um poeta maior, que o Brasil precisa urgentemente conhecer mais e aplaudir.

In revista *Literatura* nº 19. Dez, 2000.
Brasília/DF.

## ROSA DOS EVENTOS

*Almeida Fischer/Brasília*

Fui dos primeiros escritores não cearenses nem residentes no Ceará – talvez o primeiro – a proclamar a superior qualidade da poesia de Francisco Carvalho. Abordei, elogiosamente, os poemas do seu livro *Os Mortos Azuis*, publicado em 1971. O trabalho que escrevi, então, está no segundo volume de *O Áspero Ofício*, editado em 1972. Francisco Carvalho era um poeta municipal, de Fortaleza, que ninguém conhecia além dos limites da Capital cearense. Fechadão, recolhido à sua concha, sem participar de reuniões literárias, lançamentos de livros, o poeta apenas fazia aquilo que sabia fazer: elaborava poemas, belos poemas que não circulavam fora da cidade em que residia.

Algum tempo depois, seus trabalhos passaram a sair no Suplemento Literário do "Minas Gerais", com o que se lançou seu nome para além do Ceará. Em 1977 eu voltaria a escrever, agora sobre *Pastoral dos Dias Maduros*, matéria publicada em jornal e depois inserida em *O Áspero Ofício IV*, que somente viria a público em 1980.

Francisco Carvalho conquistou há pouco o primeiro prêmio Nestlé de poesia, o maior já distribuído no Brasil. Mas não saiu de sua concha nem para receber o importante prêmio. Deu algumas entrevistas, mas não "badalou" suficientemente o laurel conquistado. Por esse e outros motivos,

continua sendo um poeta – grande poeta – mal conhecido no País.

Agora, depois de conquistar um dos prêmios mais disputados e cobiçados do País, que não soube ou não quis explorar promocionalmente, recebo seu novo livro de poemas – *Rosa dos Eventos*. É possível que o volume, aparecido no apagar das luzes de 1982, passe a receber um pouco mais de atenção da crítica literária militante, especialmente a do poderoso eixo Rio-São Paulo, em geral um tanto indiferente aos valores que surgem no Nordeste (e lá permanecem), em parte por culpa deles próprios, que se contentam com a gloriazinha provinciana, com os aplausos dos seus amigos e parentes, e de alguns artigos da imprensa regional, nada fazendo no sentido de alcançar o plano nacional.

Acho difícil, no entanto, sufocar a poesia de Francisco Carvalho nos estritos limites do seu Estado. Escrevam ou não sobre o seu novo livro, aplaudamno ou silenciem, sua extraordinária força poética extravasará para fora do seu Estado natal, atingindo o País inteiro. Membro de uma geração posterior à de 45, que deu, sem dúvida, bons frutos, Francisco Carvalho aplica-se mais à valorização do significado, despindo o significante do excesso das flores da retórica e das remissões para além do concreto e do real, e eliminando, sem exageros, outros elementos construtores da circulação do pensamento. Muitos dos seus poemas conduzem com clareza suas reflexões sobre a vida e a condição humana, o homem e seu destino jamais ausentes de toda a sua poesia: "Meu verso inteiro/é para os que foram/expulsos do sonho.// Os que arrastaram / os tamancos da agonia / pelas estradas da paz.// Os que abriram uma fenda / de sangue e palavras / no cimento da noite.// Os que plantaram / a rosa da esperança / na caliça da ira.// Os que em vão esperaram / pelo roçar da asa / de areia do sigilo.// Os que despencaram / inteiros da vida / e foram inscritos na lápide.// Meu verso inteiro / é para os que deixaram / a liberdade intacta.// Os que abandonaram / a velha concha / por uma pele nova".

A técnica reiterativa (que oferece bom apoio à marcação rítmica do verso), freqüente em livros anteriores, está presente em quase todos os poemas deste volume: "Todo homem tem um signo obscuro/marcado a fogo na epiderme./ Todo homem tece uma invisível/ teia de liberdade e de intriga.// Todo homem apascenta um deus/ soterrado, de rosto interdito./ Todo homem imagina que não / descende da escória do mito.// Todo homem despeja a memória / num rio de esperma e de areia./ Todo homem é apenas metade / das visões que no espaço semeia./ A poesia não morreu / a poesia está por chegar / de qualquer parte / onde haja um homem / empunhando a sua dor.// A poesia é o que resta / da solidão do homem / e do menino em seu ombro.// ..."

Mestre da arte poética, construindo com a maior desenvoltura poemas medidos e rimados, e em versos brancos ou livres, Francisco Carvalho reúne, em *Rosa dos Eventos*, alguns bons sonetos, como este:

> "Pelos teus dedos de ébano se vão
> as águas e as insígnias desses rios.
> E com elas vão nossos desvarios
> levados pela escuma da ilusão.
>
> Pões anil nas horas, límpida mão
> de apascentar canções pelos estios.
> A alma dos lençóis e os luzidios
> mormaços dos teus olhos, num clarão
>
> de pássaro acertado em pleno vôo.
> A linfa do ancestral vai te alvejar
> alba de anzóis, nalgum perdido mar
>
> onde a nau dos teus seios ancorou.
> Meus volúveis desejos onde estão?
> Pelos teus dedos de ébano se vão".

Note-se que a reiteração, mesmo no soneto (o que não é muito comum), está presente: o primeiro verso se repete como o último.

Um simples rastreamento do texto de Francisco Carvalho mostra logo a expressividade de sua linguagem poética: "A vida, esse réptil / de espinhaço veloz / que arrasta pelo céu / a vértebra indomada", e também o uso moderado das metáforas mais ousadas. No poema "Pragmatismo", ele afirma: "O fulgor dos eventos me convence / de que as metáforas não servem para nada".

É claro que as metáforas, utilizadas com parcimônia e equilíbrio, servem de muito para assegurar expressividade à linguagem poética. A poesia não existiria, a meu ver (seria apenas prosa, mesmo que metrificada e rimada), se abolido o sentido metafórico do discurso poético. Francisco Carvalho evita apenas – poeta do seu tempo e do seu mundo – que seu uso abusivo transforme o poema em um "quebra-cabeça". Sabe usá-las, corretamente, sem ocultação do pensamento e da mensagem. Na "Balada Imemorial do Rio", longa redondilha maior (como de resto em todo o livro), a linguagem metafórica se realiza com simplicidade e fluência: "Rio que lambe o espinhaço / (este insone ruminante / farto de tempo e paisagem) / lambe a garupa do instante / que galopa como um réptil / de cabeleira esvoaçante. / A infância azul deste rio / canta nos versos de Dante.// Rio que corre nos olhos / daqueles que vão embora / pastor de cabras e ovelhas / pastor da noite e da aurora / este rio embala os mortos / deslizando tempo afora/ nos braços da correnteza / do antigamento e do agora".

Os poemas sobre o amor individual, romântico, estão praticamente ausentes deste volume. Há, sim, muitos poemas sobre o amor à criatura humana e suas tristezas e misérias, suas frustrações e desencontros. Outros poemas, em grande número, cuidam do dia-a-dia do ser humano em sua labuta, de alguns sonhos, das asperezas da luta pela sobrevivência, e também de esperanças e de lembranças: "Esta enxada antepassada / lembra uma esfinge solerte / que nos fitasse de outrora. / Esta enxada, agora inerte, / me recorda outra lavoura".

Como o tempo passou e o poeta envelheceu, sua visão dos valores do mundo mudou em relação aos seus primeiros livros. Se a sobriedade de linguagem e a seriedade conceitual já eram marcas de sua poesia anterior, agora apresentam-se mais acentuadas e visíveis em seu novo livro. A construção do verso atingiu um extraordinário despojamento verbal, com o que suas reflexões sobre o homem e as coisas, seu sentimento de mundo chegam com maior facilidade ao entendimento do leitor. O manuseio poético da matéria inanimada ganhou maior espaço nos poemas do livro, sendo de se destacar a areia e o vento, que acabam se tornando elementos vivos pela magia da recriação literária.

O volume está dividido em três partes: "Poemas de Areia", "Contemplação do Ruminante" e "Sina do Vento". A edição é da Universidade Federal do Ceará, em convênio com a Academia Cearense de Letras. A capa é de Geraldo Jesuíno e as ilustrações, de Solange Botelho.

In Revista *Universitas*, nº 5, p. 43/45, publicada pelo Centro de Ensino Unificado de Brasília).

## O EFEITO DA PALAVRA POÉTICA EM RAÍZES DA VOZ

*Ana Vládia Mourão/CE*

Este livro foi publicado primeiramente em 1996, pela Imprensa Universitária como parte integrante da Coleção Alagadiço Novo, do Programa Editorial Casa de José de Alencar.

Com a indicação do escritor Francisco Carvalho como um dos autores do Vestibular, a referida editora decidiu, em 1997, publicar uma edição universitária, voltada aos objetivos daqueles que irão participar do Concurso.

Para melhor efeito didático, iniciaremos nosso estudo pela análise do poema que dá título ao livro. "Raízes da Voz" representa a metáfora do poeta que parte do coração, é o nascedouro da palavra, que é o "trapézio da alma", é "ramagem das vinhas do espírito", é, também, conforme o autor, "rumor da infância dentro de nós". A palavra do poeta se confunde com o próprio poeta. A palavra é o próprio homem. A história do homem poderia se reduzir à história das relações entre o pensamento e a palavra. Aliás, somos feitos de palavras, pois a palavra proferida é monopólio do homem e o poema nada mais é do que um ser constituído de palavras: "As palavras são / folhas arrancadas / das messes de / fogo da parábola." (6)

Aliás, o seguro processo de elaboração poética consiste em inserir a palavra, de modo pleno na realidade metafórica. Essa receita pode também ser retirada dos versos de "Engenharia do Poema", de *Quadrante Solar*. Nele o Poeta diz que para se realizar um poema, deve-se extremar posições, mergulhando fundo na nossa ancestralidade, em busca da fábula, do símbolo, da utopia, da quimera. E, mais do que isso, deve-se permanecer entre gentes e coisas para, ao final, se inserir na palavra.

A palavra é a raiz de tudo, é o alicerce de todo o processo construtivo do poema, por isso o poeta trava, todos os dias, uma luta corporal com a palavra:

> *Leitor incansável, artífice da palavra, Francisco Carvalho descobre dia-a-dia motivos e sugestões. Trabalhador metódico, alinha versos, deixa-se enfeitiçar pelas palavras. Usa convenientemente o verbo e o adjetivo. Nunca se repete. Faz do poema um exercício constante. (7)*

Desejoso de deixar clara a sua preocupação com a origem da palavra, fixando ativamente sua natureza primária, diz o poeta que a palavra é o que somos desde a origem, é a presença do ser dentro da chama. A propósito da inquietação do poeta com o efeito das palavras, que conjugadas formam o poema e, também, sobre a relação íntima entre o homem e as palavras, vale ressaltar o pensamento de Octávio Paz:

> *Quando um poeta encontra a sua palavra, reconhece-a: já estava nele. E ele já estava nela. A palavra do poeta se confunde com ele próprio. Ele é a sua palavra. No momento da criação, aflora à consciência a parte mais secreta de nós mesmos. A criação consiste em trazer à luz certas palavras inseparáveis de nosso ser. (8)*

O livro *Raízes da Voz*, no seu todo, divide-se em partes, cadernos ou livros, como convencionou chamar o autor, formando um conjunto diversificado e harmonioso, a um só tempo.

Na primeira parte, intitulada de Livro dos Adágios, Francisco Carvalho ressalta o vento, como elemento da natureza, indomável e arrasador, sendo comparado a um animal de compleição forte: "agarro o vento / pela cauda / mas não domo esse touro. // Agarro esse potro / de crinas velozes / e patas de sol. // Agarro esse hipopótamo / que mergulha o dorso / nos rios do tempo." (9)

Em diversos momentos ou movimentos, o vento assume papel relevante, como se pode observar no poema II, quando esse componente da natureza se transforma em "um monge / que reza ladainhas / pelas almas dos mortos", ou, mesmo noutra passagem, quando produz efeito devastador, arrancando "as estacas / da fazenda, os ponteiros / dos relógios de areia / e as folhas do calendário (10). Aí, justamente, temos a junção do vento com o tempo, que não pode ser aferido de forma convencional, pois trata-se de um tempo subjetivo, interior, que faz o poeta afirmar: "A minha infância / foi levada pelo vento / o menino que eu fui / ficou perdido no tempo." (11)

Em "Minueto do Tempo", Francisco Carvalho nos dá algumas elucidações

sobre esse tempo intemporal, que não pode ser aferido por convenções consagradas, como relógios, calendários, estações do ano, movimento dos astros, das águas, referindo-se a um tempo interior, que nunca se repete como as águas do rio, pois "o tempo sou eu/ o tempo é você / o tempo é a sombra / do que não se vê". (12)

Ainda neste primeiro livro, encontramos a presença da natureza, representada no poema "Adágio para um tigre", onde o animal é comparado com uma reencarnação divina, que "tem nos olhos / a sedução de um déspota, o fulgor / de todos os desejos assassinos" (13), em contraposição à delicadeza da aranha, que tece a teia do mito, tece o fio da vida e o fio da morte, assim como o poeta vai tecendo seu enigma, palavra por palavra, até a composição plena do poema. Bem como, podemos observar a presença do pássaro levitando no espaço, cumprindo o seu ritual de "leveza e de plumas / alheio às rotas / dos anjos e dos deuses". (14)

Mas, é precisamente em "Minueto da Porta" que Francisco Carvalho vai revelar a angústia do homem diante da impossibilidade de resolver seus dramas pessoais, fazendo-nos lembrar o poema "José", de Carlos Drummond de Andrade, que coloca o homem numa situação limite, "com a chave na mão / quer abrir a porta, / não existe porta; / quer morrer no mar" (15); o modelo proposto por Francisco Carvalho traz o mesmo pessimismo, o mesmo desencanto: "Esta porta me / leva a outra porta / que não se abre nunca / ou me leva / para uma rua torta / ou para a impossibilidade / de um muro sem porta / onde a morte / irriga a sua horta." (16)

Na segunda parte – o *Livro das Generalidades* – há uma maior diversificação temática, embora Francisco Carvalho dedique sete poemas para louvar o espaço físico, ou seja, aquilo que há de mais sagrado na trajetória de uma existência, que é a morada. Portanto, através dos poemas "Casa velha", "Passeio no quarto", "Mesa antiga", "Testamento", "Reino", "Sala" e "Sombra da Casa", o poeta empreende uma viagem de volta ao passado, para revisitar antiga morada, conforme se observa no poema "Reino": "A casa é um reino / de duzentas portas / onde os invernos deixam / marcas de suas botas. // A casa é uma nau / de turbulentas velas / singrando os desejos / dos que moram nela. // A casa é um porto / onde a barca da morte / de quando em vez ancora. // A casa é uma pilastra / que sustenta a alma / dos que vão embora." (17)

Ao realizar esta viagem em busca do passado, o poeta faz, ao mesmo tempo, a transformação de simples objetos ou acontecimentos aparentemente corriqueiros em pura poesia; é justamente aquilo que Gilberto Mendonça Teles denominou de "celebração das coisas comuns e dos acontecimentos do cotidiano", realçando objetos como a mesa antiga de jacarandá, os armários de cedro, a geometria das formigas e a solidão das paredes e dos retratos.

Outro bom exemplo dessa constatação é o poema "Desenho da Sala", em que o poeta confere maior relevância a este compartimento da casa, não só como um lugar onde as pessoas se reuniam para repartir, através do diálogo, o alimento espiritual, mas como um ente capaz de armazenar dados e cronologias: "a sala é o lugar / dos mistérios da ceia / minha avó refaz / as vértebras da meia / a sala trescala / a ruminação de boi / minha avó tricoteia / o tempo que se foi / a sala recende / a antúrios vermelhos / minha avó regressa / às núpcias dos espelhos / a sala deserta / de vozes parece eterna." (18)

Falando de sua poesia, Francisco Carvalho nos confessou que todos os temas são poetizáveis, menos, presumivelmente, as lágrimas do avarento que teve seu tesouro surrupiado pelos ladrões. Realmente, Francisco Carvalho consegue a maestria de poetizar sobre diversos temas, sejam eles regionais ou

universais e de diversas formas, sejam elas livres ou fixas; sendo importante observar o comentário de Nilton Maciel:

> *Francisco Carvalho é um poeta que demonstra conhecer profundamente todas as técnicas, todas as regras da arte poética. E por ser conhecedor dela é que não hesita em ser moderno, sem deixar de abrir novos caminhos a partir das rotas abertas pelos grandes poetas. Isto é, não dá ouvidos àqueles que preconizam a morte do verso e, por conseqüência, dos diversos tipos de poemas tradicionalmente conhecidos, como o soneto. (19)*

Podemos afirmar que Francisco Carvalho, como "artífice do verso", não foge à regra dos grandes, respondendo a todas as indagações sobre poesia, deixando sua reflexão crítica acerca do fenômeno poético. Porém é preciso observar que o poeta, mesmo trabalhando o verso com técnica e aparato formal, não deixa de ouvir a força inspiradora que brota dos seus sentimentos, materializando-se em sutis poemas românticos, dotados de uma certa dose de erotismo, através de imagens sensuais: "Vou arder a essa chama que me abraça / até ser pó de cinza rarefeita. / Vou te amar com volúpia de felino / à sombra desses dias que são pórticos / de areia. Vou arder como as estrelas / ardem, em suas órbitas de fogo. / Quero esculpir o orgasmo da vertigem / em cada movimento da beleza. / Vou arder como os galhos das marés / ardem aos raios dos meridianos." (20)

Mas, Francisco Carvalho é, também, poeta de seu tempo; por isso as preocupações sociais surgem em quase toda a sua poética. Pois o poeta nos faz acreditar que, nos dias de hoje, não é possível ser etéreo e romântico quando diversas questões fundamentais penetram em nosso estreito universo, ameaçando, inclusive, a nossa existência, mesmo porque, a par desses problemas, a poesia moderna parece ter o papel fundamental de denunciar e, mais do que isso, de tentar modificar o panorama geral da realidade. Assim, o autor nos apresenta poemas que são constatadores desta afirmação: "Neste exato momento / o gume da fome / dilacera corpos de anjos e demônios." (21)

Portanto, sua poesia é forte e, muitas vezes, contundente, nos atingindo de forma devastadora, como as águas barrentas do Rio Jaguaribe, que banha a sua cidade, águas enfurecidas quando dos tempos invernosos. Outras vezes, é tranqüila e serena como a figura do poeta falando, mansamente, de sua experiência criadora.

Outro momento de grave crítica aos valores de nossa sociedade cruel e pouco solidária ocorre no poema "O Bicho Homem", no qual o poeta interroga sobre diversas questões de nossa existência: "Que bicho é o homem / de onde ele veio / para onde vai? / Onde é que entra / de onde é que sai? / (...) Que bicho é o homem / que ama e desama / que afaga e magoa? / E que lembra às vezes / um anjo em pessoa? // O homem que vai / para a eternidade / num saco de lixo. / Que bicho é o homem / de salário fixo?" (22)

Ainda que possa parecer redundante, Francisco Carvalho vai revelar intensa preocupação com o social, principalmente quando ressalta as desigualdades geradas pela própria sociedade, que tem, ao longo dos tempos e notadamente em nosso momento histórico, fabricado diversos tipos de cidadãos, produzindo discriminações flagrantes entre ricos e pobres, entre os que conseguiram ascensão econômica e os que estão situados na porção abaixo, justamente aqueles que são os condenados aos sofrimentos e às agruras humanas, consoante se observa nos versos de "Cesta básica" e, também, de "Pedreiro": "De tijolo em tijolo / constrói utopias / e casas para os outros... Obreiro fiel / mora num minúsculo / barraco de aluguel." ( 23)

Portanto, numa concepção moderna, o Poeta se coloca dentro de uma posição

ativa, participando de modo atuante na sociedade e não como mero observador, formulando algo lírico e, por vezes estéril, distante dos problemas sociais, como se pudesse viver abstraído do mundo que o cerca. Não que Francisco Carvalho seja um poeta panfletário, engajado politicamente. O que se quer dizer é que ele tem um compromisso expresso com a realidade. É justamente o Poeta quem vai nos revelar que:

> *É preciso acabar de uma vez por todas com a falsa idéia de que o poeta é um ser à parte, alguém desligado do húmus onde prolifera a raça vil dos homens. O poeta jamais poderia estar imune à safadeza universal inerente ao gado humano. Nunca achei sentido na afirmação de que o santo e o poeta gravitam em órbitas mais ou menos semelhantes. (24)*

Em "Cantiga de Maldizer", encontramos a temática ora estudada, de modo reflexo, tangenciando o problema, numa concepção filosófica, quando o poeta nos conduz a refletir sobre nossa existência e sobre os acontecimentos do cotidiano ocorridos à nossa volta: "Você trabalha duro / sua alma e camisa / e vê que toda essa luta / não lhe rende um alqueire. / Só então fica sabendo / que a rosa da vida / não é flor que se cheire. / Os dias passam / mas as dores ficam / dilacerando a alma / feito navalha. / Os versos que fiz / vão ser jogados / na cesta de lixo / de algum canalha." (25)

Refletir sobre a existência do homem num cotidiano frio e sombrio como o nosso, em que as pessoas são muito solitárias, pouco solidárias e, freqüentemente desumanas, torna-se condição imprescindível, notadamente se observarmos que os nossos heróis estão à nossa volta, presentes num contexto de extremas dificuldades, de diferenças sociais gritantes. São justamente estes que precisam ser homenageados, não com estátuas em praças públicas ou com nomes de ruas, mas, pelo menos com uma melhor distribuição de renda e conseqüente melhor condição de vida. É o que sentimos na leitura do poema "Estátuas": as estátuas / são coisas fátuas / pedras cúbicas / nas praças públicas / patético invento / que se entrega ao vento / deuses e generais / sob as vaias dos pardais / a estátua é uma árvore / de galhos de mármore / onde até as corujas / desenham garatujas. / Os verdadeiros heróis / estão perto de nós. (26)

As questões de ordem filosófica vão sendo elaboradas e transformadas em lirismo, através dos poemas "Plantação, "Nada é para sempre" e, notadamente em "Lavoura", quando fazemos a constatação de nossa existência transitória e precária, ao percebermos que tudo tem um ciclo de vida: "As minhas mãos / já foram robustas já plantaram / sementes de milho / na terra dos filisteus / hoje só semeiam / as lavouras do adeus." (27)

Seguindo a mesma ordem de motivação, o poema "Cúmulo" vai justamente questionar a existência do ser a partir do momento da concepção até que se chegue ao estado de apodrecimento e transformação, sem perder de vista a perspectiva temporal, colocando toda a trajetória de um homem dentro de um poema: "um olhar / cruza outro olhar / um gameta / fecunda um óvulo / você flutua / numa bolha de água / nasce, cresce, envelhece / completa o ciclo vital / morre no trânsito / ou de câncer / e vai apodrecer / no túmulo / não é o cúmulo do cúmulo? (28)

Em "Poema Linear", Francisco Carvalho justifica a sua missão de poeta "pela palavra / esculpida na pele", "pela liberdade / pela voz e pela súplica", "pela serenata/dos arroios" (29), transformando o poeta, dessa forma, num interlocutor, num intérprete de nossos anseios, de nossos sentimentos mais dominantes.

Com intuito didático, vale ressaltar que o conjunto de poemas "Testamento real", "Diário de Ulisses", "Agenda real", "Palavra de rei", "Circe", "Polifemo" e "Argonautas" traz a temática

sempre recorrente em quase toda obra de Francisco Carvalho que é a presença da mitologia grega, de seus personagens heróicos, semideuses, quase divinos como Ulisses, Penélope e outros que habitam a literatura clássica.

Realmente, o *Livro das Generalidades* é plural, no qual Francisco Carvalho consegue poetizar sobre quase tudo, nos conduzindo numa viagem pelo seu universo poético, pelos labirintos de seu mundo interior, tudo transformado em pura poesia.

Na terceira parte – o Livro do Fazedor de Gaiolas – encontramos a técnica uniformizada através dos sonetos que Francisco Carvalho dedica a grandes poetas e personagens, que povoam nosso universo. É neste livro, conforme Hildeberto Barbosa Filho, que Francisco Carvalho "homenageia um elenco de poetas, exercitando uma escrita dialógica em que suas imagens evocam imagens alheias, prefigurando, assim, um universo inter-textual que faz de sua poesia, como tantas outras no calendário da modernidade, também uma poética da leitura. E mais do que uma poética da leitura, uma poética do convívio". (30)

Este comentário transcrito é muito pertinente, pois Francisco Carvalho, através da intertextualidade com os escritos de outros poetas, vai compondo seu texto, justamente, para prestar-lhes homenagens. É o que ocorre com o soneto dedicado a Luciano Maia, no qual o poeta se apropria, de forma lícita, de um verso do amigo homenageado. Essa apropriação nem sempre ocorre a nível de palavras, acontecendo de outras maneiras, ora através da metáfora e das imagens, conforme exemplifica o soneto que dedica a Artur Eduardo Benevides, ora percorrendo os versos delicados da poetiza Marly Vasconcelos, ora fazendo verso sobre temas lusitanos, para homenagear Carlos d'Alge, ou mesmo assumindo a inclinação para o pessimismo e a fuga presentes na poesia inquietante de Augusto dos Anjos.

Importante ressaltar o soneto escrito para Ernesto Che Guevara, no qual se pode observar que a temática reflete a ideologia do homenageado, que é considerado um dos maiores revolucionários dos últimos tempos: "Nenhum grito floriu no tempo escuro. / As catedrais do vento emudeceram / quando o pássaro azul que te habitava / foi te esperar às portas do futuro. // Com seus fuzis sangrando pelas bocas / eles chegaram num tropel de porcos. / Nada ouviste das coisas que disseram / nem viste a grande orquídea sobre os mortos." (31)

O soneto dedicado a José Alcides Pinto reflete bem o espírito do homenageado e sua capacidade de se indignar diante de certos eventos, pois consoante o texto "não basta o leite nem o pão da súplica / para aplacar tantas fomes e sedes. / Saber que o céu escuta nossas dúvidas / que os fantasmas se escondem nas paredes." (32)

Os sonetos para Nilton Maciel e Sânzio de Azevedo trazem à tona o efeito das bombas aniquiladoras, capazes de destruir "a pedra e a nuvem fugidia", nos remetendo a um passado de guerras, ou mesmo mostrando um presente de guerras permanentes, setorizadas, que ocorrem em nosso cotidiano, ou, ainda", fazendo referência às guerras que assistimos todos os dias nos noticiários, com as quais já nos acostumamos. Mesmo assim, apesar dessa convivência com diversos conflitos, precisamos ter a esperança de que a guerra nunca dissolverá a alma dos mortos redimidos pela alba, ou que a "bomba de Hidrogênio, esfinge negra / espantalho das noites dos amantes", pode até destruir o amor, mas nunca conseguirá destruir o mito.

É certo que há muito tempo, em seus primeiros livros, Francisco Carvalho havia nos convocado a uma leitura sobre a urgência de "cantar o momento agônico do mundo", para avaliarmos o seu possível aniquilamento causado, segundo o Poeta, "pelos orgasmos das

tragédias". Efetivamente, esse "cantar o momento agônico do mundo" envolve a avaliação da alma coletiva, a expectativa dos povos, a decepção da humanidade, diante de episódio tão amargo e cruel como uma guerra mundial, ou guerras sucessivas, que ocorrem nos dias atuais. Aliás, a urgência deste "cantar o momento agônico do mundo" nos conduz ao objetivo inconfessado do poeta, que é a busca da paz definitiva entre os povos civilizados. Nesse sentido, Hugo Friedrich, com muita propriedade, nos adverte que "das três maneiras possíveis de comportamento da composição lírica – sentir, observar e transformar – é esta última que domina a poesia moderna" (33). E, certamente, este elemento transformador – não propriamente como suporte de ação, mas de conscientização – domina uma boa parte da poesia de Francisco Carvalho, ao longo de sua produção. A verdade é que as preocupações sociais cintilam em quase toda sua obra, com maior ou menor intensidade, dependendo sempre da linha de motivação adotada pelo projeto poético.

Mas, nem só de realismo e tragédias vive e respira a poesia de Francisco Carvalho, momento de rara beleza e inspiração poética é o "Soneto para Moacir Félix", em que o poeta justifica o seu cantar, nos embalando com a musicalidade de seus versos e a esperança de um mundo melhor: "Canto para as transformações do homem / para que a todo instante ressuscite / da solidão, das sucessivas mortes. / Para que jorre o amor e o trigo cresça. // Canto para que os seios das amadas / nos embebedem com seu vinho. Canto / para que as alvoradas da nudez / das moças desabrochem sobre nós. // Canto para que os mortos nos escutem / para que o vento aprenda a nossa fala / e os rios multipliquem nossa voz. // Canto para que os gestos reverdeçam / para que os tristes sejam consolados / antes que partam num corcel veloz." (34)

No soneto "O Tempo e sua foz", Francisco Carvalho nos dá diversos conceitos metafóricos do tempo, como sendo "uma invenção da memória ou dos nossos sentidos", ou "uma lenda da infância dos avós / escrita em nossa pele e em nossa voz", numa concepção filosófica, ou mesmo psicológica, o tempo é "a brevidade dos minutos / gotejando na alma", ou, ainda, conforme o poeta, "o tempo é uma roda que não cessa / de girar. Arquitetura de pássaro / que se move em vertigem circular "(35), tudo isso porque na perspectiva humana existem infinitas possibilidades de um tempo interno, subjetivo, em alucinante simultaneidade de passado, presente e futuro nas vivências individuais.

Ao analisar a poética de Francisco Carvalho, o escritor Gilberto Mendonça Teles nos adverte para a presença do tema religioso em quase todos os seus livros, notadamente em *As Verdes Léguas, Rosa dos Eventos, Barca dos Sentidos, As Visões do Corpo, Rosa Geométrica* e *Raízes da Voz*, de onde recolhemos exemplos de versos que comprovam "uma primitiva idéia de Deus e seus mistérios, idéia que se apresenta despedaçada como o corpo de Orfeu ou como o corpo de Osíris, à espera de um leitor-amante que saiba reunir essas partes num todo agora inesgotável, porquanto feito de palavras". (36)

Algumas passagens poéticas em *Raízes da Voz*, como "ausência de Deus" (p. 99), "é certo que Deus ajuda" (p. 117), "sou filho de Deus e não do diabo" (p. 125), "pórtico do inferno" (p. 149), "filhos das entranhas e do mito soprados pelo hálito de Deus" (p. 161), "Sodoma e Gomorra crestadas pela fúria do céu" (p. 175), "os peixes predicaram os signos de Deus" (p. 176), nos traduzem uma certa religiosidade, principalmente quando observamos que a palavra Deus traz a maiúscula alegorizadora, como forma de temor e respeito. Mesmo assim, conforme nos ensina Gilberto Mendonça Teles, não podemos precisar se essa religiosidade é apenas

literária, alcançada através de leituras bíblicas ou se é um sentimento baseado em convicções religiosas.

O último poema deste livro, intitulado "Soneto", que traz também expressões religiosas, vai defender o mistério, o enigma da poesia, nos fazendo compreender que só o poeta é capaz de empreender uma viagem para dentro de seu mundo interior, à procura do eu-profundo e depois transformar suas experiências em matéria poética: *A poesia sem mistério não seguirá* os passos / do homem nem lhe ofertará a palavra incorruptível / Não consolará o homem na sua servidão, / nem quando / o Anjo Vingador o trespassar com sua espada. / Não devolverá às mães os filhos bastardos. / Não levará o pão à soleira dos mendigos. / Não ungirá as úlceras dos cães extraviados entre os uivos da noite. / Não recolherá os adolescentes expulsos de suas casas. / Não verterá o leite da fraternidade / Não velará pela integridade das noivas nem pelas mulheres que derramaram as entranhas num covil de serpentes. A poesia sem mistério não terá assento na hierarquia dos anjos. Será motivo de discórdia e zombaria no limiar das portas do reino. (37)

O escritor Caio Porfírio Carneiro revelou que "a poesia de Francisco Carvalho, ao correr do tempo e ao suceder dos livros, evoluiu e amadureceu, naturalmente, mas guardou sua essencialidade mágica e filosófica" (38), posição esta com a qual não convergimos, na sua inteireza, por não acharmos que o Poeta tenha passado por um processo evolutivo, caminhando para a maturidade. Na verdade, é preciso ver sua obra como um todo, sem destacar, nem descartar as perspectivas históricas. Parece-nos que a única obra que sofre desgastes, necessitando de ajustes e reajustes formais, é aquela que não está madura, portanto seu autor é um iniciante, nos primeiros passos, fornecendo os primeiros recursos verbais, metaforicamente comparados às primeiras águas libertas dos açudes, quando de coloração barrenta, melhorando com o tempo. Na nossa opinião, não se pode atribuir essa condição a Francisco Carvalho, porque na verdade, para nós, ele nunca foi um principiante em termos de poesia. Consideramos, inclusive, que, desde o início de sua vida de escritor, a sua produção literária se apresenta coerente, sem declives, sem altos e baixos. O que acontece, na verdade, é a incorporação de novos ângulos, de novos eventos, dependendo, evidentemente, do novo momento. Não há, portanto, ajustes, mas incorporação de novos eventos e registros históricos, dependendo sempre da linha de motivação.

Ao longo de sua carreira literária, Francisco Carvalho vem afirmando que seus primeiros livros poderiam ser desconsiderados do cômputo de sua obra, pois os classifica como um exercício primário de suas experiências modernistas, encontrando neles todas as falhas e defeitos presentes nos textos dos iniciantes. O que não concordamos, totalmente, pois é justamente no início que encontraremos a vocação, que vai nortear as inclinações do poeta, como uma espécie de bússola a conduzi-lo no caminho da consolidação poética, pelo talento e força da palavra. Ao fazermos tal afirmação, tomamos como base o testemunho crítico de José Alcides Pinto, quando diz que:

> *Francisco Carvalho faz obra uniforme, coerente, acrescida de novos ângulos, sempre com o suporte de suas criações primevas. Ele é o único dos nossos poetas em que se ver uma estrutura sem deformação, sem declives, a não ser a que arte se propõe para manter seu status. (39)*

Apesar da coerência que vem mantendo durante todos esses anos de dedicação à literatura, ao analisar a escritura poética de Francisco Carvalho devemos ter muita prudência, pois sua poesia "suscita várias interpretações e alternativas, oferecendo múltiplos caminhos, que nos conduzem ao

fascínio, no prazer de sentir um objeto que fala, que se nutre de linguagem, sem qualquer limitação temporal, que tem ritmo, música, sonoridade, que tem crença, obsessão mítica e reflexão do homem e da sociedade". (40)

No plano do cotidiano, a poesia de Francisco Carvalho nos leva a refletir sobre nossa existência num mundo frio dominado pela intolerância. E a sensação que se retira dessa poesia, ainda que um tanto pessimista – produto, talvez, da personalidade sensível do poeta – é o despertar da consciência para os problemas do homem e para os dramas da humanidade.

Noutra perspectiva, sua poesia nos demonstrou que o mundo não é tão frio assim, mas aquecido com o calor das palavras poéticas.

Relativamente ao aspecto geográfico, sentimos Francisco Carvalho, de modo muito original, regional e ao mesmo tempo universal. O Poeta não alimenta nenhum receio de ser um poeta agrário, ou de ser um poeta urbano, pois Francisco Carvalho não tem fronteiras. Da mesma forma que fala de sua cidade natal, pode bem falar de uma terra nunca antes visitada.

O certo é que sua poesia, como toda poesia genuína, sempre foi assunto de poucos; é que a sociedade nunca conferiu um peso maior a este gênero, por suas características herméticas e metafóricas, justamente pela "linguagem especifica e intemporal do poema, de natureza essencialmente figurativa, torna-o freqüentemente mais obscuro e mais inacessível. O grande problema é que as pessoas querem ler um poema como se lê uma notícia de jornal, algo que se evapora à primeira leitura, dada a linearidade de seus conteúdos. Os conteúdos pluralistas do poema podem ser lidos de várias maneiras e geralmente são codificados através de vários níveis de percepção" (41). Aliás, a sociedade até criou mecanismos e instituições próprias, cujo objetivo é afastá-la do grande público, daí a prevenção e a hostilidade com que é tratada freqüentemente.

Dessa forma, pensamos sobre a poesia de Francisco Carvalho como a expressão de uma consciência crítica aguda, revelada lentamente, ao longo desses anos de exercício poético, num jogo de imensas possibilidades de leituras, mas transformadas em puro lirismo.

## Notas e Referências

(6) CARVALHO. "Raízes da Voz", in Raízes da Voz, p. 142.
(7) D'ALGE, Carlos. O Exílio Imaginário, p. 199.
(8) PAZ, Octavio. O Arco e a Lira, p. 55.
(9) _____. "Adágios do Vento", in Raízes da Voz, p. 11.
(10)_____. Idem, p. 12.
(11)_____. Idem, p. 18.
(12)_____. "Minueto do Tempo", in Raízes da Voz, p. 34.
(13)_____. "Adágio para um tigre", in Raízes da Voz, p. 32.
(14) CARVALHO, "Pássaro", in Raízes da Voz, p. 50.
(15) DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. Literatura Comentada, p. 61.
(16) CARVALHO. "Minueto da Porta", in Raízes da Voz, p. 43.
(17)_____. "Reino", in Raízes da Voz, p. 67.
(18)_____. "Desenho da Sala", in Raízes da Voz, p. 121.
(19) MACIEL, Nilton. Comentário inserto em O Tecedor e sua Trama.
(20) CARVALHO, "Serenata", in Raízes da Voz, p. 74.
(21)_____. "Gume da Fome", in Raízes da Voz, p. 71.
(22)_____. "O Bicho Homem", in Raízes da Voz, p. 103.
(23)_____. "Pedreiro", in Raízes da Voz, p. 126.
(24)_____. Depoimento publicado na Revista Clã, nº 29, p. 81.
(25)_____. "Cantiga de Maldizer", in Raízes da Voz, p. 132.

(26)_____. "Estátuas", in Raízes da Voz, p. 124.
(27)_____. "Lavoura", in Raízes da Voz, p. 116.
(28)_____. "Cúmulo", in Raízes da Voz, p. 128.
(29)_____. "Poema Linear", in Raízes da Voz, p. 72.
(30)_____. BARBOSA FILHO, Hildeberto. Texto inserto em Girassóis de Barro.
(31) CARVALHO, Francisco. "Epitáfio para Che Guerava, in Raízes da Voz, p. 156.
(32)_____. "Soneto para José Alcides Pinto", in Raízes da Voz, p. 163.
(33) FRIEDRICH, Hugo. Estrutura da Lírica Moderna, p. 17.
(34) _____. "Soneto para Moacir Félix" , in Raízes da Voz, p. 170.
(35) _____. "O tempo e sua foz", in Raízes da Voz, p. 186.
(36) MENDONÇA TELES, Gilberto. "A poesia de Francisco Carvalho", Diário do Nordeste, Suplemento DN Cultura, edição de 26 de janeiro de 1997, p. 3.
(37) CARVALHO, Francisco. "Soneto" , in Raízes da Voz, p. 193.
(38) CARNEIRO, Caio Porfírio. Texto inserto em Crônicas das Raízes.
(39) PINTO, José Alcides. Política da Arte, p. 179.
(40) MOURÃO, Ana Vládia. Três Dimensões da Poética de Francisco Carvalho, p. 17.
(41) CARVALHO, Francisco. Entrevista publicada em Três Dimensões da Poética de Francisco Carvalho, p. 131.

In *Vestletras*, O Povo, Fortaleza, 1997.

## PASTORAL DOS DIAS MADUROS

*Artur Eduardo Benevides/CE*

Francisco Carvalho vem construindo toda a sua obra literária sem participar de grupos ou corrilhos, numa atitude de eqüidistância das batalhas que se travam sobre a poesia, na busca de um novo estilo de época ou de novos métodos e processos de criação. Lobo solitário na floresta da literatura, esconde-se para poder uivar à lua, mas o seu Canto, grave e profundo, ecoa intensamente em nosso espírito, pela densa beleza dos versos.

Desde os seus primeiros momentos como poeta, ainda numa espécie de indecisão formal entre um neo-parnasianismo latente e um neo-modernismo aliciante, pude sentir o seu irrecusável valor, que se confirmou e reafirmou à medida que os livros iam surgindo, revelando um poeta de alta dimensão espiritual, capaz de atingir as culminâncias de sua arte.

Mais uma vez, agora, vamos encontrá-lo, em toda a pureza de seu Canto, nas páginas de **Pastoral dos Dias Maduros**, que se subdivide em cinco partes: "As vozes do sigilo", "Salmo de Areia", "Eros e a Ira", "Homenagem" e "O Coice de Pégaso". Mais uma vez, sua voz se ergue magistral, celebrando o ser e o mundo, o finito e o infinito, o circunstancial e o eterno.

É o mesmo poeta de linguagem nobre, que pode, por isso mesmo, ser ouvida sem contestação, em qualquer parte:

*A cada passo a morte nos espreita*
*com seu olho sangrento de unicórnio.*

É um autêntico poeta quem nos fala. Um poeta que governa os elementos da composição e sabe tirar partido de sua cultura humanística e experiência estética, chegando a resultados que o credenciam como um dos melhores de sua geração.

Há poemas, nesse livro, que atingem uma densidade poética poucas vezes alcançada na poesia cearense contemporânea. Nesse caso estão peças como "Pretérito mais que perfeito", "Mucuripe Latitude Amor", "Romance do Boi Póstumo", "A Fonte", "Balada dos Cardeiros em Flor", "A Pergunta", "A Máquina", "Soneto dos Ancrestrais", os sonetos dedicados a Camões, os versos em homenagem a Castro Alves, Drummond e Sidney

Neto, sem esquecer as Décimas com que me brindou nos meus cinqüenta anos e que se acham incluídas nessa bela safra de legítima poesia.

Mencionaria, igualmente, as Elegias, o "Auto do Plantador", "Prelúdio", "Autodidata", a "Canção do deserdado", "Poemanálise" e outras peças que poderiam ser assinadas por qualquer grande poeta do Brasil, tal a beleza que emerge, como uma luz, do conteúdo dessas composições trabalhadas por um perfeito conhecedor da arte poética.

*De tudo aprendi um pouco* diz-nos o autor, para fazer adiante esta confidência que comove – *Aprendi a ser triste/ vendo a alegria dos outros.*

Mas, por que essa tristeza, que decorre, sem dúvida, de sua solidão interior, produto daquela grande morte que cada um carrega em si, como dizia Rilke? Por que brota assim, de forma tão categórica, nesse esplêndido poeta de temática superior e perene e que deseja, diante da contemplação da vida, *Ser apenas eu mesmo?*

Creio que nasce da consciência da *douleur de vivre* e daquela sutil percepção de que, em meio às tragédias da existência, *Há um rumor de infâncias soterradas / no coração.*

Diante da perdição de tudo o que é belo e grande em nossa vida, o poeta, mais que os outros homens, experimenta uma sensação de exílio e retorna às suas fontes para reencontrar o caminho desfeito pelo tempo, mergulhado, conseqüentemente, em sua solidão, feita de elementos mágicos e encantatórios. Mas, ainda assim, permanece triste, porque *Minha solidão é um pássaro negro.*

De qualquer forma, contudo, é um pássaro que lhe transmite visões propiciatórias e lhe dá o sentido de longes horizontes e de céus imaginários, de caminhos, de fugas, de viagens. E ele reconstrói, com mão segura, o seu itinerário, salvando-se dos abismos pela clarividência que decorre de sua condição.

**Pastoral dos Dias Maduros** põe-nos novamente em contacto com um poeta de singular poder de criação, cujos versos, tocados de hermetismo natural e puro, sem artifícios, doem, por vezes, em nossa alma. Consagrado em definitivo ao seu destino histórico, Francisco Carvalho parece haver chegado ao ponto mais alto de sua arte, na maturidade plena de seu espírito visionário e na vivência de sua fábula de homem e de artista.

Um poeta assim honra a literatura cearense e cresce cada vez mais em nossa admiração, por tudo o que realizou e poderá ainda realizar em benefício da Poesia.

## UM RIO EM LEITURA

*Batista de Lima/CE*

A leitura não se resume no mergulho no texto lingüístico. Da mesma forma, a Teoria da Comunicação não se resume no estudo do signo lingüístico. pois se existe o signo semiológico abrangendo os entes da cultura, assim existe a leitura desses seres como forma de entendimento da mensagem cultural que eles transmitem.

Um desses signos é o rio. O rio prenhe de mensagens. Primeiro pela água, que ao lado da terra, do fogo e do ar, faz parte do quarteto de arquétipos interpretativos da natureza. Depois pela sua dinâmica interligadora de variados contextos.

Foi a partir dessa importância do rio como elemento de comunicação que nos propusemos comparar o tratamento que lhe é dado em dois poemas, um de Francisco Carvalho e outro de Fernando Pessoa. Os poemas são os seguintes:

**"O rio da minha aldeia"**

*(A modo de Alberto Caeiro)*

O rio que passa pela minha aldeia / rumo de Roma / rumo do Reno / rumo da noite / rumo do mar / é menos belo

e em nada lembra o Tejo / rio de Portugal / que corre para o mundo. / O rio que passa pela minha aldeia / (rio do Sem-Fim) / passa por dentro de mim. / / O rio que passa pela minha aldeia / leva o que resta de mim / para junto dos mortos. / É um pobre rio rústico / que em nada lembra o Tejo / e as naus que vão para o mundo. / O rio da minha aldeia / não é azul como o de Portugal / que corre no mapa-múndi: / Mas o rio que passa pela minha aldeia / passa por meu coração. // Por isso é mais belo do que o Tejo, / que vai para o mundo. / O rio da minha aldeia / não vem de Espanha, não vai por Dakar. / Vai rumo de Roma / rumo do Reno / rumo da noite / rumo do mar. / O rio que passa pela minha aldeia / deságua no meu coração"[1].

"XX
(De O guardador de rebanhos)
F. P. (Alberto Caeiro)

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia, / Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia. // O Tejo tem grandes navios / E navega nele ainda, / Para aqueles que vêem em tudo o que lá não está, / A memória das naus. // O Tejo desce de Espanha / E o Tejo entra no mar em Portugal. / Toda a gente sabe isso. //

Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia / E para onde ele vai / E donde ele vem. / E por isso, porque pertence a menos gente, / É mais livre e maior o rio da minha aldeia. // Pelo Tejo vai-se para o mundo. / Para além do Tejo há a América / E a fortuna daqueles que a encontram. / Ninguém nunca pensou no que há para além / Do rio da minha aldeia. // O rio da minha aldeia não faz pensar em nada. / Quem está ao pé dele está só ao pé dele".[2]

O texto base para nossa comparação é o de Francisco Carvalho. Esse poeta, nascido na cidade de Russas – CE em 1927, tem se consagrado como das mais afinadas vozes da poesia cearense das últimas décadas. Uma das provas do seu talento se configura com a obtenção do 1º lugar no Prêmio Bienal Nestlé de Literatura Brasileira de 1982, o certame literário mais disputado do Brasil da atualidade. O seu livro premiado foi *Quadrante Solar*, mas outros são também de igual grandeza, e entre eles podemos citar *Os mortos azuis* (1971) e *Pastoral dos dias maduros* (1977).

O outro texto, de Fernando Pessoa (1888-1935), foi retirado de "O guardador de rebanhos", escrito entre 1911 e 1912 e atribuído a um dos seus heterônimos, no caso, Alberto Caeiro, caracterizado principalmente pela contemplação.

Observa-se logo que o poema de Francisco Carvalho é escrito "a modo de Alberto Caeiro". Exatamente é aí onde se constata a intertextualidade oriunda do poema de Pessoa que já se anuncia no título do poema. O Tejo é então descontextualizado e destronado de sua significação através do recurso da repetição do verso.

*"em nada lembra o Tejo" (V. 6 e 1).*

Essa é uma forma veemente de negar a importância do Tejo diante da importância de seu rio. Daí que o que poderia ser uma simples paráfrase, passa a ser o contrário. Seria muito mais uma (antí) paráfrase já que existe um desmonte do texto pessoano. Essa desrealização atua sobre o real Tejo. Tão real que vem com toda uma mapeação de apoio. Já o rio do poeta é pessoal e não aparece mapeado. O mapa-múndi não consegue retê-lo porque ele está além dos limites concretos que o mapeamento possa alcançar. É tanto que Carvalho tenta mapeá-lo com recursos lingüísticos como é o caso do paradigma que se estabelece em "O rio... / rumo de Roma / rumo do Reno / rumo da noite / rumo do mar...". (V. 01 a 05) No plano do conteúdo, fica difícil se admitir que haja um rio que passe por Roma e pelo Reno. Mas no plano

da expressão, cola bem o termo Reno que aparece no poema com suas várias conotações, especialmente as ligadas à fonética, à tonalidade que surge do ajuste dos termos. Esse mesmo recurso o poeta também utiliza nos versos seguintes: "(rio do Sem-Fim) / passa por dentro de mim" (V. 10 e 11).

Nesse caso, a sonorização de "Fim" e "Mim" dá uma intimidade maior com o rio. É como se o autor aconchegasse o rio no seu íntimo. Há, pois, um afunilamento, em nível de significante, do "lato" Tejo para o "strictu" rio de mim. Por outro lado, se partirmos do significado, a perspectiva é oposta, pois parte-se do "lato" rio de mim para o "strictu" Tejo que dilui sua significação ao distribuí-la com as muitas pessoas que o possuem, por conhecê-lo.

Pode-se então dizer que os dois autores lêem o rio. O Tejo seria a estrutura de superfície do texto rio. Através dela, os dois poetas chegam à estrutura profunda que seria os rios de suas aldeias. O significante sígnico seria o Tejo, o significado seria o rio de cada um. A relação com o Tejo seria uma relação sintagmática, a relação com seu próprio rio uma relação paradigmática.

Como se vê, muito se parecem o rio de Fernando Pessoa e o de Francisco Carvalho. O primeiro é um pequeno rio de aldeia; o segundo, apenas um rio imaginado. Os dois, no entanto, possuem um mesmo referencial: o Tejo. Só que no poema do autor cearense, além do Tejo, há outro referencial que é o poema pessoano. Há pois duas intertextualidades para o poema de Carvalho e uma para o de Pessoa. Mas não é nessa perspectiva que queremos direcionar esses três rios geograficamente tão distantes e poeticamente tão próximos. Tentemos navegá-los, mesmo que sob a superfície, a bordo da Estética da Recepção.

Uma estética literária para ser completa não pode prescindir do contributo do leitor. E a corrente crítica que mais tem se preocupado em resgatar o leitor, tem sido a Estética da Recepção. Uma das preocupações dos estetas desse movimento nascido na Suíça por volta de 1966 e desenvolvida com mais profundidade na Alemanha, tem sido com relação aos vazios do texto. É a partir daí que eles afirmam que:

> *O processo de comunicação literária se realiza não através de um código, e sim, através da dialética do que não se diz quando se cala... Daí o que foi dito só ser entendido quando calado.*[3]

Quanto mais vazios, pois, houver no texto, mais necessidade terá o leitor de preenchê-los. Quanto mais vazios houver, maior será o número de imagens que o leitor terá possibilidade de elaborar. A partir disso, podemos verificar onde se localizam, no texto base, os principais vazios. Um deles é a contextualização do rio do autor. Será um rio de sua terra, de sua infância, brotado repentinamente na sua relembrança? Ou será um rio relativamente grande, no caso, o Jaguaribe que banha Russas, sua cidade natal, e grande para o Ceará, mas que cabe no seu coração? São conjecturas como essas que implicam o conhecimento, por parte do leitor, de dados biográficos do autor. Surge então o perigo de se cair numa crítica de impressão. Só que esse perigo é descartado pelo fato da Estética da Recepção se preocupar com o leitor diante da

> *"apreensão dos valores estéticos e sociais que põem em cena ao aceitar ou recusar certa obra, ao interpretá-la desta ou daquela maneira".*[4]

Como o leitor iria encarar um rio que vai rumo de Roma, rumo do Reno, rumo da noite e do mar ao mesmo tempo? É através da resposta a essa pergunta que o leitor iria preencher o vazio aberto pelas distâncias e ligações entre esses elementos.

A Estética da Recepção também se preocupa com a constituição do sentido, como compreensão do texto por parte do leitor. É uma forma simplista sob o

ponto de vista teórico, mas de certa eficácia, na prática, foi a que encontramos para analisar um determinado tipo de leitor diante dos dois textos em estudo. Selecionamos sessenta leitores nivelados medianamente em termos de leitura, e verificamos a percepção, primeiro individualmente, depois em grupo, dos textos comparados. É bom acrescentar que os leitores pouco sabiam sobre Fernando Pessoa, e nenhum conhecia Francisco Carvalho. Outro detalhe que se verificou de início foi que nenhum se preocupou com o lado formal dos poemas, mesmo sabendo-se dos seus conhecimentos de métrica. Mesmo assim, deu para se chegar a um certo resultado final em busca do delineamento do horizonte de expectativa e conseqüentes sintomas de emancipação desses leitores. Como a análise individual do leitor tornou-se de pouca consistência, partimos então para a condensação em um só bloco de idéias como solução de análise da recepção dos dois textos. Eis então o resultado final:

> *Os dois autores têm em comum, o rio, a correnteza, que em ritmo elegíaco, vai da aldeia ao coração e passando através do poeta leva o que lhe resta para o mundo dos mortos. Fernando Pessoa leu o Tejo e abstraiu o rio de sua aldeia. Francisco Carvalho leu o poema pessoano e seu rio, continuando essa abstração. Usando da conotação, os dois conseguem elevar o pequeno rio do seu particular para uma universalidade. É tanto que sabemos onde começa e termina o Tejo, mas não sabemos onde fica a cabeceira nem a foz dos rios de nós mesmos. São rios que não conseguem ir além deles mesmos. Sabemos que deságuam no nosso coração, mas é muito vasto o litoral do nosso coração para demarcarmos o local onde desembocam nossos rios particulares.*(5)

Esse texto final do grupo de leitores não é suficiente para se avaliar sua recepção. Afinal, o horizonte de expectativa e a emancipação do leitor não são calculados apenas com a reescritura dos textos em estudo, através da elaboração desse trabalho final. É importante também avaliar reações comportamentais que não transparecem no texto da re-escritura. Por exemplo, no caso em estudo, o que se verificou logo de início, foi uma certa curiosidade dos leitores em conhecer mais da vida dos autores e também de suas obras. Houve pelo menos dois, entre os sessenta leitores, que chegaram a rabiscar poemas que também falavam em rio e aldeia. Houve quem se preocupasse em localizar no mapa-múndi, os elementos geográficos apontados nos poemas. De certa forma, deu para se notar um certo prazer de alguns leitores ao contactarem com esses elementos percebidos. O resultado da pesquisa ficou mais em nível de conteúdo.

Interessante é que essa mesma experiência foi feita entre quatro leitores em nível de pós-graduação em Letras, e, independente de minúcias de resultados, o que se verificou foi uma preocupação com os elementos formais do texto. Nenhum dos quatro passou da estrutura de superfície.

O que se pode concluir afinal é que é vasto o mundo da recepção, e que difícil é estudá-la com objetividade. Basta dizer que num mesmo leitor, muitas recepções podem ser contactadas. No entanto, com relação aos dois textos em estudo, verificou-se uma certa coincidência de interpretação entre os leitores pesquisados. Isso comprova que, a despeito do verbalismo que envolve o estudo de novas teorias literárias, pode-se, a partir do estudo de obras tão ricas de significado, como os dois poemas do presente estudo, traçar rumos práticos para uma maior atuação de novas estéticas como essa da Recepção.

## Bibliografia

1. CARVALHO, Francisco. *Pastoral dos dias maduros*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1977.

2. JAUSS, Hans Robert et al.. *A literatura e o leitor*. Trad. Luís Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
3. LIMA, Batista de. A Estética da Recepção. *Suplemento Literário Minas Gerais*. 888, Belo Horizonte, 3: 8/10/83.
4. PESSOA, Fernando. *Poesia*. (Nossos Clássicos), Rio de Janeiro: Agir, 1970.

## Notas Bibliográficas

(1) CARVALHO, F. (1977) p. 193.
(2) PESSOA, F. (1970) p. 58.
(3) LIMA. B. (1983) p. 3.
(4) Ibidem.
(5) Para a confecção final dessa resultante da recepção dos leitores em análise, participamos apenas com o trabalho de concatenação das idéias principais.

## O TECEDOR DE POESIA

*Caio Porfírio Carneiro/SP*

Aproximei-me da poesia de Francisco Carvalho desde quando me caiu às mãos, ao acaso, o *Cristal da Memória*, seu livro de estréia. Desde que me veio depois *Canção atrás da Esfinge*, o segundo livro. Desde todos os outros que se seguiram. Uma aproximação quase atávica, que a poesia desse poeta me calou fundo n'alma, porejou-me de surpresas, espantos, inconfessados sustos.

A poesia de Francisco Carvalho, ao correr do tempo e ao suceder dos livros, evoluiu e amadureceu, naturalmente, mas guardou e resguardou sua essencialidade mágica e filosófica, rítmica e sonora, voltada, em abrangência quase assustadora, às precariedades da vida e das coisas vivamente presentes diante da morte.

Temos poucos, na moderna poesia brasileira, poetas que alcancem como este, a praticamente inalcançável alma sensível dos objetos familiares (integrados no dia-a-dia através das gerações), dos animais no pastoreio ou das ruas, da vida comovida da natureza e dos eternos mitos.

Sua poesia, toda ela é a um tempo misteriosa, reveladora, sutil, aflitiva sem ser desesperante, objetiva, denunciadora, terna e humaníssima. Tantas qualidades qualificam pouco qualquer de suas criações poéticas, até as mais próximas do epigrama. Por que ele se vale de uma inesgotável riqueza metafórica personalíssima, ao fluir de aparentes versos simples, onde os símbolos transitam com grande leveza e se transmudam, continuadamente, em achados poéticos inesperados e de explosiva beleza. A morte com toda a sua carga de grandeza, está muito presente, não para a negação da vida, mas para aceitá-la como mais um mistério da própria vida; a água, vez por outra a água, surge como contraponto e advertência à fragilidade de tudo, caminho para a solidão universalizada e não a que se busca ou a que se sente.

Francisco Carvalho procura, em sutil disfarce, em volteios de ciranda e balada, decifrar os porquês de tudo. Que os porquês de qualquer coisa são múltiplos. Extrai de um pote, simples pote, um universo imenso (quase diria avassalador) de verdades surpreendentes, que dão dimensão humaníssima e eterna a objeto tão modesto, lá no seu canto. O poeta disfarça porque caminha, com facilidade espantosa, para a mitologia e a fábula, para alcançar ponto de chegada completamente diverso. O poeta registra e flagra o efêmero, o passageiro, buscando (e alcança) eternizá-lo. O campo, o vento ou a aurora, não cirandam aqui como borboletas soltas. São gotas que se ampliam no verso, na poesia, em dimensão cósmica.

*O Tecedor e sua Trama* provam tudo isto. Através do título, talvez nascido da inconsciência criadora, o poeta revela duas de suas armas poderosas: a trama delicada, latente, em cada poema, e o verso bem tecido para deslindar a trama. Que há uma trama subjacente, uma história não contada, todo um discurso profundo para além do poema; que há um tecedor que tece

o verso em mágica levitação, em pureza inconsútil, em sonoridade sedutora.

É a memória e seu passado, é o presente e suas dores sociais, é a natureza e seus mistérios, é o homem e suas fragilidades, é a vida e é a morte.

In *O Tecedor e sua Trama*, J. S Editora, São Paulo, 1992.

## BARCA DOS SENTIDOS OU UMA ILHA CHAMADA POESIA

*Carlos Augusto Viana/CE*

**Barca dos Sentidos** (Francisco Carvalho, Edições UFC, 309 páginas) é o fascínio de uma intrigante viagem à ilha da poesia. Uma aventura, talvez, pela multiplicidade das ondas. O poeta, multifacetado, revela-se por inteiro. Velho marinheiro, sobrevive incólume aos temporais.

**Ode Visionária**, poema que abre o livro, é de um fôlego alucinado. Girando numa atmosfera surrealista, as palavras se unem a partir de uma desintegração. Como se multiplicam as imagens nos fragmentos do espelho. Dividido em doze partes sob diversos ritmos, trata-se de um poema-síntese da relação "eu & mundo" na poesia de Francisco Carvalho. Tudo se explica; paradoxalmente, nada tem solução. Diante de urna realidade esfacelada, que nos leva, infatigavelmente, ao pessimismo, só nos restam o humor e a ironia.

"Da proa desse veleiro fantasma / Me acena a reminiscência ensangüentada de um rei / Destronado pelas hordas do touro solar / Um rei empurrado para o cadafalso / Com seu cetro constelado de negras pedrarias / Um rei sem seu brasão e sua túnica / Um rei decapitado pelos adivinhos taciturnos / À sombra da oscilante cidadela" (Ode Visionária, p.13). Neste poema, o poeta assume o ponto de vista de um profeta bíblico. O ritmo cria uma atmosfera apocalíptica. As palavras ganham eco como se atravessassem um labirinto de montanhas. É um poema que deve ser lido em voz alta. Inúmeras vezes. Do começo para o fim. Ou do fim para o começo. Não importa, pois sua forma é circular. Como a Terra. O ano em doze meses, o poema em doze partes.

**Barca dos Sentidos** traz um recurso revelador na poesia de Francisco Carvalho: a estilística da repetição. Embora presente em quase todos os momentos do livro, atinge a plenitude em Balada das Moças Esguias. O mito e o místico se fundem na memória: "Eram sete éguas. Eram sete potros. / Eram sete alpendres. Eram sete lendas. / Eram sete punhais. Eram sete esporas. / Eram sete bois. Eram sete fazendas. // Eram sete galos. Eram sete cantos. / Eram sete retratos. Eram sete donzelas. / Eram sete hímens. Eram sete homens. / Eram sete papoulas amarelas" (p.56). Nota-se que, além da repetição de termos, existe também a repetição do ritmo. O que vem narrado em tom de lenda cria raízes e se torna vivo, palpável, corpóreo. Como num outro poema: "a língua do boi / a baba do boi / o casco do boi / o chifre do boi / o mijo do boi /o mito do boi" (Cantiga Bovina, p.97).

**Barca dos Sentidos**, como bem sugere o título, é um livro de uma poesia essencialmente sensitiva. Todo o material poético advém de dois veios fundamentais: o da memória e o da observação do cotidiano. O que vem da memória vem sempre em fragmentos, vago, nebuloso. Se o tempo a tudo destrói, rende-se, obrigatoriamente, à presença do mito. O que lhe tirou o tempo – o boi, a mesa, a casa antiga, o cavalo, o pássaro, os amigos, a família, principalmente o pai – a memória resgata para sempre: "Nesta mesa de jacarandá / a eternidade deixou a sua marca de sangue" (Mesa de Jacarandá, p.40).

O homem urbano semeia roças imaginárias. Tange bois ao longo das grandes avenidas. E, vendo o mundo, é sempre pessimista, tedioso, de esperança mínima, ilhado por múltipla solidão, sob chuva de átomos, luta com palavras todos os dias. Sua casa não é

a sua casa, mas a do ancestral. Daí porque o poeta confessa: "A casa antiga me acena de longe / com as suas duzentas janelas / e os seus fantasmas. / A casa antiga pintada de azul / o vento herdou seus gonzos de ferro e as aldravas / os seus espelhos e os seus espectros. / A casa antiga cercada de árvores / antigas, de silêncios antigos / de reverências antigas. / A casa antiga, habitada / pelos mortos e a sua memória" (Casa do Ancestral, p.40).

O mundo reparte-se em migalhas: Os homens não mais merecem ver o cometa de Halley. O café esfria na xícara e o operário perde o ônibus. Sempre. A única salvação está no humor: "A que se chamava Raimunda morreu na segunda /A que se chamava Vanessa morreu na terça / A que se chamava Marta morreu na quarta / A que se chamava Jacinta morreu na quinta / A que se chamava Violeta morreu na sexta / O que se chamava Bernardo morreu no sábado / O que se chamava Deolindo ressuscitou no domingo" (Balada Trágica, p.204). Ou a salvação também reside em Eros: "Teu corpo atira a seda dos vestidos / claros sobre a fogueira dos espelhos. / Beijo-te a flor dos seios suspendidos / Te acaricio as ondas dos joelhos. // Vejo o teu corpo erguido como uma flecha / veloz singrando o ar. Como se fosse / a serpente dourada dessa mecha / que se estira no vértice da posse" (III, de Três Sonetos, p. 50).

Como acentua, com muita propriedade, Sânzio de Azevedo no prefácio do livro, **Barca dos Sentidos** "é um livro plural, onde o poeta se mostra em todas as facetas de sua maturidade artística e de seu poder criador". Verdadeiramente, Francisco Carvalho, como poucos, apreendeu a essência do moderno. Poesia é, principalmente, música. A forma, um mero disfarce. Daí a intimidade e a espontaneidade com que palmilha os ritmos e as formas mais diversas. Quer nos sonetos,quer nos haicais, quer nos versos livres, quer na rima ou na sua ausência, tudo em sua poesia se reveste do mesmo brilho, da mesma força. É, acima de tudo, um poeta comprometido com o poético. O que não o deixa de ser comprometido com o homem do seu tempo. Medita sobre o que é, ao mesmo tempo, efêmero e perene em todos nós: a perda, a arte, o sentido da vida. O que a vida lhe tira, suas mãos resgatam em poesia: "Invejo o boi boiando nas ravinas/ enquanto o vento sopra e o dia acaba. / Invejo a paz com que balança a cauda / ruminando indolências vespertinas" Cântico do Boi; p.38).

**Barca dos Sentidos** é a cristalização da técnica poética de Francisco Carvalho, bem como de sua visão de mundo. Se, como ressaltou Cassiano Ricardo, "A poesia é uma ilha cercada de palavras por todos os lados" e reside, essencialmente, nas sensações, tomemos essa "barca" para a grande aventura do mar.

O mar, tortuosamente calmo, do prazer poético.

In *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 1989.

## IRONIA E REMEMBRANÇAS NA CRÔNICA DAS RAÍZES

IMPORTA VIVER COM ALGUMA IRONIA.
Francisco Carvalho

*Carlos d'Alge/CE*

Mergulhar nos textos do poeta é mergulhar no abismo que há em cada um de nós. Foi o que fiz ao ler a Crônica das Raízes, de Francisco Carvalho, volume 37, da Coleção Alagadiço Novo, criada pelo professor Martins Filho, para o programa editorial da Casa de José de Alencar.

Vai longe o tempo em que Francisco Carvalho ganhou um prêmio da Universidade Federal do Ceará, no início dos anos sessenta, com o seu primeiro livro de poesia. De lá para cá, escreveu mais doze. Não podia, entretanto, deixar de referir o Prêmio Nestlé de Literatura, que ele recebeu em 1982, concorrendo com sete mil candidatos.

Atenho-me à Crônica das Raízes. Dividido em seis partes: Livro das Reminiscências, Sonetos de Fingimento, Sonetos à Retaguarda, Livro das Dissipações, Diário de Bordo, e Falsa Introdução ao Livro de Jó, Francisco Carvalho, neste seu novo livro, recupera poemas inéditos dos anos setenta e acrescenta outros. Como nos demais livros, há a palavra pensada e exata, a intensificação da ironia como processo estilístico, e a busca da identidade rural, acrescentando, nesta *Crônica*, a solidariedade para com os povos oprimidos da América Latina (a América Ladina e Libertina...), notadamente na "Balada Cínica" e na "Canção dos mortos do Equador"; ou de Moçambique (Elegia de Moçambique); ou para com a gente sofrida deste imenso Brasil, dividido pelo egoísmo e pela estúpida concentração de renda.

Encontro, em um ou outro poema, aproximações de leituras que nos são caras. Por exemplo, descubro uma certa identificação com Alberto Caeiro, em versos como estes: Todas as filosofias são inúteis. / (...) / Os deuses não são diferentes dos humanos.

Ou de um Camões, no poema que começa com *Stela vai à fonte*, ou mesmo de um Álvaro de Campos, em *Eu te digo que o amor não vale a pena*. Na verdade, todos nós, particularmente os da nossa geração, fomos alimentados por um Camões, por um Pessoa, e pelas aquisições feitas ao longo dos anos em que nos fartamos da literatura ocidental.

O processo da ironia em FC. Ai do leitor não fosse a ironia para torná-lo imune à poluição mental que o rodeia. Que o digam Machado e Eça, ou Dickens e Bernard Shaw. Em "Lição de Anatomia", o poeta FC fala de realidades como estas: mulheres são animais lindos / (...) / Cavalgam nossos sonhos / e nossos desatinos. / Esvaziam nossos bolsos / e enchem a casa de meninos.

Ou reclama da (in)justiça; nos "Sonetos da Epifania": Ensinei que a verdade principia / no coração onde se hospeda o amor. / (...) / Só não mudei o coração dos príncipes da lei.

Ou verbera a situação verde-amarela: Os grandes mentirosos contumazes / prosperam no país da verminose. // Ou se vive de engodos e de frases / ou se morre de forme ou de overdose.

E, para o amor, reserva uma premonição ácida: Os que levam o amor a sério são péssimos amantes. / O amor é um refinadíssimo canalha.

Ai daqueles – diria eu – que, um dia, levaram o amor a sério...

As remembranças trazem do passado a velha casa, os lugares da estima do poeta. Nessa revisitação, cabem a saudade e o olhar que percorre o sótão, o campo, o oleiro, os potes, os animais, a natureza, e a identificação com o menino que se perdeu na bruma do tempo: *Há sinais do meu corpo na pedra ancestral*. Do homem que festeja os cinqüenta anos, um certo dia, e diz com amargura: *Cinqüenta bolos de vida é tudo o que me resta*. O poeta, agora, tem mais rugas, o cabelo está grisalho, pode até ter mudado o gosto de existir: *O rosto que me fita da parece / não sei se ri de mim, se me detesta*, mas terá o necessário vigor e ânimo para celebrar no "Livro das Dissipações', a saga do corpo amado.

Descubro um toque inesiano no "Soneto de Coimbra". O tema já deixou de ser português, é universal, e dele trataram, entre outros, Gottfried von Bohn, Alarcón, Ferdinand Denis, Philippe Lefebvre, Mary Russel Milford, e Henry de Montherland. E, agora, Francisco Carvalho, que fala da lenda dos amantes que se perderam pela paixão, da tragédia daquela que se tornou rainha depois de morta. E *tudo acabou no mármore calado*.

O poeta não escuta o sino *na aldeia da minha alma*. Como ele, tento, às vezes, perceber também o sino da minha aldeia, tão longe, tão longe... Sentimentos bem distintos, como a perfeita "Serenata do Adeus para Antônio Girão Barroso", de quem lembramos a huma-

na figura, nos gestos, na prosa e no convívio: *Sósia de Chaplin, cavaleiro andante.*

Leio, num dos "Sonetos de Fingimento": *Sou convidado à ceia do teu corpo.* Na saga do corpo amado, o poeta percorre as diferenças. FC fala das *crespas curvas da nádega*, das *coxas onduladas como um rio*, e da *pousada da borboleta negra*. Quer, ainda, beber da *taça do teu corpo / como se bebesse / vinho do Porto.*

Certo, certíssimo, ó desavisados consumidores do vinho do Porto! Há que bebê-lo sem pressa, sem urgência, se possível, gota a gota, aspirando o seu néctar...

Ler um livro de poesia é penetrar não apenas na *anima* e no *animus* do poeta. É também penetrar num oásis, onde a sombra é agradável, a água, fresquíssima, o café sabe bem, e há quem o sirva com o hálito perfumado a hortelã e a anis. Há vagar para tudo, até para apreciar o dourado suave do pêssego, o seu aveludado extremamente sensual, o seu perfume, o gosto da moradia, o sabor do fruto que, certamente, era o fruto da árvore do Paraíso. Não o Paraíso do pai Adão. Mas o espaço enamorado de Dante, ao transpor o poeta o limiar do Purgatório. O Éden de que todos nós, humanos, andamos à procura.

Não é em vão que no "Livro das Dissipações" e no "Diário de Bordo", desta magnífica **Crônica das Raízes**, encontro três vezes o lexema *pêssego*.

In *Sal da Escrita* (ensaios de literatura comparada). UFC/PECJA, Fortaleza, 1997.

## O POETA FRANCISCO CARVALHO

*César Leal/PE*

A poesia de Francisco Carvalho parece-me que ainda não foi submetida a uma análise dos valores que colocasse em evidência as forças atuantes no interior de sua língua poética. Ainda que a crise do historicismo já não possa mais ser negada, e isso comprova-se em trabalhos altamente técnicos e banhados por um reflexo filosófico de importância estratégica nos estudos literários e históricos, tais como os mais recentes de Hayden White e, noutro nível, os do jovem filósofo francês Luc Ferry, acredito que estamos necessitando urgentemente de uma nova história da literatura brasileira. Nossas histórias da literatura estão envelhecidas. Mesmo as melhores nunca foram completas. Apresentam defeitos e omissões, como se pode observar a cada página da Literatura Brasileira de Sílvio Romero, ou da de José Verissimo, de Afrânio Coutinho e até mesmo a de Antônio Cândido. Tais obras não refletem, como mostram pesquisas recentes, a própria realidade de nossa literatura colonial. Esses grandes panoramas históricos – parodiando Ernst Robert Curtius – comparados aos sistemas de comunicação, seriam como o telégrafo na década de 20 posto em contraste com o telefone celular na transição do século XX para o século XXI. Nossas histórias da literatura não podem sequer ser atualizadas. Nem mesmo reescritas. Estão obsoletas. Precisamos de uma História da Literatura que opere uma integração mais ampla entre crítica e teoria e tenha como princípio apresentar uma visão transnacional da literatura, afastando os resíduos dos nacionalismos, com justa razão combatidos pelos romanistas, criadores, em grande parte, de uma nova ciência: a "ciência da literatura". São observações sumárias que me chegam à mente ao ler Barca dos Sentidos, de Francisco Carvalho. Seu universo poético é um universo literário por excelência, pelo menos para quem não aceita a separação entre expressão literária e expressão poética. Deixo o tema aos cuidados do sistematismo de Benedetto Croce. Mas concordo com a tese de Coleridge ao afirmar que a "poesia é a identidade do conhecimento". Os poemas de Francisco Carvalho possuem aquela unidade descontínua própria da lírica. Seu ritmo oracular é perfeito como nesse belo "Estudo da alma": Te carre-

go nas entranhas / como um cão uivando. / Um cão dilacerando / a memória. / / Te carrego nas entranhas / como se levasse uma / labareda de relâmpago / se esvaindo. // Te carrego nas entranhas / como se agasalhasse / um pássaro banido / do céu. // Te carrego nas entranhas / como se tivesse medo / aos olhos de areia / da eternidade.

O que vemos neste poema é uma série sucessiva de imagens. Imagens quase metáforas. Metáforas típicas de um poeta da modernidade. Não são metáforas tradicionais em que as velhas funções comparativas eram o fim buscado pelo poeta e a pedra de toque capaz de fazê-las íntimas do leitor. Baudelaire intentou algo parecido mas o verdadeiro criador desse sistema de imagens é Rimbaud. Depois dele, não há poeta moderno que as despreze, em especial quando somos guiados pela noção de "identidade do conhecimento", tal como proposta por Coleridge. A poesia moderna não teria o interesse que desperta neste século entre as melhores mentes se não contasse com essa técnica metafórica de transformação do mundo. Hugo Friedrich lembra, entre outras, as metáforas de Apoilinaire e Lorca: "A língua é um peixe vermelho no vaso de tua voz", "A lua ceifa lentamente o antigo tremor do rio". As metáforas de aposição: "Igreja, mulher de pedra" (Jouve); "outubro, ilha de perfil preciso" (Guillén). Em Francisco Carvalho as metáforas do genitivo são freqüentes e o situam entre um dos melhores criadores de imagens da poesia brasileira, ao lado de Murilo Mendes e mais uns poucos: "dourado coração da ursa"; "um vento de andorinhas"; "a solidão branca da asa delta"; "o relâmpago acende a candeia dos mortos"; "a coruja ponteia mortalhas de seda"; "o céu flutua nas águas do pântano". A poética de tensão do Dr. I. A. Richards dava importância fundamental aos poemas onde tais metáforas fizessem sua aparição. Outras metáforas de Francisco Carvalho: "... meus olhos foram desterrados nas praias da insônia", "ceifo o trigo da cólera", "os pardais brincam de ciranda enquanto a tarde sangra". São apenas alguns exemplos de metáforas que já nada têm de semelhante às velhas metáforas quando se buscava aproximar o conceito da imagem. Agora o que se busca é justamente o contrário: lançar trevas sobre o real para assegurar uma luminosidade mais forte no campo poético. Esse é um tema que tem mantido ocupado os grandes romanistas, inclusive Hugo Friedrich, cujos estudos sobre os fundadores da lírica moderna são universalmente reconhecidos.

Em "Soneto a um velho poeta", ainda que não cite o nome do autor, Francisco Carvalho nos dá esse perfeito retrato de Jorge Luís Borges: Vejo-te andando pelas ruas claras / Nalguma tarde recendendo a antúrios / Desfolhados. Vais entre adagas e urdes / Tempo e magia de Buenos Aires. // Urdes o arcano e a música diversa / Das coisas. Urdes a insígnia e os espelhos / Do Monarca. A reminiscência e os velhos / Emblemas das metáforas do persa. // Andas perdido entre relógios de areia / Mapas azuis de remotos paises/ Livros de Stevenson, cismas de Heráclito. // Enquanto o céu dos mortos devaneia / Teus olhos fitam com o fulgor do hábito / Outras distâncias, outros paraísos.

## O ritmo de sua linguagem é um fenômeno raro em nossa literatura

O poeta Francisco Carvalho publica *Girassóis de Barro* (edição da UFC, Casa de José de Alencar, Fortaleza, 185 pp, 1997), poemas que justificam a entusiástica recepção de sua obra entre os melhores leitores de poesia brasileira neste fim de século. Mas, quando digo sua "obra poética", é claro que não me refiro apenas a *Girassóis de Barro*. Falo também dos vinte e um livros que já publicou ao longo de sua vida. A esses livros anteriores, ele junta mais este. É algo assim como a "palavra de

fogo / gravada no umbral / das cem portas de Tebas", ou se o leitor prefere, o "abutre vermelho / roendo as entranhas / dos muros de Tróia". Assim é a poesia de Francisco Carvalho: um poeta moderno com uma densa compreensão da importância dos conceitos de Antigüidade e Contemporaneidade. Pois sem um inter-relacionamento desses conceitos, os termos moderno e pós-moderno não passam de meras abstrações teóricas.

Mas não se pode ficar indiferente á beleza de avenidas como estas: "o pássaro no espaço / o pássaro no asfalto / o pássaro no espelho // o pássaro na escarpa / o pássaro na estepe / o pássaro a estibordo // o pássaro no exílio / o pássaro no ventre / o pássaro no vértice // o pássaro na bússola / o pássaro na lâmpada / o pássaro na nuca // o pássaro no tempo / o pássaro na cópula / o pássaro na cúpula // o pássaro no estio / o pássaro na aurora / o pássaro na voz".

Faço o elogio dessas formas com plena consciência das forças mágicas que nelas se concentram. E se tivesse que demonstrar a sinceridade do que afirmo, a minha própria poesia seria um exemplo. Só um poeta competente – e Francisco Carvalho é competentíssimo – poderia escrever estes versos: "Águeda na chuva / e no vento. Em chamas / no meu pensamento".

Poetas à semelhança de Francisco Carvalho são poucos em cada século. O alogicismo de sua linguagem é característico da melhor arte do nosso tempo; isso já será suficiente para situar Francisco Carvalho em posição singular no quadro da poesia brasileira contemporânea. O alogicismo da poesia intensificou o sentido de suas linhas a partir do século XIX, em especial com Rimbaud, e alcançou grande força neste século em certa fase da poesia de Paul Eluard. Mas o alogicismo sempre existiu entre os grandes poetas, e continuará a existir através dos tempos, enquanto houver poetas e poesia.

No poema **Sábado**, Francisco Carvalho se refere a "vento pálido", também fala de "fel da lágrima", que efetivamente pode aludir a algo referente a dor, desgosto, já que a lágrima se associa à idéia de choro, de sofrimento, dai o amargor do fel. Mas "o azul metálico / da égua árabe" lança o leitor no núcleo do "absurdo como recurso de liberdade". Ou seja, nos atira bem no centro de uma expressão surrealista. Também se pode observar posições tipicamente ultramodernas como: Hoje é sábado / o vento é pálido / e tudo é sólido.

Contudo, o terceiro verso da última estrofe – o poema tem seis estrofes – desfaz o terceiro da primeira: "e nada é sólido".

É essa técnica de oposições deliberadas a pedra de toque dos poetas da modernitas, como ensinam os teóricos da poesia. Francisco Carvalho pertence a esta família, que não é tão grande quanto se julga. São poucos os que cultivam tais flores em seus jardins. E possuem o dom de ver o quanto há de belo e de duradouro em poesia construída dentro desses padrões de exuberância e rigor. Os romanistas – e os mais completos entre eles, paradoxalmente são alemães – definem tal poesia como "romantismo desromantizado", – algo equivalente á poesia que vem sendo cultivada pelos mais completos poetas do século XX. E essa é a melhor definição para Francisco Carvalho: "romântico desromantizado", o que equivale a ser "moderno", "pós-moderno" (valha o termo com toda a sua carga de imprecisão). Por isso, quando presta homenagem a Minas, através da grande Yeda Prates Bernis e outros, adverte: "Não imaginem os desavisados que este poema seja uma tentativa de voltar aos tempos e à prática da poesia bucólica dos árcades", advertência desnecessária, já que é evidente o abismo que separa sua expressão das formas cultivadas pelo Poeta de Marília, que na realidade foi um criador de belos poemas, e ao modo de Francisco Carvalho, um homem do seu tempo.

E isso está presente nessas torres e avenidas de palavras presentes em Girassóis de Barro, um livro que coroa muito bem os 70 anos de vida do poeta brasileiro.

In *Romance da Nuvem Pássaro*. UFC/ PECJA, Fortaleza, 1998.

## O SILÊNCIO É UMA FIGURA GEOMÉTRICA

*Dias da Silva/CE*

Acabo de ler, pela segunda vez, as 167 páginas de poesia densa, de **O Silêncio é uma figura geométrica**. Silêncio, aqui, materializado numa comparação expressiva e de grande potencial sugestivo. Porque li, alhures, que o silêncio é a soma de todas as vozes. E mais: é o suicídio das palavras. Cada qual com sua compreensão de silêncio. Tudo bem: fico com a imagem de Francisco Carvalho.

Ensinamentos, salvação e emoções especiais da primeira leitura se repetem, mais intensamente, pois é, justamente, o que conta na obra literária: a possibilidade de continuar descobrindo dimensões de leituras sempre novas.

Por isso, com **O Silêncio é uma figura geométrica** (Coleção Alagadiço Novo, nº 300, do Programa Editorial Casa de José de Alencar), Francisco Carvalho se põe, mais uma vez, entre os nossos grandes poetas.

Porque só pode ser poeta quem vê a velhice assim: "Chega um tempo em que não percebemos / as mutações do corpo, a mecânica das pernas / e dos braços, o sabor do café, o aroma / corrosivo da vodca, a lentidão das idéias / o amargo da boca, a acidez da alma..."

Porque só pode ser um poeta grande quem tem preocupação quase obsedante com a morte e a vê assim: "Uma esfinge de areia / em figura de cabra. / Cadela no cio / a morte é uma ladra..." É verdade, o tema morte chama a atenção do leitor, neste livro, pela constância e teimosia. Em mais de 47 momentos, deparamos, literalmente, o termo "morte" ou expressões ou conjuntos lingüísticos outros que lembram essa ladra, para quem não adianta fechar portas e janelas.

Porque só pode ser um grande poeta quem vê a mesa assim, quando a quase totalidade percebe apenas algo de madeira sob uma toalha de linho: "...Vejo uma árvore esgalhada no topo da montanha / de braços abertos / acariciada pelo vento e os pássaros..."

Porque só pode sair da pena de poeta grande o elemento "tempo", que marca presença em quase todos os poemas de Francisco Carvalho: o tempo e o vento. "O tempo, esse adivinho / que semeia augúrios / pelos caminhos..."

Todo mundo, por todo o mundo, já falou de amor, mas só um poeta grande disse que "O amor / é um calafrio / que nos percorre / o corpo / e vai desaguar / na foz / de um secreto rio".

Porque só pode ser um poeta maior quem expressa a fugacidade das coisas, da vida, de tudo – "Tudo se gasta aos olhos do relento..." "Até a alma vai secando lentamente dentro / do corpo, se consumindo feito o gume duma faca amolada..."

É verdade: o tempo não perdoa o que se faz sem ele. Por isso só pode ter saído de um poeta grande esta filosofia grande: "Não é o tempo que nos mata. / O que nos mata / é o uso indevido / que fazemos do tempo / e de suas dádivas".

Porque só pode ser poeta singular quem diz o que nunca foi dito assim: "O luar é um líquido espumoso por cima / dos telhados..." E ainda: "Os meus olhos são punhais cravados / no dorso dos séculos..." Ou quando faz versos assim: "Quando os poetas morrem / as suas almas fecham todas as portas / e as metáforas se calam..." E saber-se que o verso de Francisco Carvalho é uma metáfora carregada de expressividade, de força poética, de sugestões e de emoções especiais.

Não somente os poetas: todos temos as portas fechadas, para o mergulho nas águas do Letes. Inexoravelmente. Para

que orgulho e vaidade vazia? O vento apaga tudo da face da terra. O tempo é um carrasco que tudo devora. A chuva cobre de lama todos os espíritos. E a fama é só o esquecimento adiado.

Porque... Bem. Porque só um poeta assim grande pode dizer assim de uma simples lavadeira: "A lavadeira / apaga as nódoas do pecado / com a espuma do sabão..." "...o sangue dos lençóis de linho / as lágrimas dos rios / e dos peixes..."

"Lutar com palavras / é a luta mais vã...", de Drummond, são versos que declaram sabedoria. "Entanto lutamos / mal chega a manhã" – servem de consolo melancólico aos condenados a escrever pela vida em fora. Escrever pode ser uma luta vã, mas muitos o fazem, "para não morrer, para não desaparecer de todo, para vencer a efemeridade da vida e o silêncio do futuro".

É preciso, pois, saber manejar esta arma poderosa que é a palavra. Porque "uma palavra / basta / para ferir de morte o poema". A palavra, em Francisco Carvalho, pela maestria do manejo com que a trabalha, adquire a força de ensinar, a força de emocionar artisticamente: o Autor sabe como explorar a riqueza e a versatilidade dos meios verbais.

A melhor maneira de dizer tudo é dizer apenas a parte que convém e como convém, sem exagero, sem inchar, com os pés no chão. Francisco Carvalho, com linguagem ricamente figurada (sem absurdos) e com a "desrealização" da matéria, diz o que convém, sem petrificar o dito. Com emoção que toca o leitor e com a beleza que só as verdadeiras obras de arte proporcionam. Assim, recorrendo a imagens inúmeras, a figuras sem conta, a alusões várias e referências culturais, num alargamento fecundo da semântica, visualiza, teimosamente, o tema da morte; a preocupação com o tempo; o vazio da vida; a fugacidade das coisas; a perplexidade em frente dos quadros da natureza e a inutilidade do esforço humano.

E tudo isso enche as 167 páginas de **O Silêncio é uma figura geométrica**, de Francisco Carvalho, num estilo inteligente e linguagem límpida, de uma adjetivaçao adequada, formando versos em que "não sobra nem falta nada".

Francisco Carvalho tem o domínio da linguagem artística. Expressa ensinamentos, salvação e emoções estéticas com imagens especiais: a essência das coisas sobrepujando o seu aspecto. O imaterial vencendo o material.

É verdade: o Autor, em **O Silêncio é uma figura geométrica**, faz linguagem poética, densa e tensa. Foge dos estilos diluidores, em cuja fuga está a presença-desafio do texto como processo de desvestir e desmistificar clichês de linguagem.

Se a obra de arte é uma máquina de emoções, **O Silêncio é uma figura geométrica** é uma obra de arte, porque cada poema é uma espécie de máquina de produzir estado poético, de produzir emoções especiais, de reclamar leituras com descobertas novas, pois o ânimo do leitor e sensibilidade se fazem pares e semelhantes às do Autor em face de vibrações em uníssono.

O leitor, de fato, não vai esquecer esta obra porque é uma obra de arte, porque nela se encontra, porque é grande poesia-expressão "daquilo ante o que a alma ressoa; daquilo que a faz vibrar, daquilo a que a alma adere.

In *Binóculo*, nº 18, Fortaleza, 2002

## ESPELHOS DA METÁFORA

*Domingos Carvalho da Silva/SP*

Com cerca de dez livros editados a partir de 1956, começa agora Francisco Carvalho a transpor os muros literários do Ceará, onde publicou toda a sua obra de poeta. Nome freqüente em alguns periódicos do sul do país, tornou-se mais conhecido no ano passado ao conquistar, em S. Paulo, um prêmio disputado por milhares de concorrentes (o Nestlé). Quase ao mesmo tempo era impresso

outro livro seu – *Rosa dos Eventos* – nova demonstração do poder criativo e da perícia às vezes tulmutuária com que manuseia a linguagem do poema.

Neste novo volume destacam-se, desde as primeiras páginas,os processos preferidos pelos autor: a anáfora, base estilística da metade das páginas do livro, e a metáfora, sempre surpreendente e por vezes insólita, lavrada num léxico não menos insólito e repetitivo. Entre as palavras que merecem a escolha do poeta sobressaem estas: *vento, arcano, escória, diáspora, equinócio, gonzos, faca, âncora, fantasma, escuma, anonimato*. A presença de outras como *apascentar, cabra, alimária, ruminante, pau d'arco, gado* e *sazonado* pode sugerir o domínio dos temas da vida rural. Isto não ocorre, porém: tais palavras participam, tão-somente, do sistema dos símbolos que armam a sua mitologia poética.

Da análise do sistema metafórico deste livro resultaria um ensaio longo e surpreendente, revelando a rara mobilidade semântica do seu texto. Veja-se a insólita palavra *escória:* aparece em metáforas como *escória do mito, escória do sonho, escória das estações, escória dos eventos, escória do asfalto, pedestal da escória*. Entre muitas outras metáforas destacam-se, ainda, as *pestanas de salitre,* os *potros da alba*, os *potros da memória*, a *cauda do equinócio* e a *mansarda de espuma*, algumas delas,como se vê, coloridas de preciosismo barroco. Na verdade, se esta *Rosa dos Eventos* (note-se no título a *aequivocatio* de gosto cultista) não puder ser definido como livro barroco, não será porque lhe falte a sutileza das metáforas do tipo de *pégaso da alma, espelhos do sigilo* e *pálpebras da lua*, mas porque, sobre tais *elegâncias*, pesa o realismo por vezes combativo dos *gonzos do vento*, do *ouro do orgasmo*, dos *tamancos da vida*.

Entretanto, o subjacente barroquismo do livro define-se numa espécie de *estética da desordem*, que lhe marca os poemas, por entre os quais repontam algumas fontes apreciadas pelo poeta. O leitor não encontrará uma "gata de olhos de ágata" (págs. 55 e 84) sem se lembrar de *Femme et chatte*, de Verlaine, nem lerá o poema "Enterro", com repetidos irmãos das almas, sem recordar a *Morte e Vida Severina*, de Cabral de Melo Neto. Outros poemas mostram ser Carvalho leitor atento (mas não tributário) de Fernando Pessoa, Eluard e até de Antônio Nobre (ou Rodrigues de Abreu?). Ao manter, porém, a própria voz, justifica o poeta cearense a crescente repercussão da sua obra.

In *Jornal do Brasil*, Rio, 1983.

## FRANCISCO CARVALHO. A HORA SOLENE DA POESIA

*Aqui estou perdido entre os eleitos.*
*A vida passa e os sonhos não retornam.*

*Dorian Gray Caldas/RN*

"O tempo nos agride", mas a poesia nos eleva. O poeta Francisco Carvalho sabe disso, do seu compromisso com a poesia. Sabe e a exorciza como um bom amante; "pastor fiel" e às vezes desesperado reacendendo "a luz das coisas pequeninas". A palavra, a sua palavra, é mel de abelhas, luz no pântano, anjo evadido " em busca do paraíso". Verbo do sonho. Espalha a sua poesia transcontinental em todas as partes; no chão generoso das Américas; e principalmente no coração dos jovens poetas. A todos espalha estes ramalhetes dos sonetos; estas rimas sonantes como os metais das festas; as flores dos barcos que vão para a guerra. O poeta ama a palavra; nauta em busca do paraíso. Norteia novas rotas da memória afetiva pelos que ama, sonha e se veste de "espantalho" para realimentar o sonho dos amantes, para exorcizar o pássaro em pleno vôo; colhe "o pólen das horas e das heras", viaja no barco de Ulisses, ele, o "barqueiro fugido dos invernos; descendo os rios das rotas impossíveis ou impassíveis?, todas as rotas são pos-

síveis na poesia. Levas "teus velozes remos" da poesia à maneira de um Haikai subjetivo de Bashô "ao sol dos negros olhos de Rachei", onde certamente giram os girassóis de Van Gogh. Faz da sensualidade uma imagem visual, virtual. Deita-se na relva de Walt Whitman para sentir "os antepassados (que) permanecem vivos e volúveis na memória". Nas "fotografias". nas "folhas das samambaias" na misteriosa linguagem das pedras". De todos os tempos vens com pressa de viver a necessária permanência da poesia "ao sol das pálpebras das dançarinas". Pois seu reino é deste mundo: "meu reino é deste mundo e deste tempo". E o seu tempo é também o tempo acordado da poesia. Bailarino do vento, pastor de flauta. O vento é que é o seu rebanho de cabras. Virgílio te escuta na bucólica água que corre do Parnaso: este rio que somos desde quando Heráclito uma vez passou sobre ele como a sombra de um pássaro; e nunca mais foi o mesmo. Rio profundo como os rios do poeta Langston, todos os rios afluentes de um deus fazendo-os correr de suas mãos a cântaros. Daí a sua grande dúvida, a sua dúvida existencial; todo o rumor de suas águas subterrâneas; as águas da vida e da morte. A sua cumplicidade poética e a sua busca inquietante. Dizes "o tempo nos torna cúmplices da vida", e da morte, a cumplicidade da poesia. Mas o amor o redime. "Só o amor nos redime do caos, reconstitui cada fragmento das nossas ilusões dilaceradas."

Estas algemas do amor; este evangelho do amor. "Pulso de febre" do poeta, único porto dos náufragos. Estrela da tarde; crepusculário de outras tardes de esperanças: porque mesmo apagando-se o sol em seus últimos vestígios, mantemos ainda acesa a lâmpada da alma.

## II – A Árvore da Poesia

*Que deuses somos nós, que galopamos*
*num corcel fulminado pelos anos?*

Francisco Carvalho, árvore forte do adquirido sobrenome. O Francisco pode ser de Assis; o peregrino, o santo, mas o Carvalho é da terra; plantadas as suas raízes no trono da terra, na invadida câmara de vida da terra, floresce aos "olhos de Deus (estão) acordados à nossa espera. Escuta o poeta "o vento nas folhas das samambaias", e "tudo nos diz que não estamos sozinhos (...) como os séculos no caule do cedro". Esta presença da alma vegetal; da árvore do nome, da natureza mais íntima da terra, está sempre presente na poesia de Francisco Carvalho. Eis o poeta. A espera do poema. "Não visite / o poema. Espere / pela sua vinda." Sabe a hora da poesia, como um sortilégio, um frêmito. uma dor na alma. Conhece o poeta este momento mágico. Esta eleição. Na hora solene escuta o poeta "as súplicas dos argonautas de Ulisses, as imprecações de Penélope."

Viaja neste mar de Ulisses à deriva como Rimbaud no barco ébrio, ébrio de poesia levando em suas águas, "vozes e reminiscências mortas".

"A vida está aí." Com anjos e violinos, com vertigens e relâmpagos; queimam as asas dos anjos, mesmo no paraíso, o poeta é joguete de encontro às paredes do céu. De encontro ao volume das águas. Somos este líquido. Esta substância anfíbia procurando a forma primeira. A ressurreição dos mortos, a visita dos antepassados; a explicação dos deuses. "A existência não passa de migalhas".

Somos as migalhas que restaram do banquete dos deuses; "das iguarias dos deuses." Se algo temos em comum é esta exegese de fazer, é esta deserdada e altíssima voz que não se cala, não se conforma.

Francisco Carvalho muda constantemente de rima e de forma, assim como a vida, exercita o soneto, a sextilha o decassílabo, o verso largo alexandrino, o poema visual, malarmeniano, sem perder sua unidade essencial: o seu compromisso com a palavra, "ama to-

das as mitologias", a rima e métrica, a imagem e a parábola, "os paradoxos", a ancestralidade do sangue e a ternura no homem. Tudo ama o poeta, ou melhor, é o poeta. No átomo invisível e no chão que habita,à espera do milagre; a espera que se confirme em qualquer hora, hemisfério ou tempo, o milagre da vida e a descoberta da morte. Em tudo e em toda parte está o poeta, "e se não está em uma parte está em outra, como dizia o poeta Walt Whitman, "em algum lugar estaremos a sua espera" para que aconteça o milagre da poesia e a solene condição do resgate humano. Porque o monarca "perdeu a glória e foi dormir à sombra das arcadas."

Os remos estão vazios. Calígula insone passeia nos corredores do palácio, com medo de perder a Lua. Só o poeta conhece o tempo e convida o estranho para o banquete da vida.

## III – A Terra e o Sonho

*Onde os rios secam / onde morre o gado*
*/ onde os velhos sonham / com celeiro farto:*
*/ estou de vosso lado.*

A poesia do poeta Francisco Carvalho é universal. O homem é nordestino. Perscrutador "da chuva nos beirais", como um bom sertanejo, sabedor de invernos e rebanhos no doce ou árido aclive dos montes; pastor de nuvens e plantador de sonhos; de pedras e *centeio* nas rocas do estio incendiando os girassóis. O poeta nasceu com este signo do sertão onde viu acesos os *mandacarus* roçando "nas costelas do sol". Nesta terra adusta "tange as cordas da lira caipira". Sonha. Argonauta nordestino ouvindo as vozes das musas inquietantes e as lamentações de Penélope. Renova o canto trágico grego no canto das rezadeiras, nas profecias dos profetas, ou nas trovas dos bardos anônimos das feiras nordestinas. Renova sua lira, sua ira, seu desconforto nos olhos da fome, nos poetas sem nome. Escreve novamente a canção "onde os rios secam", onde cresce o milho, onde couber o estribilho. Onde o fruto amarga, bebe o vinho que avinagra "onde morre o gado" planta um novo prado. Faz-se *espantalho* onde recolhe ao cair da tarde os passarinhos. Celeiro farto do milho debulhado, do ouro do milharal onde cabem as léguas que "sonhou para vencer", no caminho de volta à casa do avô. A casa plural ancorada como um navio no verde canavial, ou quem sabe, nas pontas dos girassóis. A hora solene dos campos. O aldeão reza, a aldeã se curva para a terra. É a hora do Angelus de Millet.

A hora dos últimos feixes de luz dos fenos, na fibra das feridas das ferrugens invisíveis das tintas. Os últimos lençóis de sangue no horizonte sertanejo; "roça a fímbria / dos campos e a ternura dos rebanhos". Tudo se aquieta nesta paz dos campos que tem "odor de relva e eternidade". De dias antigos vens com as árvores e as chuvas, os pássaros e os astros lavrando a geografia da terra; o homem do campo, as utopias das palavras "todas as palavras têm o seu colar / seu tempo de esquecer e de lembrar". A ternura das coisas simples e sábias de seus "mitos prediletos". Porque, como diz Mallarmé, não se faz poesia só com idéias, mas com "palavras", e estas palavras em sua poesia são os seus mitos reinventados "os seus meridianos do êxtase", as âncoras que descem profundamente aos rios subterrâneos de sua alma, para de lá extrair a pérola da palavra; a luz essencial do poema. Vens no poema vestido de *espantalho* ou disfarçado de profeta, pastor e guardador de rebanhos como aquele personagem de Fernando Pessoa, trazendo no seu bornal a farinha e o mel, a água e o silêncio. Vens na grande noite redescobrir a palavra e celebrar o encontro: o encontro do homem com a sua terra e com os seus mortos/vivos queridos. Vens do "celeiro farto" para a voragem do tempo hoje; com a mesma sabedoria ancestral; as mesmas linhas da vida e da morte, dos sonhos e dos sentidos acordados aos "olhos de Deus a (sua) espera". Esta é a missão do poe-

ta; o seu salmo, a sua doação. Trazer ao pé da temporalidade a palavra perdida; a profundidade da sua alma. Esta é a ordem oculta da vida, para a qual, como nos diz Anton Ehrenzweig, "precisamos de toda sabedoria e resignação para aceitar o fato da nossa própria morte." Vida e morte tecidas como num tapete, já dizia o poeta. Uma nau que vem em direção ao porto. A ancoragem do barco nas "raízes da água". Estas raízes das águas primeiras ou últimas da viagem. O poema planta a mesma árvore da infância (a que já estava plantada pelos seus antepassados) espreita o mesmo *espantalho* (no milharal) do homem; traz nas mãos de um tempo imemorial essas rosas de areia, que escorregam sempre das nossas mãos; a terra que é nosso latifúndio, e é também o nosso túmulo. Êxtase de estarmos sobre ela; arautos da poesia que revela-se no poeta como um signo de fogo à espera do milagre.

(*A Ordem Oculta da Arte*. Anton Ehrenzweig. Zahar, Editores. p 170.)

## IV – O Telúrico

Quando Anton Ehrenzweig diz que "nunca precisamos conhecer todo o uso de uma palavra para compreendê-la num relance", certamente ele está relacionando a palavra à sua autonomia, principalmente poética. Para compreendê-la, ela basta-se a si mesma. Atravessa "a fria fronteira que nos separa da alma", para resplandecer no corpo da poesia. Esta fronteira do imprevisível nos mantém de alerta para o acontecimento da poesia. Francisco Carvalho conhece bem esta visita da alma; esta comunhão sub-reptícia de poesia, não está a níveis conscientes, métodos ou ações, conceitos e lógica. É da natureza da luz e só terá uma definição completa quando o uso dos seus símbolos está perfeitamente de acordo com a sua ordem criadora (poética), de sua verdadeira finalidade: a poesia. Se analisarmos a poesia de F. Carvalho, do ponto de vista telúrico e seu universo visual e criativo das emoções vividas na infância; a casa do avô, a paisagem aprisionada como um *sino da aldeia*, os sons, "na crista ensolarada de algum verão", é fácil perceber-se que o poeta está "confiscado pela sombra do pai"; que nem o menino nem o homem pertencem mais ao território de ontem. E sente-se a dor de ter perdido os andaimes da casa nas paredes da solidão. Sabe que "tudo se apaga, tudo foi ontem; mesmo o ontem tão próximo que a poesia realizou o milagre da presença. "O lenho antigo reverdece agora. Hoje meu pai é seiva soterrada", memória que "abrange a eternidade". Esta a eternidade da poesia e do poeta, resgatar no tempo certo as roças do sonho, "as tardes de azulejo e porcelana", o poder da criação. O poeta é este trânsito constante. Este ir e vir nos continentes imprevisíveis; a porta de qualquer morada na flor e na eternidade, não faz a casa só de "tijolo e barro", mas também da asa da ave que é a nossa (sua) alma".

Habita o cotidiano nas muitas moradas ou na casa ancestral dos avós, nos corredores mudos; "a eternidade não tarda nunca e essa certeza era uma chaga aberta no ombro do poema". O poeta (faz uso desta eternidade como Ícaro, que perdeu a asa ou Prometeu ameaçado. "Devora-me ou decifra-me". Esta a condição da poesia ou objeto na voracidade do tempo. A luta com Sísifo até a última esperança, descobrir em todos os promontórios de sua peregrinação "o prodígio (da poesia) que não se vê de olhos abertos". O prodígio hoje de ainda ser e acreditar na poesia.

(A Ordem Oculta da Arte. Anton Ehrenzweig. 2. ed. Zahar Editores, 1977.)

## V – A Poesia Solidária

*Eu falarei de amor com tal saber / que os lábios não se neguem de louvar-te / e os olhos não se cansem de te ver.*

Mailma de Souza, no prefácio ao livro de Francisco Carvalho, "Girassóis

de Barro, diz que "apesar da influência de Camões, Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade e outros que marcaram sua vida literária, Francisco Carvalho tem sua própria voz." Voz que vem de um passado conteudístico, juntando-se à grande voz geral da melhor poesia. Significativa e única em si mesma, "uma espécie de sensibilidade espiritual em contato com a matéria", no dizer de Jacques Maritain, esta matéria da poesia. Esta significação superior da poesia. Este é o trabalho do poeta, edificar novamente a poesia, reinventar o mito, "beber do cálice das mágoas", "com a sua infinita sede". Plantar novamente a semente há milênios, no chão duro dos homens, no santuário dos deuses, na loucura transitória da vida; porque deve haver uma razão para a vida. Sem isto, não poderia existir o poeta. "Todos os caminhos se deitam na relva / para dormir." Mas o poeta está acordado para a poesia; "buscar as utopias / nos deltas da memória." Por isso o poeta diz, a terra não será propriedade de ninguém, que o poeta pode muitas vezes ser solitário, mas é indiscutivelmente solidário. Solidário com seus irmãos de "sonho, trigo e liberdade." "As cinco de la tarde o encontro com Lorca" quando "punhais e violinos / acordam Tarragona. "Lorca que os touros negros da morte "sangraram" o seu coração de poeta, quando' os cães ladravam muito longe do rio, sobre o chão de Granada, sobre o campo de trigo, sobre a terra proprietária de seu corpo violentado e uma rosa vermelha se abria. Na casa de Bernarda Alba não houve função neste dia. Calaram-se mudos e quedos os poetas. Garcia Lorca, o lírio de Espanha, morria. O símbolo da liberdade, a doce voz de laranja e alfazema, estava muda para sempre. Outra vez se levantava; a voz unânime da poesia. Francisco Carvalho junta a ela / a alta e bela poesia, a voz geral; num canto uníssono, a todos os que sofrem e clamam por justiça.

Diz-nos Jorge Tufic, que o poeta Francisco Carvalho, usa "uma metáfora nova", e o que é a poesia, a boa poesia senão esta metáfora dos deuses, dos iniciados no sortilégio da poesia? Esta dor transubstanciada, uma Ode de Safo, uma visão de Milton, no paraíso, uma iluminação de Rimbaud? "Evocadora de todas as coisas destruídas" no dizer do filósofo Estesíco, mas recriadora pelo poder da palavra; os fios tecidos de Penélope; esta túnica tecida da urdidura do poema. Este é o trabalho do poeta, edificar novamente as paredes dos versos, levantar a coluna jônica, plantar os girassóis do sonho, estes que não desfazem-se com os ventos maus da contemporaneidade inconseqüente.

## VI – Pastoral

*Tu me acharás na solidão das brenhas. /*
*No céu dos anjos já palpita a luz, /*
*na sombra exausta não é noite ainda.*

O poeta adverte que este poema. "Pastoral de Minas", dividido em Cantos, não é "uma tentativa de voltar aos tempos e à prática da poesia bucólica dos árcades", mesmo porque a poesia de Francisco Carvalho não traduz um sentimento de época, e sim uma interpretação subjetiva e atemporal de poeta. Tanto pode tomar como tema o bucolismo virgiliano, como pode (e em muitas vezes é) notadamente esta máquina do mundo drummoniano. Tem a sua palavra a sua "flecha de luz", mas tem também o fio da navalha, a seta arremessada ao olho da esfinge. É preciso decifrá-la: o poeta se reencontra com o pastor que guia suas ovelhas "às relvas da memória". Que todo poeta é este pastor apascentando nuvens à procura da estrela "faminto do trigo do seu verbo". E o verbo se fez poesia. Em versos claros e terminações abertas em vogais em sua maioria, vai o poeta tecendo a sua poesia claríssima; "pórticos' do seu reino, grãos de sua colheita. De espaço a espaço da poesia, a poe-

sia vai construindo os seus sonetos "na chama da candeia" no sol da noite, no perfume do dia, na sombra deitada, na "pluma dos cisnes" na armadilha de Deus, preparada desde a eternidade para prender o poeta em suas algemas de cristal. Constrói em decassílabos que Camões ouviria com atenta autoridade, os poemas de amor "Eu falarei de amor tão docemente", os seus cantos mais claros e mais belos. Porque de amor só o rigor das rimas e a perfeição da métrica não bastam. É preciso transbordar à alma. Solto o pensamento, minimizando o "somos heróis de efêmeras pelejas", pelejas e decepções sofridas também por Camões ao fim de tanta luta e tanto empenho, no seu canto décimo de os Lusíadas, Francisco Carvalho renova a sua lira, pois que "os lábios não se neguem de louvar-te / e os olhos não se cansem de te ver."

Francisco Carvalho louva sua lavoura "dourada pelos frutos do trabalho". "Pastor nordestino com o mel das abelhas silvestres e as "flores rubras" ao "sol de abril", com as jitiranas e as velhas "imburanas", no entardecer solene das "ervas da planície", avistando os "cedros da montanha" e uma dor cala no peito dos dias idos e vividos; "na flor da inconfidência", nos caminhos de Minas, na poeira do tempo, na sombra das lembranças, vai o poeta desvendando e recriando o tempo ontem, a Marília eterna dos poetas, na réstia de "sol na branca aldeia", na casa alpendrada, sobre o vale e ao som do sino da tarde, na tarde que tarda, por toda a parte o poeta fala de amor e canta a sua mais bela canção.

## AS VERDES LÉGUAS

*Edigar de Alencar/RJ*

Escrevendo aqui mesmo há mais ou menos dez anos sobre um livro de Francisco Carvalho, chamei-o de baladista inveterado. O poeta sorriu com a classificação, em nada restritiva às qualidades invulgares de seu riquíssimo versejar. Mas me dei ao desfrute de então fazer-lhe uma que outra restrição, quase insignificante, ousada talvez, mas em nada afetando minha proclamada admiração pelo poeta, que já naqueles idos (1967) eu qualificava de maiúsculo no título da minha nota a respeito do seu livro "Dimensão das Coisas".

Agora com "As Verdes Léguas", edição da Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará, Francisco Carvalho reafirma seus méritos de poeta maior e confirma eloqüentemente a designação que então lhe dera. Pode-se dizer que a nova coletânea, de título tão expressivo, é um livro de baladas. Em menos de oitenta poemas, sonetos e pequenas canções, inclusive, o poeta de "Memorial de Orfeu", que Braga Montenegro sempre considerou o maior do Ceará, usa (e quase diria "abusa" se não temesse interpretação menos justa) da técnica de repetição de versos,que faz do seu novo livro um verdadeiro concerto de ritmos e harmonias. Poesia de musicalidade permanente, mas não de sonoridade oca ou monótona. Livro para se ler em voz alta, para que as doçuras melódicas nos cantem ao ouvido, sem perda da plenitude das frases e palavras que nos extasiam os sentidos: Vou partir sem rumo / Tempo temporão / montado a cavalo / nas crinas douradas / do vento alazão.

A facúndia de Francisco Carvalho lhe permite uma abordagem que admira pela opulência temática. Tudo ou quase tudo que propicia motivos para o versejar límpido (cada vez mais liberto das manipulações esotéricas), que atravessa fronteiras sem se perder na busca do território poético, que pode ser o sertão da vaca no pasto, ao lado do bezerro bizarro, ou a cidade onde tudo é cimento armado, dos seios da mulher aos túmulos e chafarizes. Sabendo dosar com invulgar habilidade e intuição estética sentimentos e coisas, mesclando a pureza do amor e da morte à materialidade de objetos e utensílios, o poeta de "As verdes léguas" obtém efei-

tos de extraordinário vigor lírico, nas suas descobertas magníficas, tal qual a mão de pilão que pila as espigas de vento e as estrelas do mar, ou a lembrança das compoteiras, num dos mais nutridos poemas do livro.

Pastor bem-aventurado de metáforas, com as quais transforma paisagens e lembranças, numa feliz conjugação dos tempos de ontem e de agora. Ressalte-se que neste livro, o poeta, como aliás quase todos os poetas menos jovens, de quando em vez se volta senão para os caminhos clássicos pelos menos para uma contemporização cada vez mais sensível com o verso, que pode parecer de ontem, mas não o é nem na forma nem no fundo.Uma abertura, para usar a palavra da moda, não somente oportuna mas justa e louvável. Na verdade, os poetas já não fogem das rimas e do metro com esconjuros, mas também não se pejam (como é o caso de Francisco Carvalho, louvado seja) de escrever baladas, embora sem as regras fixas e rigorosas do passado, como ainda de classificá-las com a sempre bela designação antiga. Isto vale.

No seu último livro, o poeta cearense é menos pessoal. Tempera o confessional com o descritivo. Pinta, imagina e sugere mais do que se queixa, o que me parece vantajoso para os leitores, que nem sempre a suportam lamentosa e íntima. Recorda para descrever e não para sofrer pelo menos exteriormente. Entretanto, a tristeza constitui uma das características de Francisco Carvalho, mesmo na pintura de quadros ou na enumeração de coisas e símbolos. E aqui e ali não disfarça o amargo como em "Cemitério de Alexandrinos", onde enuncia a convicção que se lhe ossifica na alma de que seus poemas são inúteis e morrerão consigo. Talvez se engane o admirável poeta. A não ser que o mundo continue no desvairismo que a tudo envolve e o cataclisma da sua perdição seja fatal e breve, a poesia de Frâncico Carvalho deverá ficar. E haverá sempre uma criatura que se embale com os versos cantantes da baladilha "Olhos de Fera", ou a beleza impiedosa e trágica da balada que assim termina: Chega um dia em que a verdade / passa por lenda caduca. / A infância vira saudade / teu coração se evapora / e a morte te lambe a nuca.

## O DIA EM QUE O MORTO AZUL PERCORREU AS VERDES LÉGUAS

*Eduardo Diathay Bezerra de Menezes/CE*

No pórtico de seu "Traité du Caractère", escrito na prisão, na época da ocupação nazista em seu país, Emmanuel Mounier pôs estas palavras incisivas: "Entramos numa desses crises periódicas do homem, em que ele busca na angústia reter os traços de um rosto que se desfaz ou reconhecer para si figura de homem no novo rosto que lhe vem. É preciso então escolher rigorosamente, na confusão de todos os valores, o que é ser homem, e homem de seus tempo, depois de querê-lo ousadamente, aliando a isso imaginação e fidelidade. Gostaria de reter estas duas últimas palavras para sublinhar a fidelidade de Francisco Carvalho à sua vocação poética e a fina imaginação com que tece o seu processo criativo, componentes ambos essenciais de sua opção existencial. Não me move, porém, nenhuma intenção de fazer aqui crítica ou teoria literária em torno de sua obra poética. Pretendo apenas registrar as reflexões e sentimentos que me despertou a leitura de seu derradeiro livro de poesia[1].

Aliás, o poeta parece advertir por antecipação àquele que se aproximar com semelhante intenção de seu labor poético: "Não perguntes demais sobre a poesia. Quem explica quase sempre mistifica. Poesia é a representação sensorial de um mundo em que todas as coisas nos foram negadas. Pretender mais do que isso é não pretender coisa alguma. Quando você perceber que o sentido da poesia é não ter sen-

tido algum, você achará "sentido" na poesia. Não há mistério algum na poesia. O mistério é viver sem poesia. Quem imagina que a poesia é uma fuga, com toda a certeza está fugindo de alguma coisa"[2].

Assim, a partir destas e de outras premissas que, apenas inferimos, Francisco Carvalho vem construindo uma obra poética consistente e duradoura, cujo percurso deixa entrever uma ou outra autodefinição que sua constante discrição nem sempre consegue velar: "Sou apenas um homem. / Nada esperem de mim / Que não seja esta agonia / a caminho de se transformar num álibi" (Poemas Possessos, **Os mortos azuis**, p. 179).

"Não pretendo escapar
de mim por esta fresta
de solidão na alma
.....
Não pretendo escapar
de mim no verso adverso
a toda forma e odor"
(Poesia, ibid. p. 165)

"O verso é um braço impotente
para ajudar os aflitos.
Preciso escrever na terra
uma canção de legumes"
(Canção dos Deserdados, ibid., p. 113)

"Tudo que tenho é uma espada de orvalho para o combate da morte. Tudo que tenho é esse desafio de esperas com que me vingo do silêncio de Deus". (Antiode em Clave de Sol – 3, ibid., p. 124).

"Sou um ser, o outro é metade / que a si mesmo se completa. / Um quer tudo, o outro quer nada. / Mais lavrador, menos poeta / e entre os dois a eternidade".[3]

Mas, talvez, a síntese de tudo quanto ele desejou ser e criar em liberdade esteja expressa num momento fugaz do poema. Um poeta cínico (de seu último livro), onde, depois de revelar a intenção de demolir os ossos da metáfora e as tripas da semântica, de cuspir na cibernética, de zombar da astronáutica e dar um soco monolítico na cara inverossímil da retórica, ele confessa com simplicidade: "Gostaria de ser um poeta cínico / e de escrever uma canção libérrima / em memória de todos esses pícaros / que vão morrer nas grades dos patíbulos. / Gostaria de ser um poeta cínico / pra não morrer de raiva neste sábado / enforcado nas cordas desta dúvida" (**As verdes léguas**, p. 100)

O próprio poeta fornece ao leitor, algumas explicações que em conjunto, chegam a compor um início de decifração de sua proposta poética, embora não constitua a chave de um processo em construção e cujo fechamento ainda não se deu. Veja-se, por exemplo, estes versos do Poemantitese e do Poema da Participação, ambos de um dos seus livros anteriores: "Meu coração é um punhado / de rosas comidas pela dúvida / Difícil é aprender / a exata solidão / Difícil é apalpar /

o contorno do ser / Difícil é ser árvore / num chão de ventos" (**Os Mortos Azuis**, p. 58).

"Num mundo em que não
te perguntam por nada
prefere o mergulho.
Prefere o engulho.

Num mundo em que não
te consentem na busca
prefere o silêncio
do grito no escuro" (Ibid., p. p. 110).

Mas é sobretudo no seu último livro que tais esclarecimentos se apresentam de maneira mais nítida, em poemas como Canção do Irmão, Cemitério de Alexandrinos, nó Cego, Vento Alazão, Didática do Poema e Engenharia do Poema, que cito nessa mesma seqüência: "Alguém tem de assumir a infância / pelos que não sonham / / Alguém tem de gritar ao vento / pelos que se calam // Alguém tem de apascentar o gado / pelos que desertam / / Alguém tem de escrever um verso / pelos que não amam" (**As Verdes Léguas**, p. 11).

"Sei que a vida se enrosca no âmago de tudo e é a isto que respondo com os meus versos inúteis. A essa profundidade que se engendra diante dos meus olhos como os andaimes de um edifício em chamas" (Ibid., p. 12).

"Meu verso é um nó cego / que não se desata // Meu verso é um nó cego / que zomba da morte / que calça e se veste / de acordo com a moda. / Um nó que começa / de dentro da corda" (Ibid., p. 43). // "Tempo tangerino /tempo temporão / meu verso é vertente / que nasce dos olhos / da população" (Ibid., p. 55) // "Não sei o que é poesia, / onde começa ou acaba. / Não sei se é pluma de Deus / ou se invenção do diabo. // Não sei quando essa linfa / irriga o sonho e seu caule. / Não sei se viga do corpo / ou se pilastra da alma. // Não sei o que é poesia. / Não sei o momento exato / em que cavalgo a vertigem, / em que sucumbo ao seu rapto. // "Fazer o poema / é estar em conflito / com o sangue que corre /

nas veias do mito. // Fazer o poema / é agarrar o agora / para pô-lo inteiro / dentro da metáfora" (Ibid., p. 81).

Francisco Carvalho é um amigo longínquo no tempo e no espaço a quem devoto uma admiração gratuita. Uma amizade paradoxal que se alimenta da ausência de diálogo e, portanto, de um mútuo silêncio que exprime certamente respeito ou pudor por aquilo que nem precisa ser dito. Mas creio não ser ilusório afirmar que nos identificamos no senso de humor, na ironia e no cinismo (no sentido em que Sócrates e Diógenes entendiam, respectivamente, estes dois últimos termos), que um cala ou oculta e o outro manifesta abertamente.

Numa época de produtividade, de eficácia e de racionalidade, o poeta e o místico nos dariam a incômoda impressão de espécies que se extinguem, não fora a permanência desses valores ainda que seja nos subterrâneos da aventura humana. Francisco Carvalho é um desses seres impossíveis que têm a suprema coragem de guardar fidelidade a coisas consideradas inúteis pelos que impõem caminhos exclusivos aos demais. FC é poeta da estirpe dos Fernando Pessoa, Bertold Brecht, Carlos Drummond de Andrade e de alguns poucos mais.

Mas retornemos às "Verdes Léguas", que Carvalho acaba de publicar e de, discretamente, doar-me um exemplar.

Que é que faz a unidade de um livro de poemas quando não se trata de mera coletânea? Em geral, no conjunto da obra de um poeta, mais um livro de poesia pode representar apenas aquilo que foi produzido num determinado período de tempo mais ou menos recente. Raramente se trata de um conjunto de poemas unidos por um tema central, como ocorre mais freqüentemente com a épica. É óbvio, no entanto, que isso não se impõe como necessidade nem acresce ou diminui o seu valor estético ou literário, já que, em princípio, cada poema constitui de per si uma unidade.

Não parece ser esse o caso do livro em apreço. Não constitui mera coletânea de poesias, nem há propriamente uma unidade temática. Existe todavia um mesmo fio poético que perpassa todo o livro e tece a sua urdidura em torno de três aspectos que me parecem fundamentais: um forte sentido da terra, um intenso sentimento de sabor bíblico e um ampla utilização do simbolismo como elemento essencial de sua construção.

Embora sua poesia seja na maioria das vezes bastante livre, não se pense que a sua criação desconheça as regras, o metro, a rima e as figuras de linguagem. Mesmo porém em tais casos, a sua poética se faz em liberdade ou não constrange o leitor com um formalismo factício ou artificioso. A outros mais afeitos a essas tarefas caberá o estudo de suas freqüentes palilogias, anáforas e paralelismos, que imprimem a seus versos certa estrutura melódica que os aproxima de antigos procedimentos poéticos de várias épocas e de diversos povos (a balada,

a lírica trovadoresca, o canto e a poesia populares, etc.); ou a análise de suas aliterações e paranomásias, que produzem certos efeitos mui ricos e especiais. A mim me interessa o registro quase afetivo e os efeitos pessoais que a fruição de sua poesia me provoca.

Eu poderia correr o risco de avançar com temeridade e heresia na tentativa de realizar o desmonte de alguns elementos que entram na composição de sua poesia. Com efeito, povoam a sua poesia, com uma presença marcante, componentes tais como: o "vento", a "água", o "tempo", a "terra", o "fogo", a cor "verde" e a idéia (ou imagem) expressa pelo verbo "boiar" ou flutuar. Mas o "vento" é de longe o termo mais freqüente deste seu último livro de poesias, chegando mesmo às vezes a constituir o elemento central de sua "sugerência" poética, ocmo ocorre na Ária Primária:

"O vento ancorado / nos mastros do morto. / A seta da ave / nos olhos do potro. // O vento indomável / de escuma e salitre. / A flor de alfazema / na lapela pálida. // O vento alongado / boiando no lago. / O sangue da aurora / na estirpe do galo. // O vento invencível. / A límpida teia / da aranha do orgasmo / nas crinas de Pégaso. // A flecha do vento / varando a memória / do tempo – esse invento / da alma ilusória" (p. 93).

(Observe-se, de passagem, o simbolismo da feição freudiana da penúltima estrofe.) Nos 72 poemas que o compõem, o "vento" comparece em pelo menos 35 deles, e 49 vezes no conjunto do livro, pois que nalgumas poesias vem utilizado de diferentes formas: "ou ventos de negra crina", "o caule do vento", "pontifica o vento", "pelos ventos da cabala", "o vento arquejante", "nos ramos do vento", "a polenta do vento", "um vento taciturno", "os ventos do desamparo", "de couro o ranger do vento/nos gonzos da sesmaria", "grinaldas de vento", "vento alazão", "tecer o vento", "nem só de evento/se inventa o vento" e várias outras imagens semelhantes.

Há, entre outros, um símbolo e enigma de estranha recorrência nos poemas deste livro: é o ranger de gonzos às portas de Gomorra ou, em sua versão nordestina, o ranger de gonzos de imburana das cancelas sertanejas. Mas qual o poeta que não possui os seus fantasmas de tempos imemoriais que povoam essas zonas oníricas de sua consciência ou que habitam os recônditos segredos de sua imaginação? Outro símbolo quase esotérico, porém de grande efeito poético, é o número 7, que aparece de modo mais claro no poema, de corte nitidamente apocalíptico, Os Profetas, ou em dois outros – Balada do Céu Minguante e Nabucodonosor –, onde esse número constitui praticamente a tessitura poética de evidente inspiração bíblica.

Francisco Carvalho nos dá a impressão de olhar a vida e os seres de face e de lado, tentando escrutar e decifrar poeticamente o seu mistério: daí a incidência de palavras como "esfinge" e "perfil" ser notória. Ele não usa, porém, as palavras para veicular uma mensagem outra que seu mesmo ato de criar poesia. Carvalho é poeta, poeta. O seu olhar é poético. Francisco Carvalho possui as palavras. Ele tem o dom de nos enfeitiçar com sua linguagem poética, que seu poder criativo transforma em coisa tangível: uma arte desprovida das retóricas tradicionais. Isso está dito com muita força e simplicidade na 3ª estrofe do seu Paráfrase de Fernando Pessoa:

"Mas quando o poeta finge, / seu fingir é tão cabal / que o próprio mito se tinge / de uma aparência real" (Ibid., p. 101).

Mas, sobretudo, é preciso que se diga que o seu nervo poético não é indiferente ou alheio, mas antes, atento e sensível ao acontecer humano do seu tempo, do antes e do depois. Veja-se, por exemplo, com que figura poética ele retraça o drama do escravo, ao mesmo tempo que rejeita a visão tradicional a seu respeito, no poema que dá nome a um dos seus livros anteriores:

**Os Mortos Azuis**

João cor de betume / do que mais se ocupava / não era desse ofício / de ser coisa entre as coisas / nem de aprender o vento / canção dos ancestrais / nem de fumar cachimbo / para espantar tristezas / dos olhos africanos / nem de enrolar distâncias / no fuso dos tamancos / nem de plantar suspiros / na cova do seu amo. / João cor de betume / do que mais se ocupava / além do arar constante / hectares de solidão / era de apascentar / os seus mortos azuis (p. 172).

Observe-se, ainda no mesmo livro, a beleza e a força evocativa do Acalanto Para Mãe-Chiquinha, que coloca FC, aqui na terra, mui próximo de Manuel Bandeira e de Jorge de Lima (que este está no Céu conforme nos assegura Fernando Carneiro e aquele construiu um só para si onde ele é amigo do Rei). Ou, então, no seu livro seguinte (*Pastoral dos Dias Maduros*), os três sonetos de belíssimos alexandrinos que ele dedica a Canudos e dos quais destaco o último: "Às portas do arraial a aurora amotinada / clareia os funerais de um sonho em combustão. / Os pálidos perfis da plebe assassinada / são soturnos pendões de estranha plantação. // São jagunços e heróis aos ventos da emboscada. / As chamas dos fuzis e os fumos da oração / sobem pelos umbrais de noite escancarada. / Repicam pelo espaço ermidas de algodão. // Campeia agora o horror de um silêncio altaneiro. / Os corpos dos heróis são corpos de meninos / que um deus arrebatou no alazão de Caim. // Dos gelados confins da Morte o Conselheiro / cuida ouvir o tropel dos rebanhos bovinos / nos longínquos sertões de Quixeramobim".

E é, enfim, este mesmo poeta que, no seu último livro, tem a ousadia de dizer claramente o que pensa do povo, na Canção Binária: "O povo é esse rio / que deságua na esperança / O povo é esse rio / que corre às vezes pacífico / O povo é esse rio / que às vezes é como fera / O povo é esse rio / que não se esgota nunca / O povo é esse rio / rumo à memória do mundo / O povo é esse rio / que irriga a nossa vida /O povo é esse rio /subindo por um declive / O povo é esse rio / que canta nas profundezas /O povo é esse rio / cansado de ser vazio". (*As Verdes Léguas*, pp. 89-90).

Existem inequívocas raízes rurais no material de que se serve o poeta FC e que surpreendemos na freqüente menção a coisas como os velhos alpendres, o canto dos galos, o ruído das cancelas e a quase maioria de suas imagens, todas elas recolhidas nos meandros e recantos da memória do homem de São Bernardo das Éguas Russas (Cf, o poema Todos Cantam sua Terra, em *Os Mortos Azuis*, p. 91. Mas sobretudo na beleza patética do poema Partilha, com que mui significativamente se inicia o seu último livro e onde a existência inteira da grande família é anunciada na força narrativa, apenas sugerida, de cada verso, eu leva o leitor a recompor interiormente os percursos ou horizontes existenciais, a sina ou o destino daqueles entes todos. E, certamente, também na intensidade telúrica de Vento Alazão: Tempo temporário / pássaro azulão / vou plantar legume / que o sonho é lavoura / que não dá pendão. // Tempo intempestivo / tempo temporão / vou morrer de sede / na terra alongada / desta inanição. // Vou brindar à morte / tempo temporão / vou sorrir com raiva / deste céu de fogo / que reluz em vão. // Desta flor que sangra / nas pedras do chão / vou fazer bandeira / rosa desfraldada / sobre a multidão. // Vou partir sem rumo / tempo temporão / montado a cavalo / nas crinas douradas / do vento alazão" (pp. 55-56)

Ou, enfim, na ampla alusão metafórica que constitui este outro poema carregado com simbolismo surrealista – Ressurreição dos Mortos (p. 57); para não falar do poema Civilização do Couro (inspirado em texto de Capistrano de Abreu) ou de poesias como: Balada dos Retirantes, Fazendeiro, Bezerro Bizarro, Liturgia da Seca e Trem de Saudade, no qual, aliás, encontramos uma como síntese de todos os elementos mitopoéticos com que joga "sua boca de palavras":

"Lá vai o trem ressonando / a foice do seu apito / cortando a noite pelo meio. / / Lá vai o trem da saudade / fumando o seu cachimbo / o trem dizendo adeus às aldeias. // Lá vai o trem resfolegando / pela estrada afora. / Dragão devorado pelo fogo. // Lá vai a negra alimária / roçando o esqueleto / de ferro e fumaça nas estrelas. // Lá vai o trem carregando / a solidão dos pobres / mais a tristeza da paisagem. // Lá vai o trem com duzentos / alqueires de fantasia / cansaço, rapadura e sonho" (p. 95).

Na Canção do Gnomo, Francisco Carvalho nos fornece esta definição contundente: "A vida se engendra em vermelho e anil,/de medo e esperança e até de palavras./A vida é um anzol com que o céu te ceifa." (p. 53). Mas a sua concepção poética da existência poderia ser apanhada no contraponto dialético do Poema sem Metafísica (p. 66) e completada com a longa metáfora da Canção do roedor, de que, para não sobrecarregar mais este texto, reproduzo apenas a primeira e a derradeira estrofes: "O rato que rói a noite / rói o mistério por dentro / rói a cauda do arco-íris / rói a insônia da donzela / rói as barbas do ancestral / rói a verdade e a mentira. // ...../ O rato que rói a infância / rói a faiança primeiro / rói depois a eternidade / rói cem léguas de escritura / rói o mundo e o latifúndio / rói o amor por derradeiro" (pp. 96-97).

Mas tudo isso é roupagem de palavras com que é tecida a sua poética, cujas raízes mergulham fundo no inesgotável poço (ou abismo?) da condição que o homem se constrói interminavelmente.

(1) CARVALHO, Francisco. *Verdes Léguas* – poesias. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1979.
(2) Id.: *Os Mortos Azuis*. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1971.
(3) Id.: *Pastoral dos Dias Maduros*. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1977, p. 17.

In *O Povo*, Fortaleza, 1980.

## FRANCISCO CARVALHO: O SONETO SHAKESPEARIANO

*F. S. Nascimento/CE*

### As Duas Vertentes

A julgar pelos anos que Petrarca viveu (1304-1374), tardariam dois séculos para que o soneto, conforme o esquema de rimas instituído pelo grande poeta italiano, fosse produzido na Inglaterra. É creditada a Thomas Wyatt (1503-1542) a introdução desse modo de poema em seu país, fato ocorrido no período elisabetano, dele fazendo uso, no século seguinte, ou 17, Milton, Wordsworth e Rossetti.[1]

Portanto, quando o criador de *Paradise Lost* se valeu da arte de rimar de Petrarca para manipular seus sonetos, já na Grã-Bretanha predominava um modelo autóctone, concebido por William Shakespeare. Propagados em manuscritos, os sonetos shakespearianos eram reunidos para publicações em 1609, incluindo-se entre os adeptos dessa corrente estética nacional os poetas Samuel Daniel, autor do ensaio *A Defense of Rhyme* (1603), e Michel Drayton, que deixou uma coletânea de sonetos sob a denominação de *Idea*.[2]

As duas vertentes – a petrarquiana e a shakespeariana – instituir-se-iam como matrizes universais do gênero, com predominância absoluta da primeira na literatura de línguas neo-latinas. Em seu *Short Guide to Versification*, Lieder assim definia os aspectos estruturais do primeiro modelo: "O soneto italiano, ou petrarquiano, consiste de catorze linhas iâmbicas, pentatonicamente acentuadas, das quais as oito iniciais, chamadas de octeto, obedecem o esquema **abba**, **abba**, enquanto as seis últimas, denominadas de sextetos, podem ter várias alternâncias de duas rimas, **cd**, ou de três, **cde**."[3] Da forma como se verá, a se-

[1] Cf. LIEDER, Paul Robert. *British Poetry and Prose*. Vol. I, Boston, Houghton Mifflin Company, 1950, p. 1046.
[2] Idem, ibidem, p. 349-351 e 363.
[3] Idem, ibidem, p. 1046.1047.

guir, na linguagem do seu próprio criador: S'amor non è, Che dunque è quel ch'io sento? / Ma, s'egli è Amor, por Dio che cosa e quale? / Se bona, ond'è l'effecto aspro mortale? / Se ria, ond'è si dolce ogni tormento? // S'a mia voglia ardo, ond'è l'pianto e lamento? / S'a mal mio grado, il lamentar Che vale? / O viva morte, o dilettoso male, / Come puoi tanto in me, s'io no'l consento? // E s'io'l consento, a gran torto mi doglio. / Fra si contrari venti in frale barca / Mi trovo in alto mar, senza governo, / Si lieve di saver, d'error si carca, / Ch'i' medesmo non so quel ch'io mi voglio; / E tremo a mezza state, ardendo il verno.[4]

Referindo-se à segunda matriz, escrevia Lieder: "O soneto inglês, ou shakespeariano, é um modelo menos intricado. Suas catorze linhas iâmbicas (prosodicamente) acentuadas compõem três quartetos e um dístico conclusivo, basicamente assim dispostos: **abab**, **cdcd**, **efef**, **gg**. O dístico serve normalmente como impacto lapidar ou sumário epigramático da idéia desenvolvida nos três quartetos".[5] Para abono da lição, eis um dos sonetos do genial poeta elisabetano: Shall I compare thee to a summer's day? / Thou art more lovely and more temperate: / Rough winds do shake the darling buds of May, / And summer's lease hath all too short a date: / Sometimes too hot the eye of heaven shines, / And often is his gold complexion dimmed; / And every fair from fair sometime declines, / By chace, or nature's changing course untrimmed; / But thy eternal summer shall nor fade, / Nor lose possession of that fair thou owest; / Nor shall Death brag thou wander-st in his shade, / When in eternal lines to time thou growest. / So long as men can breaths or eyes can see, / So long lives this, and this gives life to thes.[6]

O esquema dos quartetos petrarquianos – **abba, abba,** foi rigorosamente observado por José Albano, quando escreveu em inglês seus famosos *Four Sonnets*.[7] E, se na língua de Shakespesare produziu 4, na de Camões fez 25, com todos os octetos alinhados segundo a arte de rimar do mestre italiano.[8] Para confronto, eis como, optando pela escala de Arezzo, dispôs um dos referidos sonetos:

Methought, when bitter Sorrow came to me: / One day it will be gone and I shall rest, / One day I who am grievously opprest, / Shall be delivered from my misery, / And then, perchance, when all these dark days fles, / Sweet Joy will come and dwell within my breast, / And my sad soul no longer shall protest / Gainst Fate, but will exult in being free. / And as the Weary, melancholy hours, / Full of strange longing, silently passed by, / No hope to earth from heaven would descend. / And when I saw that in this life of ours / Pleasure had no beginning, I did sigh, / For the I knew that Sorrow had no end.[9]

Identificado com a mesma vertente estética, Olavo Bilac foi um dos que não se aferraram à lição básica de sua escola, mostrando-se prodigamente cromático ao pontear seus quartetos com rimas em **abba, abba – abba, baab – abab, abab**. Filiado á idêntica grei parnasiana, e como que transgredindo a normativa forma, no *Derradeiro olhar...* Luís Guimarães Júnior. Já ousava desarticular seus quartetos, armando-os num esquema, com as tônicas finais em **abba, cddc**. No entanto, recompunha-se com a disciplina petrarquiana nos tercetos, ao empregar as alternâncias em **efe, fef.**, conforme atesta a sua própria escri-

[4] Apud SCHOLES, Robert. *The Nature of Narrative*. London, Oxford University Press, 1968, p. 264.
[5] LIEDER, Paul Robert. Op. cit., p. 1047.
[6] LIEDER, Paul Robert. Op. cit., p. 363.
[7] ALBANO, José. *Rimas* . 2. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1966, p. 123-125.
[8] Idem, ibidem, p. 211-237.
[9] Idem, ibidem, p. 125.

tura versificada: O derradeiro olhar, que na agonia / Me dirigiste, oh mãe, nunca me esquece! / E quando os olhos volvo ao céu, parece / Que o teu último olhar me aclara e guia. // Se os olhos fecho e a dor que me desola / Tento abrandar, aliviar procuro, / Vejo em minha alma o raio longe e puro / Do teu último olhar que me consola // Bendita sejas, luz do meu deserto! / Olha-me sempre, mãe, da etérea altura, / Perto dos anjos e das glórias perto:// Olha-me sempre, amada Criatura! / Com tal farol não errarei, decerto, / O caminho da tua sepultura.[10]

Tido como de arranjo intricado, mas, tanto quanto o modelo italiano, de possibilidades amplíssimas na sintetização da idéia ou na produção do enlevo expressivo, o soneto shakespeariano exigiria do seu realizador, na atualidade, mais do que uma consciência técnica, a coragem de exprimir a sua concepção da vida e do mundo através dessa outra estrutura poemática, face ao radicalismo de que se revestiu, no Brasil, a observância do esquema petrarquiano. E será dessa alternativa da linguagem versificada de que nos ocuparemos a seguir.

## O molde reprojetado

Composto de uma estância de catorze versos, como foi visto atrás, pela conferência das rimas facilmente se identificará os três quartetos e o dístico conclusivo do modelo em análise. Do seu próprio criador, se trinta obras do gênero selecionadas por Lieder confirmem essa característica forma. De outros poetas ingleses, vale repetir os nomes de Samuel Daniel, o defensor da rima, e Michael Drayton, o autor de uma coroa de sonetos com o esquema já especificado. Com a estrofe segmentada, chamando-se a atenção na segunda linha para um raríssimo **enjambement** na versificação da época, eis do genial Shakespeare: Let me not to the marriage of true minds / Admit impediments. Love is not love / Which alters when it alteration finds, / Or bends with the remover to remove: / O, no! it is an ever-fixed mark / That looks on tempests and is never shaken; / It is the star to every wandering bark, / Whose worth's unknown, although his height be taken, // Lovel's not Time's fool, though rosy lips and cheeks / Within his bending sickle's compass come; / Love alters not with his brief hours and weeks, // But bears it out even to the edge of doom. / If this be error and upon me proved, / I never writ, nor no man ever loved.

Na escritura poemática de Francisco Carvalho, a disposição do soneto em quartetos e tercetos sutilizaria a sua atrelagem à vertente shakespeariana.[11] Os petrarquianos ciosos do seu virtuosismo na arte de rimar, mas sem acesso aos ditames dessa outra escola literária, deverão ter recebido com espanto essa indisciplina ao modelo clássico italiano. E, em meio desses guardiões do esquema de Petrarca, não seria de causar surpresa deparar algum versólogo aferrado às regras da imutabilidade, usando o silêncio como desabono ao procedimento tido por desrespeitoso ao ensinamento do mestre de Arezzo, aqui chegado através da bibliografia lusa e francesa.

Na série intitulada *Elegia da casa velha,* Francisco Carvalho não transporia o deslinde da escalada empreendida, ficando no acoplamento dos dois esquemas clássicos: shakespearianos os quartetos e petrarquianos os tercetos, com variações em ambos os casos. Isso, no entanto, já representaria uma desarticulação da matriz renhidamente preservada pelos virtuosos do

[10] Apud MOTA, Otoniel. *Seleta Moderna.* 7. ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940, p. 49-50.

[11] CARVALHO, Francisco. *Rosa Geométrica.* Fortaleza: Gráfica VT, 1990.

gênero. Nessa seqüência de sonetos, FC revezaria a ordem das rimas dos quartetos, no primeiro alternando **abba** para **abab**, e no segundo, evoluindo de **cddc** para **cdcd**. Quanto aos tercetos, os arranjos se processariam mais variadamente, indo de **efg** a **gef**, como neste soneto: Paredes de robusta alvenaria / pulverizadas pelo raio e a chuva. / Onde era a sala, a pródiga saúva / plantou de vez a negra hierarquia. // Ronda o caruncho as portas de imburana / e o cedro dos esteios vai tombar. / Pelas frestas das telhas o luar / dança abraçado à verde jitirana. // Ave espectral de pálpebra amarela / pousa nas vigas com rumor de ferro / que se partiu nos pulsos de um bastardo. // Vendo esta casa arder, eu também ardo. / Também coloco o fumo na lapela / como se me vestisse para o enterro.[12]

Dos três sonetos da *Elegia para a mãe morta*, no primeiro e segundo Francisco Carvalho plenificaria sua intenção formal, cumprindo fielmente o esquema instituído por Shakespeare, ou seja: **abba,cddc, effe, gg**. Quem se dispuser a conferir a seleta reeditada por Lieder verificará, em muitos casos, a finalização na idéia se sobrepondo ao deleite cromático da rima, e daí a culminância da forma toante, em lugar da virtuosíssima eclosão sonora dita consoante. Não obstante a equivalência prosódica, isso é o que explicita a morfologia das parelhas finais: **you-new, yourt-truth, arieeyes, moan-gone, woe-so** e **ye-me**. Ressalte-se que, em ambos os sonetos shakespearianos dessa Elegia, apenas as sílabas postônicas, sem relevância na métrica portuguesa, apresentam essa dissimilaridade.

Afora os dois, dentre os três da *Elegia para a mãe morta*, mais catorze sonetos caracterizadamente shakespearianos encerram o volume de *Rosa Geométrica*, um dos quais com este título. Tal como fez Olavo Bilac com o esquema petrarquiano, Francisco Carvalho também não se restringiria ao posicionamento fixo de rimas do modelo inglês, realizando alternância num ou noutro segmento de quatro versos, mas sem atingir a imutabilidade do dístico, mantendo-o soberano em sua dupla ressonância.

Tratando-se de uma experiência reconhecidamente ousada, somente tolerável numa literatura neo-latina quando feita por um poeta da expressão de Francisco Carvalho, valerá a pena conferir, soneto por soneto, o molde shakespeariano reprojetado. Ou seja, não mais a forma gráfica da estrofe única, composta de catorze decassílabos, e sim a estrutura segmentada, confundindo-se só visualmente com o modelo petrarquiano. É assim que se apresentam *Videira de Engadi, Domingo, Tigre, Nordeste, Majestade, Utopias, Fome, Soneto de julho, Secreta Fúria, Céu de chamas, Milonga para JLB, Namorada do Califa, O cão e a catedral,* e *Rosa Geométrica,* este, a seguir transcrito, com o dístico grafado shakespearianamente: A tarde metafísica passeia / sobre os telhados da cidade antiga. / Anjo de espuma, a alma devaneia / aos olhos dos pesares e da intriga. / / Num fio horizontal da rede elétrica / um solitário pássaro repousa. / O espírito é uma rosa geométrica / no coração da esfera tenebrosa. // Incerto odor de antúrios e de sinos / se espalha pela sombra da alameda. / Breve a infância dourada dos meninos / ressuscita em parábolas de seda. // A tarde se desfaz em formas puras / de centauros chegados das alturas.[13]

Postando-me numa linha contrária ao radicalismo estético, e usando todas as opções da escritura poemática decodificáveis pelo leitor moderno, Francisco Carvalho nos daria sobejas provas desse liberalismo criador ao contemplar, numa mesma seqüência de páginas, duas grandes vertentes universais: a de Petrarca e a de Shakespeare. Seja amenizando as resistências formais

[12] Idem, ibidem, p. 14.

[13] Idem, ibidem, p. 49.

de uma, ou reprojetando o molde clássico de outra, com *Rosa Geométrica,* Francisco Carvalho ratificaria o seu vigor expressivo, chegando a operacionar os dois esquemas eternos num mesmo tema – *Nordeste*, shakespeariano, e *Nordeste II*, petrarquiano. Que necessitaria mais dizer desse poeta nacional?

In *Apologia de Augusto dos Anjos e outros estudos*. UFC/CJA, Fortaleza, 1990.

## A CONCHA E O RUMOR

*Fábio Lucas/SP*

Acompanho os trabalhos do poeta Francisco Carvalho, de quem sou leitor interessado, pois o considero uma das nossas grandes vozes líricas.

Falemos de A **Concha** e o **Rumor** (Fortaleza, UFC, Casa de José de Alencar, 2000), cristalização da longa experiência lírica do poeta Francisco Carvalho. Ali se condensam as mais salientes vertentes temáticas do autor: de um lado, o culto elevado da tradição clássica, especialmente a grega, de que o poeta cearense destaca, de modo especial, o mito de Sísifo, visitado sob diferentes ângulos. Assim, quer do ponto de vista da condenação, ou da fatalidade, quando o mito rememora ao homem suas limitações, quer sob o aspecto da reiteração, da mesmice, ou, como se diz, da circularidade do mito, quando se inscreve nele a invariância. A tudo, conforme veremos, se acrescenta o clima de dilaceramento da modernidade, expressa na paródia e na ironia.

De outro lado, converge na poética de Francisco Carvalho o jogo musical das palavras, herança remota do simbolismo, a escorar o rito e a solenidade da tradição helênica. Com efeito, o poeta faz da anáfora, das inversões, das aliterações e dos inumeráveis recursos da Retórica, das "figuras", seu ponto forte de sedução acústica.

Por fim, a terceira vertente da poética de Francisco Carvalho, consubstanciada em A **Concha** e o Rumor, vem a ser o traço irônico com que os mitos ancestrais se atualizam.

O título diz tudo, como se, com a **concha,** o autor quisesse lembrar o significante, enquanto projeta no **rumor** o significado.

Indo mais além, o leitor notará, nas epígrafes iniciais, o ecletismo filosófico que orienta o poeta. Mas, nas epígrafes seguintes, que encimam as divisões temáticas da obra, predomina a remissão a Camões, justamente naqueles momentos de grandes reservas quanto à aventura humana. Certa dimensão do pessimismo.

Exemplifiquemos alguns aspectos da fabricação poética de Francisco Carvalho. O lado trágico da tradição helênica fala nestes versos: "O rei de Tebas foi achado morto e teve / o fígado dilacerado por abutres / e estilhaços vindos do céu." *(Anatomia do Azul)*

A seguir, no poema "Minibiografia", o poeta dá asas ao princípio do estranhamento, tão ao gosto da modernidade, cujo prazer maior consiste em aproximar a tradição ao grotesco: "Meus versos não passam / de migalhas de trigo. / Ser poeta é ter o corpo / dizimado pelo vitiligo."

Na realização temática de Francisco Carvalho, existe, ainda, outro aspecto a ser sublinhado: o constante choque dialético entre as sugestões da morte e da melancolia, e, do outro lado, as insinuações vitais do erotismo, conforme a terceira parte de **A Concha e o Rumor**, "Viagem aos seios das Valquírias" (remissão paródica, é claro, à "Viagem aos seios de Duília", de Aníbal Machado.)

Quanto ao culto da morte, ou a retratação do seu temor, o tema se distribui em várias partes da obra. Mas é na parte quarta, "Livro do Espantalho", que a nostalgia habita, e as recordações da contingência humana mais alto falam. Títulos como "Tristeza", "Elegia para ninguém" e "Rio dos ancestres" exprimem bem o espírito dos poemas.

O lado irônico da poética de Francisco Carvalho mais explode na quinta

parte, "Discurso da ira", embora seja um tempero freqüente em outras composições do autor. Faltariam analisar as dedicatórias, velho hábito literário de englobar amigos e admirações. Algumas há, diretas; outras se ornamentam de adjetivos e expressões de carinho.

Assim se compõe **A Concha e o Rumor.** Assim o poeta Francisco Carvalho se insere numa das mais fortes correntes da criação poética no Brasil.

## II – O Silêncio é uma Figura Geométrica

Antes de mais nada, desejo louvar, no poema "Rascunho de Ouro Preto", a criação da atmosfera ouropretana. E também a presença do modo peculiar de o poeta manifestar-se: "onde Cristos de pedra-sabão / trespassados pelas flechas do gótico".

Li "O Silêncio é uma figura geométrica" para reencontrar em altas esferas, o somatório das metáforas com que Francisco Carvalho organiza a sua cosmovisão. Assim, pude reintegrar à memória de leitor as expressões que se adensam em torno do tema da morte, recorrente e fatal. Reli o portentoso diálogo que o poeta mantém com a grande literatura ocidental, seus mitos e palavras. E notei o permanente senso de humor com que encara a comédia humana.

É evidente que o tema da morte é contraposto às divertidas façanhas de Eros, força nutriz de muitos poemas.

E há os jogos verbais, tão freqüentes. As anáforas reforçam a dicção de composições incontáveis. Os sonetos escapam da herança neoclássica e traduzem o forte poder de criação do poeta. O "Soneto do Carrossel" evoca as ousadias de Jorge de Lima, grande transformador do gênero entre nós. E as paráfrases? Como se diverte o poeta em repassar os caminhos de Carlos Drummond de Andrade, como em "Quixote e o Ciclope" e na "Canção da Pedra de Itabira".

O ar da ironia torna mais dramáticos os poemas elegíacos, como no caso do "Convite para Morrer". Já poemas como "Lavadeira" e "Cio do Ócio" unem a vertente verbal ao poder do erotismo. Curiosamente, numa obra em que tanto se fala da morte, a palavra-chave é "cio", a indicar o paroxismo do desejo.

Bela obra de quem tanto tem contribuído para engrandecer o lirismo brasileiro.

## BARCA DOS SENTIDOS

*Fausto Cunha/RJ*

A primeira impressão que tive, ao abrir a BARCA DOS SENTIDOS, foi de um impacto esmagador. É uma tremenda demonstração de força e vitalidade poética e, em certo sentido, é um livro assustador.

Lembro-me de que tive sensação análoga ao receber "Invenção de Orfeu", de Jorge de Lima, e disse ao poeta que, além de desnorteante para a crítica em sua monumentalidade, era desses livros que não podem ser lidos de uma vez: ninguém bebe de uma vez toda a água de um poço.

São cinco livros que mantêm uma grande unidade na diversidade de temas e de técnica poética. Mas é também um livro só, que poderia, sem muito esforço, ser convertido num poema único, à maneira do que têm feito alguns modernos poetas de língua inglesa.

Dizer que a "Barca dos Sentidos" firma Francisco Carvalho definitivamente como um dos grandes da poesia brasileira contemporânea seria cometer uma injustiça com a sua obra anterior. Mesmo antes do prêmio Nestlé, ele já era um de nossos poetas mais importantes, apenas sem esse corpo-a-corpo promocional que alguns escritores sabem executar muito bem. As grandes qualidades da "Barca" já se acham em sua obra toda, a começar por uma admirável destreza artesanal que lembra Manuel Bandeira, esse poeta assumidamente "menor" que cresce a cada dia em nossa admiração como poeta maior.

O que mais me impressionou nesse último livro de Francisco Carvalho foi a sua juventude. É uma impressão que não sei explicar bem, porque procede de duas direções distintas. Uma, de ritmo ou do que os franceses chamam de "allure". Outra, de natureza temática ou, melhor dito, de cosmovisão. O poeta se joga de corpo inteiro na poesia, como se visse, como se dissesse tudo pela primeira vez, acreditando na virgindade do mundo – e ao mesmo tempo revelando conhece-los muito bem. O verso sai ora com uma violência espantosa, ora com extrema naturalidade: "Meu coração é um veleiro com seus mastros submersos". Nesse sentido, "Cântico" é um poema exemplar. Já a contemplação do mundo, da natureza, das coisas, está presente em numerosos poemas, procurando surpreender contactos e analogias, como na evocação das frutas que memorizam criaturas amadas.

In *Carta ao autor*, de 1989.

## A POESIA DE FRANCISCO CARVALHO

*Gilberto Mendonça Teles/RJ*

A obra poética de Francisco Carvalho (1927) é uma das mais volumosas da atual poesia brasileira, repartida por vinte e três livros, publicados entre 1955 e 1996, numa média de cerca de dois anos para cada livro. O que pode inicialmente parecer apenas uma estatística de quantidade deve ser visto como coerência na construção de um projeto literário inteiramente voltado para a poesia, nas suas mais diversas formas de expressão.

Em 1982, fiz parte da Comissão Julgadora que lhe deu o prêmio da 1ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira. Uma das observações que fiz justificando o meu voto para o livro **Quadrante Solar** dizia respeito ao sentido de celebração das coisas comuns, dos acontecimentos cotidianos, a uma espécie de metafísica do comum, mas fundada numa concepção religiosa do mundo ou pelo menos do mundo vivido pelo poeta. Logo no primeiro poema se fala na "liturgia das novenas" e encontram-se depois imagens belíssimas como a do *ritmo de água represada / como uma criança vencida pelo sono / adormecer embalado pelo ritmo de Deus?*. Há referências a Cristo e uma obsessão pelo topônimo Gomorra, que encontro também em outros livros. O poeta diz que *Novembro / me põe nu diante de Deus e de Mim,* fala na "ira de Deus", em "Caim e Abel" e diz que *Abel podava as vinhas do Senhor.* Uma religiosidade que me pareceu mais literária, de leituras bíblicas, do que realmente sentida pelo poeta.

Relendo agora os livros do poeta (os nove que tenho na minha biblioteca), verifico que o tema da religião está presente em todos esses livros, com uma insistência que lamento não poder investigar com mais profundidade. Em **Os mortos azuis**, por exemplo, há poemas que se denominam "Sob o nariz de Deus", "O aniversário de Deus", "O aprendiz de eternidade" e "Juízo final"; e há vários versos em que aparece o nome de Deus, como em "Antiode em clave de sol", onde se diz que: *O tempo dos velhos é o tempo das goteiras e do orvalho escapando pelas frinchas de Deus.*

Em "Antiode em clave de sol – II" se diz que "Deus é o vértice"; em "Ode por acaso" se fala na "saudade de Deus"; noutro acrescenta que os homens *são restos dum pesadelo de Deus.* E em "Juízo final", no último poema do livro, há a beleza da dicção bíblica e da conotação social do verso final: *Muitos serão chamados / poucos os escolhidos. / Primeiro serão os que / chegam de velocípede. / Depois os humilhados / que crescem sob lápides / guardados em papel. / Muitos serão chamados / mas poucos ouvirão/ com seu nariz de amianto / voltado para o chão. / Muitos serão expulsos / da túnica ofendida. / Outros, arrebatados/para os confins da vida. / Muitos serão ceifados / por desuso do amor. / Outros por*

*não saberem / a solidão de cor. / Muitos serão chamados / à esquerda da palavra / antes de consumidos / feito esplendor de palha. / Uns tombarão à espada / dos anjos evadidos. / Poucos serão lembrados / muitos os esquecidos.*

Em Pastoral dos dias maduros, de 1977, há um poema sobre a "Igreja", no qual se pergunta se *São estas paredes / ou é Deus que ressoa no espaço vazio?;* e há um soneto que se intitula "O Deus sombrio", que merece transcrito por inteiro:

*Para Gilberto Mendonça Telles*

A solidão, meu Deus, é uma cadela / que me persegue com furor maligno. / Esta tarde é outra tarde. Não aquela / tarde de aldeia em que nem sol nem sino // celebraram meu sonho. Hora e estrela / são achas que se acendem no menino. / Quando o arcanjo alça vôo, uma janela / se abre para as terras do divino. // Esta tarde é outra tarde. E em mim se deita / seu perfil de afogada, a gotejar. / De vento e espuma a eternidade é feita. // Esta tarde é uma ponte. Eu sou o rio / que carrega espantalhos para o mar / e adoça espigas para um deus sombrio.

Note-se que o Deus do primeiro verso é maiúsculo, enquanto o do último é minúsculo. Entre os dois estende-se a distância entre o sobrenatural e o natural, entre o anjo que alça vôo e a janela que se abre para o divino, motivando a bela imagem da tarde que goteja "restos de eternidade", como uma "ponte", uma relação litigiosa entre o "Deus" maiúsculo e o minúsculo que se faz sombrio por ser o homem carregado de solidão. Bastaria este soneto para colocar Francisco Carvalho no rol dos grandes poetas que enunciaram o discurso religioso do modernismo brasileiro.

Livros como **As verdes léguas** (1979), **Rosa dos eventos** (1982), **Quadrante solar** (1983), **As visões do corpo** (1984), **Barca dos sentidos** (1989), **Rosa geométrica** (1990) e o mais recente **Raízes da voz**, deste ano, cujo título me fez lembrar o meu **Raiz da fala**, prefaciado por Cassiano Ricardo, em 1972, livros como esses organizam um contexto literário muito pessoal em que, aqui e ali, o leitor pode colher uma série de imagens, de resíduos de uma primitiva idéia de Deus e seus mistérios, idéia que se apresenta despedaçada como o corpo de Orfeu ou como o de Osíres, à espera de um leitor-amante que saiba reunir essas partes num todo agora inesgotável, porquanto feito de palavras. Se em Raízes da voz encontro imagens como "placenta de Deus", ausência de Deus e 'hálito de Deus", além do verso *Os peixes predicaram os signos de Deus* e a obsessão por "Sodoma e Gomorra", é todavia em Rosa dos eventos que leio emocionado esta estrofe final do poema "Raiz", estrofe que por si só vale toda uma confissão de fé, como uma bela expressão poética dessa dura relação entre o homem e Deus: O coração do mundo me atravessa / como se fosse uma seta embebida em veneno sagrado. / Estou no coração do mundo / no centro de fogo da intimidade de Deus. / Um Deus que se alarga em meu corpo / e cresce para além de mim caudalosa raiz.

Assim é a melhor parte da poesia de Francisco Carvalho, o poeta cearense, funcionário da reitoria da Universidade Federal do Ceará e para quem, conforme o seu depoimento ao receber o Prêmio Nestlé, em 1982, *a Poesia sempre foi (e certamente continuará sendo) um instrumento de solidariedade que pode contribuir, pelo milagre primordial da palavra, para resgatar o homem das aflições (reais ou metafísicas) que o tornam paradoxalmente num dos seres mais fortes e vulneráveis da criação.* Mais adiante, nas pegadas de Manuel Bandeira, dirá que *Só a Poesia, como o espírito de Deus boiando sobre as águas, sopra onde quer.* Para ele, *os poetas foram expulsos do Paraíso* e a *morada dos eleitos é o Purgatório da aventura humana.* Como se vê, até o seu pensamento poético está todo ele ancorado nas águas de um Cristianismo que, sem

perder o seu lado sagrado, parece cada vez mais voltado para o homem, tocando-o com a fimbria do sobrenatural. É por aí que o poeta do Ceará irá dizer em versos de ritmo hexâmetro no último soneto de **Raízes da voz** que

A poesia sem mistério não seguirá os passos / do homem nem lhe ofertará a palavra incorruptível. / Não consolará o homem na sua servidão, nem quando / o Anjo Vingador o trespassar com sua espada. // (...) // A poesia sem mistério não terá / assento na hierarquia dos anjos. Será motivo / de discórdia e zombaria no limiar das portas do reino.

In *Romance da Nuvem Pássaro*. UFC/ PECJA, Fortaleza, 1998.

## A POESIA DO CEARENSE FRANCISCO CARVALHO

*Hildeberto Barbosa Filho/PB*

Segundo Huizinga, no belo livro, *Homo ludens*, a "*poiesis* é uma função lúdica". "Ela se exerce", diz o autor, "no interior da região lúdica do espírito, num mundo próprio para ela criada pelo espírito, no qual as coisas possuem uma fisionomia inteiramente diferente da que apresentam na vida comum, e estão ligadas por relações diferentes das da lógica e da causalidade".

A poesia, ninguém duvida, é também jogo, e enquanto jogo, tecido nas malhas verbais, experimenta suas regras, às quais não foge o ludismo, tanto nos meandros da musicalidade quanto na geografia das imagens. Neste sentido, muitas vezes, o que conta no espaço do efeito poético não é bem a significação propriamente dita, isto é, a significação racional, lógica. Conta muito mais a função lúdica, materializada nas múltiplas possibilidades do jogo a que se pode prestar a palavra poética.

A par de tantos caminhos de leitura que sugere a poesia plurissinfônica do cearense Francisco Carvalho, cremos que a exploração do lúdico se perfaz de modo pertinente. Quer seja em obras anteriores, a exemplo de *Galope de Pégaso, Sonata dos punhais, Raizes da voz* e *Os exílios do homens*, entre outras, quer seja na recém-publicada pela Universidade Federal do Ceará, Programa editorial da Casa José de Alencar, *Girassóis de barro*.

A este propósito, o próprio Francisco Carvalho não dá margem a dúvidas, quando, em nota introdutória à segunda parte, "Pastoral de Minas", alerta os leitores para que não vejam aí simplesmente uma volta à poesia bucólica dos árcades. Na continuidade do seu pensamento, assinala: "O autor pretendeu apenas exercitar seu permanente fascínio pelo dinamismo e as possibilidades lúdicas da palavra, coisas que não constituem privilégio exclusivo de determinadas escolas literárias ou de certos procedimentos estéticos".

Esta atitude, no entanto, não se cristaliza tão somente na "Pastoral de Minas", mas também na primeira e terceira partes da obra, respectivamente "Pastoral dos aflitos" e "Rastros da parábola".

O dinamismo e as possibilidades lúdicas da palavra, a que se refere o autor, se impõem recorrentemente pelos relevos verbais dos poemas, em moldes os mais variados e surpreendentes. Diríamos, contudo, que a raiz desta prática puramente lúdica reside num dos elementos estilísticos mais característicos do gênero lírico, isto é, o paralelismo (sintático, semântico e sonoro) e a repetição de base anafórica. Um texto, como "Jogos florais", explicita bem, na simetria de algumas estrofes: *Ó flor do caos / Ó flor do lodo / Ó flor do pântano / Ó flor do êxodo // Ó flor da pedra / Ó flor da escarpa / Ó flor da murta / Ó flor da Marta.*

E explicita bem na quebra proposital e também lúdica dos versos finais: "Ó flor dos mortos / Ó flor do enigma / Ó flor crestada / pelo ostracismo". A propósito, este tipo de quebra, verdadeira ruptura interna na estrutura melódica e semântica do poema, é, na mais

das vezes, o responsável principal pelo estranhamento estético. Veja-se, por exemplo, um poema como "Canção das fêmeas", onde a negativa da estrofe final redimensiona a estrutura e a significação afirmativa das estrofes anteriores. A seqüência "Todas as fêmeas / são gêmeas / de Penélope (...) Todas as fêmeas / estão de partida / para os deltas do orgasmo", é subvertida e, ao mesmo tempo, esteticamente intensificada com o último terceto: *Nem todas as fêmeas / são ubíquas / e heterogêneas.*

Ora, o mesmo ocorre, apenas de forma invertida, a um texto, como "O pão e a canção". E, com leve variação de estrutura, em poemas, como "Os brutos", "Barca" e, em especial, naqueles que se valem do estribilho enquanto suporte musical, a exemplo de "Canção dos rios", "Casa de areia", "Dialética" e "Canção dos excluídos".

Para acentuar as virtualidades lúdicas que a poesia promove, Francisco Carvalho não descarta o repertório folclórico das parlendas, com seus paralelismos rítmicos, decerto aproveitados em experiências textuais, como "À beira de tudo", "Pássaro", "Poema caipira" e "Igualdade". A tradição oral e popular é também valorizada na inventividade do poema "Zôo no céu", elaborado a partir do *Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos*, de R. Magalhães Júnior, assim como se exploram as perspectivas funcionais de uma forma consagrada como o soneto, na série dos sonetos triangulares.

É evidente que a paisagem temática também aflora, em *Girassóis de barro*, pontuada pela dicção telúrica, pelo viés filosófico, pelo calor do erotismo, pela empatia social e pela junção mágica do sagrado e do profano. Não obstante, ao desafio das mensagens se superpõe o vigor acústico, plástico e cadenciado dos investimentos lúdicos, a fazer da poesia de Francisco Carvalho uma rara cristalização de som e sentido, uma poesia perfeitamente adequada ao entendimento de Paul Valéry, enquanto metáfora do jogo com as palavras e a linguagem.

Com a exploração da função lúdica, natural ao processo poético de criação, Francisco Carvalho convoca a origem mágica e mítica da palavra, sua presença, enigmática e ritual, sua força primitiva, para compor os vastos espaços de sua poesia. Em todos os sentidos, uma poesia maior; jazida poliédrica de todas as pepitas, veio inexaurível das mais variadas pedras de toque. Uma poesia que nos ensina ser o amor "uma rosa / que se masturba no caule" ou ainda que "Só o amor nos redime do caos".

In *Romance da Nuvem Pássaro*. UFC/ PECJA, Fortaleza, 1998.

## II – A Metáfora Predicativa em Francisco Carvalho

Nova coletânea de poemas de Francisco Carvalho. Publicada pela Universidade Federal do Ceará, em 2002, **O Silêncio é uma Figura Geométrica** retoma e amplia, por um lado, certos recursos retóricos e estilísticos, e por outro, alguns motivos temáticos que vêm se cristalizando ao longo de uma vasta obra poética. Constitui, portanto, uma espécie de epítome, isto é, uma síntese de sua poesia, como bem observa o Prof. Luiz Tavares Júnior, em estudo introdutório.

Para tatear a pele de motivações como o tempo, o amor, a morte, o silêncio e a linguagem, entre outras que permeiam a sua lírica, o poeta cearense, sem descuidar de estratégias discursivas diferentes, procura realçar, conforme já sinaliza o próprio título do livro, a chamada metáfora de teor predicativo, ou seja, aquela que põe em relação semântica um comparante e um comparado a partir do elo sintático de um verbo de ligação. O modelo básico se formaliza, de logo, numa retórica da conceituação que visa, em função da subjetiva visão poética, apalpar os aspectos intangíveis e insondáveis da realidade, elaborando, assim, não so-

mente um alargamento perspectivo do real, mas sobretudo a criação estética de uma supra- realidade moldada na tessitura da linguagem.

Os motivos são como que explorados, em suas camadas significativas, por intermédio de uma sintaxe de caráter expansivo que vai modulando, dentro evidentemente da cadência do verso, a cartografia das imagens, responsável, ao fim, pela expressão figurativa dos motivos abordados. As funções referencial, emotiva e lúdica dos procedimentos lingüísticos interagem sob a presidência aglutinadora da função poética, o que faz da dicção de Francisco Carvalho, neste e em tantos outros momentos, uma caleidoscópica geografia de imagens oníricas e visionárias a materializarem uma verdadeira "poética do devaneio", como diria Gaston Bachelard.

O paradigma do título (O *Silêncio é uma Figura Geométrica),* na sua arquitetura oracional, catalisa uma espécie de idéia ou de imagem primeira, germinal, irradiadora, da qual emerge, vezes por um processo de enumeração caótica, a ciranda das imagens outras que perfazem o corpo dos poemas. Vejamos um exemplo na página 46, tendo "Deus" como núcleo temático: *"Deus é algo incandescente / sou cria do espantalho / esse fauno de palha. / Deus* é o *centro de todas* / as *simetrias do universo* / e *de suas abóbadas. / Deus* é o *que trespassa* / o *corpo* e *seus labirintos. /* O *vértice do átomo. / Deus* é o *átomo. /* O *princípio de todas* / as *velocidades da alma".*

O verbo de ligação pode vir explícito ou em zeugma na típica relação predicativa, mas pode também apresentar-se no âmbito de uma predicação verbal, com estruturas transitivas ou intransitivas, o que nos parece uma variação característica do padrão originário. Assim, podemos deparar expansões como estas, na página 58: "(...) A pedra é um hipopótamo / de iodo que flutua nas águas do rio.(...) A pedra é a placenta / de um bólide do tempo do apocalipse / quilha e âncora das naus e utopias de Ulisses"; Ou então variáveis desse tipo, com motivação metalingüística, no poema *Hóspede do Tempo:* "(...) O poeta é um exilado dentro de si mesmo. (...) O poeta sai do corpo e entra na concha da alma. / Sabe que não precisa estar o tempo todo / bolinando as coxas da metafísica".

Ora, tal técnica de construção literária agencia, de maneira visível, a componente fanopéica da linguagem a par, contudo, de um paralelo processo logopéico, correlacionando perfeitamente idéia e imagem enquanto traço seminal de uma forma poética. Em Francisco Carvalho a imagem serve à idéia e a idéia se expande em imagem. Tudo, ainda, no espaço de uma pontuação melódica e rítmica que faz do poema uma caixa acústica, um artefato textual essencialmente lúdico, imagético e conceitual.

Não é comum encontrarmos expressão poética com este rigoroso equilíbrio e com esta rara singularidade. Se a fonte discursiva está naquele tipo de metáfora a cujo tronco se apegam os paralelismos sintáticos, as anáforas, as aliterações, as rimas funcionais, enfim, todos os torneios figurativos, o resultado substancial, a idéia nova, o conteúdo conceitual, enfim, a forma estética, autônoma e acabada, tende a abrir o campo da percepção, a estimular propriedades da fantasia e a elastecer os limites do conhecimento.

Com isto queremos dizer que a metáfora predicativa, em suas variadas modulações, transcende, na poesia de Francisco Carvalho, as fronteiras do ludismo, constituindo-se, na verdade, em um método de leitura, de análise, de interpretação e de descoberta do real, não o real como ele é ou parece ser, mas efetivamente o real como poderia ser. Do real possível. Do real verossímil, recriado no movimento estético da linguagem.

Lendo-se a poesia do autor de *Barca dos Sentidos* (1989), vive-se a estranha, (estranha, de estranhamento) experiência de uma renovação da sensibilidade e

da imaginação. O amor, a morte, a poesia, o tempo, a fauna, a flora, Deus, enfim, todas as possibilidades temáticas são convocadas pelo apelo da percepção poética e re-inseridas no plano da consciência cognitiva sob a regência de um olhar epifânico que, para referirmos Ezra Pound, em ABC *da Literatura,* faz do poema "linguagem carregada de significados até o máximo grau possível".

A metáfora predicativa, em *O Silêncio é uma Figura Geométrica,* evidencia a dialética nuclear da poesia de Francisco Carvalho, traduzida no intercâmbio permanente de Eros e Tânatos. Este manifesto nas inelutáveis tonalidades do tempo, na metafísica do perecimento das coisas e dos seres e na presença irremovível das imagens da morte enquanto vetores recorrentes de uma visão poética; aquele, por sua vez, erigido em flama vital e em energia celebratória das experiências humanas que promovem a busca da palavra enquanto atitude poética por excelência.

O elemento formal se une, portanto, aos ingredientes semânticos num processo de correspondência lógica, numa inter-relação estética, numa configuração isomórfica que responde pela coesão e coerência da expressão lírica de Francisco Carvalho. Coesão e coerência que, ostentadas, em seus múltiplos predicados, desde *Cristal da Memória* (1955) até A *Concha* e o *Rumor* (2000), restabelece, aqui, o quanto súmula de um ofício, de um ofício que é muito mais entrega e devoção, poeticamente amadurecido e esteticamente plenificado.

In *Diário do Nordeste*,
Fortaleza, 2002.

## A NOVA POESIA DE FRANCISCO CARVALHO

*Inocêncio de Melo Filho/CE*

"Romance da Nuvem Pássaro" (1998) é o novo livro do poeta cearense Francisco Carvalho, que conseguiu com seu estilo inquebrável, atingir a nacionalidade e a universalidade. A poesia de FC nasce do canto, faz-se canto vindo da aldeia que sobrevive no seu coração, e não simplesmente num retrato na parede.

A poesia de FC é de fato universal, mas isto não se deve exclusivamente às virtudes de seu estilo, e sim, a sua sensibilidade, que soube assimilar a cultura popular e as realidades dos homens, gerando inspirações e forças poéticas, definidoras da grandeza de sua literatura.

Neste novo livro de FC tudo se mostra intenso, a transitoriedade das coisas, o amor, o erotismo, a infância, o eolismo, o memorialismo, o homem e os animais, e o clamor do poeta que se espalha no ar onde tudo ondeia.

Os poemas do "Romance da Nuvem Pássaro" negam-se à ordem e à tradição comportada da poesia, primando pela desordem e pelo visual, um dos recursos do concretismo. Nesta ordem-desordem permanece a mitologia, a riqueza vocabular, e as reiterações temáticas, características próprias do tecido poético de FC.

A metáfora gerando imagens anteriores é uma realidade na poesia de FC, tanto quanto o prenúncio de imagens exteriores. Mas é no "Romance da Nuvem Pássaro", que se percebe a concretização das imagens exteriores nas suas variadas formas.

O eolismo tem se mostrado na poesia de FC dominado pela natureza, mas no poema "Invenção do Vento" deste novo livro, o eolismo se manifesta insubmisso como causa e efeito das realidades por ele designadas:

Tudo que se move no espaço / as nuvens de fogo e cépia / as catedrais de areia. / Tudo invenção do vento. //Os obeliscos de espuma / as ondas em movimento / a dança da maré alta. / Tudo invenção do vento. // O arrulho dos teus seios / os sons do teu pulso lento / os cachos dos teus cabelos. / Tudo invenção do vento. / O rumor que vem de fora / as vozes que vêm de dentro / as colinas do teu corpo. / Tudo invenção do vento. // A

chama em que arde a vida / inteira em meu pensamento / (chama da fogueira cósmica). / Tudo invenção do vento.

Nesta nova poesia de FC o espantalho é a metáfora do homem ou o próprio homem, lírico e licencioso, não muito distante de Príapo, deus itifálico da natureza, filho de Vênus e de Baco. As estrofes dos poemas "Canção Nº 3", "O Sangue da Alba", "Canção Nº 7", "Senhor Dom Octávio Paz", e "O Dia Erguendo", reiteram nossa afirmação: Já ouvi passos de arautos / entre as vozes da floresta. / Já me vesti de espantalho / numa tarde como esta. // ..... / / Celebras a espiga com / seu bracelete de orvalho. / Espigas são deusas louras / namoradas do espantalho. // ..... // Já me chamam de espantalho. / Meus olhos estão perdidos / nessas estradas de orvalho / da barra dos teus vestidos. // ..... // Alto céu de altas nuvens / alta flor de altivo galho. / Espigas são namoradas / dum rei chamado espantalho. // ..... // O dia ardia. / Urdia a malha / de raízes da túnica / do espantalho.

Destaca-se, no "Romance da Nuvem Pássaro", como nos livros anteriores, a poesia de cunho social. FC não é um poeta panfletário, nem engajado politicamente, porém, sua poesia estabelece compromisso com o mundo e com a realidade. O poeta pode não saber nada da "hierarquia dos ventos e das águas", no entanto tem pleno domínio do conhecimento da história, da política, e das desigualdades sociais, produzidas por um sistema capitalista concentrador de rendas, legitimador do poder da classe dominante. Sua poesia não propõe mudar o sistema pela ação, mas pela criação de consciências, as quais certamente realizarão as mudanças que sonhamos. Ana Vládia Mourão Aires, avaliando a poesia de FC onde predomina a temática social, nos conduz ao seu nascedouro:

> *"(...) Francisco Carvalho constrói a sua poesia; observando o cotidiano e, ao mesmo tempo, transformando o elemento social em matéria-prima, para edificar a sua obra literária."*

"Romance da Nuvem Pássaro" é um livro completo, tanto quanto "Silêncio Branco" (1998) de José Alcides Pinto, e "A Noite em Babylônia e Outros Relatos ao Eterno" (1998) de Artur Eduardo Benevides. Com esta publicação, FC reafirma sua grandeza poética.

In *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 1998.

## II – A Concha e o Rumor: Uma Poética Humanista

**A concha e o rumor** (Ed. UFC-2000) é a mais recente publicação do poeta Francisco Carvalho, que nos conduz à festa da inteligência e do prazer estético, postura natural e constante em sua poesia, sempre nova, sempre atual. Gerardo Mello Mourão nos apresenta FC e sua grandeza literária, distante da pretensão de nos persuadir, por se tratar de uma realidade concreta e inquestionável:

> "Parece que há duas pedras de toque para avaliar o quilate de um poeta. Uma delas é parar no meio de uma de suas estrofes e pensar: quem me dera que eu tivesse escrito este verso. Outro é quando suas palavras caem como um metal líquido derramado sobre o coração e ali tomam corpo e forma para sempre, como um sino de bronze ou a corda de bronze da viola. Francisco Carvalho, poeta maior, tem este quilate inconfundível. Como o boi de um de seus cantos antigos, ele pasta a memória dos que o pastoreiam e nos pune e nos rumina para sempre com a lembrança de um verso. A beleza é a coisa da poesia. Só ela dura para sempre. Esta é a qualidade da obra deste poeta maior, Francisco Carvalho, que grava em cada verso o contraste da beleza Vera, aquela que funda o ser e permanece inesquecível aos que um dia a conheceram no tato da gema dos dedos ou das pupilas fascinadas".

A poesia de **A concha e o rumor** é intertextual, promove um diálogo com textos universais, tornando-se contemporânea, mais humana em seu discurso, e mais próxima dos homens, degredados filhos de Eva. Nesta nova publicação pode-se perceber uma nova poesia, e uma estrutura que já não se pode mais dizer inquebrável... Como se vê, estamos diante de uma literatura que se permite as renovações, justificando uma afirmação dialética...

O tecido poético de **A concha e o rumor** está voltado para o homem, que se mostra revestido por uma realidade metafísica e existencial, cativo das paixões, da sensualidade e do erotismo que oscila entre o misticismo e a plasticidade.

FC tem definido o homem em sua poesia. Agora em **A concha e o rumor** essas definições retornam com intensidade, legitimando esse ser filho da argila que alcança a transubstanciação, inserindo-se no universo bovino sem anular a multiplicidade das concepções do poeta.

A poesia de FC é de fato definidora. Além do homem ela define o corpo, o tempo e o capitalismo, porque são elementos que se associam e não existem independentes da ação do "homo faber" e do "animal bípede implumado" , idealizados respectivamente por Bergson e Platão.

No poema "O boi de argila", o boi se desfaz da metáfora do homem que freqüenta a poesia de Drummond e de FC, transubstanciando-se e aproximando-se do homem inteiramente, assumindo sua matéria, o puro pó da transitoriedade: O boi de argila não pasta / a relva nem bebe o rio. // Rumina o vento que muge / à noite nos descampados. // O boi adivinha o cio / das novilhas no pastoreio. // Sonha com o sangue dos / bois expostos em nossa mesa.

As afirmações conceituais presentes na poesia de FC se anunciam singularizadas, em outro contexto, mais particularmente onde se inclui o conjunto de poemas intitulados "Viagem ao campo de centeio", estas manifestações se pluralizam, universalizando realidades conscientes da fugacidade. Serve-nos de exemplo sintético o quarto poema dessa série: Somos o tempo esvaído, o tempo / coagulado em nossas artérias. / O tempo que germina além dos sentidos / e apodrece dentro de nós. // Somos a raiz de fogo que dilacera / a intimidade da pedra e da seiva. / Tecedores de utopias e de mortalhas / de organogramas e de orgasmos. // Somos a eternidade que se escoa / entre os dedos e pétalas dos minutos. / Um rio que deságua noutro rio / mas continua inteiro em suas conchas. // Guardamos reminiscências de papiro / em gavetas de cedro e de cimento. / Cada qual escreve seu epitáfio / e desenha o contorno de sua mortalha.

O lirismo amoroso e social marca a poesia de FC, que se torna voz dos excluídos, "Canção do pobre" e "Discurso da ira", revelando uma literatura ciente das mazelas sociais, e profundamente conhecedora de quem as produz. Mantendo-se resistente, sabendo distinguir emoção e razão, o que é etéreo e terreno... O poeta sabe se conduzir, não se trai, fazendo prevalecer a sua doutrina, ou seja, sua ideologia dotada de lucidez. FC, por não ser antigo nem moderno, é pós-moderno. Inserindo-se no contexto do eterno retorno de Nietzsche e no próprio niilismo, compreendendo a supremacia da imagem que pode subverter a realidade das coisas...

O eolismo substantivado encontra-se presente na poesia universal. A poesia de FC substantiva-o e o personifica dando-lhe voz, ação e discurso. "A concha e o rumor" reafirma esta realidade eólica, fundindo em dois versos a substantivação e a personificação. Os versos finais da quarta estrofe do poema VI da série intitulada "Testamento de Odisseu", reitera os nossos argumentos: Só os ventos do vórtice infinito / choraram sobre as cinzas do rei Laomedonte.

O tempo não existe para a poesia de FC, ele pode ir e vir e não alterará

as suas feições. Ela permanecerá soberana, orientando as fúrias e as emoções dos mortais... É assim que se porta a verdadeira poesia, por ser uma questão de vida ou morte.

In *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 2000.

## AS MATRIZES VERBAIS DA POESIA DE FRANCISCO CARVALHO

*Jaci Bezerra/PE*

Justo fazer a louvação da edição, belíssima, viva e leve, do novo livro de poemas de Francisco Carvalho. Possui o resplendor de uma acácia boiando numa esquina. Quanto à poesia, creio que sobre ela posso utilizar a imagem de Artur Eduardo Benevides para definir a "Barca dos Sentidos": continua a "ser escrita com o cajado dos grandes patriarcas".

Um desses dias, depois de ler o trabalho de Sérgio Campos -FRANCISCO CARVALHO E A POÉTICA DO AZUL – decidi fazer uma leitura (parte releitura) dos seus livros. Os possíveis à minha disposição: A Barca, o Tecedor, Quadrante, Rosa dos Eventos, Os Mortos Azuis, Pastoral dos Dias Maduros, As Verdes Léguas, incluindo O Tempo e os Amantes, que descobri num antigo número da Revista Clã.

Fiz, com vantagem para mim, um percurso de interesse crítico que resultou numa viagem de alumbramento, de onde regressei com algumas conclusões: uma delas, a principal, e possível talvez de ser comprovada, a de que a poesia de Francisco Carvalho, o conjunto dos seus temas – a terra, a nostalgia da terra, as inquietações e indagações religiosas, os valores rurais, as paisagens rurais, o cotidiano e a modernidade – como a poesia dos grandes poetas, estruturam-se ao redor de alguns núcleos fundamentais.

São temas que ostensiva ou implicitamente marcam, de maneira pessoal e intransferível, o seu universo e o seu território; que definem a sua visão de mundo e, em conseqüência, o sentido de sua poesia,como, por exemplo, em Bandeira o sentimento da morte ou a conjugação da pedra, em Cabral. O que resulta nas construções e invenções verbais que um artista consciente se propõe a realizar: os marcos referenciais dos quais não se afasta e que caracteriza a sua obra; o que distingue um poeta chamado grande de um poeta, digamos assim, de menor porte e fôlego. Deus me livre das afirmações definitivas, mas direi que a *história* de uma grande obra, a sua coerência de sentido e o seu corpo verbal, é a *história de uma persistência*: o que sendo parte da memória e do universo do autor e, por isso mesmo, tudo o quanto o autor, doando-se e ramificando-se, pretendeu alcançar e alcançou. A edificação de um universo interior específico a partir dos temas específicos que o caracterizam e do qual, inclusive, emergem as matrizes verbais de sua linguagem: a sua singularidade. Augusto dos Anjos é um exemplo expressivo na poesia. E Machado de Assis e Guimarães Rosa são exemplos também expressivos na área do romance.

Lembro que Gabriel Garcia Marquez, em anos ainda recentes, dizia que os romancistas latino-americanos, no seu conjunto, estavam todos escrevendo um único e grande romance. É uma imagem bela mas discutível. Recorrendo a essa imagem, porém, e creio que isso já foi dito, entendo que um grande poeta, independente do total de livros que publique, escreve durante a vida um único livro. Sei que o tema é amplo para ser exposto num artigo (caberia melhor num ensaio ou numa boa e fraterna conversa), mas é assim que vejo o conjunto dos livros de Francisco Carvalho: como um único volume de canto e verbo erguido a partir de temas claramente demarcados, entre os quais sobressai-se a *Casa*.

Uma casa verbal e carnal, que respira e anda como um homem, que dói e chora, habitada por criaturas, visões, sentimentos, que se recusam a extin-

guir-se. Uma casa verbal e carnal, repito, onde cabem todos os livros que o poeta Francisco Carvalho escreveu, entre os quais essa casa de encantos que é CRÔNICA DAS RAÍZES e, certamente, os livros que o poeta Francisco Carvalho ira escrever. Casa nuclear de toda a sua poesia, digo para resumir, toda impregnada de imagens recorrentes: o pote, o sótão, a cancela, a lua, os ventos, os mortos, os vivos e tudo mais que, como bens da Casa, instalam-se no interior do homem.

Um desses críticos que amam as citações e a Semiologia, com todo respeito pela Semiologia e as citações, não precisaria usar luvas nem pinças para consolidar essas afirmações. Bastaria folhear, um por um, os volumes de sua obra, que são, permitam-me dizer, os capítulos de uma só: o índice de uma vida e de um homem, para encontrar explícita ou implícita, em cada um deles, a casa e os alicerces de sua poesia. Por exemplo: "Esta casa não é minha" (Canção do Deserdado); "De tijolo e barro / se quer a morada (...) Uma casa é uma asa / da ave que é nossa alma (...) Da casa se alevantam / vultos de ancestrais. / De barro e esperança / se quer a existência / casa provisória (A Casa); "No Sobrado do Barão / começava a Eternidade. / O tempo e meu coração" (in Pastoral dos Dias Maduros); "A Casa com seus fantasmas" (Poema da Definição); "Do fantasma que se hospeda / no casarão da fazenda" (Enxada), in Rosa dos Eventos; "Minha casa era uma choupana / coroada de grinalda e vento" (Ressurreição dos Mortos), in As Verdes Léguas.

E mais, muito mais, como nos primorosos versos do CRÔNICA DAS RAÍZES, onde a casa se projeta também com o seu rumor de encanto, tríbia, como no conceito de tempo de Gilberto Freyre: "A eternidade é tão longe / onde é que fica essa casa?" (Elegia Suburbana); "Nesta casa há divindades escondidas / mora um deus tutelar atrás das portas (...); velha casa de vento e imburana (Cântico em Louvor à Casa) e, ainda, no Poema da Casa Revisitada: "Velha casa soterrada / por tanto sol, tanto inverno (...) cantava um deus taciturno / nos gonzos enferrujados".

Tema essencial, o da Casa, que torna fácil para o crítico ou para o leitor mais aguçado, verificar que ao desenvolvê-lo, utilizando imagens assemelhadas, por vezes, ou recorrentes, o autor fala do seu mundo íntimo, e que esse mundo, o seu mundo, tem muitas portas e janelas. Imagens sensoriais, cheias de manchas de luz e cor. E essenciais na sua linguagem, além de exatas, porque essa Casa, a sua Casa, como as maçãs de Cézanne, é a origem da vida do homem e dos fundamentos de sua obra. É dela que nascem obras-primas como o poema Partilha, musicalíssimo com suas rimas e assonâncias internas ou como O Pote e Elegia de Novembro. Bachelard saberia decompor e revelar, com a argúcia do seu pensamento e da sua linguagem, os mistérios e segredos dessa casa encantatória. E talvez concluísse que a poesia de Francisco Carvalho, no espaço onde se mantém, bela, doída, viva e orgânica, é uma casa que inaugura uma alma e uma forma.

Talvez coubesse ainda dizer, nesta conversa que se faz longa, a partir de todas essas considerações, que no interior dessa Casa fremem e ardem todos os versos e formas. Os metros tradicionais, as formas fixas, os versos e metros livres. Incluindo, com rara sabedoria, os metros e formas que pulsam no coração das violas. Mas ressaltando que os metros e as formas tradicionais, do mesmo modo que os versos longos e epifânicos, e o que mais seja, são todos *livres*, porque não subordinam nem põem mordaça na poesia; ao contrário, neles a poesia flui livre e solta, revelando o que se diz e o que se sente, até onde se quer dizer o que se sente. Poesia liberta, portanto, até porque toda grande poesia é livre, independente de metros e for-

mas, desde que construída com aquele verbo que, feito de verdade e vida, é longa e amorosamente conquistado.

In Diário do Nordeste. Fortaleza, 1993.

## II – Sonata dos Punhais

Fiquei feliz lendo o texto de Fausto Cunha incorporado ao livro SONATA DOS PUNHAIS, de Francisco Carvalho, a que só agora, passado tanto tempo, tenho condições de reportar-me. Me senti feliz por duas coisas: pelo fato de ele, como grande e reconhecido crítico que é, ter tido, diante do BARCA DOS SENTIDOS, uma sensação semelhante à que sentiu diante do livro INVENÇÃO DE ORFEU, de Jorge de Lima, o que confirma a minha opinião de que a BARCA é um livro monumental e definitivo. E diante do que ele, lucidamente, considera a juventude da poesia de Francisco Carvalho: a sua juventude de poeta e fazedor considerando que "o poeta se joga de corpo inteiro na poesia, como se visse, como se dissesse tudo pela primeira vez" É m belo texto o de Fausto Cunha. Um texto conciso que faz justiça à grandeza da poesia de Francisco Carvalho e, naturalmente, à sua grandeza como poeta. Pois é impossível a qualquer crítico ou poeta ou leitor de sensibilidade não reconhecer que o BARCA DOS SENTIDOS é um livro que conjuga a dimensão de três tempos: o presente, o passado e o futuro, como ocorre com qualquer obra de arte realmente grande: um livro, uma escultura, uma pintura. Livro de poeta que é, ele todo, um mestre de formas e metros. Uma casa de poesia habitada pela poesia. A razão, por isso mesmo, pela qual a poesia que floresce no teclado de sua máquina de escrever ou no bico do seu lápis terá sempre a textura da poesia jovem: a razão de sua juventude tão presente em todos os livros do autor.

A impressão que tenho, expressando a minha condição de leitor, é de que poetas como FC estão sempre, e intensamente, recriando o que escrevem; recriando e acrescentando-se sobre o que foi escrito. Passando e repassando a vida a limpo, sem hesitações ou rasuras. Escrevendo, ele se apossa de todas as formas, fazendo das formas novas e antigas um corpo novo, porque usa um verbo novo: o seu verbo. Funde o seu tempo exterior, o seu universo circundante, e o seu verbo interior, lembranças, paisagens, memória: o seu tempo, que vem e vai até onde vai a vida. Tudo o que ele é e vive e sente e pensa. Dai a sua poesia também se mover, clara e viva, respirando, acrescentando-se e consolidando-se, página a página, poema a poema, livro a livro. Creio que já me referi a isso, de outra maneira talvez, ao escrever "gauchemente" sobre o livro "Galope de Pégaso".

E creio que tudo o que disse, posso dizer agora a propósito do seu encantatório SONATA DOS PUNHAIS. Escrever é imprimir e tornar público o que vai na alma. E esse é um livro que só pode ser lido por quem de fato possui uma alma. Lido intensa e lucidamente, quero dizer. Nele está presente a maioria dos temas prediletos de Francisco Carvalho. Nele o autor faz um percurso que vai do lírico ao trágico, sem esquecer um refinadíssimo e, por vezes, ácido humor. Tudo, porém, tocado de funda compreensão humana. Por tudo isso, é um livro novo, aceso e novo, porque com ele o poeta alarga a topografia de sua obra, conscientemente, porque sabe que "Maior (é) o encantamento que a saudade", para citar o verso final do admirável "Testamento Fúnebre".

Penso, considerando os livros de sua autoria que conheço, a sua poesia, que Francisco Carvalho vem escrevendo um livro só,do qual a BARCA DOS SENTIDOS é fonte e convergência. Quem ler a sua obra com atenção talvez sinta o que sinto. E reconhecerá nele o que tão bem disse Fausto Cunha: "um dos grandes poetas da poesia brasileira contemporânea". Não tenho nenhuma dúvida em endossar essa opinião, pois,

na minha condição de leitor e de poeta em constante aprendizado, considero-me um cúmplice da sua poesia. Muito tenho aprendido percorrendo a sua casa de alumbramentos e espantos. Certo, bem certo, de que "A palavra é o que somos desde a origem". E continuo a aprender com esse SONATA DOS PUNHAIS, que me devolveu o prazer e a alegria da leitura.

In Diário do Nordeste. Fortaleza, 1995.

## CENTAUROS URBANOS

*JORGE TUFIC/CE*

Neste livro, que considero um dos melhores da trajetória poética de Francisco Carvalho, hão-de encontrar seus leitores, nas duas vertentes que lhe nutrem a inspiração e o trabalho – quais sejam o lirismo e a problemática do ser – pascalino ou litúrgico, como vivente de uma esfera sujeita à morte e à decomposição – aquela pausa maior em que nada pode ser resolvido senão através da poesia. É nessa fronteira, também, que o filósofo E. M. Cioran descarboniza o pessimismo de seu famoso Breviário: "o universo não se *discute, se exprime".*

A marca expressiva do Autor, festejada desde que se estreara nas "artes músicas", continua, ao ver de alguns críticos, inalteradamente progressiva em cada uma de suas gloriosas etapas, não sendo estes *Centauros Urbanos* uma exceção à regra: ele é uma prova a mais de sua força verbal e do poder que lhe anima para atingir o núcleo metafórico dos mais límpidos diamantes da escrita.

Ao prosseguir nas minhas anotações, tendo em vista escrever alguns parágrafos sobre o livro, detive-me um pouco numa resposta de Lêdo Ivo, quando fora este solicitado a fazer uma seleção antológica de sua obra poética. Disparou, então, esse mestre das nossas desilusões na literatura, "que todos os poemas de sua autoria foram escritos simultaneamente", e que ele não percebia neles "o emblema do passado ou o estigma do presente. Todos eram contemporâneos, habitavam o mesmo momento" (Vera Lúcia Oliveira, Revista da ABL, pág. 201, ano 2002).

Assim tem sido e assim contemplo, à distância, a impregnante e sugestiva poesia de Francisco Carvalho, *magnum opus* que está a merecer uma edição especialmente cuidada por editores qualificados, reunindo sua obra completa, sem prejuízo de que o poeta, ainda por longos anos, prossiga dividindo o seu tempo entre a burocracia da Universidade Federal do Ceará e a colheita umbrosa de Hafiz, ou das insônias de Van Gogh.

Mas qual o preceito, a diretriz do poeta?

Em nenhuma lógica se enquadra o poeta, em particular o poeta cujo original tenho aqui para honra da minha escrivaninha. Ele é ubíqüo, introvertido, onilateral e onipresente; numa palavra, demiurgo. Nessas viagens, por acaso, ele vai ao encontro de Proust, Homero, Fernando Pessoa ou Rimbaud. Pode até ser barroco, no que tende a sentir, como no primeiro citado, as tenazes do "tempo perdido, a obcessão do tempo como evanescência, o apego inútil à sensualidade do instante, as horas que voam, o *vanitas vanitatum,* a vida sonhada mais que vivida, o ser e não ser entre dois agoras, entre há pouco e daqui a minutos"... (Augusto Meyer, Proust, Vida e Obra, Correio da Manhã, 19/11/96, Rio de Janeiro). Tais sentimentos se fundem e se estilizam por uma representação mais forte do objeto invocado, ou pelas ambigüidades, traços estes comuns na poética de Francisco Carvalho. Há outros ângulos, porém, um denso textuário, riquíssimo e vasto, ao dispor dos leitores.

Deste modo, quem tenha observado o "movimento" ou os "movimentos" na poesia desse veterano, há-de notar que ele sabe, tanto quanto os mais atentos exegetas ou filólogos, que a persistência dos hábitos adquiridos em séculos de cultura estratifica os con-

teúdos da palavra. Quando ele diz, por exemplo, "formigas elétricas", "papoulas de arame", ou repete a preposição "sem" como se fora "cem", numeral, dialetizando a ausência de algo com a possibilidade "real" do que pode ser visto e captado, isto revela, sobretudo, um domínio da experiência exaustiva sobre o léxico estático, de que se devem tomar por empréstimo um mínimo de peças para um máximo de jogo.

E, então, como se veste o poeta em sua nova performance?

Aqui são fios de lã, no recesso doméstico, em atrito com os "pneus no asfalto". São galos "prenunciando genocídios", onde as vidas íntimas se evaporam. É a noite "que chega dos pântanos / e solta sua matilha de dentes amolados". São "torres que desabam", "destroços do apocalipse". "Uma aranha tece a teia / nos galhos ressequidos / de uma roseira morta". Em "Reflexão Urbana", "Homens e robôs manipulam algarismos / e fórmulas matemáticas / para um mundo devastado pela fome".

Ao lado dessa temática atualíssima, contudo, ambientada agora nos centauros mecânicos, essas incríveis entidades alegóricas que se tomam de amor pelos oráculos da cibernética, não deixa o poeta de quedar-se, elegíaco, diante da bela da tarde, ou fechar-se na câmara do tempo circular, transmentalizando o inescrito de sua provisoriedade acadêmica, oposta ao *sensu cosmicu*. Mas não será por isso, nem por aquilo, que o Esteves vai ficar sozinho ou que as águas do Tejo se possam deslembrar de Camões ou das serestas coimbrãs. Convém frisar, ainda, que Francisco Carvalho não abre mão, neste livro, nem da metalinguagem nem do metapoema, tudo conforme as acepções conferidas a este verbete pelo mestre Batista de Lima, ao discorrer sobre a poesia de Mário Quintana (Batista de Lima, Caderno Cultura, Diário do Nordeste, 23/02/03).

Livro denso, com muitos poros semânticos a recenderem visões apavorantes, por um lado, como na "Ode ao Episódio", e, por outro lado, a nos chamarem a atenção para o João Pimenta, carregador de anjos, entre tantos outros achados raríssimos do mesmo cotidiano, a exemplo das "formigas elétricas", dos "caninos podres das espigas", do balir da flauta... Valeu, Poeta!

In *Centauros Urbanos*. Imprece Editora, Fortaleza, 2003.

## GIRASSÓIS DE BARRO

*José Alcides Pinto/CE*

Com *seu* novo livro – **Girassóis de Barro** – e á altura dos seus setenta anos, talvez Francisco Carvalho queira encerrar sua trajetória poética e, se o fizesse, encerrá-la-ia em um círculo de ouro.

Mas não deve pensar nisso, pois agora, como sempre, seu estro está mais inclinado ao assédio das musas. Embora todos os seus livros sejam importantes, nenhum outro conseguiu celebrar o idílio amoroso com tanto encanto como em **Girassóis de Barro**.

Refiro-me à **Segunda Parte** do volume, ou mais, propriamente dito, aos inspiradíssimos Cantos desse bloco, que se apresenta sob o titulo de **Pastoral de Minas**, muito apropriado, sim, levando-se em consideração o sentido e o sentimento lírico de que se revestem os Cantos.

São poemas e sonetos que evocam o amor de Marília de Dirceu, célebres composições magoadas, gentis, com que o poeta inconfidente Tomás Antônio Gonzaga eternizou, em versos candentes, a beleza da moça de Vila Rica (Maria Dorotéia), tão cobiçada pelos pajens da Corte, por sua angelical imagem – Marília bela – "namorada do Ouvidor?".

Na realidade, se não existisse o amor de Marília e Dirceu, tudo não teria passado de um simples episódio, um equivoco, a encher de sangue e lama a face de nossa história política,

que tem como principal protagonista o Alferes Joaquim José da Silva Xavier.

Mas aqui esta o mistério e o sortilégio das palavras transformados em poesia. O episódio de Marília de Dirceu se confunde e se completa, ao mesmo tempo, com a história da Inconfidência Mineira. Nada mais eterno e heróico do que esse amor, sob as amarguras do cárcere.

Essa tragédia singular, e real, que se aproxima de Inês de Castro e se afasta do platonismo de Romeu e Julieta, só poderia ser decantada por um poeta da estirpe e da grandeza de um Francisco Carvalho Só a ele caberia a primazia de tratar esse tema com tanta habilidade e delicadeza.

Embora começando esse trabalho por 1/3 do livro (a obra é dividida em três partes), sinto-me na obrigação de dizer que **Pastoral dos Aflitos** e **Rastros da Parábola**, guardam a mesma identidade criativa da obra. A forma, a estrutura lingüística e a sintática não se alteram. O sentido e o sentimento, sim; esses envolvem nossas almas na tragédia de Marília de Dirceu.

Porventura, esses mesmos elementos não se acham dispersos em todo o livro? E nem podia ser de outra maneira. Senão vejamos o Soneto Triangular III, da pág. 55:

*Por sete anos foi pastor fiel. / Outros tantos passou entre os rebanhos / para a Lia trocar pela Rachel. // Jacó, coitado, o tempo todo ardia / longe dos olhos da pastora amada / irmã mais moça da feiosa Lia. // Os anos passam, lentidão cruel. / Porém Jacó só pensa nos encantos / e ondulações do corpo de Rachel. / / Quando lhe é dado o coração da Lia / Jacó pensava nesse amor sem glória / e a si mesmo cem vezes repetia: // ventura alguma já me aquece e doura / se perco o amor e as cabras da pastora.*

Perdoe-nos o paciente leitor a transcrição de todo o texto, sem o que o poema perderia o sentido.

Na **Terceira Parte**, a fulguração do amor continua sob o prisma, agora, da esperança que "muda em flor a estrada do calvário". Diz ainda o poeta: "Eu falarei de amor tão docemente / que só o amor me seja arrimo e amparo".

Ao que parece, Francisco Carvalho elegeu os poemas de **Girassóis de Barro** para tratar dos temas eternos: o Amor, a Beleza, a Morte. Desta obra desaparece o poeta de cunho social, que se manifesta em tantos outros livros com mais veemência. Em lugar dessa vertente, reaparecem suas metáforas luminosas, os símbolos eróticos e os mitos, que são as fontes do amor eterno.

Neste livro, ele recria e enriquece a poesia brasileira. **Girassóis de Barro** é um livro que consagra qualquer autor.

In *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 1997.

## II – Rosa dos Minutos Eternos

Francisco Carvalho fez da sua poesia um oráculo – templo sagrado onde passou a habitar com seu corpo e sua solidão. E o fez com o delírio e a obstinação dos grandes poetas: de lira a tiracolo, como os andarilhos, os apátridas, mesmo que as viagens empreendidas e as aventuras fossem em torno de si mesmo ou no corpo da amada.

Mas voltemos a esse poeta de voz mansa e alma solidária, que, como um pássaro canoro e estival, faz seu ninho no beiral da casa, ao alcance dos felinos. Mas estes não o incomodam, antes se beneficiam do seu canto. E nosso poeta canta para o mundo inteiro, para os quatro continentes, para todas as nações e para todos os povos. Sua linguagem é universal, desconhece as fronteiras e, sendo o que é, um poeta legítimo, tem seu lugar assegurado no tempo de hoje e da posteridade. Como César Vallejo, Neruda, Guillén, Drummond, ou Fernando Pessoa, sua poesia já não lhe pertence, é patrimônio da humanidade.

Assim o vemos subscrever mais um livro raro – esse **Rosa dos Minutos**, que, como **Sonata dos Punhais**, outra grande obra, passou em branco. Justifica-se

ou não se justifica: não temos uma crítica atuante nem qualquer distribuição. Os poetas hoje são lidos por oficiais do mesmo ofício. E isso não acontece só no Nordeste, mas no país inteiro. É tolice, e das maiores, pensar que no eixo Rio-São Paulo as coisas sejam diferentes. Um ou outro consegue levantar vôo. E estes são sempre os piores.

Mas vamos nortear nosso trabalho pelo livro mais recente: esse **Rosa dos Minutos**. O poeta aqui esta por inteiro, como de resto em toda a sua obra. Sua poesia, embora evolua a cada dia, não perde sua identidade (e por que haveria de perdê-la?) Um bom soldado vale por um batalhão se não perde a coragem e a esperança na vitória. Carvalho conquistou sua própria linguagem. É um poeta que elegeu sua dicção a nível nacional. Domina bem o idioma, a linguagem, a técnica da montagem do verso, a estrutura e a forma precisa. Todos esses elementos lhe são familiares. Cada livro é um acréscimo à sua obra, que se avoluma no contexto da literatura nacional. E sempre com a marca da sua autenticidade. Poucos poetas brasileiros podem mostrar uma obra uniforme como a sua e coerente com seu tempo.

Cultivando o poema por vezes experimental, revolucionário, na forma e na concepção, Carvalho é, por excelência, o poeta que cultua uma visão clássico-moderna. Mas é bom notar que seus poemas são atualíssimos, sempre perseguindo e se projetando na vanguarda criativa.

Sua poesia é social, amorosa e erótica a um só tempo. O sensualismo é a nota predominante de muitos de seus poemas, mas este não prevalece sobre o lirismo de seus versos, antes são integração destes: "Não gostaria de ser o que tange / os mortos para o seu redil. / Gostaria de ser o arquiteto / que desenhou o teu quadril". (**Esteves**).

Ele mesmo se diz dono de uma aventura a que poucos se permitem: a de "escrever um poema sem vértebras". Torna-se difícil ao leitor escolher o melhor desse livro, como se em matéria de poesia existisse o melhor. Talvez o mais correto seria o da preferência. Ainda hoje guardo de memória estes versos de Carvalho, já não sei de que livro, e que transcrevi a título de epígrafe para um de meus romances: "Tempo exato verte / de mim como areia. / O amor é um deserto / de que a alma esta cheia".

In *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 1996.

## III – O Encanto da Mulher Pássaro

O último livro de Francisco Carvalho – **Romance da Nuvem Pássaro**, de poesia, sim, vem confirmar mais uma vez o excelente poeta que ele é. E como uma fonte de bom veio, a fluir sobre flores e seixos, Francisco Carvalho cada dia mais se afirma como um poeta de grandes recursos criativos.

Sua linguagem nova, pessoal e polissêmica, o situa entre os mais altos cultores da poesia brasileira deste fim de século.

Carvalho aprendeu a fazer poesia muito cedo. Conheceu as técnicas do verso, o artesanato, seu mistério; a estrutura, a forma, o esplendor das metáforas; a palavra necessária, escolhida, eleita – Teseu – os grandes mitos da história, Orfeu de lira em punho.

Francisco Carvalho é um poeta que se distingue dos demais pela sabedoria do seu verso. É o poeta da inteligência, o que faz dele um mestre na arte de escrever poesia.

A sobriedade, a paixão, a visão profética que conduz sua poemática, tão rica de símbolos e expressões genuínas, marcadas pela autenticidade do seu talento, integram o **Romance da Nuvem Pássaro** e, de um modo geral, toda a sua obra.

Mas, neste livro, Carvalho está mais afoito. Não rompe com a estrutura do verso, nem isso seria de se esperar. Uma obra como a sua, que se constitui num bloco uno e indivisível, marcada pela práxis criativa, não tem sentido de se falar em ruptura, a não

ser na montagem do poema, que ele realiza com pleno êxito.

Carvalho, como Apollinaire e alguns dos nossos, sem querer embora ser um deles, deu uma forma gráfico-visual de tempo e espaço funcionais aos poemas deste livro, o que resultou na leveza destes, não só pelos alvéolos gráficos – imagens dos textos –mas, sobretudo, pela plasticidade imagética que o aproxima de Pessoa, Mallarmé e Valléry. Mas o ponto culminante do livro está, sem qualquer dúvida, no poema que abre o volume – **Ode ao Pastor das Estações** – em que presta homenagem a Octavio Paz, poeta de sua predileção.

Felizmente, Carvalho não nasceu poeta, como de ordinário acontece a muita gente. Aprendeu a fazer poesia com Baudelaire, Augusto dos Anjos, Gerardo Mello Mourão, Drummond, Ivan Junqueira, Dante Milano, Jorge de Lima e poucos outros.

Poeta vitorioso, em qualquer um de seus livros e em qualquer tempo. A linguagem simbólica é a marca eterna de sua poesia.

A obra está dividida em quatro partes. Não vamos enumerar nenhum de seus poemas, para não tirar a surpresa do leitor. O destaque fica para a novidade editorial da obra.

À altura dos seus setenta anos de idade, o poeta se apresenta com toda a sua plenitude poética.

O livro prossegue com **Canções da Aldeia**, composto de poemas leves e aéreos, como se fossem baladas, folhas perdidas ao sabor do vento, e que acabam por se transformar em silêncio e reflexão.

Essa aldeia está dentro de sua obra poética e não é outra coisa senão a sua própria infância.

**Romance da Nuvem Pássaro** é uma metáfora que o acompanha em todos os seus estágios existenciais. O homem que não cultiva um pedaço de sua aldeia e de seu cemitério é uma árvore sem raízes, que o vento arranca ao sopro mais forte.

O que sei é que a idéia do homem é o homem, e este só é inteiro quando carrega dentro de si os seus antepassados. A aldeia em que nascemos é o caminho por onde andaremos sempre, vivos ou mortos.

Vamos saltar para a parte que fecha o livro – **Ficções do Cotidiano** – mesmo porque nosso propósito não é o de acompanhar, de modo linear, a trajetória do volume. Aqui também o temos em seus melhores instantes, a praticar, por vezes, o poema intimista.

A mão afagante do poeta se estende aos seus amigos, e são muitas as homenagens prestadas àqueles que o acompanham de braços abertos na solidariedade da aventura de seus poemas.

Carvalho pode ser considerado o poeta do amor existencial, da natureza das coisas e da natureza humana. Tão fundo penetra ele nos refolhos da alma e da beleza. Sua poesia é como uma partitura musical, uma orquestração de cantos e ritmos. Sons e cores se completam nessa sinfonia que se dilui e sobe ás estrelas mais altas e silenciosas.

Poeta órfico, onírico, sensual e, sobretudo, dono de uma herança estética de amplitude universal, que vem dos clássicos, ele próprio um clássico moderno. Não é de admirar que, sozinho, possa povoar os espaços de nossa solidão com versos tão necessários à vida, como os do **Romance da Nuvem Pássaro**.

In *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 1998.

## FISIONOMIA DE UM SONETO

*José Valdivino/CE*

Francisco Carvalho é poeta cearense, de Russas, na bacia jaguaribana. Pelo visto, ficou, nos ouvidos do menino, aquele turbilhonar de águas agitadas, no inverno.

Daí (quem sabe?) sua poesia de aspecto retumbante, vivendo tempo e fato, num dizer hermético e rijo: "No turbilhão dos astros agitados / arcanjos

belicosos pereciam. / Os corpos entulhados flutuavm / no cume das nações envelhecidas". (Memorial de Orfeu, p. 86). A poética de F.C. nos dá a fisionomia de seu verso, em aura de fundo hermetismo. De modo felicíssimo, porém, F.C, no poema a comentar, apresenta outro comportamento estético.

Trata-se do soneto O Casarão, publicado em edição de **O Povo:** "Da noi-.e acorrentada escorre a chuva. / Longe o trovão celebra os ancestrais. / Um galo expulsa o arcanjo taciturno. / Range o gonzo do vento nos portais. // No corredor silêncios se bifurcam. / Sombras arrastam fímbrias pela sala / Cresce o clamor das vigas que soluçam / ao peso da memória que se cala. // O casarão de espectros se povoa. / Rugas feudais espreitam nos alpendres / O inverno prometido que não veio. // Um vento esguio nos cristais ressoa. // Erram nos quartos vultos de alfazema / e um cheiro milenar de palha e seio".

Nota-se, no poema em tela, uma inclinação artística do Poeta, em confronto com a sua obediência aos cânones da poesia de novas ferramentas. Ao verso de contextura hermética e quase bíblica do autor de "Memorial de Orfeu", lê-se um verso dentro das normas antigas, quer pelo arcabouço do poema, quer pela sua feição artística. Tudo no soneto é recordar, é afeto, é a presença do contingente humano, que lhe enfeita o passado. O rimário é livre, combinando apenas o 2º e o 4º versos da primeira estrofe e o 2º e o 4º da segunda. Quanto à rima dos tercetos, o 1º verso combina com o 1º do segundo terceto, e o 1º verso do 1º com o 3º do 2º terceto.

O Poeta apóia o ritmo, nas cesuras, com grande variedade, evitando, assim, uma provável monotonia musical. O soneto é um decassílabo sonoroso, por onde flui a sua história.

Tudo é exposto por meio de um vocabulário comum, mas carregado de tintas metafóricas oportunas, cheias de vida. Assim, a palavra se enriquece de sugestiva beleza e de novo sabor expressional.

Aliás Mário Chamie já explicou: "O que define a poesia moderna são os processos de levantamento (de presentificação) e o que define o tradicional é a expressividade" (Chamie, Palavra-Levantamento, p. 13). O poema de F.C. traz, precisamente esta característica expressividade: "Da noite acorrentada escorre a chuva". (Sic) A expressão "acorrentada" ficou nova, graças ao poder sinestésico de "acorrentada". /ancestrais/ i.e., os trovões passados, doutros invernos. / Um galo expulsa o arcanjo taciturno / i.e. – a madrugada dissipa os medos noturnos. / "gonzo do vento" / – sinestesia. / "No corredor silêncios se bifurcam" / i.e. – prosopopéia. A palavra /silêncios pluralizada, imprime à cobra do verso um clima de novo e belo e em virtude da força da prosopopéia. / "Sombras arrastam fimbrias pela sala – "Prosopopéia". A confissão do verso lembra "saias longas", modas passadas de senhoras donas. / "...O clamor das vigas que soluçam – prosopopéia. A lembrança dos tempos idos fazem peso no travejamento da casa velha. / "rugas feudais" – metáfora e prosopopéia.

O autor preparou, como de praxe no verso de ontem, o chamado "patético". E esse "patético" chegou com muita graça e originalidade, no último terceto, quer pelos enfeites estilísticos, quer por constituir um pedaço de cristal batido de sol: "Um vento esguio nos cristais ressoa. / Erram nos quartos vultos de alfazema / e um cheiro milenar de palha e seio" (sic).

As palavras /palha/ e /seio/ estão limpas de todo o possível conteúdo prosaico e vivem, no verso, que atinge as origens e todo o comportamento genético dos que ali viveram.

In jornal *O Povo*

## FRANCISCO CARVALHO

*Luciano Maia/CE*

FRANCISCO CARVALHO está para a poesia cearense assim como

as chuvas nas cabeceiras do rio Jaguaribe estão para o Ceará: sinônimo de reinauguração, extrato de perenidade renovada.

Uma poética tangida pelo sopro mágico da criação, moldada pela sintaxe do bronze, reflexos de mananciais secretos, subjacentes à manifestação da palavra.

Uma poética nutrida dos elementos primordiais e forjada também pelo compromisso e pela vocação da universalidade.

Poeta maior, Francisco Carvalho contempla, antes de tudo, a terra, a sua terra, a nossa terra, pais incrustado não importa em que latitude do planeta, porque sua voz reverbera alhures, na solidariedade com o conterrâneo e com o estrangeiro, com o irmão e com o forasteiro, pois a sua profissão de fé tem bases num valor maior, o do crescimento do Homem no amor da Terra.

Francisco Carvalho reúne neste volume escritos que, em sua maior parte, já foram publicados em revistas e jornais. E outros apontamentos inéditos, todos guardando o vinculo com a visão do poeta e do filósofo, do *savant*, do homem apto à compreensão do fenômeno vital,da outridade e da realização do projeto maior da existência humana, que é o de convencer o prôximo da validade do bem comum e da utilidade da beleza: o projeto da poesia, em elaboração constante nos escritos deste nosso patrício do País do Ceará.

Criar o belo é lutar contra a feiúra: a da injustiça, a da miséria, a da marginalização do homem. Portanto, ser poeta é ser revolucionário, como sugere Evtuchenko: a biografia de um poeta são os seus versos. Nessas apreciações críticas (porém não acadêmicas, não professorais), que constituem um saudável e proveitoso exercício de análise literária, o caro leitor observará, desde o primeiro parágrafo, que o seu autor não incorre na nova (e já tão surrada) desculpa de que o texto em análise deve ser considerado, para efeito de estudo critico, com a abstração de quem o forjou. Ora, isso seria a negação do fenômeno da realização do homem. No cinzel, na pena, no martelo, no pincel ou – qual hoje sói ocorrer cada vez com mais freqüência – no teclado do computador, o artista, arquiteto de imagens e palavras, de sonhos, de sugestões e de encantamento, é a ponte que se estabelece entre o mundo real e sua obra. É, portanto, sendo parte da criação – e também de sua própria criação, enquanto valor que se constrói e a um só tempo criatura, inteiramente vinculado com a construção futura, que será sua e de todos, porque elaborada – digamos de novo – na luta pela consecução do belo: do útil.

Francisco Carvalho tem uma noção muito precisa de todas essas implicações que rodeiam e penetram a criação artística e, em especial, a criação literária. É mestre-aprendiz. O que aprende de Deus, ele nos ensina.

In *Textos e Contextos*. UFC/CJA, Fortaleza, 1995.

## POESIA MADURA

*Luiz Tavares Júnior/CE*

### Introdução

**O Silêncio é uma Figura Geométrica**, última obra do Sr. Francisco Carvalho, vate maior de nossa terra, é uma epítome de sua poética.

Dividida em três partes, estende-se diante do leitor como um retábulo, com os componentes independentes, com tonalidades próprias, visões parciais, todavia, de uma totalidade manifesta por cores e traços que compõem uma poética forte, marcada por duas forças mestras – Eros e Tânatos, nas suas múltiplas e infindas variações, que, contudo, não preenchem todos os espaços da poesia, deixando frinchas para especulações de ordem metafísica, incursões pelos espaços da história, observações ligeiras sobre ciência, divagações sobre

as agruras humanas, reflexões acerca do cotidiano das pessoas e das coisas, devaneios sobre a paisagem e elementos da natureza e, como nos lembra Ana Vládia Mourão Aires, regresso ao mundo da infância e preocupação com a problemática social.

Iríamos muito longe, se nos dispuséssemos a uma demonstração minuciosa da temática e dos recursos formais que a revelam, arcabouço de sustentação do mundo de **O Silêncio é uma Figura Geométrica**, um universo inesgotável de sugestões sobre a vida humana, sua grandeza e miséria; um quadro de dimensões amplas sobre os quatro elementos: terra, água, fogo e ar; sobre os animais da terra, sua natureza física e simbólica; sobre sua parcimônia no emprego das cores; sobre sua exuberância nas exteriorizações da sensualidade, sobre a absorvente preocupação com o tempo; sobre os dilemas do mito e os enigmas da História, aflorados nas personagens dos heróis e nas figuras citadas nas grandes epopéias, nos deuses e profetas das religiões, nos miseráveis de ontem e de hoje.

Matéria e instrumento do poema, a linguagem torna-se também objeto de reflexão e a palavra é examinada em suas potencialidades e em sua força estruturante do poema, em vários momentos das três partes. Num conjunto de poemas, podemos perceber o diálogo estabelecido entre o poeta de **O Silêncio é uma Figura Geométrica** e outros criadores literários nacionais e estrangeiros.

## Eros e Tânatos

Acima aludimos que Eros e Tânatos são duas linhas fulcrais, que percorrem a grande maioria dos poemas e lhes dão uma força de sustentação inegável. Logo no primeiro poema, o Eu lírico se diz "contemporâneo da morte" e, em **Elegia da Ponte dos Ingleses**, tem consciência de que "o caminho dos mortos não tem volta".

"Contemporâneo da morte", torna-se obsedante a preocupação com o tempo, núcleo ideológico, solidário ao tema da morte, que oferece ensejo e ocasião a constantes reflexões metafísicas sobre os novíssimos do homem, sobre o vazio da vida, sobre o tormento da fugacidade das coisas, sobre a ambição vã, sobre a vaidade vazia, enfim, sobre a perplexidade perante os quadros da natureza e a inutilidade dos esforços do homem.

"Quando os poetas morrem / as suas almas fecham todas as portas / e as metáforas se calam". (p. 33) // "O tempo, esse adivinho, / que semeia augúrios pelos caminhos. / O tempo e seus heliantos de areia. / Correnteza de orgasmos e acalantos. / O tempo é uma onda que vai e volta. / Metáfora da anaconda. (p. 46)

O poeta é um barqueiro sempre preparado com "os seus remos para a travessia da morte", e por isso deve cantar "o que lhe der na telha": a natureza, os animais, os produtos naturais, o vinho e também "as queixas e mágoas", pois "A vida já é uma oferenda". Ele "é um ser do espaço e do tempo".

A morte, "qual Penélope", eterna fiandeira, tece o destino do homem e ninguém escapa ao seu "gélido sorriso"; "deusa macabra, a morte é uma ladra".

Inúmeras são as imagens, incontáveis as referências, múltiplas as figuras, variadas as alusões, constantes as recorrências ao mito e aos deuses, gnomos e fadas, que aludem à Morte, desdobram sua idéia e alargam sua semântica, a se derramar no significante de **O Silêncio é uma Figura Geométrica**. Sem esforço, pode-se perceber a veracidade do que foi dito e a eloqüência do que se calou.

Em contraposição a essa força negativa, ao princípio da Morte, o poeta ergue o princípio vital, nas celebrações de Eros, e confronta a alegria, o prazer, o sexo, as ardências, a luxúria, com a tristeza, com a dor, com a impotência, com as calmarias e com o desengano

da carne e "só pensa na ração de prata do orgasmo", fareja "o mênstruo das flores e o sangramento das orquídeas", escala "os montes de relvas das namoradas" e sabe que "só o amor é necessário" (p. 52) e "que os instintos rugem como feras numa jaula (p. 62).

E Eros, como força criadora, como princípio de vida, como impulso sexual, é o segundo grande esteio de **O Silêncio é uma Figura geométrica**; à semelhança de Tânatos, a multiplicidade de símbolos, imagens, metáforas, índices, termos explícitos, dão sustentação a essa segunda viga mestra, que serve de fundamento ao edifício lírico dos poemas.

A figura da amada, os seios, as nádegas, o aroma, as carnes, povoam inúmeros poemas, ao lado de outros elementos que sopram vida, dão ânimo a coisas e seres, avivam a natureza, os homens, os animais, as aves e as plantas.

"O cio, o mênstruo, o orgasmo, os instintos", o desejo pululam nos poemas, a nos lembrar que Eros, em seu esforço criador, é a fonte da Vida e do Prazer, em sua luta antagônica com Tânatos, princípio do aniquilamento e da dor, enfrentado com ímpeto, de modo a chegar, às vezes, às raias "da ira e do ranger de dentes".

Poderíamos transcrever inúmeros termos, versos e poemas, incontáveis metáforas, que comprovassem nossas observações; escolhemos, todavia, apenas dois poemas, como registro de nosso dizer:

**Orgia**

Na mesa os copos cheios / de ira e ranger de dentes. As taças e / espumas repletas de luxúria. / O vento acaricia os crespos / pensamentos das samambaias. / Pombas, os teus seios alçam vôo. / Na mesa todos os sentidos dardejam. / A música ergue seu pênis de cristal e trespassa / as dobras de seda do cio das moças. (p. 66)

**Noturno da Ponte Metálica**

Das ondas chega a noite / filha da espuma atávica. / Orgasmos brotam do vento / e da ponte metálica. // As luzes dos navios / rastejam sobre as águas. / Seios que ainda arrulham / como os filhos das aves // despencam dos vestidos / com sedução felina. / Nesse jardim de nádegas / até o mar bolina. // Odor de fêmea e cio / de conchas e mariscos / semeia nas estranhas / desejos infinitos. // Pairam sobre os amantes / reflexos de alumínio. / Nesse jardim de nádegas / até o mar bolina. (p. 72)

## Metalinguagem e Intertextualidade

Poderíamos, como afirmamos, prosseguir na exploração deste filão – Eros e Tânatos –, tão característico da poética de Francisco Carvalho, objeto até de uma dissertação de mestrado de Mailma de Sousa, por demorado espaço de tempo, em esclarecimentos e comprovação, através de análises de confissões explícitas, de disfarces e velamentos, ocultos em metáforas, mitos e exemplos históricos. Seria uma tarefa, embora iluminadora, desnecessária nas proporções deste trabalho. Vamo-nos voltar, agora, para dois outros aspectos igualmente sugestivos: a Metalinguagem e a Intertextualidade, nos poemas de **O Silêncio é uma Figura Geométrica**.

Se Eros e Tânatos são dois veios temáticos basilares, a Metalinguagem e a Intertextualidade são dois procedimentos singulares na construção do conjunto de poemas ora submetidos à nossa dissecação.

Em uma soma de mais de uma dúzia de poemas, quase 10% do todo, o poeta submete sua concepção de poesia a uma auto-reflexão, tomando como ponto de partida a máxima mallarmeniana de que poesia se faz com palavras:

**IX**

O poema e suas lavras / de utopia: o poema / é uma orgia de palavras. / Ramalhete de signos. (p. 47)

**XI**

A palavra é um corpo / de luz que se move entre / os arquétipos do mito. / A

palavra é a pilastra / das idéias. O núcleo / da chama que se alastra. (p. 48)

**Poder da Palavra**

Uma palavra / basta / para acordar / os demônios / que se hospedam / no poema. / Uma palavra / basta / para estancar / as veias desatadas do poema. / Uma palavra / basta / para ferir de morte o poema. (p. 53).

As palavras, princípio de vida e de morte do poema, fogem do poeta. "São ocas e vazias; "ovelhas à procura da flauta do pastor", são pássaros assustados, carregadas das entranhas da alma, "dos temporais da noite e do mar", das vozes das ruas e das multidões, arrebatam-no.

O trabalho do poeta é semelhante à "Sina de Sísifo" (p. 79), em sua luta incessante e recorrente na busca da palavra, que lhe escapa e impõe a tarefa de recomeçar a procura "da palavra exata para dizer as coisas mais simples da vida". (p. 79)

Já em "Cio do Ócio" (p. 79), temos um recurso metalingüístico *sui-generis* de explicação do poema; tomamos conhecimento da matéria informe, que preencherá o "oco e o vazio" das palavras, que "esculpem a face escarnecida do poema". (p. 79)

Em "ARQUÉTIPO", outra nuance metalingüística: a metodologia empregada: "O poema feito com método e sob medida / semelhante ao molde de um sapato. / O poema exato na forma / cada palavra em seu tempo e lugar / tão preciso nos fundamentos de sua arquitetura / que pareça o raiar do gume de uma faca". (p. 84)

Semelhante à psicologia da composição cabralina, no poema não há lugar para inspiração, mas espaço para o trabalho do artesão (o sapateiro), para o exercício do arquiteto.

Em "Autismo" (p. 86) temos a exposição complementar da metodologia acima exposta; em "Dialética do Poema" (p. 90), "Teoria do Poema" (p. 91), se consorciam os dois procedimentos aludidos: o poema feito da palavra, sua placenta (Placenta, p. 121) e a metodologia do poema, de natureza felina: "Tigre é o poema que se esconde / na selva das palavras. Como qualquer fera / o poema dardeja quando está no cio". (p. 133)

Há, ainda, uma consideração importante a ser feita acerca da metalinguagem explicitada por Francisco Carvalho. Em dois poemas distintos, Soneto X, de Memória Rupestre (p. 113), e Parto do Verso (p. 147), acompanhamos outras considerações que revelam, complementarmente, a concepção de poesia esposada, em seus aspectos conteudísticos e formais, pelo autor de **O Silêncio é uma Figura Geométrica**. Iremos transcrevê-los, sem comentários, para deixarmos o silêncio falar bem melhor que nossa fala:

**X**

Um soneto sem rima e chave de ouro / sem preceito, conceito ou preconceito / sem lago azul, sem peixes metafísicos / nem cisnes brancos de alvacentas plumas. / Um soneto sem metro e dialética / sem pompa no compasso e na retórica / sem os dilemas, sem os histerismos / de um tempo embalsamado na memória. / Um soneto irrigado pelo sangue / da vida, pela música das coxas / das moças, de seus corpos bailarinos. / Um soneto vaiado pela plebe / (tercetos e costelas fraturadas) / exposto ao sol, completamente nu. (p. 113)

**Parto do Verso**

Os versos vão despencando / de minhas mãos peludas / e logo trazem de volta / o séquito de minhas dúvidas. // Parecem negras lagartas / num canteiro de cenoura: / devoram couves e alfaces / e as calcinhas da pastora. // Jorram das fontes do corpo / a qualquer hora do dia / ou da noite. Em cativeiro, / o verso também procria. // Às vezes se lambe todo / ao jeito de um urso panda. / Se tento domesticá-lo / o verso salta de banda. // Rosa que bro-

ta da pedra / planta de todos os climas. / Quer chova, quer faça sol, / quer sopre a aragem das rimas. (p. 147)

Outro aspecto a destacar, a Intertextualidade projeta luz esclarecedora sobre a poética de Francisco Carvalho. Como se sabe, um texto é o produto de textos anteriores; implicitamente, esse entrelaçamento é responsável pela inteligibilidade da linguagem secundária que é a Literatura. Não vamos, porém, cuidar da teoria da intertextualidade, mas sentir como se revela de maneira explícita no discurso de **O Silêncio é uma Figura Geométrica**.

São títulos de poemas, são fragmentos de versos, são alusões veladas, mas bem perceptíveis de seu enraizamento, são termos e expressões usados, são nomes próprios citados, evocações da Bíblia, são mitos e passagens históricas registrados, que nos possibilitam o enquadramento do discurso de Francisco Carvalho na corrente do discurso poético, por aceitação de suas normas anteriores ou rebeldia a elas, por endosso ou desvio de seus conteúdos. Há índices de uma intertextualidade explícita, nos títulos de poemas, como Quase Ode ao Rei Davi (p. 102), Morte de Sócrates (p. 67) Sina de Sísifo (p. 79), Alegoria da Caverna (p. 91), Cantiga Medieval (p. 106), À Sombra de Hölderlin (p. 99 ).

Um diálogo aberto com a poesia de Camões – (Estavas, linda Inês, posta em sossego (p. 114), com a de Fernando Pessoa (Rascunho Apócrifo de FP. (p. 55), com a de Manuel Bandeira, nas evocações das canções do Beco, no confronto do Capibaribe/Jaguaribe; de Carlos Drummond de Andrade, em retomadas de poemas e temas do poeta mineiro (Mundo Pequeno, p. 155); uma conversa mais intensa com a poética de João Cabral, a ouvir-lhe os ensinamentos da "educação pela pedra", cujas ressonâncias se fazem perceber em A Pedra e suas variáveis (p. 58), Variações sobre a Pedra (p. 94), Cacimba de Pedra (p. 96).

Com essas poucas e superficiais colocações sobre intertextualidade, queremos deixar clara a sólida formação cultural e poética de Francisco Carvalho, alicerçada na cultura clássica, nos grandes movimentos literários e nas lições dos mestres da criação poética estrangeira e nacional, alicerce indiscutível da natureza de sua poesia singular, diferenciada, produto de uma personalidade bem distinta em sua expressão estética, cujas revelação e exteriorização se estampam nos versos de **O Silêncio é uma Figura Geométrica**, síntese de sua poesia.

## Aspectos Singulares

Uma leitura mais atenta de **O Silêncio é uma Figura Geométrica** põe em realce alguns aspectos, talvez menores, mas muito significativos e caracterizadores. Aludiremos a alguns e deixaremos muitos outros acobertados pela "figura geométrica do silêncio".

Um aspecto é a preocupação com os quatro elementos: a terra, a água, o fogo e o ar, que lhe ensejam divagações em torno da Ciência e da Filosofia, alimentam sua memória rupestre e o erguem às culminâncias de um poeta cósmico.

Outro aspecto é a celebração dos animais, como tigres, leopardos, lobos, hipopótamos, como símbolos da força, da agressividade, da violência dos instintos, em suma, como símbolos da expansão de Eros. Outros animais evocados, como as ovelhas, cabras e bodes; vacas, touros e cavalos; rãs, sapos, lacraias, cobras-corais transportam o poeta ao mundo da infância, às reminiscências da casa paterna e dos antepassados, o religam às raízes do torrão natal, que dão sustentação à sua natureza de poeta telúrico. Tarântulas, anacondas, unicórnios, salamandras lembram tradição de enredamento, perfídia e mistério.

Outro fato singular é a preocupação com o vinho, continuamente lembrado,

ora de maneira concreta, através do vinho do Porto (Vinho do Porto, p. 51), ora de modo geral, por intermédio de seu odor e de sua cor sanguinolenta, (p. 51) por seu poder embriagador, pelo uso nas celebrações, por sua ação desinibidora, numa palavra, por sua grande força simbólica, usado pelos deuses e pelos homens através dos tempos.

Um quarto elemento bem perceptível é o interesse pelo perfume, pelos odores, presentes nas amadas, nas flores e nas frutas, nas madeiras, no cedro ancestral e na imburana nordestina. Importa ressaltar a convivência lírica com a cidade que o acolheu; como flaneur, vagueia pelas praias, percorre as dunas do Mucuripe (Tardes do Mucuripe, p. 36); detém-se na ponte dos ingleses (Elegia da Ponte dos Ingleses, p. 31) e Noturno da Ponte Metálica, p. 72) recorda o velho farol (Noturno do Farol, p. 88); é-lhe, porém, indiferente e tedioso o bulício das ruas e a modernidade dos edifícios; prefere a volta das jangadas, no cair da tarde, (Nau da Tarde, p. 131).

Chama-nos a atenção a parcimônia no uso das cores; os adjetivos, o branco e o preto aparecem duas vezes, cada um; o vermelho, talvez três vezes, cabendo destaque ao azul, sobretudo como metonímia do firmamento, possivelmente uma impressão inconsciente do azul celeste de nosso sertão.

Essa continência alarga-se ao uso do próprio adjetivo, parcimonioso, de sentido mais concreto, acrescentando à linguagem um tom comedido, a aproximá-la da sisudez da filosofia e da objetividade da ciência, sem jamais perder o lado poético, de aparência calma e tranqüila, verdadeiro antípoda do interior do eu lírico cheio de vida, povoado de agitadas preocupações metafísicas com a cosmogonia do mundo, com a gênese do homem e dos animais, abalado por pesadelos (p. 56) e demônios (p. 63), agitado pelas forças do cio das fêmeas, incendiado pelo fogo do sol e iluminado pelo clarão da lua e pela resplandecência do firmamento azul, inundado pelo aroma das plantas, impulsionado pelo ímpeto das marés, embalado pelo "virtus" rubro do vinho, povoado de fadas e gnomos, arrastado pelos tigres de Bengala e laqueado por salamandras e cobras-corais.

Outro aspecto singular relevante impõe-se: a preocupação com o social e com o cotidiano.

Em meio às divagações com a morte, o tempo, aos sobressaltos eróticos, surgem, aqui e ali, fragmentos ou poemas inteiros de temática social, em que figuram tipos populares, de inspiração lírica, como a lavadeira (p. 40), ou os marcados pela penúria, pela miséria, como o bóia-fria (Réquiem Para um Bóia-fria, p. 125):

Teu corpo desidratado / mordido pela cobra / pelo dragão da fome / e pela tuberculose. / A bem da verdade / não precisa de cova.

Como os garis das rampas de lixo (Meninos, p. 74):

**Meninos**

Os meninos / chegaram inesperadamente / das rampas de lixo / com os rostos / lanhados / de cacos de vidro / quando lhes / disse que só me restava / um naco de sonho / para oferecer-lhes, eles / ainda tiveram / força para zombar de mim.

Como os excluídos de Hora Negra (p. 161): Os gritos dos excluídos / esbarram de encontro às paredes / porque a hora é negra.

Como os atingidos pelas Balas Perdidas (p. 162): ..... // Balas perdidas que se hospedam / nas vértebras de um grito.

Como os expulsos da terra "que semearam". (A Terra é dos Mortos. p. 167).

O cotidiano, com suas coisas miúdas, desperta igualmente o interesse; atos de burocrata, afazeres de dona de casa, tarefas do dia-a-dia são motivos de consideração, problematizados em versos ou em poemas inteiros como

Assim Caminha a Humanidade (p. 139), Canção do Beco sem Saída (p. 142), Coisas da Moda (p. 145)" Filé com Batatas Fritas (p. 153 ), enfim: A vida e seus dilemas / é que dão sabor e aroma / aos nossos poemas. (IV, p. 44)

Afinal, como último aspecto singular a registrar, gostaríamos de ressaltar que **O Silêncio é uma Figura Geométrica** se exterioriza nas formas de sonetos hieráticos, parnasianos e de sonetos modernizados, de estrutura leve, ora com rimas só nos tercetos, ora com ausência dessas consonâncias sonoras na totalidade dos quatorze versos, desvinculados da austera chave de ouro.

Embala-se na solenidade das odes, plange nas elegias, sombreia-se nos noturnos e alarga-se nos duetos, numa pauta musical, que de longe lembra o formalismo clássico dessas estruturas poéticas.

Incursiona, igualmente, na "libertinagem da poesia concreta" (p. 148) e de atualíssimas expressões da poesia de nossos dias; diverte-se no malabarismo de poemas lúdicos, distila ironia e humor (p. 157), quando se serve de elementos da linguagem popular, em expressões da gíria e de frases feitas, em clara oposição à linguagem solene, clássica dominante, já que ninguém é de ferro, com intuito de "espírito de porco" (p. 51), e sempre que lhe "der na telha" (p. 34), sem temor de descambar "pro beleléu" (p. 139), disposto a enfrentar "cobras e lagartos" (p. 124), "quer chova quer faça sol" (p. 147).

## O Domador de Relâmpagos

Já aludimos que **O Silêncio é uma Figura Geométrica** se compõe de três seções, com os seguintes títulos: Primeira Parte – Domador de Relâmpagos; 2ª Parte – Hóspede do Tempo; 3ª Parte – Dueto para Cobras e Lagartos.

O curioso é que o poema – Domador de Relâmpagos encontra-se na segunda parte e não na primeira, que o tem como título. Assim posto, na prancha do meio, nos pareceu muito significativo, a espraiar-se na sua confirmação metafórica na totalidade do retábulo, derramando-se sobre as três partes, pois surge na primeira, como título; na segunda, no desejo de um poema (p. 104 ), na terceira, num cotejo com variadíssimos outros fatores (Cobrador de Impostos, p. 152), impondo-se como um símbolo do eu lírico, autêntico domador de relâmpagos, a impor-se sobre a fúria dos quatro elementos, a domar o ímpeto de Eros, a sobrepor-se à insídia de Tânatos, a controlar a criação do poema sob o influxo da palavra. O poeta seria, pois, o domador de relâmpagos, o artífice de uma poesia erguida sobre essa base múltipla, em que se assenta **O Silêncio é uma Figura Geométrica**.

## Considerações Finais

A leitura de **O Silêncio é uma Figura Geométrica** nos leva a um longo passeio pela História, pela civilização ocidental, das Pirâmides do Egito, dos Jardins Suspensos da Babilônia, das muralhas de Jerusalém, do templo de Salomão, dos pináculos do Partenon, dos arcos do Fórum romano, das torres góticas das catedrais medievais, dos palácios renascentistas, da armadura de ferro da torre Eiffel, do casario colonial, dos profetas do Aleijadinho, às jangadas nordestinas, aos edifícios esplendorosos das grandes metrópoles hodiernas, às planícies secas do vale do Jaguaribe, ao pátio da igreja paroquial da vila de São Bernardo das Éguas Russas, ao birô do burocrata, à planura das coisas miúdas do dia-a-dia, tudo isso permeado pelas preocupações com a vida, a morte, o tempo, o ser e a natureza, em seus atributos essenciais e acidentais.

Esses conteúdos são revelados por uma linguagem hierática, em certos momentos, popular e irônica, sem se afastar de uma tonalidade clássica, em perfeita adequação entre fundo e forma: termos e expressões apropriados a reflexões filosóficas; vocábulos e sentenças,

portadores de carregado erotismo; palavras e frases de indisfarçável ludismo.

A tônica predominante, porém, é a de uma linguagem liberta de cânones (Cânones, p. 42), com poemas livres, versos soltos, identificados apenas pelo espaço preenchido de uma linha. Mesmo fôrmas, como o Soneto, a Ode, a Canção afastam-se da rigidez dos preceptistas. O poeta arroga-se o direito de dar à sua poesia a forma que "lhe der na telha", cônscio de seu oficio, lapidado ao longo de meio século de exercício e no convívio dos mestres construtores da poesia nacional e estrangeira.

Outra faceta indiscutível é que **O Silêncio é uma Figura Geométrica** resume, em seus versos e formas, motivos e símbolos, procedimentos formais e formalizações temáticas, o universo poético de Francisco Carvalho, de Cristal da Memória (1955) A Concha e o Rumor (2000), revelando-se uma súmula de sua trajetória de "domador de relâmpagos".

## Bibliografia

AIRES, Ana Vládia Mourão: Três dimensões da poética de Francisco Carvalho. Fortaleza, Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 1996.
AZEVEDO, Sânzio de. Francisco Carvalho. In: Literatura Cearense. Fortaleza, Academia Cearense de Letras, p. 153-528. 1976.
BATAILLE, Georges. L'Erotisme. Paris, Les Editions de Minuit. 1957.
CAMPOS, Haroldo. Metalinguagem. Rio, Vozes, 1967.
CARVALHO, Francisco: varias obras, principalmente O Silêncio é uma Figura Geométrica; texto preparado para publicação.
KRISTEVA, Julia. Recherches pour une semamalyse. Paris, Editons du Seuil, 1969.
LANDIM, Teoberto. Francisco Carvalho: Modernidade sem Modernismos. In: Trocando em Miúdos. Fortaleza. Secretaria de Cultura e Desporto. p. 137-144.1985.
NASCIMENTO, F. S. Francisco Carvalho: o soneto shakespeariano. In: Apologia de Augusto dos Anjos e outros estudos. Fortaleza, Casa de José de Alencar/UFC, 1990. p. 101-108.
POÉTIQUE. Intertextualidades. Coimbra Livraria Almedina, 1979.
SOUSA, Mailma de. Francisco Carvalho: Uma Poesia de Tânatos e de Eros. Fortaleza, Casa de José de Alencar/ Programa Editorial, 2000.
_____. Francisco Carvalho: O substrato da quaderna. Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 2001.
TELES, Gilberto Mendonça. A Retórica do silêncio. São Paulo: Cultrix/INL. 1979.

In *O Silêncio é uma Figura Geométrica*, UFC/ CJA, Fortaleza, 2002.

## POESIA E VIDA DE UM POETA DO SER

*Mailma de Souza/CE*

O rápido olhar que se lança sobre o panorama da vida e da obra do autor julgamos imprescindível, especialmente porque prevalece o nosso desejo de ressaltar a vastidão da poética alcançada por Carvalho, além do nosso propósito de mencionar opiniões do próprio poeta que contribuem para uma melhor compreensão de sua poesia no transcurso da análise almejada.

Jean-Paul Resweber, em *O Pensamento de Heidegger,* ressalta que:

> *o próprio nome de Heidegger (Heide = charneca, esteva; Egge – grade) traz a marca do torrão natal (...). Martin Heidegger é antes de tudo um homem do campo atento à surda palpitação da terra, ao murmúrio da fonte e ao tumulto da torrente, sensível ao simbolismo das coisas que repousam na sua simplicidade nativa.*[1]

[1] RESWEBER. Jean-Paul. *O pensamento de Martin Heidegger.* Coimbra: Almedina, 1979. p. 17

Adiante, o estudioso refere também: *o jovem Heidegger, sentado num banco da floresta, ao pé de um grosso carvalho, tentava decifrar tal ou tal escrito de grandes pensadores.*[2] Ainda conforme Resweber: *Heidegger é um destes 'pacientes de lenta coragem', atento à voz do carvalho que se ergue sobre o caminho da sua infância.*[3]

O relacionamento entre as referências de Resweber e o sobrenome do poeta cearense Francisco Carvalho não está apenas no nome da árvore sob a qual o filósofo Heidegger buscava desvelar os mistérios da existência. Carvalho, na sua procedência rural, certamente ouviu semelhante voz nos murmúrios da natureza, propagando-se do enigmático rio Jaguaribe. Estaria talvez atento a tais vozes, fosse o poeta de origem urbana, porém a São Bernardo das Éguas Russas ainda de 1927 é que gerou esse Carvalho. Em 1955, tinha então publicado seu 1º livro de poemas, *Cristal da Memória,* afeito o poeta à cidade de Fortaleza, lugar onde se fixara desde 1946. Até a metade de 1997, Francisco Carvalho já brindou a Literatura Cearense (por que não dizer Brasileira?) com 26 livros, dos quais 24 são de poesia, enquanto os outros 2 alcançam textos de crítica e ensaios literários: *Exercícios de Literatura* (1990) e *Textos & Contextos* (1995).

Tendo merecido o 1º Prêmio Nestlé de Poesia, 1982, com *Quadrante Solar*, lançado em 1983, Francisco Carvalho havia até esse ano dado a público, além de *Cristal da Memória* (1955): *Canção Atrás da Esfinge* (1956), *Do Girassol e da Nuvem* (1960), *O Tempo e Os Amantes* (1966), *Dimensão das Coisas* (1967), *Memorial de Orfeu* (1969), *Os Mortos Azuis* (1971), *Pastoral dos Dias Maduros* (1977), *As Verdes Léguas* (1979) e *Rosa dos Eventos* (1982), quando muito de sua poesia estava delineado, em relação à temática e à forma, através, especialmente, de *Dimensão das Coisas* e *Pastoral dos Dias Maduros.*

O trecho a seguir mostra a opinião de Carvalho acerca de suas produções iniciais, desde *Cristal da Memória* a *O Tempo e Os Amantes*:

> *eu os vejo como um exercício primário das minhas experiências modernistas; eles possuem todas as falhas e defeitos geralmente encontradiços nos textos literários dos iniciantes.*[4]

Após a premiação Nestlé, somam-se aos livros de poesia *As Visões do Corpo* (1984), *Barca dos Sentidos* (1989), *Rosa Geométrica* (1990), *O Tecedor e Sua Trama* (1992), *Crônica das Raízes* (1992), *Flauta de Barro* (1993), *Galope de Pégaso* (1994), *Sonata dos Punhais* (1994), *Artefatos de Areia* (1995), *Rosa dos Minutos* (1996), *Raízes da Voz* (1996), *Os Exílios do Homem* (1997) e *Girassóis de Barro* (1997), tornando a obra poética de Francisco Carvalho *uma das mais volumosas da atual poesia brasileira*,[5] aproveitadas as palavras de Gilberto Mendonça Teles em referência ao poeta cearense, na ocasião do discurso pela solenidade que concedeu ao crítico o título de Professor *Honoris Causa* da UFC, em novembro de 1996.

Leitor compulsivo de folhetos de literatura de cordel, vendidos nas feiras de seu tempo de adolescente, Francisco Carvalho, ainda em Russas, empreende a publicação do pequeno cordel *A Seca no Ceará*. Mas somente em Fortaleza toma contato com o Modernismo, conforme ele mesmo menciona:

---

[2] RESWEBER. Ibidem. p. 21

[3] RESWEBER. Ibidem. p. 27

[4] CARVALHO, Francisco. In: AIRES, Ana Vládia Mourão. *Três dimensões da poética de Francisco Carvalho.* Fortaleza: Casa de José de Alencar/UFC, 1996. p. 137

[5] TELES, Gilberto Mendonça. *Solenidade de entrega do título de Professor Honoris Causa a Gilberto Mendonça Teles.* Fortaleza: UFC, 1996. p. 32

*Espectador arredio, acompanhei, a distância, o trabalho infatigável da colmeia do Grupo Clã, surgido na década de 40 e constituído de gente empreendedora e talentosa, cuja operosidade mudaria radicalmente o panorama da nossa vida literária daquela época. Logo depois começava a minha trajetória vacilante pelos labirintos da poesia moderna, pelas encruzilhadas traiçoeiras do verso sem metro e sem rima. Foi-me custoso assimilar certas liberdades e certas provocações contidas na proposta inovadora dos artífices da chamada Semana de Arte Moderna. À falta de embasamento teórico, não fui capaz de vislumbrar nem de compreender o sentido, a natureza, a essência e o alcance das mudanças estéticas que estavam na raiz do novo projeto literário.*[6]

É nesse sentido que Francisco Carvalho considera apenas exercícios modernistas suas primeiras produções poéticas, inclusive caracteriza publicamente *Cristal da Memória* como "quasimodesco", um "mostrengo", segundo Carvalho o adjetiva. É ainda do poeta a análise sobre sua incipiência na poesia:

*Minha primeira tentativa de poesia modernista constituiu-se num retumbante fracasso. A razão crucial dessa aventura malograda veio do fato de que, embora eu tivesse renunciado à prática do verso tradicional, o meu discurso poético continuava a cortejar certa visão burguesa do mundo e da vida, gerando um descompasso entre fundo e forma, entre cosmovisão e mensagem, entre significante e significado.*[7]

Para o poeta cearense, nascido em Russas:

*A temática na poesia é a mesma desde Homero. A vida do homem, as suas limitações, o amor, a tragédia de ter consciência da morte. O que muda é a linguagem, a abordagem poética ao longo dos tempos. Além disso, a vivência da pessoa tem muita influência na poesia (...) A minha produção hoje tem mais qualidade em termos de desempenho formal. No passado me ressentia muito da linguagem. Talvez tenha abusado da retórica, do uso do adjetivo, essas coisas. Mas nesses últimos livros, não. Neles eu tenho uma consciência muito mais forte, passei a trabalhar mais com o substantivo.*[8]

Esse compromisso perante a poesia, adquirido por Carvalho no decorrer dos muitos anos, garante ao poeta, desde abril de 1996, um valoroso espaço na centenária Academia Cearense de Letras, onde ocupa a cadeira nº 31, de que é patrono Farias Brito e de que era ocupante anterior o acadêmico Cláudio Martins. No seu discurso de posse, o recipiendário assim se expressa:

*Descendente de modestos agricultores do Vale do Jaguaribe, onde passei parte da infância ouvindo o som das violas de cantadores e repentistas que, por aquele tempo, perambulavam nos sertões nordestinos, ainda me sinto mais ligado ao magnetismo do campo do que a enganadora fulguração dos mitos urbanos. Às minhas origens rurais tenho ido buscar, até hoje, as imagens e metáforas mais expressivas da minha escritura poética.*[9]

[6] CARVALHO , Francisco. *Discursos.* Fortaleza: Imprensa Universitária/Academia Cearense de Letras, 1996. p. 16
[7] Ibidem. p. 17
[8] CARVALHO, Francisco. In: ARAÚJO, Felipe. Sr. verso e recato. Fortaleza: *O Povo*, Caderno Sábado, 7 jun. 1997. p. 7
[9] CARVALHO, Francisco. *Discursos.* p. 15-16

Em 1964, Francisco Carvalho tornou-se funcionário da Universidade Federal do Ceará. Atualmente assessora o reitor nos colegiados da administração superior.

Apesar da vastíssima obra e de algumas premiações, alcançadas em quantidade bem menor, porém, do que aquela a que sua poesia faz jus, Francisco Carvalho não se ilude:

> *O Prêmio de poesia da Bienal Nestlé de Literatura, que obtive em 1982, teve alguma importância do ponto de vista promocional, mas não me trouxe nenhuma vantagem em termos de oportunidades editoriais fora do Estado do Ceará. Passados quinze anos dessa premiação, continuo a ser o mesmo poeta municipal, desconhecido dentro da tribo e fora dela. Devo dizer que nunca alimentei ilusões a esse respeito. Publicar livros no Ceará é o mesmo que jogar pedras no fundo do poço, conforme dizia o escritor Joaquim Alves. Dificilmente o autor nordestino, ressalvadas as exceções de praxe, conquista projeção fora do Estado de origem. Não tem acesso às editoras de grande porte, que se limitam a publicar títulos dos chamados autores consagrados.*[10]

Na visão de Francisco Carvalho, parece fora de moda a história do poeta engajado, pois todas as pessoas em geral vivem comprometidas com o contexto social de que fazem parte. Todos os seres estão vinculados à textura ideológica do universo humano. Para Carvalho,

> *A arte em si mesma já constitui uma forma de engajamento do homem com todas as seduções da vida. Ninguém está solto no espaço e no tempo. Todos somos cúmplices, habitamos a mesma órbita solar e queremos ser felizes.*[11]

Achamos oportuno salientar que Jean-Paul Resweber ressalta o quanto Heidegger sabe acerca da humanidade, concebendo que *O mal do homem contemporâneo é mais profundo: situa-se no plano do ser e não do agir.*[12] Em seguida, o estudioso destaca o convite que, nos seus questionamentos, Heidegger faz a todos os homens: *Convida-nos a entrar em nós próprios para nos recordar as nossas origens.*[13] Um pouco adiante, Resweber se certifica de que

> *o horizonte da meditação heideggeriana é o da questão do Ser mas, primeiramente, o horizonte é o cenário fascinante da Floresta Negra. O universo, a propósito do qual é posta esta questão, é o da existência, antecipado, todavia, pelo mundo dos lavradores, dos lenhadores, dos artesãos e dos artistas. Ao lermos este filósofo que interroga o mundo como poeta, somos tocados pela sua sensibilidade rústica e pelo seu apego visceral ao solo materno.*[14]

Fizemos a citação de Resweber para mencionar que, talvez seguindo por caminhos semelhantes aos de Martin Heidegger, Francisco Carvalho, através da poesia, também sabe, como um filósofo, que o mal do homem se situa no plano do existir. Assim, o poeta também convida o leitor a recordar suas origens e nelas se reconhecer. Carvalho interroga o mundo não apenas como poeta. Interpela-o como o filósofo Heidegger, procurando ir à

[10] CARVALHO, Francisco. In: RODRIGUES, Eliezer. O permanente aprendizado do poeta Francisco Carvalho. Fortaleza: *Diário do Nordeste*, Caderno Cultura, 15 jun. 1997, p. 4

[11] Ibidem. p. 5

[12] RESWEBER, Jean-Paul. *O pensamento de Martin Heidegger*. Ibidem, p. 11

[13] RESWEBER, Jean-Paul. Ibidem. p. 17-18

[14] RESWEBER, Jean-Paul. Ibidem. p. 17-18

essência das coisas, quando poeta e filósofo se confundem em Carvalho. As seguintes palavras do cearense deixam nítida a intenção do poeta de exprimir-se com espírito filosofante:

> *Toda grande poesia tem alguma relação dialética com o silêncio. O homem pode até conviver com o ruído feroz das sociedades tecnológicas. Mas terá necessariamente de recolher-se ao silêncio para se reencontrar consigo mesmo, com a sua natureza mais profunda, com a sua interioridade.*[15]

Dessa maneira, se para Heidegger o cenário de inspiração e de reflexão é a Floresta Negra, para Francisco Carvalho os cenários compreendem, dentre outros, as feiras semanais com seus apelos rurais acenando da infância e a vivência agrícola em geral, associada às aflições urbanas logo assimiladas pelo jovem poeta. Na oportunidade, lembramos o que revela Jean-Paul Resweber, nos seus estudos sobre o pensamento de Heidegger. Segundo julga a partir deste filósofo alemão,

> *O homem é o Pastor do Ser, o que quer dizer que ele é o único ser que tem a experiência da fraternidade dos seres e das coisas e que projecta na arte e na cultura o fruto da sua meditação.*[16]

O fruto que resulta do meditar humano pode se refletir na forma de poesia que, ainda conforme Resweber, *descobre ao homem o mundo original. A presença do homem junto da realidade não é de natureza teórica ou prática, é poética.*[17] Explicitando essa idéia, recorremos aos princípios heideggerianos propagados então por Gianni Vattimo, em *Introdução a Heidegger*, quando ele expressa que:

> *na poesia (Dichtung) está a essência de todas as artes (...). Criar, inventar, imaginar, excogitar é um dos significados do verbo alemão dichten, de que deriva a palavra Dichtung, poesia. Dichtung é pois, antes de mais, criação, instituição de algo novo.*[18]

Na transcrição a seguir, de novo recorremos a Resweber, que, a nosso ver, consegue estabelecer claramente a ligação entre a essência poética do Ser, a linguagem, o pensamento e o poeta, de uma forma sintética: *Se a essência do Ser é poética e se a poesia é a linguagem originária do pensamento, daí resulta que o homem é um poeta, enquanto Dasein,*[19] termo que, embora só seja objeto de estudo no próximo capítulo, vale desvendar logo o sentido, ao qual admite-se traduzir como possibilidade ou potência a palavra *Dasein*. Desse modo, aceita-se que todo homem é um poeta em potencial, consoante os princípios de Martin Heidegger.

Ainda segundo o estudioso alemão, Resweber, analisando a filosofia de Heidegger, a poesia que povoa o Universo atinge quatro direções que são: o céu, a terra, os divinos e os mortais. Esses quatro aspectos apontados por Heidegger foram representados pelo sinal dos rosas-cruzes, assinalando assim a palavra *Sein*, a fim de indicar que o Ser tem seus alicerces naquela quaternidade há pouco aludida. O resgate desse pensamento heideggeriano nos chega, querendo confrontarmos algo que antes já foi revelado a partir dos preceitos de Martin Heidegger. Compreendemos, por seu intermédio, que cada homem conduz probabilida-

[15] CARVALHO, Francisco. *Discursos*. p. 19
[16] RESWEBER, Jean-Paul. *O pensamento de Martin Heidegger*. p. 149
[17] Ibidem. p.135
[18] VATTIMO, Gianni. *Introdução a Heidegger*. Trad. João Gama. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989. p. 119
[19] RESWEBER, Jean-Paul. *O pensamento de Martin Heidegger*. Idibem. p. 138

des poéticas. Mas Francisco Carvalho é um poeta simplesmente enquanto *Dasein*? Ou seja, Carvalho é poeta somente na proporção da possibilidade comum dos homens? Certamente a citação de Resweber, que se transcreve daí mesmo, encaminhará a resposta: *O poeta é o pedreiro que dispõe o quadrado onde permanece o homem; ele é um construtor porque é um ser-que-mostra.*[20]

Temos empreendido dizer que, embora exista um poeta em cada homem, Francisco Carvalho ultrapassa a linha do *Dasein*, ou seja, da possibilidade geral, exercendo o seu ser poeta realmente e não apenas possivelmente, pois mostra o homem, inserindo-o naquele quadrado que, na sua amplitude, expande-se entre o céu, a terra, os divinos e os mortais, por isso é um poeta, um pedreiro, um construtor, um *ser-que-mostra* o Ser, portanto: um Poeta do Ser.

Assim, na seqüencia de nosso estudo, pretendemos comprovar o Poeta do Ser que há em Carvalho, através da leitura que nos propomos fazer de sua poesia.

In *Francisco Carvalho. Uma Poesia de Tânatos e de Eros*,
Cap. 2. UFC/CJA, Fortaleza, 2002, p. 23-31)

## O TECEDOR E SUA TRAMA

*Milton de Godoy Campos/SP*

Li, ontem, **O Tecedor e sua Trama**, do notável poeta Francisco Carvalho. Não é possível compreender porque os meios universitários ainda não o descobriram, como também a ausência de alentados ensaios sobre os seus livros.

O breve estudo de Caio Porfírio Carneiro, publicado nas abas da edição, apreendeu muito bem as diretrizes e linhas mais importantes de **O Tecedor e sua Trama**, desse grande, grandíssimo poeta. Há nessa obra, pelo menos, dez poemas antológicos, dignos de figurar em florilégios de nossa poesia contemporânea, por rigoroso que seja o critério de seleção. "Canção do Pote", v.g., é de uma densidade poucas vezes atingida por nossos melhores poetas. O poema é uma metáfora do poeta, do homem, tanto de sua vida física como, principalmente, da espiritual, metafísica. Aliás, neste último nível, lembra (não se trata de influência) os altos momentos metafísicos de "Invenção de Orfeu".

"Ilusão", "Banquete", "Canção para uma Sombra" (entre outros) são composições dos grandes místicos: "Tenho a ilusão de que sou guiado / pela bússola de Deus. / Morro a cada segundo e me fragmento em escórias / de luas soterradas num pântano".

Em "Juízo Final", temos o clamor e o clangor das vozes dos profetas apocalípticos – é um profeta que escapa dos textos bíblicos e exclama: "Quando chegar a hora da verdade / o silêncio te queimará na sua chama".

Impossível assinalar, agora, toda a riqueza do livro. Mas não se pode deixar de lembrar o admirável emprego do aparato poético-retórico, com seus recursos fluindo naturalmente: anáforas e epíforas (citando apenas duas figuras) estão tecidas organicamente nos poemas, nunca são adornos gratuitos.

Não se pode deixar de citar a bela cinestesia presente em "Noturno Alegórico"? "Um raio atravessa a claridade de pouca. / Fino como o grito soturno de uma louca". Só um poeta consumado poderia criá-la.

Não estudei o livro, mas tal foi o impacto de sua leitura que não pude deixar de escrever sobre ele. A voz do poeta – é necessário repetir – ecoava insistentemente em minha memória.

## AS VERDES LÉGUAS

*Moreira Campos/CE*

Neste mês de férias universitárias, reencontrei-me com a grande poesia de Francisco Carvalho, e o fiz pela leitura

[20] Ibidem. p. 139

do seu último lançamento: *As Verdes Léguas*. Ali está mais uma vez o poeta integral, consciente de que a poesia é essência, símbolo e verdade, verdade maior. O compromisso de Francisco Carvalho será com a palavra reveladora do mistério poético. Palavra despojada de ressonâncias fáceis ou enganadoras, buscará antes impor-se por si, pelo que evoca, pelo que sugere, pelo detalhe significativo. E essa luta insone, a vigília na busca da revelação precisa, certa. Nada a mais, nada a menos: o substantivo por si, desnudo, franciscano e forte, o que não elimina, se for o caso, o adjetivo necessário, indispensável.

Poeta moderno, modernissimo, pela sua técnica e renovação e pela sua temática, que vai do salário mínimo á angústia com a máquina ou a cibernética, que nos faz, a nós mesmos, autômatos e números de um imenso anonimato. O autor tem o dom ainda de, em muitos passos, conduzir-nos a um tempo de maior velhice ou antiguidade, pleno de boas evocações. Tenha-se sempre presente que a modernidade de Francisco Carvalho não o desliga do nosso chão, das nossas vivências e experiências. Estão ali os nossos alpendres e redes, as selas e arreios, os nossos açudes e o Jaguaribe, a evocação da donzela, as sesmarias, as velhas compoteiras, o cheiro de alfazema, a naftalina que preservou guardados. "Compoteiras desenhadas / na teia de muitas lendas. / Rede branca da saudade / nos esteios da fazenda". Ou ainda: "O vento uivando às aldravas / da cancela escancarada".

Poeta telúrico, pela palavra e pelas raízes fincadas na terra. Abrangente ainda de muitos valores, consciente de sua destinação e compromisso. Há nele um permanente pudor do vulgar, do já dito, repetido. Mas, quando busca a originalidade, não o faz gratuitamente: os recursos são válidos, convincentes. No livro encontram-se poemas sobre o tema batido da seca *(Balada dos Retirantes* e *Liturgia da Seca)* ou uma composição como "Canção para um pequenino mendigo". Mas aqui são outros os caminhos do êxodo ou da comiseração sem pieguice. Ouviremos antes as ressonâncias do apocalipse e a denúncia da criança que perde irremediavelmente a infância (uma sugestão de cálice, de oferenda desesperadamente mística ou satânica).

Também presente nele uma ironia trágica ou dramática, assim à moda do riso chapliniano, como se lamentasse o que de precário, de enganoso e de efêmero há no homem diante da morte, que nos despoja de tudo: "Lá vai o enterro de luxo / e vai-se a conta bancária / até mesmo o ouro inútil / guardado dentro da cárie". Ou ainda: "Vou vender meus rins / vou vender meus olhos / e as retinas cheias / de estradas metafísicas". Contudo: "só não vendo o arcano / que sustenta o homem". Metafísico, filósofo, atual, antigo, corrente e, ás vezes, hermético – tudo isso ele o é, e místico pela transcendência que muitas vezes o anima.

Um poeta, sobretudo, profundamente lúcido diante da vida e da arte. Para engrandecê-lo bastariam, ao acaso, versos assim: "Alguém tem de assumir a infância / pelos que não sonham". Ou: "Não me queixo de Deus. / Sou o que fiz de mim". Ou ainda: "Teu cavalo fugiu num raio de luar. / Ruiu nossa ilusão de soleiras antigas / num gemido fugaz de esteios e de vigas". Poeta maior, numa palavra. Contra ele há apenas a limitação do meio.

In *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 1979

## ROMANCE DA NUVEM PÁSSARO

*Nelly Novaes Coelho/SP*

*O poema é tua oficina de lapidar o caos. (...) ó sombra de Octavio Paz / Tua voz de pastor guia os rebanhos / para o rumor das nascentes das águas.*

Só a própria poesia poderia sintetizar, como o faz Francisco Carvalho nos

versos acima, a essencialidade e a verdade maior de um universo poético tão denso e multifacetado como o de Octavio Paz, – o grande mestre mexicano / universal, que já se imortalizou como uma das grandes vozes do século que se finda. Em linguagem metafórica ("O poema é tua oficina de lapidar / o caos"), o poeta cearense revela, no cerne da poesia do Mestre, uma das forças motrizes da criação literária contemporânea: a consciência de que é da *palavra do poeta* (ou dos criadores / pensadores em geral), que os homens dependem., para que este nosso mundo-em-caos encontre, um dia, sua Nova Ordem.

Em essência, tem sido essa a força motriz que, há mais de quarenta anos, dinamiza a criação poética de Francisco Carvalho. Criação, desde sempre atenta ao seu tempo e às "suas circunstâncias" (como diria Ortega Y Gasset), e que, através de uma ótica pessoalíssima, tem incorporado as contradições e tensões do mundo-hoje, em acelerada metamorfose. Eloqüente testemunho dessas tensões e contradições, transfiguradas em poesia, é este ROMANCE DA NUVEM DE PÁSSARO, – livro que veio confirmar, não só o raro dom de admirar a grandeza dos outros ("dom" que marca a personalidade de Francisco Carvalho, e claramente demonstrado em poesia, ao longo de sua extensa obra), mas também o alto grau de maturidade e universalidade, alcançado por sua arte poética, – já há muito reconhecida pela critica, como das que veio para ficar.

Por difícil e perigoso que seja, elegermos momentos maiores ou menores (aliás sempre discutíveis), numa obra de grande organicidade poética, como a que vem sendo construída por Francisco Carvalho, ousamos apontar este seu titulo mais recente, ROMANCE DA NUVEM PÁSSARO, como um dos mais altos pontos de um itinerário poético concretizado em mais de duas dezenas de títulos, entre os quais, a critica tem destacado inúmeros *marcos* de grande essencialidade estilística e existencial, como PASTORAl DOS DIAS MADUROS (1977), QUADRANTE SOLAR (Prêmio Bienal Nestlé-1983), BARCA DOS SENTIDOS (1989), O TECEDOR E SUA TRAMA (1992), RAÍZES DA VOZ (1996), GIRASSÓIS DE BARRO (1997)...

Dedicado à memória de Octavio Paz, este apaixonante ROMANCE DA NUVEM PÁSSARO reafirma, em tom maior, a adesão do poeta cearense (desde sua estréia nos idos de 50/60), à linha poética que lança *raízes no tempo inaugural* ou, em outras palavras, a que busca o *novo* através da *reinvenção do arcaico*. A que se empenha em escavar as *palavras-raízes,* seja das altas tradições universais (às quais se misturam raízes bíblicas), seja das tradições populares – as da terra ancestral ou da "aldeia", que o poeta traz no sangue ou na memória.

## O Título e a Ilustração

Dessa atração por fontes opostas: *erudita* e *popular,* o poeta fala, simbolicamente, já na capa do livro, onde *título* e *ilustração* se completam, para indicar ao leitor a natureza híbrida do universo poético ali contido. O título do livro já nos alerta para a fusão popular / erudito. E o que de início nos parece estranho, com o avançar na leitura do poema se esclarece, na medida em que lembramos que o "romance" (gênero poético que canta façanhas extraordinárias) é das *formas populares* mais antigas da nossa literatura folclórica: veio trazido, no séc. XVI, pelos primeiros povoadores e continua viva na literatura de cordel nordestina.[1] Da mesma forma, a *xilogravura,* que ilustra a capa, também enfatiza o popular, por ser uma das mais antigas técnicas de gravuras (recorte em madeira), que nos chegou, também, com os primeiros povoadores, em fins do séc. XVI.[2]

Quanto ao sintagma "da nuvem pássaro", tem evidente analogia com certas *locuções latinas* que, na Anti-

guidade Clássica, eram usadas como títulos de textos jurídicos ou de grande saber. Como, por exemplo, os de Cícero (séc. I a.C.): *De Inventione, De Oratore, De Natura Deorum,* etc. Locuções iniciadas pela preposição DE (caso dativo), que anunciavam um discurso erudito *sobre* determinado saber. E pode-se dizer que não é outra a intenção última deste ROMANCE DA NUVEM PÁSSARO: oferecer um autêntico saber/sentir a essencialidade da vida, transfigurada em poesia.

Quanto ao significado simbólico de "nuvem pássaro", aos poucos vai sendo revelado ao leitor, como a *poesia-em-potência* que a palavra nomeia e à qual dá corpo. Significado que é confirmado pela disposição gráfica dos versos, em cada página, figurando pássaros em pleno vôo. Lembrando o simbolismo latente nos termos desse sintagma – nuvem pássaro –, temos de um lado a *nuvem,* imagem ligada simbolicamente a fenômenos instáveis, mal definidos ou, ainda, com o mundo intermédio entre o *formal* e o *informal.* (Segundo Cirlot, *"nuvem* faz pressentir o mundo das aparências sempre em metamorfose, que escondem a identidade perene da verdade superior; daí as nuvens estarem presentes nas epifanias ou apoteoses de santos ou profetas.") De outro lado, o *pássaro,* cujo simbolismo básico aponta.para a elevação espiritual, para a libertação do peso terrestre. Ligados entre si, neste *romance,* tais termos sugerem, como dissemos, a *poesia-em-potência,* que a palavra do poeta deve transformar em *ato.*

## O Poeta-elo

Dessa confessada ligação com as origens, resulta uma outra singularidade da poesia de Francisco Carvalho, e que o sintoniza com a poesia-século XX: a funda consciência do poeta, de ser um *elo* essencial da corrente da Vida, captada pela Poesia (ou "onda" no infindo oceano da poesia). No apaixonado corpo-a-corpo do poeta cearense com o legado de Octavio Paz, é essa consciência que transparece, e que faz deste ROMANCE DA NUVEM PÁSSARO uma verdadeira *celebração ritualística da Poesia.*

Dividido em 4 partes ("Ode ao Pastor das Estações", "Versos de Palha", "Canções da Aldeia" e "Ficções do Cotidiano"), aparentemente independentes (pois se desenvolvem em torno de motivos diferentes), ROMANCE DA NUVEM PÁSSARO guarda, porém, uma unidade essencial que lhe advém, não só da concepção-de-mundo que o alicerça, mas também do revelar-se, no todo, como um multiforme *metapoema* ou poema-sobre-o-poema.

## Ode ao Pastor das Estações

Não por acaso, Francisco Carvalho escolhe para abertura da "Ode ao Pastor das Estações", um poema do próprio Octavio Paz. Poema que é em essência uma candente metáfora de um *momento-de-criação poética.*

A hora é alta e raiada de verde / / .../ // Coração que se desprendeu da noite /escorpião que se crava em meu peito / selo de sangue sobre os meus dias de homem. // /.../ // Mas já a luz irrompe com passos de leopardo. / E a palavra levanta-se ondula cai e é uma / longa ferida e um silêncio cristalino. // /.../ // *Se tu és o bosque das nuvens / eu sou o machado que te corta*

Impossível, aqui, entrarmos pelos meandros de sua decifração metafórica. Destacamos apenas alguns pontos desse "momento", em que o poema assiste â sua própria criação: a "hora" é de expectativa (fazendo-nos lembrar da mágica "Hora Absurda" pessoana). Nela, as inevitáveis contradições da vida conjugam-se em obscura beleza e a poesia nascente se anuncia como enigmática luz e impulso forte de vida, concretizando-se na "palavra" que "ondula e cai". Nos dois últimos versos, o "tu" evocado é o da Poesia; e a

ela o poeta se anuncia como o *agente* ("machado"), que corta o emaranhado das sensações informes ("bosque de nuvens") e faz emergir o poema do indefinido espaço em que ele jaz.

Nessa metáfora de Octavio Paz, – bosque de nuvens" -aludindo à poesia, podemos ver o rastro que leva à "nuvem" onipresente neste ROMANCE... de Francisco Carvalho, e cujo significado é ampliado pelo complemento pássaro. Ser alado que, como "pássaro mitológico" (por vezes com rosto humano), aparece em quase todas as culturas, desde a origem dos tempos, simbolizando o desejo dos homens de, pela sabedoria, se elevarem acima de seus limites materiais e efêmeros. Exatamente a tarefa a ser cumprida pela poesia: ser *mediadora* entre o limitado *visível/efêmero* da existência e o possível/impossível vislumbre do *invisível/eterno* enigma da vida.

Também não por acaso, O. Paz teria escolhido, como forma estrófica desse poema, o "terceto" (estrutura análoga à "terza rima" de Dante em A DIVINA COMÉDIA, o grande poema da humanidade cristã). Forma mantida no poema todo e rompida apenas na última estrofe (dístico), quando a voz poética se individualiza e o poeta se anuncia: eu sou. Redução formal que podemos interpretar como índice da distância que o poeta via entra a sua "menoridade" e a grandeza daquele que ele chamava de "mestre incomparável".

## O Verbal e o Visual

Em essencial sintonia com o sentido maior da poesia deste ROMANCE..., Francisco Carvalho elege, como disposição gráfico-visual dos versos (em lugar da tradicional *coluna vertical, colunas-em-ângulo* que se deitam em *V* na página, semelhando largas asas de pássaros em pleno vôo e que, de imediato, remetem ao título "da nuvem pássaro". Singularidade gráfica que, está claro, não resulta de mero capricho ou fantasia do autor, mas responde a uma exigência interna da problemática poética em causa. A coerência orgânica (fundo e forma) do todo torna-se ainda mais visível, em um detalhe formal, extremamente importante em relação à problemática nuclear do livro: o único poema em "coluna vertical" é a litania que vem logo após ao poema-pórtico de O. Paz, e anuncia a "matéria" que será *objeto* da Ode: O homem e suas vozes dilaceradas / no centro do poema.

A *condição humana* e sua tragicidade, ligada visceralmente à *poesia,* é pois a matéria-prima da Ode, que a litania de abertura revela. Note-se que a *condição humana* (sendo uma só) é visualmente representada pela *coluna vertical* (única em todo o livro); enquanto a *poesia* (que capta suas mil faces) é múltipla e, assim, desdobra-se visualmente em centenas de *colunas-em-vôo aberto.*

Raramente o verbal e o visual (tão perseguidos por certas linhas da poesia moderna) chegam a alcançar, como aqui, a harmônica sintonia entre a *concretude* da *forma* e o *abstrato* das emoções, sensações ou idéias (se é que um nível pode existir, sem o outro).

Sob o influxo da multiforme presença de O. Paz, celebrado na Ode, facilmente passamos a ver, na disposição gráfica dos poemas, um outro significado: a imagem de um *arco-de-palavras,* distendido pela *flecha-da-poesia* a ser disparada, mas ali contida, em pleno vôo, pelo poema. Teria sido por acaso que Francisco Carvalho escolheu essa forma-de-vôo? Parece claro que em seu horizonte estava a lembrança de EL ARCO Y LA LYRA, com a antiga e sempre nova metáfora da poesia, como "flecha" a ser disparada pelo "arco" que é o poeta, – "fio condutor e transformador da corrente poética"...

## A Litania-objeto da Ode

É, pois, com o ritualístico andamento dessa litania, que o *objeto* da Ode se revela ao leitor:

O homem e seu esqueleto metafísico / no centro do poema / O homem e sua folhagem de espantalho / no centro do poema /...../

Cada verso expressa um mundo de vivências e visões, que se desdobram em dezenas de outras, numa reiterada evocação do "humano existir". Evocação, através da qual o poeta cearense deixa transparecer, não só a visceral ligação da *poesia* com a *condição humana* (tudo que é humano é absorvido pelo "centro do poema"), mas também a experiência dramática do homem no mundo, – aqui transformado em matéria-prima do poema.

O homem expulso do éden / no centro do poema / O homem e sua tatuagem de utopias / no centro do poema.

Na síntese poética, aí temos o *homem da queda* (de que somos descendentes) e as inevitáveis *utopias* que nos alimentam de sonhos e esperanças (tatuagens de que não nos livramos nunca), – ambos contrapostos ao único espaço (o do *centro do poema,* o da poesia), onde a vida (realizada ou castrada) alcança, afinal, sua almejada plenitude.

O homem acorrentado às portas da liberdade / no centro do poema / O homem apunhalado por todas as fomes / no centro do poema

E a litania vai evocando a "via sacra" do homem neste mundo. Como um ato litúrgico (de que o poema se faz eco), cada evocação tem como contraponto o refrão "no centro do poema", que expressa a idéia-chave do todo, – refrão que se torna uma espécie de "mantra" (locução esotérica que quanto mais é recitada, mais aprofunda no recitador a sua verdade). Evocação e refrão interagem dramaticamente, como num caleidoscópio, oferecendo-se como síntese do drama humano e apontando o lugar que, nele, a poesia pode ocupar (ou ocupa?): o poema como *centro vital,* como espaço onde a vida é construída em verdade e duração..

O homem ã deriva da eternidade / no centro do poema

Em linguagem metafórica, essa litania resume a problemática nuclear da poesia moderna (ou pósmoderna?): a obstinada luta do poeta com a *palavra,* como possível *fundadora* da vida autêntica, uma vez que a vida que restou (depois que o mundo herdado ruiu), perdeu seu sentido último e a humanidade anda à deriva.

É esse, a nosso ver, o sentido maior da "Ode ao Pastor das Estações", com que Francisco Carvalho celebra a memória de Octavio Paz. Ao longo de 129 estrofes e 967 versos, o poeta cearense comunga com o universo poético criado pelo autor de LOS HIJOS DEL BARRO, reinventando suas veredas, picos e abismos.

E mais uma vez, o titulo dado a essa celebração ("Ode ao Pastor das Estações") revela a pedra-de-toque da arte poética de Francisco Carvalho: o resgate do *passado inaugural,* amalgamado com o húmus de um presente-em-mutação, pela nova *palavra fundadora* do poeta..

Trata-se aqui da Ode, – forma que indica a natureza lírica do poema, pois remete à origem grega da Poesia (Orfeu, Teócrito, Píndaro cantando emoções ao som da lira...). Entretanto o lirismo (que exige estrofes breves e versos curtos, para que a fluidez da fala atinja logo o fugaz instante-clímax) fundiu-se com o *sopro épico* (mantido pelo caudal de estrofes breves, porém encadeadas que, mais do que *emoções,* registram *gestos* largos).

Dessa fusão, resultou o longo poema, cujo ritmo ágil e majestoso o sustenta numa espécie de clímax iluminado, sem decair nunca e mantendo seu leitor como que suspenso de sua magia. Também a figura do "pastor" é projetada metaforicamente. Tal como Teócrito o criou na poesia pastoril e Virgilio o eternizou, o "pastor" se identifica como aquele que conduz e protege o rebanho. Ao mesmo tempo, é

símbolo de exaltação da *vida natural* que, projetada pela poesia, na esfera do mito, ganha a dimensão do *inaugural:* formas múltiplas, engendradas pela energia cósmica. Não por acaso, a imagem do "pastor" é das mais freqüentes no universo poético, de denso húmus rural, de Francisco Carvalho. Note-se que na esfera religiosa, "Deus é o pastor de Israel." (Salmo 23.1); e ligado a essa dimensão transcendental, o simbolismo do pastor envolve o sentido de sabedoria intuitiva e experimental, sua função é a de constante exercício-de-vigilância, ele está desperto, ele vê. É dessa dimensão do poeta, que a poesia de Francisco Carvalho se nutre.

Completando a significação simbólica do título, o genitivo "das Estações" se mostra como clara metáfora do tempo que não cessa de se transformar, escoar e renascer.

Como vemos, já no título do poema, o Mestre é saudado, metaforicamente, como o grande "pastor" da vida essencial, e sua poesia iluminadora (como é dito na dedicatória) deve perdurar como "um permanente desafio a que o homem preserve as matrizes de sua densidade existencial, desfrutando de todas as formas de encantamento e de sedução do seu prodigioso universo mágico."

E muito desse "prodigioso universo" foi aqui transmutado em nova poesia, pela arte maior de seu "celebrante". Difícil resistir ao apelo das citações:

Cada palavra sua, um elo de sangue / com a vida e com as dinastias do sonho. / Panteras flamejam no dorso de teus poemas. / Revoadas de corvos pousam nos galhos / das sílabas. Tuas palavras são pombas / que regressam de uma viagem de núpcias. / /.../ /

És o pastor dos ventos que / habitam os rincões das cavernas. / Teus passos ressoam / nas lajes dos séculos / sob os auspícios da aurora.

Nesse ritmo oracular, – espécie de "respiração" da grandeza que alenta as palavras, vai-se desdobrando esse poema-ode, de largo sopro épico-lírico. Seus vôos altos ou rasteiros são impulsionados, ao mesmo tempo, por largos *gestos* de intenso fôlego de vida e por relâmpagos de *emoções* iluminadoras (como o *satori* dos haikais).

Octavio Paz é semelhante / a um grande pássaro / de olhos acordados que sobrevoa / os píncaros do sol. / Sabe que todas as claridades não bastam / para extinguir a servidão do homem / dilacerado pela memória de Sísifo.

"Dilacerado" mas não vencido, o homem que se faz presente, tanto na poesia do "celebrado", quanto na do "celebrante", ora se mostra como um *ser-para-a-morte,* ora como um *ser-feito-de-tempo* (cf. a visão do homem na última fase do pensamento heideggeriano). Um "Sísifo" (como o assumido pelo existencialismo de Camus) que, em lugar de se sentir derrotado pelo fatalismo de não conseguir manter sua pedra no topo da montanha, fez da *subida* (o ato de levá-la ao topo), a verdadeira *razão* de sua vida, condenada ao eterno retorno. (Já os antigos navegadores lusos diziam: "Chegar não é preciso, navegar é que é preciso.")

## Versos de Palha

É na segunda parte, "Versos de Palha", que se inscreve o poema que dá título ao livro, "Romance da nuvem pássaro", diagramado na mesma disposição gráfica anterior: colunas-em-vôo aberto.

É uma nuvem de corpo de dragão, / sete línguas de fogo na cabeça. / Cada língua segura uma serpente, / cada serpente esconde uma promessa. / Ela escreve nos astros uma elipse / que rodeia e atravessa o apocalipse.

Mágica fusão de imagens do maravilhoso apocalíptico, já incorporadas pelo imaginário popular, a poesia engendrada neste "romance" resulta numa lúdica/densa/intensa alegoria da própria Poesia. Seu título é o mesmo do volume em seu todo, – "Romance da nuvem pássaro". Ou, em linguagem lógica, trata-se aqui da eleição da pró-

pria *poesia popular-folclórica* como *objeto* do "romance" de cordel que os cantadores levam ao povo, nas feiras ou festejos públicos. Portanto, metaforicamente, o poeta anuncia que pretende cantar a Poesia, não como ideal absoluto, mas como a que se alimenta da própria vida, arraigada no húmus ancestral, – matéria folclórica, impregnada de maravilhoso e de uma funda sabedoria prática de vida.

A intencional identificação desse "Romance..." com a herança popular-folclórica, se mostra já na *estrutura formal* escolhida pelo poeta: longo poema encadeado em 40 sextilhas (estrofes de 6 versos) decassílabos, – forma popular chamada de "martelo agalopado",[3] usado pelos cantadores repentistas nos "desafios" (prodigiosa demonstração de domínio da palavra, versatilidade e vivência do imaginário mágico).

Os demais poemas dessa segunda parte – "Versos de Palha" – obedecem também a essa intenção de resgate do popular-ancestral (formas estróficas em dísticos, tercetos ou quadras, com predomínio de versos em redondilhas de 5 ou 7 síl., etc.). Aliás, mais uma vez, a intencionalidade maior se anuncia no título, "Versos de Palha". Neste, está implícita a modéstia do poeta ao anunciar metaforicamente a natureza simples ou "menor" de seus versos, postos em confronto com a "arte maior" do Mestre celebrado na primeira parte. Claro está que a "modéstia autoral" manifestada pelo autor não se justifica. Como diz Linhares Filho, na apresentação do livro: "... versos que parecem 'de palha', possuem a consistência da vida e a realidade da morte."

Aliás, o genitivo "de palha", designando a matéria prima do poema, tem especial ressonância na poesia de Francisco' Carvalho, ligada à figura do "espantalho" (metáfora do poeta), como na estrofe em que o húmus ancestral de sua poesia está explícito:

Ó nuvem dos lajedos nordestinos, / dos mandacarus erguidos nas encostas. / Nuvem de meus avós, que sucumbiram / ao fogo dos milagres e das hóstias. / *Ó nuvem fulminada pelos raios / que nascem da cabeça do espantalho.*

O lastro das raízes rurais energiza a palavra do poeta cearense e lhe dá a concretude do real, cujos limites se perdem no imaginário. A tentação das citações é grande: "Nuvem das éguas, nuvem dos cavalos, / nuvem das cabras, nuvens das ovelhas /.../ Nuvem que escuta a flauta de Anfion / erguendo a cidadela de cem portas/esfacelada pelo rei dos vândalos. /.../ Ó nuvem de meu pai, nuvem dos campos / crestados pelas chamas dos estios." Ou ainda:

A nuvem de que falo é uma princesa / que passeia nos bosques da Cracóvia. / Galopa em seu cavalo sarraceno / pelos vales do tempo e da memória. / *Essa nuvem germina nas palavras / e dardeja no corpo do poema.*

Indo além da magia verbal com que o maravilhoso é aí retido pelo poeta (para nos oferecer a Poesia em espetáculo), importa destacar, nessa linguagem metafórica, a intenção maior do poema: celebrar a Poesia e suas metamorfoses, geradas pela fusão do *imaginário popular* (de húmus mítico ou bíblico) e da *herança clássica* já reinventada pela modernidade.

## A Transfiguração do Cotidiano

Nesse mesmo espaço, se desdobram os poemas das últimas partes ("Canções da aldeia" e "Ficções do cotidiano"), celebrando a poesia oculta na matéria banal do dia-a-dia. Nela se misturam gentes e bichos, carências, sonhos, memórias, ausências ou presenças poderosas, como as de Eros, da Morte ou da Natureza, ora mãe, ora madrasta. Matéria banal em sua mesmice e aparência imediata, mas transfigurada pelo olhar do poeta que, nela, ilumina um além... um *locus amoenus,* – o da "aldeia". Não, a que está "no mapa", mas "no coração", – o *mundo da infância* há muito perdida,

mas resgatada pela poesia como *mundo ancestral,* o da plenitude existencial.

Quero adormecer no leito de pedra / dos rios da aldeia / chegar de viagem e fitar de perto / os olhos da aldeia / voltar no tempo pelos caminhos / de orvalho da aldeia / rever a infância ressuscitada pelo húmus da aldeia / ser o pastor que toca flauta para / os rebanhos da aldeia. / Quero adormecer entre as vespas / e conchas da aldeia.

O simbolismo explícito nos versos dizem tudo... Na verdade, Francisco Carvalho é, visceralmente, um poeta culto, de espírito aberto ao universal das idéias, e poeta enraizado no mundo natural, rústico, onde a vida se cumpre no corpo-a-corpo com seres e coisas concretas, e não, através das relações abstratas que regem o mundo dito "civilizado". Mundo rústico, onde o tempo se mede, não pelo relógio ou calendário, mas pelos dias e noites, pelo suceder das estações, pelo desgaste e renovação cíclica das coisas... com cuja alma o poeta comunga amorosamente, seja em dor ou em alegria.

Dorian Gray Caldas, com certeiro olhar, ilumina essa fase emblemática do poeta cearense, chamando-o de "argonauta nordestino", de "espírito universal" que, na "terra adusta, tange as cordas da lira caipira", e que "ouvindo as vozes das musas inquietantes e as lamentações de Penélope, renova o canto trágico grego no canto das rezadeiras, nas profecias dos profetas ou nas trovas dos bardos anônimos das feiras nordestinas. Renova sua lira, sua ira, seu desconforto nos olhos da fome, nos poetas sem nome." Síntese perfeita...

At last, but not the least, voltamos a destacar, no universo poético de Francisco Carvalho, a já referida dominância de um certo *ritmo oracular,* que aprofunda a grandeza da linguagem, lembrando ora a inspiração bíblica dos *salmos,* ora o húmus do *epigrama* (em que o poeta é mestre). Não, na leve e espirituosa epigramática adotada pelo Romantismo, mas em sua significação grega primitiva (inscrição concisa, solene, "lapidar", – gravada em lápides, colunas, templos...), que visava celebrar e eternizar, na memória de todos, vultos de grande valor ou deuses. Palavra inscrita na pedra, que "vem a ser como uma mão espiritual que celebra e explica o objeto em causa" (Hegel).

É desse húmus que se alimenta a poesia de Francisco Carvalho.

E aqui encerramos nossa breve caminhada pelo ROMANCE DA NUVEM PÁSSARO, com outra irresistível citação,-a lúcida definição de poesia, dada pelo poeta, em certa entrevista:

> "Poesia é o verbo primordial que habita o espírito do homem desde a infância das eras. É a dimensão mágica do Ser. O seu estar no espaço e no tempo e não ser aprisionado nas teias do tempo" (in O Galo. Natal, maio/junho 99).

Entre as mil e uma definições de Poesia, esta terá lugar permanente.

## Notas

[1] Confirmando-nos a vitalidade da literatura de cordel, chegou-nos, há pouco, a notícia de que o consagrado cantor e compositor cearense (Antônio Carlos) Belchior está recriando A DIVINA COMEDIA, em tradução e adaptação formal (redução do v. de 10 silabas para 7; desdobramento dos tercetos em estrofes de 5, 6 síl.) que visa "popularizar" o texto de Dante, destacando seu "aspecto cantante" e sua dimensão oral. Como se vê, as fontes populares continuam vivas (in Supl. Literário. *Minas Gerais;* n. 53. BH, nov. 99).

[2] Arte de gravar na madeira, para posterior impressão no papel, em tinta, a xilogravura surgiu como "arte nobre" nas cortes européias do século XV. Já popularizada, através dos folhetos de cordel, foi trazida para o Brasil, em fins do séc. XVI, e aqui se radicou e difundiu, como arte popular da gravura (C. Cascudo).

[3] Segundo Câmara Cascudo, o "martelo agalopado" chegou ao Brasil, via erudita, no século XVIII, sob a forma de versos alexandrinos (12 síl.), em rimas emparelhadas, – forma poética criada pelo diplomata Pedro Jaime Martelo, professor de literatura na Universidade de Bolonha. Trazida para o Brasil por letrados portugueses, o "martelo" popularizou-se em versos decassílabos (pois o alexandrino não se adaptou ao gênio brasileiro). Embora com estrutura métrica diferente, o nome permaneceu. Há "martelos em estrofes de 6 a 10 versos. O mais popular é o de 6 v. (sextilha), chamado "martelo-agalopado").

In Plaqueta editada por iniciativa do autor. Fortaleza, 2000.

## UM POETA MAIOR

*Nilto Maciel/CE*

Autor de mais de dez livros de poesia da melhor qualidade, Francisco Carvalho ainda é um autor desconhecido no Brasil. Talvez por nunca ter saído de Fortaleza. Ou por não freqüentar os jornais e a televisão. Ou por não ter um editor como J. Olympio.

No entanto, os que o leram proclamam o grande valor de sua poesia. Há quem o coloque ao lado dos poetas maiores da Língua Portuguesa. Em 1982 teve reconhecido o mérito de sua arte, ao ser premiado em 1º lugar na Bienal Nestlé de Literatura Brasileiro o livro **Quadrante Solar**. Mesmo assim, Francisco Carvalho não se tornou um nome conhecido nacionalmente.

Um dos mais importantes livros do poeta cearense é, sem dúvida, **Barca dos Sentidos**, editado em 1989 pela Universidade Federal do Ceará. Trata-se de um livro portentoso, além de englobar mais de duzentos poemas, divididos em cinco livros.

Francisco Carvalho é um poeta que demonstra conhecer profundamente todas as técnicas, regras da arte poética. E por ser conhecedor dela é que não hesita em ser moderno, sem deixar de abrir novos caminhos a partir das rotas abertas pelos grandes poetas. Isto é, não dá ouvidos àqueles que preconizam a morte do verso e, por conseqüência, dos diversos tipos de poemas tradicionalmente conhecidos, como o soneto. Aliás, há um livro dele composto só de sonetos – **Rosa Geométrica**.

Muitos dos poemas do grande poeta são intitulados balada, canção, cântico, elegia, madrigal, ode, soneto. Como **Canção Marinheira**, **Ode Itabirana** ou **Balada do rio**. Não quer isto dizer que Francisco Carvalho seja poeta atado a fórmulas ou formas já sedimentadas. Não, ele é também inovador ou, pelo menos, capaz de romper os limites impostos pela tradição poética. Como em soneto *(Dádivas)* rimar "suspiros" com "arco-íris" ou "barrocas" com "opas" *(Soneto de Sabará)*.

Não vou citar aqui nenhum verso de Francisco Carvalho. Seria difícil eleger este ou aquele, tantos são os mais belos.

O que distingue Francisco Carvalho da maioria dos poetas brasileiros em atividade é o uso de uma linguagem própria, sem deixar de ser tradicional, clássica. Ele não escreve para provar que é moderno ou para criar modas. Inclusive passou ao largo dos movimentos do tipo Concretismo, Práxis, Processo. Nunca se deixou seduzir por modismos.

Apesar de ser um poeta que não precisa de muletas, Francisco Carvalho não esconde as influências que sobre ele exerceram alguns poetas. Como é o caso de Fernando Pessoa. O poema *Interlúdio para Cefaléia* lembra muito o grande poeta lusitano. O mesmo se pode dizer de *Aspirina*. Há até um poema intitulado *Falsa imitação de Fernando Pessoa*, também no livro **Rosa dos Eventos**.

Há também aqueles que Francisco Carvalho homenageia, quer nas epígrafes, quer ao lhes dedicar poemas. E são muitos os homenageados.

Embora seja dono de rico vocabulário, o poeta tem especial devotamento a algumas palavras-tema. Como morte

/ morto, casa, vento, chuva, cavalo / potro, boi/vaca, latifúndio, ancestral, diáspora, etc. Estes temas permeiam a maior parte de sua vasta obra.

Aqui e ali, porém, o poeta tange a lira burlesca ou contestatória. Nunca, no entanto, se faz vulgar ou panfletário. Pelo contrário, às vezes é hermético. Ele mesmo diz que "ninguém pode ser poeta sem ser, de vez em quando, hermético".

Finalmente, porque isto é apenas uma nota para jornal, quero louvar a persistência de Francisco Carvalho em escrever poesia, quando tudo nos empurra para longe dela.

Termino entregue à tentação de citar uns versos seus: "Não seremos os últimos / a beber desta água e deste vinho."

## FRANCISCO CARVALHO E A METÁFORA DO TEMPO

*Paulo de Tarso Pardal/CE*

Em 1995, o poeta Francisco Carvalho completou quarenta anos de namoro com a palavra. E para demonstrar a sua vivíssima paixão pela poesia, fomos presenteados com mais um livro: **Artefatos de Areia**. É um livro em que se percebe o amadurecimento de um artista que, tendo consciência do seu ofício, nos apresenta um verdadeiro ensinamento do fazer poético, que só o tempo pode proporcionar.

Sânzio de Azevedo, estudioso dos mais competentes da literatura cearense, disse com muita propriedade que Francisco Carvalho *é bem um representante dessa estirpe de artistas que cultivam uma poesia que reflete aquela luta com as palavras, de que nos fala Carlos Drummond de Andrade.*

O livro **Artefatos de Areia** tem dois momentos bem distintos. O primeiro é composto pelo longo poema *O vento anuncia a morte,* que, em nosso entender, bastaria para compor o livro. O segundo, com o título de *Coisas e Loisas*, é feito de textos independentes, cujas temáticas vão desde o desejo, *Verso de Homero* – a uma canção moderna – *Canção para Tom Jobim.*

*O vento anuncia a morte* é uma grande elegia ao tempo. É aí que se percebe uma verdadeira lição de poesia. O poema é composto de quarenta e cinco cantos, com quatro tercetos, cada um. Em cada canto, há um refrão – *O vento anuncia a morte* – que dá não só a dimensão agônica, de que falou Sânzio de Azevedo, como encerra um símbolo por demais acentuado em sua poética – a morte. O tempo é o elemento com que Francisco Carvalho urde a tessitura do texto. Enquanto existencial, o tempo é reflexão do universo – do homem e da natureza; enquanto material o tempo é limite – da vida e da morte; enquanto metáfora, o tempo é experiência – do homem e do poeta.

A experiência dos limites está presente em todo o texto. No canto "IV", em especial, podemos notar esses limites. O canto é dividido em dois momentos bem diferenciados. Enquanto homem, que viveu e sentiu o mundo através da materialidade, há a certeza do conhecimento e do que ele proporciona: "Conheço todos os signos / e insígnias do corpo / ó carne semeada // de gritos e êxtases" – perceba-se o *enjambement*, que remete para a quebra simbólica do corpo, como instância perecível. Enquanto poeta, ao contrário, que viveu e sentiu o mundo através do prisma da arte, há a certeza da essência das coisas: *Conheço a profundidade / da vertigem, a latitude / de tuas vestes orgíacas.// Conheço os arcanos / do ágape frugal./ O vento anuncia a morte.* O *enjambement,* também presente nestes versos, como na maioria dos outros do poema, apesar de ser um recurso estilístico, adquire uma profunda significação simbólica, uma vez que encerra, em nosso entender, todo o dualismo do homem, dotado que é de duas forças antagônicas, mas necessárias para a compreensão do todo – a matéria e o

espírito. Desta maneira, o poeta, enquanto homem, é somente um ser como outro qualquer; e o homem, enquanto poeta, é o que conhece os mistérios do mundo – *conheço os arcanos...*

A experiência dos limites também é dada através da linguagem que, em alguns momentos, é de uma profunda morbidez: *No fundo das cisternas / crescem lírios de sangue* (Canto VI); *Sou o que oferta aos convivas / da noite as rosas do vômito.* (Canto XLIV).

O amor, que poderia ser o elemento de redenção do homem – *Só o amor, ó Melibeu, / dá realeza às vertigens do homem...* (Canto XXXVI) –, e que somente o poeta, através da palavra, poderia senti-lo em sua essência – *Só o amor nos vence / e nos coloca no vértice / do tempo...* (Canto XXXVII) –, é uma ilusão, em cuja procura está a razão do poeta: *Busquei o amor nas estranhas / do mito...* (Canto XXXIX); *Vi a esfinge veloz, mas / não vi os olhos do amor.* (Canto XV).

Seguindo nessa linha de pensamento, Francisco Carvalho desenvolve a sua temática, cujas variações se circunscrevem no elemento tempo, preocupação de todo pensador.

Dada a exigüidade de espaço, queremos finalizar dizendo que o poema *O vento anuncia a morte* é uma obra-prima, e muito ainda se tem a dize sobre ele.

Ezra Pound, em ensaio publicado em 1913, com título *The Serious Artist*, disse que *O que conta é o bem escrever. E bem escrever é o controle perfeito. É muito fácil controlar uma coisa que não traga energia dentro de si – contanto que não seja muito pesada e que você não pretenda fazê-la mover-se.* Tomando por base esse pensamento, queremos dizer que o trabalho artesanal com a palavra, sem dúvida, é o que faz de Francisco Carvalho um referencial da poesia cearense.

In *O Pão* nº 3.

## POESIA E REIFICAÇÃO

*Pedro Lyra/CE*

O último livro de Francisco Carvalho pode ser visto como uma crítica à civilização do consumo. Não do consumo de mercadorias, mas do consumo dos homens, desumanizados no interior de uma solidão coletiva, perdidos entre semelhantes, reunidos apenas pela contingência espacial mas afastados pelo individualismo da concorrência pela vida, pela ausência de conteúdo social da existência humana nas grandes cidades, despojada pela burocracia. Tudo isso está claro num dos primeiros e melhores poemas do livro:

A solidão é um produto industrial /
como o celulóide e o náilon. / A solidão
escorre das máquinas / dos edifícios de
vidro de Wall Street / onde multidões
recriam em napa / simulacros de existência. // É preciso abolir a solidão / que
nos vendem embrulhada em jornal /
misturada ao repolho / e ao frasco de
inseticida. / A solidão no prato de sopa,
/ entre esqueletos de hipocampos. // A
solidão rende know-how. / Os industriais exportam solidão / em minúsculos
pacotes / de cartolina azul / onde se
lêem palavras de otimismo / sobre
Marcuse e a metáfora. (Solidão, p. 19)

A tecnologia industrial, dirigida para a destruição ("Que é que tu comes / ó filho da bomba? / Eu não como nada. / Sou a própria fome" – p. 164), anula o espaço vital do homem, mudando a vontade de viver em medo de viver, – como lemos em "O Medo":

O medo que não
se mede
o medo que não
se muda
o medo que está
na moda
o medo que está
no módulo
o medo que está
no nódulo

o medo que medra
na luz ou na treva
o medo que está
no cântaro
o medo que está
no câncer.

medo da amada
medo de nada
medo da nódoa
medo do modess. (p. 107)

Nesse contexto, o homem desaparece teoricamente ("Sou como um episódio / que espera acontecer" – p. 140) e reflete a tendência geral da vida quando esvaziada – a obsessão do nada como forma única de libertação.

Na alma repleta de ausências / prospera o indício do nada (p 119), quando, oposta ao ideal médio, a vida vira "ordem" – como dirá o poeta (p. 127), repetindo Carlos Drummond de Andrade (in "Obra Completa", livro "Sentimento do mundo", poema "Os Ombros suportam o mundo", Aguilar, Rio, 1967, p. 111).

A conclusão decorre lógica: a salvação está na morte, na renúncia à luta pela vida. Sob esse aspecto, é significativa a atitude de João cor de betume, no poema que dá título ao livro. Nas próprias palavras do poeta:

João cor de betume / do que mais se ocupava / não era desse ofício / de ser coisa entre as coisas // (...) // era de apascentar / os seus mortos azuis (p. 172).

Quer dizer: o homem se reifica e, no lugar de refletir sobre esse problema, no sentido de humanizar essas relações, se ocupa dos seus mortos azuis, isto é, mistificados. Dedução: ele morre também, mas de morte mais trágica, aquela que deixa o corpo vivo após desligar-se o espírito das preocupações vitais. O personagem obedece ao seu criador: "Num mundo em que não / te consentem na busca / prefere o silêncio / do grito no escuro" (p. 110). E se abandona, calado, à espera de "Que a verdade ultrapasse / a aparência da essência." (p. 141)

Essa, a visão da vida presente. O futuro que daí decorre não oferece melhores perspectivas. Nesse ponto, o poeta vê apenas a face trágica da tecnologia, ao afirmar categoricamente:

Num futuro próximo / não haverá futuro próximo (p. 57), desprezando a possibilidade lúdica do futuro, admitida por tantos críticos da cultura contemporânea: no lugar de escravo da máquina, o homem tende a consolidar sua posição de senhor, colocando-a a seu serviço, e reservando-se às tarefas de criatividade.

É natural que, nesse contexto, todos os demais valores humanos também se esvaziem: o amor é reduzido ao sexo ("Uma estupenda agonia / nos convoca para nada" – p. 111); a poesia é declarada "inútil" (p. 148) – o que se entende bem: se ela, ao constatar essa realidade, apenas a descreve, sem questioná-la, deixa de exercer qualquer função social relevante; e o próprio instrumento de apreensão do mundo – a linguagem – se esteriliza, não resistindo à tentação do determinismo do exercício lingüístico gratuito, como em todo o poema "Dicionário" (p. 173), ou na "Canção do Roe(dor), (p. 74), ou na "Ode a Ida" (p. 56), etc.

Senhor de uma técnica indiscutível, Francisco Carvalho revela neste seu livro o momento crítico da civilização contemporânea. Concordemos ou não com sua posição, temos que reconhecer: ele teve a dignidade de tomá-la, e proclamá-la.

In Tribuna do Ceará, Fortaleza, 1974.

## UM POETA QUE SURPREENDE

*Pessoa de Morais/PE*

Quando li a **Antologia de Poetas Cearenses Contemporâneos**, cujo exemplar me foi dado pelo poeta hoje já de dimensão nacional Antônio Girão Barroso, que reúne em sua poética elaborações técnicas as mais completas e proveitosas, deparei-me, de imedia-

to, com uma poesia que me chamou incisivamente a atenção: a de Francisco Carvalho, para não falar em outros notáveis poetas cearenses como Artur Eduardo Benevides, Carlos Neves d'Alge, Aluizio Medeiros, Nertan Macedo, José Alcides Pinto, Otacílio Colares e Durval Aires, entre outros.

De tal modo me impressionaram os poemas de Francisco Carvalho contidos na Antologia que, não apenas dei atenção especial à sua poética no artigo que escrevi – "Poetas do Ceará", publicado simultaneamente no Recife, Brasília, Fortaleza, Portugal e também a sair no Rio e no Amazonas, como perguntei por ele, de logo, ao consagrado poeta Antônio Girão, quando esteve me visitando no Recife, junto com poetas e o compositor Jorge Melo, todos de Fortaleza.

De um modo geral, tive a melhor impressão da poesia que se vem realizando no Ceará através da mostra da Antologia. Todos os nomes já referidos, de poetas que fizeram seu roteiro literário em torno da conhecida revista **Clã**, são artistas de amadurecido artesanato, uns mais intensamente integrados dentro de por vezes surpreendente dimensão imagética, rítimica ou lingüística, é claro. Daí mesmo a razão por que tenho divulgado amplamente esses poetas, como faço com outros escritores de igual mérito, encontro até uma satisfação especial em comentar escritores que mereçam, pelo valor artístico ou científico de suas obras, análise ou interpretação.

Duas coisas básicas me surpreenderam na poética de Francisco Carvalho: a sutil perscrutação das camadas por assim dizer inconsúteis ou diáfanas das coisas e, ao mesmo tempo, o poder raro nesse poeta cearense, de expressar essas dimensões secretas ou inacessíveis à visão comum, através de uma técnica não apenas atualizada, porém amadurecida em achados originais ou inusitados.

São dois aspectos, aliás, que se acasalam ou se fundem em todo poeta de categoria, uma vez que, sem esse permanente convívio com o mistério e sem o exercitamento das técnicas expressivas em seu sentido atual, pela vivência permanente com os grandes mestres, não pode haver construções poéticas dignas de registro.

Recebo de Francisco Carvalho três livros de sua já ampla e notável obra poética: **Dimensão das Coisas, Memorial de Orfeu** e **Os Mortos Azuis**, o último dos quais recentemente publicado pela Imprensa Universitária do Ceará e com excelente apresentação do poeta e professor Carlos d'Alge, sobre quem já me referi neste e em outro artigo, atual Pró-Reitor de Extensão da mesma Universidade. É livro, este último, inclusive com uma feição gráfica e capa muito atuais, a não dever em nada aos livros que se publicam no Rio, em Brasília, no Recife e em São Paulo, por vezes com forte construção poética impregnada de sutil perscrutação do nosso tempo.

Há um toque essencialmente filosófico perpassando toda a poesia de Francisco Carvalho. Sua própria captação das zonas imponderáveis das coisas não se poderia realizar sem esse sentido da poesia como forma velada de penetrar nesses mistérios: nesses níveis mais profundos, trabalhados por ele poeticamente com os requintes artísticos de técnicas onde o ritmo se alia, nos momentos mais felizes, a uma simbologia bem urdida e a uma linguagem a trazerem a marca de recursos técnicos renovados ou inesperados.

Seu livro **Dimensão das Coisas**, publicado no Ceará em 1967, me chamou particularmente a atenção. É talvez o trabalho mais denso e uniformemente bem elaborado de Francisco Carvalho, dentre os que conheço. Há, do começo ao fim do livro, que li com especial encantamento, a diafaneidade da visão metafísica do mundo, aliada a uma forma expressiva onde o poeta se mostra não somente senhor do seu artesanato, como possuidor de uma linguagem,

de uma imagética e de um ritmo surpreendentes. O domínio lingüístico e técnico desse poeta cearense só é comparável, no livro, ao elemento de transubstanciação da própria matéria existencial com que manipula. Esta, transfigurada em suas mais secretas ou imponderáveis dimensões, trazidas a lume por uma técnica simbólica e lingüística inesperada e sugestiva.

**Memorial de Orfeu**, de Francisco Carvalho, publicado também em Fortaleza em 1969 traz, em vários dos seus melhores momentos poéticos, a mesma flama de captação do transcendente, expressa através de outros tantos recursos lingüísticos onde os cânticos se sucedem uns aos outros em ritmo mais espontâneo. O poeta é tão versado em sua arte que, às vezes, corre o risco de não se conter, na prodigalidade da criação.

A atual fase poética de Francisco Carvalho, aproveitando a experiência dos seus momentos mais felizes de captação das coisas, da transubstanciação do existencial, tudo isso traduzido em forma concisa, através de sua já bem elaborada técnica, redundará em aperfeiçoamentos artesanais ou semânticos cada vez mais surpreendentes.

Venho fazendo alusão em cursos e conferências através do Brasil, inclusive no Rio, aos traços de renovação artística da cultura brasileira.

Francisco Carvalho, como outros poetas do Ceará (Antônio Girão Barroso já é nome nacional) precisam assim ter a sua arte poética mais conhecida no país, pela importância de sua contribuição literária.

In Suplemento literário do *Diário de Pernambuco* de 01/04/71.

## TRES SONETOS DE FRANCISCO CARVALHO

*Raúl Lavalle/Argentina*

Francisco Carvalho nació en Ceará, en el nordeste brasileño, y es autor de más de veinte libros de poemas. También es estudioso de la literatura. Forma parte, junto con Jorge Tufic y con los hermanos Luciano y Virgilio Maia, de un importante y muy activo grupo de escritores que 'se caracteriza por su fina sensibilidad, su gran cultura y sus amplias miras de integración nacional y latinoamericana. Tomo la última palabra en su sentido más amplio; quiero decir que unas raices europeas y otras vernáculas no hacen un culto de la pelea sangrante, sino del eficaz intento de comprensión.

En otras ocasiones he tratado de difundir, en mis clases, en alguna charla y en algún escrito, algo de esta abundante producción. En esta oportunidad tomo algunos sonetos de Carvalho. He aqui el primero.

*Soneto da Égua Moura*

Ouço o clamor da tarde ensolarada. / Tarde longa e cruel, tarde votiva. / Fumo um cigarro, e a cinza espiralada / desenha alguma sombra pensativa. // Sei que existes, mas sei que te evaporas / em perfume de rosas e de antúrios. / Ouço o tropel dos ventos e das horas. / Teus vestidos são feitos de murmúrios. // Uma flecha de luz corta a vidraça. / O fantasma do augúrio me trepassa / e seu fulgor profético me doura. // Vejo-te arder nos raios da neblina. / Não és mulher. Tens corpo de menina /e o ventre esguio de uma égua moura.[1]

La tarde, marco de este soneto, es personificada con sentimientos de tristeza. El poeta se halla en una atmósfera en que las caprichosas formas del humo del cigarrillo subrayan la monotonia. Esta es producto de la ausencia. Estamos, por tanto, ante una elegia, forma aqui destacada con varias palabras. El hermetismo de *votiva* coincide perfectamente con lo sombrio de la situación.

[1] En *Os quatro elementos* (sonetos de Francisco Carvalho, Jorge Tufic, Luciano Maia y Virgílio Maia). Fortaleza – São Paulo, Biblioteca O Curumim Sem Nome – Editora Giordano, 1996, p. 19.

La imagen femenina evocada tiene muy poco de material, por más que una sinestesia de olores, sones y colores intente corporizarla. La ancestral metáfora del paso veloz del tiempo inspira al poeta la comparación de los vientos con las horas, que en su andar infatigable se llevan lejos todo, y no nos dejan más que un ligerisimo ropaje, unos murmullos distantes de lo que antes habia sido clara voz.

Aunque la imagen es de una mujer no real, su fuerza – su luz – es capaz de herir el corazón del poeta y de lenar sus ojos. Considero que este bellisimo poema construye una metáfora de la obra de arte. Ella no nos impresiona con lo real, sino cou su representación. Muchas veces la niebla que nos envuelve es disipada por un brillo de formas puras. Nuestra existencia común sólo las percibe con los ojos de la estética, capaces de ir y volver de lo sensual. Vayamos ahora al segundo:

Vai a pastora pelos campos, sem / saber que amor costuma apascentar / ilusões. Vai florindo o seu andar / e em pastagens de olvido se detém. // Seu ritmo lembra o ritmo pendular / da vaga que se alteia com desdém. / Andar que ondeia, argila que sustém / arcadas desse arcano milenar. // Pastora, que em silêncio pastoreias / crias azuis desse redil estranho / que pasta o sol às portas das aldeias. // Fosse eu, pastora, aquela ovelha incauta, / esquecida do tempo e do rebanho, / só para arder ao fogo dessa flauta.[2]

Debo confesar que cuando comencé a leer tuve una primera impresión de desdén. No es que desprecie la literatura pastoril, de ilustres cultores (Teócrito, Virgilio, *Dafnis y Cloe*, para no salirme de la antigüedad). Pienso sobre todo en ciertas versiones gastadas de esa temática, las cuales no encuentro que tengan mucho que decirme hoy. Pero debo admitir que me equivoqué, por varias razones.

Lo que leí no fue una repetición más de un motivo, sino un poema bello que evita los excesos de la convención. Y es original, pues el poeta conduce al lector hacia la belleza, objeto del arte, transmutándose espiritualmente en oveja. La pastora de nubes (nueva Beatrice) también lo es de ilusiones; conduce a pastos de olvido, que también son luminosos. Pero en silencio, pues la acción no es al aire libre, sino en la interioridad, sólo al son de una mágica flauta (recordemos el primer soneto). Varias imágenes hay, pero quedémonos con la de la ola del mar, que se eleva como una líquida bóveda.

Pero además de temas tan literarios (si cabe la expresión), Carvalho también nos habla de otros:

*Navio Negreiro*

O Navio Negreiro corta as ondas / do mar dos mortos com seu negro brilho. / A noite é a pele de um rinoceronte / ensangüentada sobre o tombadilho. // Das entranhas de fogo do navio / sobe o clamor de um grito acorrentado. / O vento escreve lendas de martírio / no coração do negro rebelado. // As trevas vão crescendo no horizonte. / E cresce a voz das águas carpideiras. /O Navio Negreiro as ondas corta. // A noite é a pele de um rinoceronte. / Só Deus acende os olhos das fogueiras / junto ao cadáver da esperança morta.[3]

El color negro, representado por la noche y los muertos, domina el primer cuarteto. Pero el negro no hace aiusión solamente a un color de piel, sino a toda una simbologia de dolor y tristeza. Conocemos ciertas representaciones medievales de la muerte: esqueletos, mantos oscuros y guadañas que siegan a buenos y malos, que visitan las tabernas de los pobres y los palacios de los reyes. En este navio también hay un sentido igualador, pero de inicua iniquidad.

[2] En *Os quatro elementos*, p. 20.

[3] En *O Pão*, VI, nº 45. Fortaleza, 21 de outubro de 1997, p. 19.

Es un barco que está vivo, y que siente un dolor magistralmente definido por el término *martírio*. Nos permitiremos darle, además del valor habitual, el etimológico de 'testimonio'. En efecto, el viento esparce un clamor que implora justicia. Tal justicia muchas veces está en las leyes, pero desde siempre fue inscripta en el corazón humano, decia la piadosa Antígona. Lástima que antes no hemos sabido leerla, pero al menos trataremos de instaurarla ahora, para que las entrañas sean de fuego de amor.

Las tinieblas, y las aguas semejantes (beilísima imagen) a lloronas de funeral, se asocian a la tristeza; pero la codicia humana puede más, y el barco sigue su marcha. Mas hay justicia divina, que no tiene la piel dura: es capaz de perdonar; y también de mover las piezas, para que los golpes de la historia nos hagan reflexionar. Alguien dijo que toda crítica es positiva, inciuso la más malsana. En efecto, detrás de la denuncia late una expectativa de mejora. Por eso considero a este soneto una obra esperanzada, de mirada al pasado y al porvenir. La esperanza muerta no remedia lo que pasó, pero es propio de nuestra especie pervivir, como el Ave Fénix, renaciendo de nuestros escombros.

Pero hay otro barco además del de los mercaderes. La poesia es, en efecto, un viaje a lo bello, que emprende este autor de nuestra tierra americana, al que hemos tratado de acompañar en su derrotero.

## BARCA DOS SENTIDOS

*Sânzio de Azevedo/CE*

Quando Mallarmé abordou o problema da sugestão na poesia, em trecho de entrevista que se tornaria famoso ("*Nomear* um objeto é suprimir três quartos do prazer do poema, que é feito da felicidade de adivinhar pouco a pouco."),(1) estava de certa forma enunciando um dos princípios básicos não somente do Simbolismo, mas de toda a lírica de nosso tempo.

Com efeito, nunca a polivalência dos signos foi tão amplamente explorada quanto na estética do Modernismo, onde o sentido de muitas imagens, pelo seu caráter cifrado, derivou para o campo do hermetismo. Quanto ao aspecto estrutural, no que tange à carpintaria do verso, é sabido que, no Brasil, depois do quase esgotamento do versilibrismo, a chamada Geração de 45 revitalizou certos poemas de forma fixa (entre eles o soneto), o que, para a miopia de alguns, pareceu um retorno ao Parnasianismo, como se Camões, Ronsard, Baudelaire e Fernando Pessoa não houvessem escrito sonetos...

Francisco Carvalho, poeta cearense que, tendo estreado em 1955, deu-nos obras do porte de *Dimensão das Coisas* (1967), *Memorial de Orfeu* (1969), *Os Mortos Azuis* (1971), *Pastoral dos Dias Maduros* (1977), *Quadrante Solar* (1983), *As Visões do Corpo* (1984), e outras, é bem um representante dessa estirpe de artistas que cultivam uma poesia agônica, poesia que reflete aquela luta com as palavras, de que nos fala Carlos Drummond de Andrade.

Por sua participação na *Antologia de Poetas Cearenses Contemporâneos* (1965), editada nos dez anos da UFC, já despertava a admiração de Domingos Carvalho da Silva, que destacava, "integradas num texto de dicção veemente e pessoal", expressões como "ave solidão", "búfalos sublevados", "nudez total de íntimos usos", "dedos têxteis" e outras, típicas, a seu ver, do poder criador dos poetas dessa geração. (2)

Francisco Carvalho, de quem reproduzi, na minha *Literatura Cearense* (1976), o "Soneto à Rendeira" (de *Dimensão das Coisas*), o soneto XXXIX e "Cadeira de Balanço" (do *Memorial de*

(1) Apud MICHAUD, Guy. *Message Poétique du Symbolisme*. Paris, Nizet, 1947, p. 774.

(2) SILVA, Domigos Carvalho da. "Uma Antologia Cearense". In: O *Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16.10.65.

*Orfeu*) e "Homenagem" (de *Os Mortos Azuis*), deu-me o prazer e a honra de ler os originais deste livro.

Trata-se de *Barca dos Sentidos*, livro plural, onde o poeta se mostra em todas as facetas de sua maturidade artística e de seu poder criador. Volume alentado, somente um longo estudo poderia dar uma idéia global dessa obra. Entretanto, é interessante percorrer suas mais de 300 páginas, destacando os pontos que, na minha opinião, merecem registro especial.

Logo na abertura do livro, a "Ode Visionária" instaura aquele clima onírico, beirando o Surrealismo, que povoa grande parte da poesia carvalhiana: "Potro de ancas inclinadas sobre as espáduas de Deus / Esta vertigem do sonho que me cega / Com o seu fulgor de constelações enlouquecidas / Sou réptil e pássaro / Andorinha assassinada pelas flechas do albatroz / Dormido nas torres do mar / Com o seu perfil de arcanjo vingador." Não falta, nesse longo poema, a imagem telúrica do pai, presente noutros livros do poeta: "Nunca mais os teus olhos afagando as distâncias luminosas / Onde os bois se fartavam de relva e eternidade."

Livro de várias faces, *Barca dos Sentidos* apresenta alguns poemas de cunho humorístico, o que desvia o poeta daquela gravidade característica da Geração de 45. É o caso, entre outros, do "Diário Sentimental dum Cínico" ("tomei um porre de vodca por causa de Érica. Tudo acabado."); "Peru Pilantra", que lembra alguns passos da poesia infantil de Vinícius de Moraes ("plumas de bardo / – tudo acabou em molho pardo."); e "Soneto com Rimas Frutais" ("Se goiaba, rima com paladar / E se abricó, rima com minha avó.").

Mas o que realmente predomina no livro é a angústia do poeta em face de seu destino ou, mais ainda, do destino da humanidade. Em "Canção", diz ele: "Não vou esperar que a bomba / seja jogada do céu / sobre a raça de Caim / ... Não vou esperar que os sinos / dobrem por mim." A preocupação com o futuro do mundo na era nuclear está patente em diversos textos, como em "O Dia Seguinte", um dos pontos altos dessa obra: "O dia seguinte será um dia degolado pela foice / atômica. Um dia em que os mortos / não serão reconhecidos em suas próprias casas." Há mesmo uma "Canção da Expectativa Atômica".

O "Soneto da Neurose Urbana" ostenta versos irregulares, como este, de gaita galega (ictos em 4, 7 e 10); "Cintilação de metais na alameda", e rimas apenas eventuais, como se pode ver da leitura dos tercetos:

> Buzinas. Apitos. Buzinas. Bêbados
> Ao volante. Luz alta. Motor frio.
> Signos no ar. Sonhos na contramão.
>
> Ignição zero. Fúria pornográfica.
> Hora de metamorfoses banais.
> Cintilação de espantos e metais.

Podemos, porém, com absoluta segurança, afiançar que essas quebras de ritmo, fugindo à norma clássica do soneto, correspondem à intenção do poeta de, expressivamente, aliar o estrato fônico à camada semântica; assim, o desequilíbrio rítmico figura a própria neurose de que trata o poema. E uma prova evidente disso é não só o fato de conhecermos vários sonetos absolutamente regulares de Francisco Carvalho, noutros livros, como também, no livro de que ora se trata, haver o "Soneto de Outubro", vazado em decassílabos regulares, e com esquema rimático em ABAB / ABAB / CDE / DCE, o que em nada compromete a modernidade do soneto:

> Miragens deste outubro sazonado
> Espigas desta espera luzidia.
> Meus dedos de profeta alucinado
> Enxugarão os olhos da agonia.
>
> Libertarei o verbo amordaçado
> E acenderei o lumiar do dia.
> No peito e nos cabelos do afogado
> Vou desfolhar rosas de maresia.

Na espádua deste arcanjo sedutor
Vou esculpir a insígnia do pecado.
Rosa dos tempos, passa por Gomorra

Um rei que vai morrer decapitado.
Vou esquecer os olhos deste amor
Para que deles viva e nunca morra.

Em "Transformação do Poema", questiona o autor a função da própria poesia, ao dizer, em tom de exortação: "Quebra o teu alaúde de poeta metafísico / esquece a elegia e o madrigal / atenta para o sangue da notícia / escorrendo das veias do jornal." Mas, apesar de também ele ter sua face metafísica, na medida em que mergulha nos grandes problemas existenciais, Francisco Carvalho volta e meia se integra nos dramas da humanidade oprimida, como na "Primavera dos Mortos", em que diz: "Os meninos da África / não brincam de ciranda. / Os meninos da África / brincam de morrer." E no "Poema Crucial" afirma: "Chega um momento em que a liberdade / não pode conviver com a baioneta do déspota."

Tanto fala ele da morte em toda a sua obra que, em "Explicação", revela que alguns se queixam de suas "perplexidades metafísicas", e indaga: "Como não falar da morte, meus amigos, / se a morte bebe do nosso vinho / e come da nossa ceia?"

Mas o poeta também fala do amor, como nos "Três Sonetos" ("Teu corpo a fruto exótico me sabe / e esta nudez partida sobre a cama" – I; "Quando te despes dentro do meu quarto / fico alumbrado, fico em desvario" – II; "Beijo-te a flor dos seios suspendidos / te acaricio as ondas dos joelhos"), ou quando, em "Marinha", exalta a "Amada, domadora de procelas e temporais / Bela como um pássaro que vai alçar vôo".

A um contumaz leitor de versos românticos, de ouvidos acostumados à melodia das frases cantantes, há de soar extremamente rebarbativa a sinfonia bárbara dos versos livres do "Poema do Acontecer", onde encontramos trechos assim: "Acontece o óbito do mito. Acontece a revoada dos algarismos / ao redor de tua cama. Acontece a revolta das iguarias / à hora da ceia. Acontece a senilidade dos teus desejos."

A *Barca dos Sentidos*, já o disse, é um livro plural, e esse mesmo leitor hipotético vai por isso poder embalar os sentidos com o doce lirismo das redondilhas de "Vai Rute aos Campos de Booz", onde o poeta demonstra o domínio que tem da difícil arte de fazer coisas simples: "Aonde vais, ó moabita / com teu seio a palpitar / Tu vais aos campos de Booz / aprender a joeirar? // Vais recolher as espigas / que sobram do segador? / Ou vais aos campos de Booz / ceifar o trigo do amor?"

Um momento de rara beleza encantatória é a "Ode a um Falcão"; já por si uma ave cuja presença se reveste da magia das coisas não muito comuns, o falcão é aqui magnificado pelo verbo do poeta: "Eu te saúdo, ó anjo de rapina / Expulso pela cólera dos deuses! / Teu corpo de pluma e vento trespassando os astros / Com o fulgor de uma flecha de cristal. / Eu te saúdo, ó navegador solitário! / Teu olho veloz circundando o mar." O mesmo sortilégio vamos encontrar no poema "O Falcão", vazado em heptassílabos e com rimas toantes nos versos pares: "De que país subterrâneo / Veio o falcão solitário? / – Em cada pluma do corpo / Vestígios de eternidade."

Interessante e hábil a maneira como o poeta, em "Mourão Mourão", se apropriou da frase popular usada quando se perde o dente de leite ("Mourão mourão / toma este dente podre / e me dá outro são.") e a vai desenvolvendo: "Toma este olho insone / cego de solidão / e me dá outro são. // Toma este corpo aflito / fanado pela estação / e me dá outro são." (...). "Toma este rosto pálido / de morto sem remissão / e me dá outro são." Para, afinal, concluir:

"Mourão mourão / toma este mundo podre / e me dá outro são."

Muito poderia ainda dizer a respeito deste livro de Francisco Carvalho. O que aí fica, entretanto, parece-me dar uma idéia da importância da publicação da *Barca dos Sentidos*, obra que certamente marcará a literatura do Ceará e do Brasil, porque é o testemunho da experiência e da arte de um grande poeta.

In *Barca dos Sentidos*, Ed. UFC, 1989.

## SERENATA

*Texto da interpretação do poema pela Comissão Coordenadora do Vestibular/CCV/UFC*

### Parte I

1 Como um lobo persegue a própria sombra
2 assim te busco, amada, entre os rebanhos
3 tangidos pelo vento e pelas flautas.
4 Colho ramos de absinto nos teus ombros
5 onde as pombas descansam quando voltam
6 de longo navegar. Mas como achar-te
7 entre os mitos urbanos e as palavras?
8 entre a rocha que sonha e o mar que escreve
9 odes de fúria em vértebras de areia?
10 És o fanal que chega dos navios
11 como um frescor de chuva em tarde límpida.
12 O som da fala, o arfar das samambaias.
13 Passo a dor dos minutos e das horas
14 a ordenhar a ovelha que pastoras.

### Parte II

15 Vou arder a essa chama que me abraça
16 até ser pó de cinza rarefeita.
17 Vou te amar com volúpia de felino
18 à sombra desses dias que são pórticos
19 de areia. Vou arder como as estrelas
20 ardem, em suas órbitas de fogo.
21 Quero esculpir o orgasmo da vertigem
22 em cada movimento da beleza
23 chama que me devora desde a origem.
24 Brindo ao teu corpo de guitarra moura
25 de cujas cordas jorram madrigais.
26 Vou arder como os galhos das marés
27 ardem aos raios dos meridianos.
28 Amar-te ao sol de todos esses anos.

(CARVALHO, Francisco. (1996) *Raízes da Voz*. Col. Alagadiço Novo. Fortaleza: Edições UFC.)

As questões catorze e quinze abordam poemas de Francisco Carvalho relacionando-os às manifestações poéticas de outros períodos.

14. Identifique a opção em que o trecho transcrito resgata imagens do bucolismo árcade.

A) "Quando a lua vai alta e os astros dormem / as pupilas do tigre ainda farejam / a pulsação da presa adormecida. ("Adágio para um tigre" p. 33)
B) "Sou a ovelha à procura da pastora / o arroio que brotou no descampado / para matar a sede dos cabritos." (Tarde azul "p. 192)
C) "A noite martirizada do holocausto / quando o fulgor do hálito dos tigres / clareia povoados de eucaliptos." ("Cidadela" p. 76-77)
D) "Cada palavra esconde nossa efígie / de areia, soterrada na memória. / Busca e retorno à infância do animal." ("Molde" p. 181)
E) "Eu te dirijo a minha súplica / de homem, bicho de pêlo áspero / de movimentos imemoriais / e gestos modelados pela luxúria." ("Deusa inverossímil" p. 189)

**Comentário** – A questão 14 reconhece, nos versos de Raízes da voz, um resgate poético de estruturas, frag-

mentos e temas outrora manifestos ora na linguagem lírica, ora com solenidade épica. Tais traços sofrem uma acomodação estilística e estrutural, que perpassa a modernidade e cede à expressão do poeta uma atualidade estética peculiar entre nós. Compreendidos assim, os versos associam-se a estilos, escolas e movimentos literários que os antecedem, como o Arcadismo. Pergunta-se então sobre a presença de imagens do bucolismo em poemas do livro indicado.

Compreendido o bucólico como o define o Novo Dicionário Aurélio, tem-se: "Pertencente ou relativo à vida e costume do campo e dos pastores; campestre, pastoril;(...) 4. Que canta ou exalta as belezas do campo, da vida campestre, da natureza; pastoril (...) 5. Simples, singelo; puro, ingênuo". (p.290) Da mesma forma registra o Dicionário de termos literários, de M. Moisés, "bucolismo" como "relativo aos pastores, à vida pastoril. Enfeixa as obras literárias que gravitam ao redor de temas campestres e pastoris." (p. 64) As personagens do pastor e da pastora visitam os poemas de Francisco Carvalho em várias ocasiões, quer como máscaras poéticas – "Sou pastor de cavalos e novilhos" –, quer como metáforas arrojadas, como em "O mar é um pastor / de cardumes de fogo" Embora as opções refiram-se a animais, apenas a opção B está correta, pois põe em cena as personagens típicas da lírica bucólica: as ovelhas, os cabritos, a pastora, dispostas numa natureza tranqüila e acolhedora. As demais opções, quer pela forte dramaticidade das suas imagens, quer pela profundidade de sua natureza simbólica, quer ainda por procedimentos que lembram as vanguardas da modernidade, com traços que vão do simbolismo ao surrealismo, numa repoetização fortemente expressiva, contrariam o que se busca identificar.

15. Sobre o poema "Serenata[t]", assinale a opção correta.

A) O texto poético associa o absinto à dor da ausência, o fogo à paixão, a cinza à morte.
B) A representação do mar e da terra referem-se a espaços geograficamente situados.
C) A rocha que sonha e o mar que escreve são imagens características da poesia parnasiana.
D) O lobo, as pombas e a guitarra são imagens de conteúdo semântico equivalente no poema.
E) O tratamento dado à paixão, na parte II do poema, purifica o erotismo dos excessos materiais.

**Comentário** – A questão 15 visa a interpretar o poema em sua expressão simbólica, nas estratégias de sua semântica e nas ligações com outras manifestações poéticas. A opção A fornece a imagem do absinto, erva amarga e tóxica, que se associa a pesar e amargura. A imagem é especialmente relevante, pois a circunstância em que se encontra o eu-amante é a de procurar a amada e de sofrer por sua ausência. O fogo, representado pela chama, associa-se à paixão, em que o poeta arde "até ser pó de cinza rarefeita", isto é, até a sua morte. A opção A, portanto, está correta. A opção B reconhece, na representação do mar e da terra, referentes espaciais geograficamente reais. Os três primeiros versos situam as imagens numa representação simbólica ligada à terra, sobretudo notada com a presença do lobo e dos rebanhos. Os ombros, de onde o eu poético colhe o absinto, são pouso para as aves que voltam do seu navegar; portanto a perspectiva é ainda simbólica. Distante, a amada se compara ao farol, não construído na terra, mas vindo dos navios. Finalmente, a ambientação terrena se reinscreve no texto, quando o pastor ordenha as ovelhas. O que se deve observar é o descolamento que as imagens gozam

em sua relação com o real, pois elas próprias participam de uma realidade poética e não retratam espaços geograficamente situados. A opção C erra porque considera tipicamente parnasianas construções maior próprias ao surrealismo e ao simbolismo, onde o onírico e o simbólico podem configurar elaborações ideativas e realidades imaginárias com maior liberdade. A opção D é incorreta porque o lobo se associa ao poeta; as pombas se ligam aos seres que vém da distância, espaço que o eu poético não atinge; a guitarra moura, presente na segunda parte do poema, apreende a sensualidade do corpo feminino. Portanto não há equivalência entre as imagens. A opção E sustenta que o tratamento dado à paixão, na parte II, purifica o erotismo de seus excessos materiais, e está errada. Ao contrário do que ocorre na parte I, onde o bucolismo e a dor suavizam o desejo, a parte II intensifica a paixão dando intensidade e voz ao desejo, numa combinação feliz entre a idealização sensorial e a carnalidade. Marcar esta opção está incorreto.

As questões dezesseis e dezessete abordam compreensão textual, enquanto a dezoito, além de exigir compreensão leitora, explora conhecimentos gramaticais.

16. O período abaixo resume as idéias básicas da parte I do poema.

(1) Embora o poeta procure persistentemente a amada, ele não a terá, (2) pois ela é fruto de pura imaginação (3) e, portanto, pode apenas ser sentida, nunca tocada.

Numere os parênteses associando os versos às idéias contidas no período.

( ) "Mas como achar-te / entre os mitos urbanos e as palavras?" (versos 6-7)
( ) "como um frescor de chuva em tarde límpida." (verso 11)
( ) "Como um lobo persegue a própria sombra" (verso 1)

**Comentário** – A questão 16 trata de leitura. O candidato deve ser capaz de relacionar a interpretação aos versos do texto. Os versos 6-7: "Mas como achar-te entre os mitos urbanos e as palavras?" devem ser ligados à interpretação (2): "pois ela é fruto de pura imaginação". A amada idealizada não pode ser achada entre os mitos urbanos porque é pura imaginação. A pergunta deixa implícita a angústia dessa constatação: "Se és imaginação, se não existes, como posso achar-te entre os mitos urbanos e as palavras (a poesia)? O verso 11: "como um frescor de chuva em tarde límpida" liga-se à interpretação (3): "e, portanto, pode apenas ser sentida, nunca tocada." O frescor de chuva pode ser sentido, aspira-se o frescor, não se pode tocá-lo. Em outras palavras, é possível ser tocado pelo frescor, uma vez que se percebe sua presença, mas não se pode tocá-lo. O verso 1: "Como um lobo persegue a própria sombra" liga-se à interpretação (1): "Embora o poeta procure persistentemente a amada, ele não a terá". Um lobo perseguindo a própria sombra é a própria imagem de um insucesso: ele nunca a alcançará. Assim, a opção correta é a B.

17. Indique a(s) oposição (ões) que reflete(m) um paralelo entre as duas partes do poema.

I. Sentimento de dor X Sentimento de prazer
II. Busca da amada X Encontro com a amada
III. Idealização pela busca X Posse pela imaginação

A partir da leitura de I, II e III é correto afirmar que:

A) II e III são verdadeiras.
B) I e II são verdadeiras.
C) I e III são verdadeiras.
D) apenas II é verdadeira.
E) I, II e III são verdadeiras.

**Comentário** – A questão 17 também trata de leitura. O candidato deve fazer um paralelo entre as duas partes do poema. A parte I mostra uma busca por um amor idealizado: "Como um lobo persegue a própria sombra, assim te busco amada" (versos 1-2), "És o fanal que chega dos navios' (verso 10). Essa busca causa sentimentos de dor, conforme se deduz dos versos "Passo a dor dos minutos e das horas a ordenhar a ovelha que pastoras." (versos 13-14) e no termo absinto no verso 4: "Colho ramos de absinto nos teus ombros". A parte II é toda recheada de sentimentos de prazer, não há, contudo, o encontro com a amada, mas a sua posse pela imaginação. O poeta passa a descrever como vivenciará esse amor, como se entregará a essa chama "que me abraça até ser pó de cinza rarefeita" (versos 15-16). Desse modo, está correta a opção C: apenas as oposições I (sentimento de dor x sentimento de prazer) e III (idealização pela busca X posse pela imaginação) são verdadeiras. A oposição II é falsa porque, embora na parte I, haja a busca da amada, não há, na parte II, o encontro da amada. Observe-se que, nos verbos da parte II do poema, predominam idéias de tempo futuro "vou arder", "vou te amar' e noções modais de desejo e intenção "quero esculpir", "vou arder", indicando que o fato não ultrapassou os limites da idealização, não houve realização do encontro.

## FRANCISCO CARVALHO E A POÉTICA DO AZUL

*Sérgio Campos/RJ*

O vigamento da poesia de Francisco Carvalho é a um tempo vigoroso e leve, o bastante para, à semelhança das vivendas antigas, revelar porões e seus objetos misteriosos, onde excursionam as mãos, a curiosidade e a ternura do menino e do leitor. Carpintaria que resiste a um mundo de sismos e as chuvas ácidas de um fim de tempo em que viver não é mais que um exercício de perigos.

Francisco Carvalho (Russas, Ceará, 1927) é o poeta que vai dar nessas rotas de fuga: um recanto iluminado, um catre azul (e solidário) entre os arcanos, e simultâneas cavalgadas sobre o dorso das metáforas espumosas, em rumo à solidão, ao amor, à morte e à memória. Não freqüenta o grande mundo das letras, mas vive em companhia delas e elas o sagram um dos maiores poetas de seu tempo. Dizem-no seus quinze livros de poemas (afora algumas aventuras de juventude) e um de ensaios, obras que cresceram em consistência e o fizeram poeta maduro, menos conhecido do que merece, mais admirado que gostaria, avesso aos salões e aos festins.

Francisco franciscano, poeta de ofício e reverência à humildade, ungido pelo talento que se recusa.

Para poeta da produção ciclópica de Francisco Carvalho, tomamos a leitura de cada obra como critério (reconhecemos algo arbitrário) à aferição dos temas e motivações que lhe são mais gratas. Os livros que nos revelassem o mirante mais amplo de sua virtualidade. Tais nos pareceram os seguintes: "OS MORTOS AZUIS" (MA), de 1971; PASTORAL DOS DIAS MADUROS" (PM), de 1977; "ROSA DOS EVENTOS" ( RE), de 1982; "QUADRANTE SOLAR" (QS), de 1983 (vencedor da 1ª Bienal Nestlé de Literatura); "BARCA DOS SENTIDOS" (BS), de 1989; "AS VISÕES DO CORPO" (VC), de 1984; "ROSA GEOMÉTRICA" ( RG), de 1990; "EXERCÍCIOS DE LITERATURA" (EL),de 1990.

Ressaltamos que os apontamentos sígnicos em seqüência à enunciação da obra nos apoiarão durante o trabalho. (1)

É o próprio poeta que nos diz, em EL (2): "O ser do poema (ou da poesia) aspira à intemporalidade." É de fato verdadeira esta afirmação, de cunho heidggeriano, que nos transmite.

Entre todos os traços distintivos da poesia, perante outras formas de escrita (inclusive as não-lingüísticas), a diferença semântica entre poesia e não-poesia já não é procurada no conteúdo da significação, mas na maneira de significar (3). E essa busca de intemporalidade se encontra para além da narração dos fatos *certos, reais, constitutivos, contextuais* da prosa. Parte-se, pois, da conclusão de que o poeta procura traduzir a expressão do inefável, numa acepção romântico-germânica, de que falaram Schlegel, Novalis ou Schelling (poetas do chamado "círculo de Iena), bem como Kant, Goethe ou Solger. Poder-se-iam resumir assim os predicamentos da poesia complementares à acepção do devir poético, tal como postos por Francisco Carvalho: a) o símbolo mostra o devir do sentido, não o seu ser; a produção, não o produto acabado; b) o símbolo é intransitivo, não serve só para transmitir a significação, mas também ser apresentado em si mesmo; c) o símbolo é intrinsecamente coerente, o que significa para o símbolo isolado, que é motivado (e não arbitrário); d) o símbolo realiza a fusão dos contrários e, mais particularmente, o do abstrato e do concreto, do ideal e do material, do geral e do particular; e) o símbolo exprime o indizível, isto é, o que os signos não-simbólicos não conseguem transmitir, e, por conseguinte, intraduzível, e o sentido plural, inesgotável." (4).

Vale dizer, aqui, ser o texto esta entidade profunda (indizível) a ser reconstruída para além dos dados sensíveis..." (5).

De sorte que, ao referir-se à intemporalidade, decerto estará Francisco Carvalho a lidar com o inefável, com estruturas arquetípicas do poema, tanto que transcreve, *in verbis*, Octavio Paz a asseverar: "O poema é tempo arquetípico. A palavra poética jamais é completamente deste mundo: sempre nos leva mais além, a outras terras, a outros céus, a outras verdades." (6).

Esta nos parece a sede da poética carvalhiana.

A partir dos predicamentos nominados, pode-se dizer, sobretudo, da pluralidade dos sentidos e da fusão de significante e significado. Pode-se, ainda, dizer que a poesia é uma arte da palavra: "a palavra como corpo, o corpo como palavra." (7). E também, no campo da imagética, da *imaginação formal* e da *imaginação material*, pela qual uma causa afetiva se torne uma causa formal, "para que a obra tenha a variedade do verbo, a vida cambiante da luz." (8). Porque no abismo da matéria se divisa a irradiação de luz. Há luz lá embaixo. E disso sabe Francisco Carvalho. Desce aos infernos e se eleva às constelações, e há luz em ambos os espaços. Sua escrita, ao trabalhar com as metáforas, que lhe dão sentido, e sentido ás palavras solenes que profere, porta-se como se trabalhasse o vento, polindo a pedra-texto para insculpir em seu dorso o nome das coisas, dos acontecimentos de sua vi da, de suas sensações, a súmula dos homens e seu tempo.

De fato: "Uma imagem custa tanto trabalho quanto uma característica nova à planta." (9). A poesia viva tem a vida das espécies.

A tetralogia heraclitiana nos fornece pistas para localizar o logos , o espaço de criação e celebração da poesia do autor. Ali construiu sua poética, (sua poétrie), a golpes de metáforas de afiado gume penetrando o cerne das coisas, ou de metonímias imaginosas e cambiantes do sentido, para sentidos mais densos. Não será decerto o poeta da *água* (em que pese ao seu amado Jaguaribe). Falta-lhe o fluir manso e o caminhar para a foz. Ao contrário: é uma poesia de busca, que abre vertentes rebeldes ao leito sonoroso e inevitável. Sua linguagem, antes se atira, como potro indomado em noite de plenilúnio, povoando o céu

de seus espectros, rastreando sóis adormecidos na faiscação dos cascos. É uma poesia audaz, mas não isenta de ternura e íntima relação com os materiais da vida. Em que pese, por outro lado, a sua freqüente alusão às chamas, que não convoca, mas observa até as margens da fascinação, não é também o *fogo* a espiral de sua poesia. E no que tem de volatilidade, muito menos o *ar*, posto que o habite no coração dos espaços. Sem o comburir da matéria e o reciclar das cinzas nos grandes magmas, não sendo a água, o fogo ou o ar o núcleo desta poesia desejosa, pode-se sem dúvida dizer de Francisco Carvalho que é o poeta da terra. Ou por atavismo, filho de homem do campo, de quem recebeu a lição dos maiores,ou pela sedução da alimária prodigiosa que tanto celebra, eis uma poética eminentemente de natureza telúrica. A terra é mãe, nutriz, protetora, mas também a pátria dos cavaleiros, da vida e da morte como fatos naturais, esta em especial, que celebra com fervor quase religioso no curso de sua obra. Francisco Carvalho, o poeta da terra, da nordestina terra que soleniza em seus dinâmicos instantâneos de vida, com palavras polenizadas pela magia, como tangessem a alimária para a aradura e colhessem pêssegos no escuro.

Em torno desta poesia há que observar o *processo* da escrita. O repertório do autor é praticamente inesgotável, chegando por vezes à própria abolição do verso. Conquanto o discurso da poesia se caracterize pela natureza versificada, o poeta ousa abandonar seus cânones. Mas é, em síntese, uma escrita do verso e da palavra. Do chamado *modernismo*, seduzido (não na primeira hora) por Drummond e Bandeira, sobretudo aquele, praticando o versilibrismo (que aparece inúmeras vezes em MA) pode-se dizer que Francisco Carvalho foi fortemente motivado pelas grandes transformações sociais ocorridas na virada da 1ª metade do século, em especial as ocorridas no exterior, como a guerra, as ditaduras e a iniqüidade das estruturas e ideologias.

Sua poesia de então lembra muito, v.g., a de "A ROSA_ DO POVO". Drummond, posto que originário da província, veio cedo para o grande centro urbano, a capital, seus jornais, a então fervilhante vida intelectual citadina em que se debatiam os fatos do dia, palco de polêmicas e paixões. Francisco Carvalho, de longe, da província, a tudo acompanhava, e expunha com vigor seu *sentimento do mundo*. Mas não detinha a formação/informação intelectual do poeta que foi seu paradigma, a quem celebrou em inúmeros poemas e artigos. Mais tarde, viria Francisco Carvalho a aplaudir o rigor formal com que se lançaram à reconstrução do poema os poetas da chamada *geração de 45*, mas recusou-se a fazer deste ideário seu *hortus conclusus*. Assim, do romantismo (há mesmo sonetos seus de extração parnasiana), aos versos de arte-menor, ao modernismo e a tímidos contactos com o construtivismo das vanguardas dos anos 50, Francisco Carvalho preferiu manter-se desatrelado, livre, e o que se pode hoje concluir, ao ler-lhe a obra, é que se trata de "um poeta que não se enquadra em modelos estéticos de época e rotulação diversas".

Deles é até mesmo descrente, e assevera:

> *"São bastante remotas as possibilidades de vir a surgir, no momento, uma nova vanguarda poética no Brasil" (10).*

Nesse sentido, trata-se de um poeta singular, sem vínculos de qualquer espécie.

Ainda com vista à escrita como processo, cabe notar que o poema tem como núcleo *nome* e *predicado*, pressupostos do discurso e de sua intelegibilidade (11). Cada poeta,

como instância de ofício, geralmente *cunha* nomes que o individualizam e individualizam sua poesia. Francisco Carvalho não foge à regra. Seu inventário de palavras é rico e extenso. Para não enfastiar o leitor, escolhemos alguns *termos-chave* do vocabulário carvalhiano (à semelhança do que fizemos com os livros, expediente que nos será de grande valia agora). Listaremos as palavras e as obras em que surgem de maneira mais enfática, ou particularmente feliz: MEMÓRIA: 22/VC, 42/VC, 52/VC, 114/PM, 13/BS, 11/QS, 23/QS, 54/RE, 59/RG, 13/RG, 7/RG; MORTE: 22/VC, 41/VC, 47/VC, 9/PM, 16/PM, 16/PM, 13/QS, 17/QS, 18/RE, 31/RE, 65/RE, 125/RE, 52/BS, 67/BS, 215/BS, 51/RG, 42/RE, 34/RE; SOLIDÃO: 25/VC, 46/VC, 5O/VC, 68/VC 66/QS, 19/RE 46,48/RE, 70/RE, 29/RE,[1] 11/RG; ALIMÁRIA: 14/QS, 18/QS, 22,24/QS, 60/QS, 60/QS, 46/RG, 44/RG, 38/RG; PALAVRAS: 122/BS, 135/BS, 25/VC, 82/VC, 86/VC, 90/VC 124/VC, 29/QS, 30/QS, 37/QS, 52/RG; TEMPO: 20/QS, 51/VC, 18/PM, 49/PM, 5/PM, 27/RG, 15/RG; SOCIAIS (bomba, miséria): 23/BS, 31/BS, 31/BS, 32/BS, 6/QS, 47/QS, 24/RE, 50/RE; AMOR:70/QS, 71/QS, 21/RE, 138/RE, 192/BS, 49/BS, 18/RG, 21/RG; FOGO (chama): 16/BS, 18/BS, 84/BS, 41/RG, 40/RG, 21/RG.

Outras palavras típicas do vocabulário poético de Francisco Carvalho se demonstram *PAI* (figura forte, impressiva de sua poesia), *adeus, cristal, âncora, pássaro, potro, espuma*. Imperioso citar a extrema fascinação que lhe desperta a cor *AZUL*, presente em praticamente toda sua obra, não obstante, curiosamente, um de seus livros, ao lado de "OS MORTOS AZUIS ", chamar-se "VERDES LÉGUAS".

Note-se, ainda, o alto grau de fabulação nas situações existenciais de seus poemas. Entre outros, notamos grandes momentos, no particular, nas construções de págs. 31/VC, 111/BS, 56/BS, 140/BS e 202/BS. De fato, sobretudo na ficção, a linguagem não se afasta de um *relatório regular*. Daí o poema-estória tão bem elaborado (entramado) pelo autor (12).

Conquanto singular a poesia de Francisco Carvalho, cabe menção a inúmeros poetas que lhe marcaram indelevelmente a trajetoria. De Drummond, chega o autor a *recriar* poemas inteiros. Outros nomes de sua devoção: Joaquim Cardoso, Manuel Bandeira, Murilo Mendes ("a poesia sopra onde quer"), Vinícius, Rilke, Lorca, Neruda, Saint-John Perse, Borges (a quem dedica memoráveis sonetos) e Fernando Pessoa. Dialoga o poeta com grande intimidade com Álvaro de Campos, que acompanha nas divagações metafísicas, não raro amargas.

Quanto à escrita de Francisco Carvalho, a par de fluidez, musicalidade (senso rítmico) e profundidade indagativa, cabe menção ao uso da metonímia e da metáfora no epicentro da matéria poética trabalhada. É sua usina de significação, forja, reciclamento permanente das cambiações.

No particular, emblemáticos são estes versos: "Passou a tristeza / por esta cancela."

O cruzamento de *cancela* (elemento móvel) e a tristeza (elemento anímico) dá ao poema pungência, sem perda de movimento. A significação é de natureza metafórica, na medida em que se trata de processo analógico. Note-se a leveza do conjunto, a brevidade, a economia expressional face ao peso do conteúdo emocional do vivido/acontecido.

Passemos a um conjunto diametralmente oposto nas ênfases e nos clímaces: "Guardarei minha cólera pelo resto da vida / para acender os castiçais de tua solidão."

Aqui há um vigor,a força de uma maldição irrogada contra a decepção amorosa e os versos são dotados de um *pathos* intenso. Abandona-se a melancolia dos versos anteriores e as

metáforas chocalham como a cauda da serpe. Da tristeza à ira, do sentimento ao ressentimento.

Eis outra das grandes construções do autor: "O verso é um potro no cio desfraldando o estandarte do sol."

Aqui se revela outra *facies* da poesia de Francisco Carvalho: a heroicidade, a saga, o salto para o *épico*. Impressionante a espacialidade deste verso, sua amplitude. O poema flagrado em estado de plena rutilância. Nem o bucolismo, o ressentimento, mas a conquista, a imagem da *legenda dourada*.

Encerra-se esta súmula poética de Francisco Carvalho com um exemplo típico de fabulação, consoante menção anteriormente feita: "As três solteironas moravam num casarão à antiga / cercado de reminiscências e alegorias."

São "casos", estórias, cujo contar muito lembra Drummond, mas aos quais Francisco Carvalho confere toque pessoal.

Indispensável registrássemos – em registro muito pessoal – a presença paterna na poesia do autor. É maiúscula e não se conhecerá a significação de sua obra sem que seja visitado o santuário dessa vida, paixão e morte do pai, desse Evangelho Segundo Francisco Carvalho. Convém percorrê-lo, *quadro* a *quadro*, e verificar a que dimensão telúrica é lançado pelo poeta. Vejamos:

"E tu meu pai que agora te divides / Com a terra e com as dimensões do tempo / Que apalpaste o assombro com as mãos / Os signos da morte dependurados no âmago do olho / As patas dos cavalos deslizando em teu peito / A morte caudalosa como um rio / A escorrer das vertentes de teu corpo..."

Trata-se de parte do Canto IX da "ODE VISIONÁRIA", poema primeiro de "BARCA DOS SENTIDOS", quiçá o canto maior do poeta.

A imagem do pai e a imagem da terra fundem-se numa só, são a mesma raiz de homem e de terra, em discurso impressionante. Talvez seja por isso que fale o autor, na pág. 56 de "QUADRANTE SOLAR", "numa lavoura que se deita." Não morremos em verdade: nossa lavoura adormece...

Este breve perfil do poeta Francisco Carvalho demonstra, a nosso ver, o *mundo isotópico*, o universo onde se trava o duelo dialético de uma criação congenial. Unimo-nos, nesse particular, à visão crítica que dela fazem, entre outros, Anderson Braga Horta, Sânzio de Azevedo e José Alcides Pinto, que há muito freqüentam as paginas dos livros do vate cearense. Justamente por dominar um vasto mas seletivo mundo de temas e de referências, e por ter, de eleição, um vocabulário, uma sintaxe e uma escrita de caráter personalíssimo, Francisco Carvalho ara em sua POÉTICA, à margem de injunções e compromissos alheios a sua esfera creacional.

Sua poesia é poesia maior, e que se cumpre. Espaço de audiências. E de comunhão. Pois como disse, ao receber o "Prêmio Nestlé de Literatura", em 1982, "a poesia me ensinou que a linguagem é a casa do ser." Casa e raiz, dizemos nós. Os pés sobre a terra e os olhos no azul.

## Bibliografia

1. "OS MORTOS AZUIS", 1971 (MA)
"PASTORAL DOS DIAS MADUROS", 1977 (PM)
"ROSA DOS EVENTOS", 1982 (RE)
"QUADRANTE SOLAR", 1983(QS)
"AS VISOES DO CORPO", 1984 (VC)
"BARCA DOS SENTIDOS", 1989 ( BS)
"EXERCÍCIOS DE LITERATURA", 1990 (EL)
"ROSA GEOMÉTRICA", 1990(RG)
2. "Exercícios de Literatura", 1990, UFC, pág. 14.
3. TODOROV, T., "Teorias da Poesia", Porto, pág. 10.
4. _____. idem, ibidem.
5. GINZBURG, C , "Mitos, Emblemas, Sinais", pág. 158, Cia de Letras.

6. PAZ. O. , "Signos em Rotação", pág., "Perspectiva".
7. KRISTEVA. J., "No Princípio Era O Amor", pág. 47, Brasiliense.
8. BACHELARD, G. , "A Água e Os Sanhos", pág. 2, Martins Fontes.
9. BOUSQUET, J., cf. cit. Bachelard, idem, ibidem, Martins Fontes
10. CARVALHO, Francisco ,"Exercícios de Literatura", pág. 18, UFC, 1990.
11. RICOEUR, P. "Teoria da Interpretação", pág. 13, Edições 70, Lisboa.
12. HARTMAN, G., "A Voz da Lançadeira", Porto, pág. 44.

## A POESIA DOS RIOS

*Soares Feitosa/CE*

> *Porque é verdade. Mas não penses que te censuro. Se queres transformar-te num homem de letras, e quem sabe um dia escrever Histórias, deves também sentir, e inventar histórias, senão tua História ficará monótona. Mas terás que fazê-lo com moderação. O mundo condena os mentirosos que só sabem mentir, até mesmo sobre coisas mínimas, e premia os poetas que mentem apenas sobre coisas grandiosas.* [Umberto Eco. In 4ª capa de... tradução de Marco Luchesi].

Fui dar uma espiada na biografia de Fernando Pessoa. Aos oito anos viajou para a África do Sul donde só retornou, em definitivo, aos 17. Ele fala de rios, do Tejo certamente. Contudo, não me atreveria a dizer que Pessoa tenha sido um poeta fluvial, no sentido de brincar-no-rio. Seus poemas silenciam quanto ao lacustre e ao fluvial, exceto quando nos conta do famosíssimo rio de sua aldeia, e, na *Ode Marítima,* retrata alguns aflitos sentados nas pedras do cais – um cais sobre o Tejo – e suas angústias. Ainda na *Ode Marítima* este registro:

Era na velha casa sossegada ao pé do rio / (As janelas do meu quarto, e as da casa-de-jantar também / Davam, por sobre umas casas baixas, para o rio próximo, / Para o Tejo, este mesmo Tejo, mas noutro ponto, mas abaixo / Se eu agora chegasse às mesmas janelas / não chegava às mesmas janelas. / Aquele tempo passou como o fumo dum vapor no mar alto...)

Então, telefonei para o poeta Carvalho. Ele me confirmou que até aos 14 anos fora menino do rio (Jaguaribe), em Russas, Ceará. Contou sobre as vazantes, na companhia do pai. O plantio de batata-doce, de jerimuns e feijões no leito do rio, coisa que ainda hoje se faz à medida que o rio vai-se fastando d'águas, pela seca. Depois, o rio retorna... quando chove, naturalmente. E, onde antes os balseiros, os plantios e a areia de uma calma doce, úmida – súbito um braço de mar e sua fúria. Os afogados. E as ingazeiras tombantes.

Porque, afinal, a pergunta seria: de que tanto os poetas "mentem" de suas infâncias? (Ninguém melhor do que Fernando Pessoa para falar sobre a arte de mentir – ou seria a arte de não-fingir?).

Falariam os citadinos, poetas, de rios? Cabral, urbano, fala, presumo, de um Capibaribe não propriamente como um rio de jogar cangapé, de correr nas cr'oas (ou coroas) com seus moleques, suas cheias e vazantes, mas como aquele canal imundo em que a "civilização" transformou, sofrido, o Capibaribe, o *Cão sem plumas.*

Aqui na terrinha, Ceará, outros poetas de beira-rio, temo-los vários. Acaraú, de José Alcides Pinto; Salgado, do Dimas Macedo; Poti, de Juarez Leitão; Jaguaribe que também é dos Irmãos Maia, Luciano e Virgílio. Dessa dupla, Virgílio é mais sertão – com seus bois ferrados sob marcas armoriais, a ponto de escolher casa para morar, ele, numa feliz coincidência, numa rua com o nome de Sertão dos Inhamuns. Luciano é mais "aquático", com o seu *Jaguaribe*, cataventos e várzeas. Até mesmo na arte de traduzir, Luciano se

prefere em águas, vide poema da *Concha*. Adriano Espínola, praiano e praciano nos fala de um beira-sol que nada deve ter a ver com rios de encher e correr. Este escriba, de lá do Macacos ainda em sua nascente – Serra das Matas –, apenas um projeto de riachote, pouco mais do que um filete mirro... mas que não tem outro mais bonito no lugar! – e cito o *Boiadeiro*, de Klécius Caldas e Armando Cavalcanti, no vozeirão de Gonzaga.

Noutros poetas tão bons quanto, senão mais – e aqui não cuido de classificá-los –, Artur Eduardo Benevides e Pedro Henrique Saraiva Leão, a presença do rio é mínima. Artur, da serra da Aratanha, mas a infância e adolescência em Fortaleza, sua canção é pólis, desde as quermesses do centro de Fortaleza, Praça da Lagoinha, com o Colégio São Luiz por perto, onde estudou, até o Mucuripe, nome de um dos seus livros mais bonitos. Artur fala de um *flamboyant que em silêncio pomos / no espaço em que já não existe/ nenhum flamboyant/*, belíssimo, mas de rio não. O mergulho existencial de Saraiva Leão é nitidamente urbano, intra, a partir de Fortaleza, menino, até outras plagas, "estranjas", onde estudou e cursou.

Esta classificação – poeta urbano ou sertanejo, este com seu desdobramento em poeta das secas ou poeta das águas – tem efeitos de mera curiosidade, posto que a poesia não está em canto algum e está em toda parte. Tudo isto me veio à tona a propósito do último livro de Francisco Carvalho, *O silêncio é uma figura geométrica*, edições UFC, Casa de José de Alencar, 2002. Ali eu vi uma paisagem tipicamente "rio", ou melhor, uma paisagem "águas". De fato, em Russas, no baixo Jaguaribe, o rio já é perene, diminuindo de vazão na seca, é certo, mas sem apartar completamente. Lá, de dentro das águas, nos vem Francisco Carvalho com seu rio trespassado:

O mistério
dos rios
é que eles passam
por dentro
de nós
e só depois
deságuam no mar.

Lembro de José Alcides Pinto, também ribeirinho, mentindo desbragadamente sobre rios quando nos conta de um padre atravessando a cheia do Acaraú, a outra margem a perder de vista, pendurado no rabo de uma vaca. Claro que é uma cena belíssima. Se verdadeira ou não, isto não me diz a mínima. Sequer o padre existe ou existiu, presumo. Existe, sim, a poesia imorredoura de Alcides Pinto. E Dimas Macedo bradando para o mundo que o Salgado é o rio mais bonito de... de Lavras da Mangabeira? Que nada! Do mundo mesmo – ele diz.

Sim, os poetas mentem, mas por baixo da mentira há uma verdade terrível, o rio (ou a infância) lhes varando corpo e alma todo o tempo. Tenho que alguém lhes pedir para desenhar um desenho infantil serão irrecusáveis a várzea, o remanso, a cheia e as ingazeiras boiantes. E as areias úmidas, de escondida sombra, para o ócio justo e libidinagem.

Desconfio que o poeta-cidade não chegue a ser tão fingidor a ponto de inventar uma história de um rio trespassado e trespassante. Parece-me que o rio que passa por dentro de Cabral seria apenas o sofrimento do Capibaribe – um poema nitidamente social – coberto de entulho, um rio sofrido: pneus velhos, cachorros mortos, a fedentina e a imemorial pobreza dos pobres do Recife, onde morei 14 anos e até sinto saudades, apenas de.

Saudades mesmo, sem jamais ter posto os pés nas areias do Jaguaribe, é o que me traz a poesia de Francisco Carvalho. *Todos somos contemporâneos dos rios...* Página ao lado e nos diz: *Um chuvisco inesperado desenhava/*

*alegorias no ar;/* página seguinte nos lembra o poeta. *Apaga a memória/deixada pelos rios nas retinas/ dos afogados.* Seqüenciando mais uma página, esta imagem: *Outras tarde virão, enquanto os homens pastoreiam/ deuses de espuma e orquídeas amarelas.*

Abro, novamente a esmo o livro de Francisco Carvalho: *Liberdade é apenas um flecha de espumas/ trespassada na memória dos mortos.* E mais, na mesma página: *Cabeça decepada pela fúria dos elementos/ ó cabeça de fauno sem memória/ onde estão teus mais puros pensamentos?* De fato, as "águas" estão o tempo todo presentes, seja nas espumas, seja na fúria dos elementos. Até mesmo uma pedra, quando o poeta se esbarra numa pedra, ela é cheia de limo e os sapos que por ali trafegam são úmidos como convém a todo batráquio que se preze. Uma imagem comovente, os olhos dos sapos nas noites luarentas de Carvalho.

Outra presença sobremodo ativa na poesia de Francisco Carvalho é a **viagem** – cavalos, centauros, canoas, estrelas mui longínquas – o vôo de longo curso. Uma poética viageira, mas sobretudo uma linguagem úmida, lúbrica, porém a anos-luz da vulgaridade. Poesia de rara intensidade lírica, de puro enlevo – fluvial e eqüestre – é o que nos presenteia esse notável poeta em sua permanência ribeirinha.

## FRANCISCO CARVALHO: MODERNIDADE SEM MODERNISMOS *

*Teoberto Landim/CE*

### A metáfora da esfinge

A obra de Francisco Carvalho ocupa, nas letras cearenses, um lugar do maior destaque, embora o poeta não se prenda ou não se ligue a nenhum grupo literário. Daí a razão deste estudo à parte a que ora nos propomos.

Dono de uma expressão poética em tudo peculiar, Francisco Carvalho confessa que não gostaria que seus dois primeiros livros fossem levados em conta no cômputo geral de sua produção poética, pois os considera como simples experiências de um período de transição do seu aprendizado literário. Francisco Carvalho conta, hoje, com onze livros publicados, o que mostra, em quantidade, uma vasta obra e, em se tratando de qualidade, diz de sua fidelidade à poesia, fidelidade no sentido da busca tenaz e permanente daquilo que corresponde a uma solicitação interior profunda.

Por outro lado, depois de uma leitura criteriosa de todos os seus livros, constatamos a extrema necessidade da inclusão de **Cristal da Memória** e **Canção Atrás da Esfinge**, em nosso estudo, pois constituem os alicerces de uma obra que não foi pensada apenas ao nível de um poema, mas em torno de um livro, e mais, de um conjunto que forma um todo (sua obra).

Nos primeiros volumes que o autor considera um aprendizado literário, está a semente de um tema que perpassa os demais livros, do qual o poeta não consegue se afastar. A partir daí, sua expressão lírica é semelhante à sua expressão filosófica; há uma intuição especulativa, uma ânsia de absoluto, uma busca incessante do poeta, sempre atento aos.problemas da vida e perplexo ante o problema da morte.

É pautado nesta abstração, que o mistério e o enigma adquirem raízes em **Cristal da memória:**[1]

Longe e difícil é o Deus para quem
tudo / renasce a cada momento grávido do mundo. / Contudo, ele habita o silêncio dos homens, / como as dimensões do abismo, a alma dos búzios. (1, 44).

(*) Excerto da Tese de Mestrado **Do Maracajá ao Siriará:** 60 anos de poesia em transformação, defendida na PUC, RJ pelo Prof. Teoberto Landim, do Departamento de Letras Vernáculas.

Uma vez criada forma, o tema se desenvolve gerando uma série de tensões, onde a "claridade prejudica". A poesia, então, mostra que este caminho conduz a uma distância, a maior possível, da trivialidade do real até à zona do misterioso.Talvez, neste quadro tenha surtido efeito o apelo de Diderot: "Poetas, sede obscuros".

A linguagem poética de Francisco Carvalho adquire o caráter de um experimento do qual emergem combinações e só então criam sentido. Esta não comunica, apenas sugere, portanto, tende a ser obscura. E não é em vão que Jáder de Carvalho diz: "a obra de Francisco Carvalho, como projeção lógica do indivíduo, é conseqüentemente fechada quase a sete chaves para o leitor comum".

Entretanto, sua obscuridade é intencional, daí sua poesia volver para objetos remotos, assustadores e que inspiram mistério. Em seu segundo livro esta preocupação com o indecifrável já se consubstancia. Seu próprio título, **Canção atrás da esfinge**, denota a objetividade de seu propósito.

A partir deste livro, a magia de sua palavra põe no termo esfinge todo o peso enigmático, onde o poeta passa a esconder a sua dualidade. Por um lado, permanece atrás da esfinge, e a poesia parece exprimir de forma adequada as múltiplas alternativas do cotidiano e do metafísico. Por conseguinte, a esfinge é o enigma consubstancial à poesia que reflete o mistério de que se cercam as evanescentes realidades do mundo.

o coração do mundo me atravessa / como se fosse uma seta embebida em veneno sagrado. (2,36)

Noutra instância, questionando o existencial, o poeta se vale do enigma do mundo com a finalidade de evitar que o homem seja ofuscado pela infinita claridade do mistério de Deus.

Estou no coração do mundo / no centro de fogo da intimidade de Deus. / Um Deus que se alarga em meu corpo / e cresce para além de mim caudalosa raiz. (id.ib.)

Tornando-se duplo, como dissemos, o poeta satisfaz-se escondendo-se nas metáforas, no domínio da plasticidade dos tropos estilísticos e numa modernidade ligada às suas vivências e experiências: apoderando-se de palavras como "aurora", "tarde", "noite", "nuvem", "lua", "sol", "arco-íris" e outras, quer por similaridade quer por proximidade, estas se revestem de outros significados, quase sempre apontando para o transcendente, para a procura do celestial: ninguém, ao pressentir que é noite, / regressa aos caminhos da meditação /para deter os cavalos da morte. (3,14).

Convoco a palidez da tarde e avidamente escuto / o desmaiar do azul, debruçado sobre ruínas acesas. (4,42)

A austeridade de seu mundo espiritual, a resistência de seus temas, permitem deduzir os pontos centrais pelas palavras que se repetem com mais freqüência. Trata-se de palavras-chaves que sem qualquer dificuldade se distinguem em pólos opostos. De um lado, "Deus", "aurora", "manhã", "azul", "céu", "sino", "arco-íris", "vida"; e do outro, "satanás", "tarde", "noite", "cinza", "negro", "terra", "morte". Essa antítese passa através de quase toda a poesia de Francisco Carvalho. Muitas vezes, até, torna-se dissonância lexical quando, deixando simplesmente de aproximar o incompatível, se faz linguagem apropriada para exprimir estados complexos da alma.

Tua boca fala à eternidade / no sombrio idioma dos mortos. (5,20). // Solidão de estar só no mundo. (5,50). // Cansei-me dos mares que nunca vi. (5,28).

Ora, essa dissonância fundamental se estrutura tendo como apoio a incompreensibilidade e o encantamento. Como lembra T.S. Eliot, "a poesia pode comunicar-se ainda antes de ser compreendida".

A complexidade paradoxal desta força lírica adquire coragem para ser "anormal"[6].

Sei que meus poemas são inúteis. / O coração responde ao mito. / Sei que a vida se alonga para além da cristalina aparência / das verdades codificadas. (7,12).

O discurso do próprio espírito do poeta exorta-o a elevar-se acima da dimensão das coisas, o que mais uma vez presentifica o "homo duplex" procurando escamotear, através da poesia, um mundo fragmentado a serviço do encantamento. O disfarce se dá pela mistura daquilo que é heterogêneo, caos, fascinação, obscuridade, na magia da linguagem.

O espelho não mostra / o homem que sou. / O espelho só revela / minha outra face cúmplice. (7,65).

E parafraseando Fernando Pessoa, Francisco Carvalho utiliza-se da metáfora do espelho, que também é recorrência em sua poesia. Aqui sua fantasia criadora é um reflexo de sua face cúmplice, de que falou nos versos anteriores:

O poeta é um fingidor / como o espelho em que se mira. / Finge que a dor é indolor, / finge que a esfinge é mentira. (7,101).

A duplicidade do poeta, configurada na metáfora da esfinge, é um plano didático-existencial, através do qual questiona a vida e a morte:

a vida é um salto / no escuro / um mergulho no fundo / do poço. (2,34). // Todos partimos para um lugar / onde a existência apodrece sob um fardo de silencio / e areia. (8,111).

Mas, em meio a tudo isso, o espírito ascende a uma transcendência:

Sou um ser, o outro é metade / que não sabe de onde veio. / Sou treva, sou claridade. / Solidão partida ao meio / e entre os dois a eternidade. (8,17).

Não obstante, o desenvolvimento do tema sobre o qual, encoberto pela metáfora da esfinge, discorremos, não pára aí: a eternidade é uma das especulações e inquietações do poeta, e, por mais complexo e paradoxal que pareça, essa procura filosófica, de que falamos no início, tem sua resposta no esquema platônico e místico-cristão, segundo o qual o espírito alcança uma transcendência que o transforma de tal maneira que esse, retornando, penetra o véu que envolve o que é terreno e reconhece sua essência verdadeira. Em termos cristãos, trata-se do **ascensio** ou **elevatio**. Já no campo da doutrina teológica-crista, o céu superior é a transcendência verdadeira.

A poesia de Francisco Carvalho é a busca deste céu que amiúde aparece na dimensão das coisas. É a procura do Deus, em sua imanência e transcendência divina:

Onde a madrugada gotejante / e o despertar das nuvens e dos pássaros, / a total imersão do tempo em Deus! (5,35) // Estou a ver o sinal / de fogo e arcanjos no céu. (9,31).

O objetivo do poeta só se concretiza em nível da aspiração. A ascensão à transcendência verdadeira não só está distante, como vazia, uma idealidade sem conteúdo. Um sonho ambicionado, mas jamais atingido.

Eu não posso dormir em paz, / se pulsa em mim, como uma antífona, / o coração monumental / da eterna angústia metafísica. (3,23)

A morte é a única forma possível de conduzir ao "novo", à "aurora", ao "amanhecer", "ao azul", à transcendência verdadeira. E o "novo" é o indefinível. O indefinível é a desolação do real. O poeta, sentindo-se impotente para criar uma transcendência de conteúdo definido, é conduzido a uma dinâmica de tensão sem solução e a um mistério até para si mesmo. O mistério absoluto, próprio da idealidade vazia.

Só os mortos existem / só eles governam e desgovernam / amam e desamam. / Só os mortos podem ter compaixão dos vivos. (8,114). // minha verdade são os mortos / que pelejam contra mim. (9,17).

Francisco Carvalho desponta na literatura em pleno domínio da geração de 45, representada, no Ceará, pelo movimento CLÃ. Entretanto, como já dissemos, o poeta não se deixa prender por movimento literário. Seu compromisso é com a poesia, que se torna um modelo de modernidade sem modernismos, pois que não desenvolve nenhuma das propostas do Modernismo propriamente dito, quer na forma, quer no conteúdo. Sem nenhum preconceito, usa a métrica tradicional como usa o verso livre. A modernidade de sua poesia é um fenômeno de outra índole: implica outros parâmetros, tais como a dinâmica de imagens sobre o significado das imagens, isto é; a preeminência da fantasia sobre o conteúdo.

Como vimos, a poesia de Francisco Carvalho é um movimento determinado pela própria emoção do poeta, obtido através da criação de metáforas, através das quais ele se lança aos extremos, valendo-se não da forma exata das significações, mas sim da sugestão mágica.

Outro aspecto de sua modernidade, além daqueles que demonstramos em nossa análise, é a recorrência do fator tempo. A intensidade lírica corresponde sempre a um tempo interior, enquanto o mecânico é o da realidade.

Diante de tais fenômenos, o que nos parece é que, das três maneiras possíveis do comportamento da composição lírica **sentir, observar** e **transformar**, é esta última que domina na poesia de Francisco Carvalho, tanto no que diz respeito à sua visão de mundo como à linguagem: a realidade desprende-se da ordem espacial, temporal; a precisão cede lugar á obscuridade; e a tenuidade do motivo contrasta com o mais impetuoso movimento estilístico. Desta forma, sua obra de cunho metafísico-existencial realiza-se, como vemos, num jogo de esconder, onde a metáfora da esfinge tenta escamotear a decifração, apoiando-se nestas duas tensões dissonantes fundamentais: a obscuridade e a técnica estilística.

Este foi um ponto que conseguimos depreender da ação poética de Francisco Carvalho. Foi apenas uma visão que nos levou a situar um núcleo temático importante para o estudo de sua obra, e que deriva para **n** direções, merecendo, portanto, ser retomado, em outra ocasião, como um todo mais ambicioso, e não apenas como mais um caso entre muitos outros com os quais nos ocupamos.

## Notas

1. CARVALHO, Francisco. **Cristal da Memória**. Fortaleza: Ed. do autor, 1955.
2. _____. **Rosa dos Eventos**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1982.
3. _____. **Dimensão das Coisas**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1967.
4. _____. **Do Girassol e da Nuvem**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1960.
5. _____. **Canção Atrás da Esfinge**. Rio: Pongetti, 1956.
6. _____. usamos a palavra "anormal" no sentido em que Friedrich desenvolve em **Estrutura da lírica moderna** p. 48.
7. _____. CARVALHO, Francisco. **As Verdes Léguas**. Fortaleza: Impressa Oficial do Ceará, 1979.
8. _____. **Pastoral dos Dias Maduros**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1977.
9. _____. **Quadrante Solar**. São Paulo: LR Editores, 1983.

In: Trocando em Miúdos. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1985.

# DADOS BIOGRÁFICOS

Francisco de Oliveira Carvalho, descendente de uma geração de modestos agricultores do Vale do Jaguaribe, nasceu aos 11 de junho de 1927 numa pequena propriedade rural de seus pais (Clicério Leite de Carvalho e Maria Helena de Carvalho), localizada no município de Russas, Ceará, a 12 km da referida cidade, numa área fronteiriça à comarca da atual cidade de Jaguaruana, a cuja jurisdição está subordinado o humilde povoado de Santa Cruz do Borges. Fez aí os estudos primários para mais tarde ingressar no Ateneu São Bernardo, de Russas, onde permaneceu até a morte de seu pai, ocorrida em agosto de 1939. Menino ainda, viveu a dramática experiência de acompanhar os sofrimentos e a longa agonia do pai nos seis meses que precederam a sua morte. Esse fato o marcaria pelo resto da vida.

Em 1946 transfere-se definitivamente para Fortaleza, onde reside até hoje. Uma vez na Capital do Estado, exerce atividades no comércio e na indústria, ao mesmo tempo em que dava prosseguimento aos estudos, abandonados em virtude de problemas financeiros decorrentes do falecimento de seu pai. Por mais de doze anos trabalhou na empresa privada, até que em 1964, logo depois da institucionalização da ditadura militar, e por interferência dos professores Fran Martins e Moreira Campos, vem a ser nomeado interinamente para funcionário da Universidade Federal do Ceará, cumprindo mais tarde a exigência legal de concurso público.

Por volta de 1950, publica seus primeiros sonetos nos principais jornais da Capital (Unitário, O Povo, O Nordeste). Este último, vinculado à arquidiocese de Fortaleza, era dirigido pelo Prof. Andrade Furtado, líder religioso de grande prestígio nos meios intelectuais e no clero. Ainda hoje lamenta haver cedido à tentação de publicar esses grotescos poemas de juventude, desprovidos da mínima qualidade literária, os quais não passavam de ostensiva imitação dos modelos escolhidos pelo autor para objeto de sua admiração.

Sua primeira experiência modernista surgiu em 1955 com a publicação de um conjunto de poemas intitulado Cristal da Memória. Vale salientar que a indigência dos recursos gráficos dessa publicação fazia justiça ao primarismo dos aludidos poemas. A principal razão dessa aventura malograda vinha do fato de que, embora tivesse renunciado à prática do verso tradicional, uma das exigências do Modernismo, o seu discurso poético continuava a cortejar certa visão burguesa do mundo e da vida. A forma utilizada nesses poemas destoava completamente dos conteúdos sociais e metafísicos que desafiavam os intelectuais da época.

Pela segunda vez, o estigma da morte à flor da pele. No começo da década de sessenta, falece tragicamente em São Paulo, no esplendor dos

seus trinta anos de existência, o seu irmão Luiz de Oliveira Carvalho. Era o mais novo de uma família constituída de cinco homem e três mulheres. Recebeu a notícia de sua morte por telefone, no escritório da empresa onde então trabalhava. Chorou ao telefone, chorou o dia inteiro, esgotou seu estoque de lágrimas. Ainda hoje o aflinge a perda desse irmão, saído tão cedo do nosso convívio para ser arrebatado pela morte, esmagado pelas engrenagens sedutoras da grande metrópole.

Inicialmente teve dificuldades para assimilar certas propostas defendidas pelos artífices da Semana de Arte Moderna. A falta de embasamento teórico criou-lhe problemas para compreender o sentido, a natureza, a essência e o alcance das mudanças estéticas do novo projeto literário. Esse fato explica o insucesso de suas primeiras tentativas modernistas no campo da poesia. Seus poemas dessa fase continuavam a exibir uma linguagem e um discurso que não correspondiam às aspirações nem às tensões dialéticas da sociedade em transformação.

Só a partir da leitura incessante de autores de estatura universal (nacionais e estrangeiros), principalmente dos poetas portugueses liderados pelo grupo de Fernando Pessoa, um dos mais complexos e inquietantes poetas da modernidade, passaria a ver o mundo de forma diferente. Os poemas publicados nessa etapa embrionária (Cristal da Memória, Canção Atrás da Esfinge, Do Girassol e da Nuvem, O Tempo e os Amantes) não passam de experiências malogradas de um jovem provinciano que buscava desesperadamente os traços fundamentais de sua identidade interior. Sem que isso signifique dizer que os livros publicados posteriormente estejam isentos de soluções formais equivocadas.

Só depois dos cinqüenta, primeiro degrau da maturidade plena, de muitas leituras e muitos tropeços, muitos equívocos e muitas desilusões, consegue delinear as matrizes de sua individualidade literária. Sem deixar, todavia, de continuar reverenciando os autores que o influenciaram na juventude. A esta altura da vida, chega à conclusão de que, pela óptica das elites dominantes, de alguns setores da mídia e da sociedade, poetas e escritores, de um modo geral, não passam de narcisos que se contemplam pateticamente no espelho trincado da própria subjetividade. Há muito se deu conta de que a ilusão literária tende a evaporar quando não se arrima na realidade da matéria pulsante, que nos proporciona as emoções mais autênticas e profundas. É o que nos ensina o desconcertante poeta Murilo Mendes, ao dizer que só "A matéria é forte e absoluta (e que) sem ela não há poesia".

De 1983 até o final de 2002, quando morre o emérito Prof Antônio Martins Filho, fundador da UFC, integrou o Conselho Editorial do Programa Editorial da Casa de José de Alencar, sob cujo patrocínio foram publicadas as obras da "Coleção Alagadiço Novo". Oportuno ressaltar que o referido Programa, em seus dezenove anos de existência, editou mais de 350 títulos de escritores do Ceará, entre os vivos e os mortos.

Na administração do reitor Pedro Teixeira Barroso, de saudosa memória (1975/1979), foi nomeado para exercer cargo em comissão, no qual permaneceu até junho de 2003, quando espontaneamente se desligou do serviço público, depois de 39 anos dedicados à Universidade Federal do Ceará.

Apesar de sua modesta fortuna crítica, alguns de seus livros foram objeto de manifestações lisonjeiras de intelectuais do porte de César Leal, Nelly Novaes Coelho, Gerardo Melo Mourão, Fausto Cunha, Ivan Junqueira, Gilberto Mendonça Teles, Sérgio Campos, Dorian Gray Caídas, Hildeberto Barbosa Filho, Ascendino Leite, Linhares Filho, Luiz Tavares Júnior, Pedro Paulo Montenegro, Sânzio de Azevedo, Adriano Espinola, Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes, José Alcides Pinto, Moreira Campos, Inocêncio de Melo Filho, Artur Eduardo Benevides, Eduardo Campos, Jorge Tufic, Sinésio Cabral, Luciano Maia, Edmílson Caminha Júnior, Dias da Silva, Carlos Augusto Viana, Carlos d'Alge, Caio Porfírio Carneiro, Teoberto Landim e vários outros.

Com esta edição de poemas escolhidos, que não são necessariamente os melhores, pretende encerrar sua obscura carreira literária de poeta assumidamente municipal. Fez o melhor que pôde para tornar estes poemas menos herméticos e mais reveladores do que parecem. Não teve a pretensão de desnudá-los por inteiro nem de exibir a verdade humana que se esconde no intimo de cada pessoa. "Você sabe, eu sou um velho. E um velho gosta de manter um pouco de mistério em torno de si. Quero preservar um pouco disso e tenho certeza de que você compreenderá" (Ho Chi Minh. Diário de Prisão).

## BIBLIOGRAFIA DO AUTOR

### Poesia

*Dimensão das Coisas.* Editora Instituto do Ceará, Fortaleza, 1966.
*Memorial de Orfeu.* Imprensa Universitária do Ceará, Fortaleza, 1969.
*Os Mortos Azuis.* Imprensa Universitária da UFC, Fortaleza, 1971.
*Pastoral dos Dias Maduros.* Imprensa Universitária da UFC, Fortaleza, 1977.
*As Verdes Léguas.* Imprensa Oficial do Ceará, Fortaleza, 1979; 2a. edição, Programa Editorial da Casa de José de Alencar, Fortaleza, 1997.
*Rosa dos Eventos.* Edições UFC, Fortaleza, 1982.
*Quadrante Solar.* Prêmio Nestlé de Literatura Brasileira, 1982. LR Editora, São Paulo, 1983.
*As Visões do Corpo.* UFC/Programa Editorial da Casa de José de Alencar. Fortaleza, 1984.
*Barca dos Sentidos.* Edições UFC, Fortaleza, 1989.
*Rosa Geométrica.* Sonetos. Gráfica VT, Fortaleza, 1990.
*Crônica das Raízes.* UFC/ Programa Editorial da Casa de José de Alencar, Fortaleza, 1992.

*O Tecedor e sua Trama*. João Scortecci Editora, São Paulo, 1992.
*Sonata dos Punhais*. UFC/Programa Editorial da Casa de José de Alencar, Fortaleza, 1994.
*Artefatos de Areia*. Zás Gráfica Editora Associada, Juiz de Fora/MG, 1995.
*Galope de Pégaso*. Zás Gráfica Editora Ltda., Juiz de Fora/MG, 1995.
*Raízes da Voz*. UFC/Programa Editorial da Casa de José de Alencar, Fortaleza, 1996. 2ª edição em 1997, tendo em vista a indicação do livro para o vestibular da UFC.
*Rosa dos Minutos*. Editar Editora Associada, Juiz de Fora/MG, 1996.
*Girassóis de Barro*. UFC/Programa Editorial da Casa de José de Alencar, Fortaleza, 1997.
*Os Exílios do Homem*. Zás Gráfica Editora Ltda., Juiz de Fora/MG, 1997.
*Romance da Nuvem Pássaro*. UFC/Programa Editorial da Casa de José de Alencar, Fortaleza, 1998.
*A Concha e o Rumor*. UFC/Programa Editorial da Casa de José de Alencar, Fortaleza, 2000.
*O Silêncio é uma Figura Geométrica*. UFC/Programa Editorial da Casa de José de Alencar, Fortaleza, 2002.
*Centauros Urbanos*. Imprece Editora, Fortaleza, 2003.

### Prosa (Resenhas)

*Exercícios de Literatura*. UFC/PECJA, Fortaleza, 1990.
*Textos & Contextos*. UFC/PECJA, Fortaleza, 1995.
*Rascunhos & Resenhas*. UFC/PECJA, Fortaleza, 2001.

## PARTICIPAÇÃO EM ANTOLOGIAS

### Dentro do País

- Antologia de Poetas Cearenses Contemporâneos, organizada por José Alcides Pinto. Imprensa Universitária da UFC, 1965.
- Poetas do Ceará, organizada por Raimundo Araújo. Secretaria de Cultura e Desporto, Fortaleza, 1986.
- Os Melhores Poemas de Amor, organizada por Walmir Ayala. Ediouro, Rio de Janeiro, 1991.
- Alma Gentil – Novos Sonetos de Amor, organizada por Nilto Maciel. Editora Códice, Brasília, 1994.
- A Poesia Cearense do Século, organizada por Assis Brasil. Imago Editora Ltda., Rio de Janeiro, 1996.
- O Talento Cearense em Poesia, organizada por Joyce Cavalcante. Editora Maltese, São Paulo, 1996.
- Antologia de Poetas Brasileiros, organizada por Mariazinha Congílio. Universitária Editora Ltda, Lisboa, 2000.

- O Amor nos Trópicos, organizada por Beatriz Alcântara e Lourdes Sarmento. UFC/Casa de José de Alencar, Fortaleza, 2000.
- Cem Anos de Poesia – Um Panorama da Poesia Brasileira do Século XX, organizada por Claufe Rodrigues e Alexandre Maia, v.II, O Verso Edições, Rio de Janeiro, 2001.
- Os Cem Melhores Poetas Brasileiros do Século, organizada por José Nêumane Pinto. Editora Geração, São Paulo, 2001.
- Água nos Trópicos, organizada por Beatriz Alcântara e Lourdes Sarmento. Editora Bagaço, Recife, 2001.
- Pensamentos da Literatura Brasileira, organizada por Napoleão Valadares. André Quicé Editor, Brasília, 2002.
- Fauna e Flora nos Trópicos, organizada por Beatriz Alcântara e Lourdes Sarmento. SECULT, Fortaleza, Ceará, 2002.

## Fora do País

- Antologia da Poesia Brasileira Contemporânea. Organização, seleção e notas por Carlos Nejar. Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1986.
- ANTO, Revista Semestral de Cultura n. 3. Edição comemorativa dos 500 anos do descobrimento do Brasil. Portugal, 1988.
- Participou de outra antologia publicada em Portugal, dedicada a poetas do Modernismo brasileiro.
- Poema de sua autoria foi incluído em antologia sobre o Modernismo no Brasil, publicada na Alemanha e organizada por Curt Meyer-Clason.
- Poésie du Nordeste du Brésil, da qual participou com vinte e seis poemas. Edição bilíngüe, com organização e tradução pelo Prof. Jean-Pierre Rousseau. Cahiers Bleus, Paris, 2000.
- Teve poemas de sua autoria publicados na Revista de Poesia SAUDADE, n. 2, editada em Vila Meã, Portugal, 2002.

## Estudos em nível de mestrado

- A obra poética de FC foi objeto de duas teses de mestrado: a primeira, intitulada TRÊS DIMENSÕES DA POÉTICA DE FRANCISCO CARVALHO, reúne estudos acadêmicos realizados pela Profa. Ana Vládia Mourão, publicados pelo Programa Editorial da Casa de José de Alencar, UFC, Fortaleza, 1996, 152 p.; a segunda tese, de autoria da Profa. Mailma Vasconcelos de Sousa, consta das seguintes etapas; 1) Francisco Carvalho – Uma Poesia de Tânatos e de Eros, 2000; 2) Francisco Carvalho – O Substrato da Quaderna, 2001; 3) Francisco Carvalho – Formas de uma poesia do Ser, 2002. As duas primeiras partes da tese foram publicadas pelo Programa Editorial da Casa de José de Alencar, UFC, Fortaleza. A terceira parte foi publicada pela IMPRECE Editora, Fortaleza, 2002.

## Outros Destaques

- Poemas de FC, traduzidos pelo Prof. Jean-Pierre Rousseau, foram publicados na Revista de Poesia **Le Coin de Table**, n. 4, de outubro de 2000, Paris.
- O poeta Yacílton Almeida, Rio de Janeiro, selecionou e traduziu para o inglês vários poemas de FC, publicados em edição bilíngüe sob o título de **Adagios Of Wind And Other Poems**, pela Premius Editora, Fortaleza, 2003.
- Poemas do autor foram musicados e interpretados pela professora Neusinha Barros, Raimundo Fagner, Lauro Benevides, Bernardo Neto e Calé Alencar.
- Três poemas de sua autoria foram interpretados por Adeilton Lima. Fazem parte do CD Raízes da Voz, gravado em Brasília para o Projeto Cardápio Literário, 2002.
- O livro Rosa dos Eventos, de 1982, foi incluído na bibliografia do NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO, 2a. edição revista e aumentada. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1986, p. 1816.
- A Editora Guararapes, de Jaboatão/PE, de propriedade do poeta Édson Guedes de Morais, fez edições artesanais, com ilustrações em policromia, de vários poemas dos livros *Barca dos Sentidos* e *Centauros Urbanos*. Essas edições são distribuídas, em âmbito nacional, pela referida Editora.
- O Prof. Paulo Rónai utilizou poemas de vários livros de FC em seu **Dicionário Universal de Citações**, editado pelo Círculo do Livro, São Paulo, 1985.

## Prêmios Literários

- Conquistou o prêmio de poesia, em concurso público de âmbito nacional, do qual participaram mais de sete mil candidatos, da 1ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira de 1982, com o livro de poemas Quadrante Solar, publicado pela LR Editora de São Paulo, 1983.
- Obteve o prêmio de poesia da Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, com o livro de poemas Girassóis de Barro (1997).
- Foi distinguido com o prêmio Dragão do Mar de Arte e Cultura, conferido pelo governo do Estado do Ceará (1998).

IMPRENSA UNIVERSITÁRIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
Impressão e Acabamento
Av. da Universidade, 2932 (fundos), Benfica
Fortaleza-CE - Fone: (85) 288.7485 - Fax: (85) 288.7486

ILUSTRAÇÕES
*Antônio Carlos Campêlo*

O leitor entra no poema como se entrasse numa câmara de assombração. Não percebe que os seus fantasmas são os verdadeiros responsáveis pelo caos que semeiam no poema.

Os poemas vão surgindo do cotidiano, embalados pelo ritmo da vida, do mundo, das pessoas. De tudo, enfim, que faz parte dos concertos e desconcertos da dinâmica universal. Os poemas não são presentes dos deuses. Têm de ser construídos à custa de muito suor e trabalho.

O bom poema não deve ser confundido com uma orgia de palavras eruditas. A poesia pode resultar de palavras banais, dessas coisas que estão à flor da pele do cotidiano. O poema não precisa ficar o tempo todo bolinando a metafísica.

A literatura produzida no Nordeste, com as devidas ressalvas, não tem a menor repercussão nos grandes centros de efervescência cultural, de onde as elites mercadológicas e intelectuais ditam a moda das roupas e dos poemas.

O sujeito escreve meia dúzia de sonetos e já lhe pregam o rótulo de "sonetista" (esta é uma das muitas palavras obscenas da língua portuguesa). O sonetista passa a ser o leproso da Idade Média, aquele infeliz que carregava um chocalho no pescoço até a morte. A propósito, quem se atreve a dizer que Camões foi um grande sonetista?

Eros governa o mundo. É o deus da libido, o guardião da sensualidade cósmica. A sensualidade é uma presença ostensiva no universo. Está em tudo. Até nas coisas inertes. É natural, portanto, que poetas e escritores se deixem seduzir por essa dádiva da natureza. Na mesa repleta / de seios implumes / os meus sentimentos / despertam para / a sensualidade dos legumes.

F. C.

Digitalizado com CamScanner

O tempo não o afetou. Trinta anos depois, continua o mesmo. Relembro os dias distantes em que, ainda estudante, voltava da antiga Faculdade Católica de Filosofia, lá pelas dez da noite, e ficava num bate-papo descontraído com alguns amigos nos acolhedores bancos de madeira da velha Praça do Ferreira. As conversas varavam a noite, naquela despreocupação de quem não carrega, nem deixou problemas em casa. O grupo costumava discutir literatura, os últimos lançamentos editoriais, em meio a temas irreverentes sobre política, futebol, mulher...

Naquele tempo não o conhecia poeta. Era o jovem letrado, tímido, mas que, não obstante a taciturnidade, se impunha pela força do conhecimento e da segurança com que tratava os assuntos que abordava quando saía de seu mutismo. Esta é a minha mais longínqua memória daquele que seria, anos mais tarde, um dos belos poetas das gerações atuais e um amigo que cresce pela coerência de posições, pela inflexível dignidade num mundo de tantos fracos de caráter. Falo de Francisco Carvalho, a quem devoto sincera amizade desde os anos 50 e que é hoje, sem favor, um dos nomes maiores da poesia no Ceará.

Carvalho continua naquela timidez risonha, uma modéstia insuperável, com a qual teima em vestir-se para esconder a verdadeira dimensão do seu talento. É um homem caseiro, sem ostentações, falando o necessário e apenas com aqueles a quem honra com a sua confiança. Difícil vê-lo. Procuro saber notícias suas através daqueles que, como Caetano Ximenes e Moreira Campos, costumam encontrá-lo com mais freqüência. Não perco, porém, as oportunidades de contato literário, sempre que ele, por amor à literatura, comparece às páginas dos suplementos especializados dos jornais. Grande poeta, grande pessoa: Francisco Carvalho.

Blanchard Girão

ISBN 85-7485-044-6
9 788574 850443

Digitalizado com CamScanner